



A PESTE LOUCA
jorge garcía tamayo

tradução
teresa cabañas



A PESTE LOUCA





Colección Libros
Imposibles



A PESTE LOUCA

Jorge García Tamayo

Tradução ao português

Teresa Cabañas

COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES

-2024-

Tamayo García, Jorge R., 1939

A peste louca / R. Jorge García Tamayo --1ª ed.--

Coedición | EntreTmas Revista Digital & Agulha Revista de Cultura, 2024.

132 p. 21 x 14 cm. <Colección Libros Imposibles ; 18 >

<Digital>

1. Novela colombiana 2. Literatura colombiana I. Título.

Primera edición, 2024

Colección Libros Imposibles #18

A peste louca

© R. Jorge García Tamayo

Design editorial:

Melvyn Aguilar

Capa & ensaio fotográfico:

Floriano Martins

Coordinación editorial:

Juana M. Ramos

Correção filológica:

El autor

Tradução ao português:

Teresa Cabañas



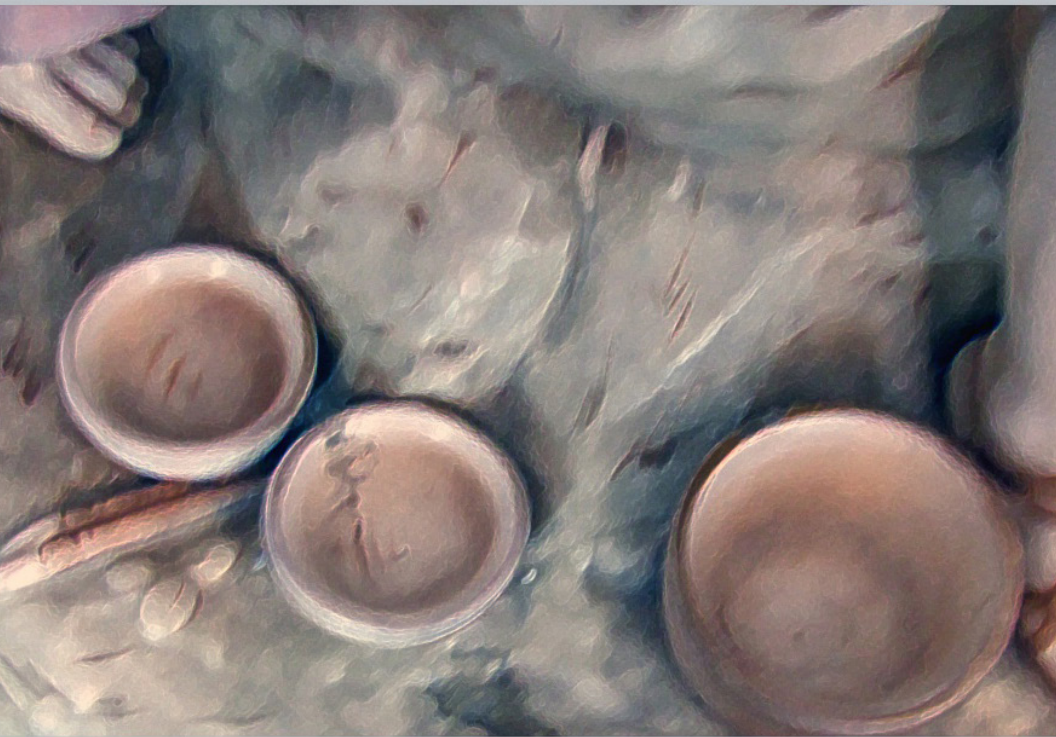
*Para Américo Negrette, paradigma do verdadeiro
médico, mestre na ciência, poeta e literato, quem
com seu exemplo me ensinou a amar a pesquisa,
com a mesma paixão que sentimos pela nossa
cidade de fogo.*

Mais do que um romance histórico ou um relato biográfico.
A Peste Louca pretende ser simplesmente um romance.

PROLEGÔMENOS

*Qualquer um que tenha se metido num furdunço sabe
que sempre se chega à mesma disjuntiva, ou ficas ou corres.*

EDUARDO LIENDO, *O Mago da Casa de Vidro*



Desde os tempos de estudante no liceu, ele vivia cativado por ela. Aquilo era um não sei o quê de especial que o estremeceu desde o mesmíssimo dia que a conheceu. Ele averiguou seu endereço e começou a sonhar. Imaginava-se dentro da mansão. Me convidarão a uma festa? Não oferecerão petiscos como os da gente comum, haverá de ser algo para não esquecer jamais! Então se fez amigo das amigas dela, conheceu às filhas do General Matamoros e às netas do General Garbiras, até o desejado dia quando Yolanda em pessoa o convidou para seu aniversário, prometia ser uma festa animada na residência do Governador. Meses depois, ele foi mais um dos integrantes daquele seletto grupinho do passeio. Na fazenda do Coronel Chacón, quando a viu pela primeira vez de maiô, no poço do rio afluyente do Aponcito, no meio da Serra de Perijá, ficou estupefato. E, no entanto, ali em pé, perante o rumor da correnteza e frente à verde mata, ele não se atreveu a se declarar. Durante a semana, bem diferente era a coisa, todas as mulherzinhas levavam seu uniforme azul e não importava se eram primas ou amigas. Yolita era tão só uma colega de estudos. Monitor de turma no liceu. Por viver em quinto pátio... Me passa a lista de assistência? Despreza meus beijos? Quer que te acompanhe até tua casa? Até que enfim Emígdio se atreveu, insinuou-se ternamente, esperou por ela em pé junto ao filtro de água e ali se decidiu. Suavemente penetrou na sua mansão, como colega de estudos evidentemente. Eu sei que algum dia, isso se dizia... Depois foi um acordo em comum. Decidiram: estudaremos medicina. Quando aprovaram o último ano e começaram o curso universitário, Emígdio já era como um membro mais da família da Yoli. Estudar de noite, repassar de dia, primeiro era num grupinho, para desvendar os segredos da anatomia, manual de dissecação, foram ficando sós para estudar, por regiões, por avanços, anatomia topográfica, os cdfs da medicina! Penetraram na parasitologia, extasiaram-se com a semiologia e acabou para Emígdio o repassar na pracinha

com sua cadeira de praia e não mais estudar até de madrugada na intempérie. As noites se emendavam até o amanhecer sem esfriamentos, deixou a amizade com Fetomúmia e com o Porco, ele estava muito claro, ia estudar medicina mais em sério. Não mais café na garrafa térmica do Perico nem mais pasteizinhos na birosca do seu Plínio. Começou com um dedinho e a mão segurou. A tia, vigilante, ia deitar às dez. Escutar e compreender, estudando no living, algumas noites no salão de estudo sobre tapetes persas, na mesa de mogno da sala de jantar com os castiçais coalhados de lágrimas de Boemia. Explicar e repassar. Em pouco tempo, viram-se os frutos, os dois começaram a competir pelos primeiros lugares. Esquemas e diagramas. Começaram a melhorar as notas, mas sobretudo havia outra coisa, estavam por cima de todos, com aquele carinho verdadeiro, sem mentiras nem maldade. Yolanda, formosa, impetuosa, foi gostando mais dele com os meses, admirando-o mais com os anos. Ian se descobrindo coincidências. Amorzinho açucarado com gosto de bombom. Sem planos para o futuro porque, rapaz!, aquilo era ter tudo. Um doce encantamento, uma melosa ilusão. As coisas aconteciam da maneira mais natural e tudo era um idílico encanto, um ideal de paz e de sapiência. Aquela música parecia arremedar um fato certo, o amor quando sincero pode se encontrar nas torres de um castelo ou mesmo numa humilde vizinhança. Emígdio estava convencido de que era o destino e ela, agua mole em pedra dura, assim o aceitou. Era uma convicção certamente. “Te amo, saberás que te amo”... No fim era tudo bastante simples, “falar contigo nas noites, e quantas coisas saberás tu de mim”... Ele não estava no seu mesmo nível social mas era inteligente e especialmente, como ela mesma dizia, ele é tão boa gente! Talvez por isso, resignada e pacífica, ela rompeu o pacote de cartas perfumadas e em cinzas de papel cebola e envelopes celestes chamuscados saiu da sua vida Gerardo, o filho do Coronel Nova. Coisas assim normais para os tempos que corriam, o Novo Ideal Nacional já tinha caído em desuso. Amorzinho consentido, a vida e o futuro pareciam ser um assunto de conectar-se num cargo público,

brincar com a política, procurar amigos com boa posição num partido político. Sem saber como nem quando, um novo sistema de vida, a democracia, estava-se gestando. Onde iria chegar? Emígdio sentiu como se ele no fim das contas tivesse pessoalmente ganhado a batalha ao próprio exército. Tinha sido uma luta desigual, sem dúvida. Gerardo, lamentavelmente para ele, foi embora para a capital, uns são da Marinha, outros da Aviação, e quem vai ao vento, mesmo que seja cadete, perde o assento. Emígdio insistia em que eram coisas do destino. Nada me importa que critiquem a humildade do meu querer, o dinheiro não é a vida, é apenas vaidade. Tanto o repetiu para a Yolanda que ela quase acreditou, mas tudo tem seu limite, até a pedra furar. Por isso ela insistia em que era descomedido, excessivo, uma loucura isso de se formar e partir para o mato. Você imagina o que é viver num horroroso posto médico rural, entre poças e mosquitos! Só uma vez tinha Yoli visitado aquele horror e ainda não conseguia convencê-lo e o mais alarmante era perceber como com o correr dos anos não tinha conseguido nem mesmo ensiná-lo a dançar. Mascadores de fumo e chinelões! Não podia ser que existisse um cristão que fosse tão tapera, que não gostasse das festas, para quem estudar fosse uma espécie de vício. Aquilo já era uma ociosidade, uma mania, uma obsessão, tudo que girava ao redor da pesquisa, um excesso, sem dúvida atiçado pelo doutor Navarro. Escutar tantas loucuras! Ele vivia acreditando descobrir a água morna. Pesquisadores! Bah! Para colmo de males, Emígdio ficava, passava todo o santo dia naquela lengalenga, ladainha, cantilena? Aquela chatice de que o dinheiro não é saúde, nem paz, nem fé, nem amor. Pão e cebolas? Não querido muito engano teu. Eu te arrango, se quiser! Consigo um cargo, te arrumo um posto, te enfio na Previdência ou no Ministério, vai ser ginecologista ou pelo menos gastroenterologista. Yolanda não conseguiu retê-lo. O homem foi-se embora, longe, para Casigua. Num posto rural perdido na selva fronteira. Mais teimoso que uma mula! Emígdio Ferrer, eu não sei, de onde você acha que vai comer criatura? Vai diz-me então! Certo é que tem grande poder, o mundo inteiro está aos

seus pés, o dinheiro não é a vida... A insistência de Yolanda lhe provocava, contudo, terríveis cavilações noturnais. Gabo-me de ser médico rural, dizia para si, me orgulho da minha decisão, repetia-se, vou me dedicar à pesquisa. Mas, diacho! É verdade, o que eu gosto é improdutivo. Criatura, você vai passar a vida na pindaíba! Mas, e o carinho verdadeiro, e o amor? Dinheiro Emígdio! Money. Exercer a profissão, fazer uma boa clientela, ter uma boa posição e te encher de grana Emígdio Ferrer! Rapaz, se você é inteligente, você é bom, cara, isso da pesquisa é uma estupidez, é só uma ilusão, pensa, usa a cabeça. Mas jamais poderão vencer nem conquistar o coração hoje e depois... O dinheiro não é a vida e meu amor vai transpor todos os problemas. Nosso carinho está por cima dos obstáculos. Superaremos todos os convencionalismos, todas estas dificuldades são apenas ideias e podem ser mudadas por outras ideias. O dinheiro não é a vida, pelo menos não é a minha, no meu caso a razão da minha existência só é você.

Os dedos curtos de seu César manuseiam as fotografias como se fossem naipes. O dorso das suas mãos peludas já ossudas e cheias de nós deixam ver algumas crostas pardo cinzentas que de tanto coçar mostram uma aura congestiva. César as olha de soslaio. Sente-se como um desses velhos carvalhos cuja casca protege o tronco que se multiplica em galhos prenes de história e ninhos e pássaros canoros e sobretudo cheio da seiva que lhe dá essa força vital que fica bombeando até seus dedos ágeis, com unhas cuidadosamente polidas, apêndices que contrastam com suas mãos e sua figura toda, rechonchuda, de velho prematuro, algo obeso, envolto em seu robe de seda, acariciando e separando suas fotografias, agrupando-as e amarrando-as em pacotes com fitas de tecido verde. Seu corpo envolto em seda chinesa faz combinação com o estofa aveludado dos móveis, as cortinas e as alfombras, de um vermelho purpurino que dá ao recinto sagrado do seu gabinete uma solenidade não pretendida. Um antigo aparelho de ar condicionado, embutido em madeira,

quer simular um móvel, com portas fictícias, cheio de segredos ocultos, respira silencioso, refrigera o cômodo, emoldurado pelas estantes abarrotadas de livros, detrás da imensa escrivaninha de mogno. A circunferência de luz de um lustre que desce do teto irradia no quarto todo as cores de seus vidros esmaltados. César classifica centenas de fotografia, agrupando-as por anos, datas, acontecimentos, época remotas ou mais recentes e elas acariciadas deslizam entre suas mãos até que subitamente se detêm no seu jogo. Meditar por uns minutos em espécie de transe cataléptico é um dos passatempos de seu César. Vem fazendo isso com mais frequência à medida que passam os anos. Nesta ocasião prefere fechar os olhos e assim poder misturar com maior facilidade as imagens das fotografias com o passado que o atinge em ondas. Não lhe resulta difícil voltar aos dias da sua mocidade. César concentrado em si mesmo vê-se de novo caminhando pela rua Obispo Lazo, cedo, há mais de quarenta anos atrás. Já você está com treze anos e hoje é um dia muito importante. Isso lhe dissera sua tia Aminta beijando-o na testa quando começava a clarear o dia. Aminta, sempre impregnada desse cheiro, tão próprio, de sabonete de amêndoas. Sua tia mais querida, o tirara da cama muito cedo e preparara um café da manhã com arepas e ovos mexidos e depois o café com leite como só ela sabia adoçar e na porta antes da saída o abraçou. César sentia-se tão importante naquela manhã do mês de maio de 1917 que achava como se o mundo estivesse recém feito só para ele. Seu primeiro trabalho. A esperada oportunidade para ganhar um dinheiro e começar a ser alguém na vida. Passaria de criança a homem graças à circunstância favorável de ter sido contratado como moço de recados da Casa Blohm. Aproximando-se com passo ligeiro à praça Bolívar, César se encontrou pensando na Savana de Mendoza e nas terras que se estendem até o lago com suas montanhas baixas cheias de pedras brancas e arenito vermelho. Então ele voltou a ver a entanguida figura do seu tio Arquimedes montado na mula ruça. Foi naqueles tempos idos, nos dias do comércio de café com Maracaibo e os estados Mérida e Trujillo, quando seu tio se abalou até a sua casa, uma de tantas

tardes calorentas, no seu povoado eternamente esquecido de Deus. Esse mesmo dia, César lhe escutou falar pela primeira vez dos alemães. Por boca do seu tio, soube das maravilhas do trabalho incansável que executavam os teutões de Maracaibo. Seu tio, eterno viajante transumante, vindo da cidade do lago para conversar com seu pai sobre negócios nunca efetivados, para convidá-lo a voltar à cidade do fogo e do lago de cristal, para falar interminavelmente sobre histórias de esperanças idas e oportunidades muito afastadas, conversações assentadas em tamboretas de couro de bode. Falavam os homens, mastigando fumo, sobre tantas coisas inatingíveis, tantas quantas poderiam existir para os habitantes daquele amontoado de casas cinza e de ruas de terra enfeitadas de porcos, cachorros, galinhas, onde só existia algum verdor graças às águas próximas de um riacho afluyente do Motatán, o rio onde lavavam a roupa as mulheres, entre as águas cheias de pedras brancas gigantescas como ovos de dinossauro. Ali aprendeu César a crescer e a ler, no colo da sua mãe, rodeado pelos seus irmãos, vendo seu pai trabalhar de sol a sol no campo. Ali soube, escutando as histórias do seu tio Arquimedes, quem eram os alemães de Maracaibo. Quando o vento do Sul insuflou as velas e levou o jovem César, sobre a água, na piroga “Luísa Cecília”, isso foi para ele um acontecimento crucial. A piroguinha de bananas chegaria até as praias marabinas e da mão do seu tio Arquimedes conheceria a cidade dos palmares. Muito longe ficaria sua mãe, seus pequenos irmãos e seu pai, quem meses antes descera numa caixa de madeira até o fundo de uma fossa profunda. Atrás ficou a mirada do seu velho tiritando pelas febres palustres e sua mãe rodeada sempre dos pequerruchos. A lembrança das pauladas de terra poeirenta, cobrindo pouco a pouco a fossa do cemitério do povoado, perante o padre de batina puída numa tarde com o céu encapotado de cinza e cheio de tristes nuvens sujas, ficou atrás para César e a brisa da manhã com os marulhos do lago acariciando o casco da piroga “Luísa Cecília” pareceram lavar no seu rosto todas aquelas lembranças ingratas.

De Havana chegou um barco carregado de caramelos, sequilhos, beijinhos, filhós, balas de coco, rapaduras, puxa puxas esticáveis até o infinito, amêndoas, torrões, bolachas pretas ou sordas, um sorderio louco, cajuzinhos cristalizados, doce de mamão, quindins, mariolas, paçocas e suspiros, sim de todos os tamanhos e cores, com a anilina tu sabe, e bom, também goiabada, doce de mamão e de banana e uma pilha, um montão, uma batelada de pirulitos, durísimos, desses que tu pode chupar durante todo um dia, afiados, amarelos, verdes e vermelhos, como as flores das caienas, como as raspadinhas, de framboesa? Acho que é assim como lhes dizem aos vermelhos, né?

César atravessou a praça Baralt e na rua Colón divisou os altos arcos da Casa Blohm. Entre os transeuntes que convergiam madrugadores para o mercado sentiu-se desvalido por uns segundos. Fazendo um esforço, se encheu de brios, levantou o rosto e avançou de encontro a qualquer coisa que o destino tivesse lhe preparado. César, na sua cadeira com os olhos entornados, lembrava do olhar do seu Behnke. Do alto, o gigante loiro, perscrutava-o quando acreditou se ouvir a si mesmo dizer com um fiozinho de voz. Sou César Cuello, a suas gratas ordens, senhor. O alemão observou com benevolência a mirrada humanidade daquele rapaz sobrinho de Arquimedes Cuello, o exemplar caixeiro viajante da Blohm. Depois sorriu-lhe. Tudo isso foi no começo, pois já com a idade de dezoito anos, César Cuello tinha-se transformado em outro ativo caixeiro viajante da afamada Casa Blohm. Desde essa época, que César sempre associava à morte da sua tia Aminta, tudo começaria a mudar no seu estado, Zúlia. Em 14 de dezembro, em A Rosa, de Cabimas, o poço Barroso número 2 faria erupção e pautaria o início da exploração petrolífera. Esse fato viria modificar o comércio da região e a vida toda do país, para sempre. No começo, ele visitava na companhia do seu Hamman os recém fundados campos petrolíferos da Paz e Conceição para ampliar as vendas da Blohm. Depois retornaria a suas viagens pelos Andes e as terras do sul do

lago, onde todos começaram a conhecê-lo como o companheiro do alemão, mister Hamman, e logo como mister *Cuelhio*. Como ele não aparentava a mocidade dos seus anos, começou a viajar só e em poucos meses era o portador dos encargos mais importantes dos alemães, levando as encomendas de maior responsabilidade e em poucos anos passou a ser um jovem de grande valor para os enlances comerciais da Casa Blohm. Com um grosso buço sobre seu fino lábio superior, César se transformou num personagem conhecido por todos. Pelo seu próprio interesse e constância, ele adquirira, no curso das longas noites das suas viagens, as noções de inglês e alemão que o capacitavam para se fazer entender dos *musius* e os *maifriens* nas suas próprias línguas. Nas pirogas e nos lombos das mulas lia o tempo todo e logo aprendeu a conhecer a sua gente, os marinheiros, os pilotos, os estivadores, os andinos, a idiossincrasia dos mestiços e indígenas, dos colhedores de cana e café, os mulatos e os negros de Gibraltar e de Bobures. Sabia dos briguentos e dos trapaceiros, de tontos e de expertos, com quem devia e com quem não devia ter trato e sobretudo como tirar o corpo fora para evitar problemas com chefes delegados civis, policiais de cassetete e provocadores profissionais. Sabia quando se dar a conhecer e como engrupir governadores de estado. Sua habilidade pessoal lhe valera a amizade de muita gente e sendo ainda um jovem e eficiente caixeiro da Blohm, compreendeu muito rápido a importância do petróleo. Presto se ofereceu para servir de enlace como mensageiro entre a região andina e Maracaibo para a Caribbean Petroleum Company e depois para a Standard Oil Company. Em pouco tempo a amizade com os americanos e seu inglês cada vez mais aperfeiçoado o levou a se introduzir no comércio de veículos automotores e na venda de peças de reposição que estavam nas mãos das casas comerciais Sosa Altuna Company e O Automóvel Universal e Sucs. No ano de 1926, a chegada do General Vicêncio Pérez Soto à presidência do estado contribuiria para melhorar a sua situação. Não custou muito esforço abrir seu próprio negócio. Era uma espécie de loja de pneus, de peças automotores e ferragem. Graças aos seus estreitos vínculos com os agentes

alfandegários progrediu rapidamente, sem passar apertos durante a grave recessão econômica que açoitou o mundo por aqueles anos. Ele estava abastecido e ainda com seu trabalho ajudava sua família e muitos amigos e clientes, que contavam com um excelente serviço de ferragens e peças de reposição, em Maracaibo e vários estados vizinhos. Em 18 de outubro de 1929, César Cuello, com só 25 anos, já era um promissor empresário, membro da Câmara de Comércio da capital do seu estado. Foi incumbido de ser um dos organizadores da homenagem que a municipalidade lhe ofereceu ao General Juan Vicente Gómez para comemorar a efemérides libertadora. A recepção foi um êxito total e demonstrou que ele tinha adquirido todas as habilidades para transitar na sociedade da capital, pois apesar da sua origem humilde, o dinheiro o estava elevando como uma bolha de sabão. Por esses anos, frequentou o Clube de Comércio e começou a ter uma ativa vida social. Sua galanteria e conhecimento de pessoas logo permitiram seu casamento com uma das filhas de Rosell Estrada, família de origem hebraica vinda de Curaçao, dona de quase todo o comércio de importação de tecidos assim como de todas as farmácias da cidade. Quando começou a ter sua própria família passou a ser conhecido entre a gente de posses como o senhor Dom César.

De um porto afastado chegaram os barcos carregados de coisas. Uns atracaram na Guaira, à beira do Mar Caribe, sol, areia e ondas pulverizando sua espuma nas pretas e porosas pedras. Outros, apenas anteontem, chegaram a Messina, vinham de um barco de bandeira genovesa ou não sei se veneziana, não era valenciana, disso tenho certeza, ninguém navega desde a ilha do burro sem uma razão de peso, de dinheiro? Correu o burburinho de que eram mazorqueiros, ou guerrilheiros? Traziam a peste, nada mais grave do que padecer de ideais bubônicos, no fim das contas, não sei, mas se falava que vinham confundidos entre grupos supostamente turísticos. De Havana chegou o barco? Tinham zarpado com destino a um dos idílicos paraísos do

Clube Mediterranae, desejando verdor plumoso de palmeiras, *palos* como o porto, o do Guadalquivir? Os três paus das três naus, goletas, goles vários, drinks numerosos, pina colada e rum? Cristóforo era o anfitrião, bunch of fun! Rodrigo no mastro dependurado dizia, Eia! Cruzes Cristóvão! Saímos do Porto de Palos rumo às Canárias, metidos estamos neste maremagnum e agora terei que estar sempre no mastro de mezena, suspenso nas gâveas, balançando-me nos ovéns, pendurado como raminho de hortelã. Não muito açúcar para um copo de rum e isso sim, morena, me dá um limão. E se por acaso fosse caipirinha? Bah, chegaram todos carregando facão, poncho e mastigando fumo, desde Triana? Ótimo, sim. Procurando a terra desejada, região central prometida, Amérigo, nunca o teríeis sonhado! Encomendai-vos ao Senhor, eu que te digo! Pela Virgem de Regla! Nas costas o escapulário reinoso, nos bolsos os cobres, da Caridade, a mais formosa da pradaria, Carmen de sujeira e suor, rumo à terra da Graça, mint leaves. Assim como chegaram nas suas mulas os andinos para se assentar anos a fio no miolo, assim nos seus barris arribou também o genovês e com ele veio o florentino de nome perdurável, desembarcaram em Macuro, já tinham guananihado bastante na Hispaniola, ancoraram em Maracaibo? Ali fundeou Dom Alonso, e o de la joça, Juan o bimba, de la cosa sim, a vossa? O Trucupei de la tralha, il nostro Juanito desenhando lindeiros e confins, il mio caro Giovanni. Come tu diche? As ditas caíram sobre eles. Eram uns marinheiros, com Colombo? Juan de la tralha? Por Deus Amérigo! Trazeis um itálico impulso que eu vou te dizer... Cebola, pão e um refresco de garrafinha. Eah! Ragazzo, e a mescla? Ma veramente as crias per seculorum se desenvolveriam como umas criaturas bem boas. É a argamassa, quem não atira flechas tocará o tambor, a cal e a brita para a mescla, elas cresceram em todo o sentido. Concretamente ficaram uma gostosura. Vivacius! Novo ideal nacional, a colher, o cimento e os tijolos da construção, todas obras para o único futuro da nação, vieram eles e trabalharam duro, criaram auge e progresso e com o cuatro e as maracas, com um arpa e uma unha bem bicuda, lhe deram o toque

crioulo. Nesse então foi quando nos divertíamos pacas com a semana da Pátria, carnestolendas com alegorias e punhados de caramelos. Finalizando a época das rumbas, dos pachucos e da militarização, tudo mudou. As crianças às escolas e os adultos a entender o que é ser bom cidadão! Nessa altura seria a época quando de Havana chegaria aquele barco...

Dom César sentado comodamente na sua poltrona folheia as velhas fotografias espalhadas em cima da sua escrivaninha. Separara um grupo e numa das fitas escreve com cuidado 1930-1935. Afasta-se um pouco para ver o efeito da tinta sobre o verde do tecido e pensa Como se passaram os anos! Meticulosamente seleciona uma delas e lê no avesso amarelado. Dezoito de abril de mil novecentos e trinta e quatro. Fazendo memória se diz. Esse foi um bom ano, já Clara Rosa tinha saído da quarentena do segundo filho... A noite quando César levou sua senhora esposa ao Clube de Comércio. Da sua mão ascendeu pelas escadas se dirigindo aos altos do elegante edifício onde funcionava o Clube fazia um par de anos. Paredes verdes e amarelas numa borda ocre, com entradas pela rua do Comércio e a fachada na avenida Libertador. Depois de mais de trinta anos de vida social ativa na Praça Baralt, o Clube de Comércio fazia a estreia do seu novo local que tinha sido transformado num modelo de elegância, bom gosto e refinamento. Destacavam seus amplos salões, aristocrática mobília e alfombras sobre o piso de parquet. Tudo parecia estar de acordo com o renome dos sócios e o prestígio que iam ganhando as consuetudinárias reuniões sociais. Naquela ocasião revivida pela fotografia, Maracaibo desfrutava da primeira função de cinema falado, em privado, somente para os sócios do Clube. Essa noite, o equipamento do cinema maravilhou César. A diretiva o alugara da Casa McGregor e seus grandes rolos prateados, o filme preto de 16 milímetros, o mecanismo das suas pequenas peças niqueladas cativaram sua imaginação ao ponto de se apaixonar pelo cinema naquele instante e levar sua loucura a planejar

argumentos de filmes e até buscar locais onde fazer suas filmagens. César chegou a sonhar com a possibilidade de criar as bases para o desenvolvimento de uma indústria nacional de cinema, cujos filmes poderiam competir nos mercados internacionais. Esses acalentados planos foram medidos e pesados durante muitas horas da sua vida, mas nunca se materializaram por razões alheias a sua vontade. Clara Rosa, que viveu a magia do cinema sonoro pela primeira vez, teve aquela noite o privilégio de conhecer em pessoa o General Vicêncio Pérez Soto, governador do estado e exímio representante do Benemérito. Clara Rosa, apresentada com a lisonjeira galanteria característica do seu marido, departiria com a esposa e filhas do General a noite toda para criar vínculos de afeto e lealdade, maiores dos que já naquela altura firmavam César por toda parte. Ali, com sua nova câmara de caixa, seu orgulho da hora, ele fez muitas fotografias. A amizade surgida entre sua mulher e as filhas do general Pérez Soto traria várias novas oportunidades sociais e seria a esposa de César quem prepararia a homenagem de Hermínia e Maruja, quase um ano depois, pouco antes da queda do regime do General Gómez, quando o General Pérez Soto se despediria da presidência do estado. Para tão significativa ocasião, Clara Rosa com as damas da sociedade marabina enfeitariam o Clube de uma maneira esplêndida. Admirando a graciosa figura da sua esposa nas fotos daqueles dias, ele ficou extasiado nas suas lembranças e suspirou ao perceber a doçura da sua juvenil e feliz mirada. Dom César no seu gabinete rememorou os últimos meses do governo gomezista. As fotografias falavam por si só. Em dezembro do ano trinta e cinco, quando o General Gómez morreu, ele se encontrava nos Estados Unidos viajando para firmar os contatos com os gringos em vários negócios. Maus bocados passou frente ao telégrafo, pensando em Clara Rosa e seus filhos, preocupado com as notícias que chegaram sobre as vicissitudes de muitos amigos do governo. Soube do acontecido quando hordas de vândalos desejavam arrasar com o patrimônio de famílias decentes. Como permitir que atentassem contra aqueles que

por anos foram o baluarte da cultura nacional? Contudo, sua família não correu nenhum perigo e ele voltou da sua viagem, incólume, com melhores perspectivas e maior campo para seus negócios. Dessa época data grande parte das suas fotografias. Nevascas em Nova Iorque, embrulhado em seu cachecol em Búfalo, com amigos em Rochester e em Atlantic City. César sorridente acaricia agora um novo pacote com a fita marcada como “Virgínia”. A praia Virgínia tinha sido adquirida pelo Clube de Comércio à beira do lago para esparecimento dos sócios e suas famílias e ali, incansavelmente, aos sábados e domingos, fotografou sua esposa, seus filhos e amigos. Numa das fotos estava Clara Rosa com os cinco filhos e ao seu lado Dona Maria Teresa de López Contreras. César a virou para ler a data. Março 28 de mil novecentos trinta e sete. Esse ano o Clube faria uma homenagem muito especial ao novo General-Presidente e as posições comerciais, sociais e políticas do distinto comerciante da cidade do lago melhorariam ainda mais. Depois veio a época de colher. Os filhos crescendo estudariam nos Estados Unidos, ele aceitaria uma posição diplomática na Bélgica e Luxemburgo. Os mais velhos tomariam conta de uma parte dos negócios, aumentariam seus bens com as privações da segunda guerra e as possibilidades de se beneficiar da importação de veículos e maquinário, além do petróleo. O destino o recompensaria largamente, ampliando a venda de refrigeradores e vitrolas e chegaria a hora de se abrir ao ramo dos postos de gasolina. Foi nesse então quando o Novo Ideal Nacional era mais uma consigna do que um dever patriótico e o regionalismo zuliano, que tinha penetrado nos seus ossos, levou César à loucura de fazer certos comentários com o General Presidente Marcos Pérez. Aí sofreu a perda das suas aspirações gasolineiras. Assim também foi marginalizado nas negociações dos planos viários, mesmo estando por dentro de tudo sobre a ponte do lago e sua inclusão num sistema ferroviário para todo o estado. Foi catastrófica a entrevista com o Sr. Presidente. Ele não pôde conter um maldoso comentário quando se referiu pejorativamente à capital, essa xicrinha de prata conhecida

como a sucursal do céu. Foi mais além. César destemido devia ser quando se atreveu a dizer ao Presidente que mesmo estando no poder, o General era tão provinciano quanto ele próprio e que os andinos e todos os esquecidos zulianos, que ele sentia representar nesse fatídico momento, sofriam uma grande inquietação vendo Caracas cuidada com tanto esmero enquanto seus esquecidos povoados e cidades provincianas, interioranas, da cordilheira e do litoral estavam num estado de abandono total. Na sua aconchegante poltrona, César reviveu aquela mancada. Valeu a pena, pensou, lembrando seu afastamento do setor oficial e quão providencial resultara aquela situação. Pouco tempo depois, graças a essas penosas circunstâncias, ele se autodenominaria outra vítima da ditadura. Então lembrou de Luzidio Soto e esboçou um amplo sorriso. O regime democrático, o povo e tantas outras coisas, como tinha escutado essa manhã, tantos disparates ditos pelo jovem locutor em tão curto tempo. Um garoto, isso era apenas, um jovem inexperiente e além do mais, estudante de jornalismo! Tudo isso era a sua versão, era como ele via sua terra, outra visão, inversão, reversão, revulsão revolução, o enfoque era diferente, equivocado totalmente, os problemas e a maneira de ser da gente não pareciam contar para o rapaz perante a enteléquia criada pelas letras, letras, letras. Crasso erro! Sobretudo, mais que nada, por cima de tudo, isso do estudo do jornalismo na universidade tinha que ver com essas ideias! O rapaz está sendo influenciado por todo esse palavreado do Marxismo e do Leninismo. Que diferente é a mentalidade de quem não teve que lutar para obter as coisas! Creem que merecem muito os jovens de agora, que têm direito a tudo, que tudo se consegue facilmente, que do céu caem as coisas, que o país deve lhes dar, tem que lhes dar as coisas e porra! Essa é a juventude de agora? Como estão de enganados, caramba! Quão diferentes são as coisas! Estão bem espeloteados e fora de contexto! Luzidio não passa de um rapaz, um iluso. Talvez assim tivesse sido seu pai, o negro Eusébio. Por tonto o liquidaram. Com gente assumindo essa atitude, dando ouvidos aos discursos de nossos comunistas tropicais e esperando a

proteção do Estado para a solução dos seus problemas, o país não vai progredir nunca. Por ter ideias como essas foi que a Secreta desapareceu o negro Eusébio Soto! ... Quem sabe se até teria ideias comunistoides? Digam o que disserem, ninguém pode negar que o General era um homem de ideias progressistas... Foi o único presidente que tentou realmente desenvolver o país... Se bem que talvez seja verdade, ele dedicou muita atenção à capital. Esse foi seu erro. O centralismo é um mal entronizado neste país...

Se achegue dr. Ferrer, era o único que tinham dito e ele sem pensar duas vezes se enfiou nas calças de caqui, amarrou as botas e num triz estava na caminhonete com os filhos do velho e Brígido. Um momento depois, a luz dos faróis da pick-up refletia na ribeira encharcada, brilhando contra o vermelho da igara. No fundo, no mais além escuro, adivinhavam-se as sombras tumultuosas do grande Catatumbo. Emígdio vinha pensando em plantas medicinais, raízes e ervas, todos aqueles segredos desvelados pelo velho Brígido, nos dias quando começava a exercer a medicina em Casigua. Quão úteis tinham sido os conselhos do homem e como ele, recém-formado, chegou a usar aqueles récipes naturais. Nesse então Brígido não tinha se assentado na sua roça e permanentemente perambulava com seu burro e seus frascos pelo posto de saúde, vendendo cozimentos e poções com propriedades miraculosas. Agora, o mínimo que Emígdio podia fazer por ele era atender ao seu chamado. Havia já quase um ano que não se viam as caras e seus filhos se notavam muito preocupados com seu estado de saúde. Seguindo os dois rapazes na escuridão, pulou sem se molhar dentro da igara e se afastaram da beira remando. Uns minutos depois, a lanterna de carbureto na proa era o único sinal de vida humana sobre as águas do rio. Parecia não querer clarear ainda, porém, curiosamente, ele lembrou que o galo tinha cantado várias vezes no pátio do dispensário quando arrumava as coisas da sua mala de mão. Ainda não amanhecia quando

Emígdio notou nas suas costas o céu pulsando com um estranho resplendor. Começava a mudar de um azul piçarra a violeta e o fundo era magenta e preto manchado de fragmentos rosados. Toda a paisagem começou a se pintar de cores tênues e um tom rosa violáceo parecia dominar entre os galhos retorcidos dos mangues. Tinham entrado por uma série de canais cobertos com uma intrincada renda malva que criava galerias e túneis no manguê. Apagando a lanterna, Emígdio pôde divisar da piroga, ainda longe, a palhoça do velho Brígido, com suas paredes caiadas sobre o pau a pique e o telhado de palma. Os filhos de Brígido eram jovens e fortes, remando, iam aproximando a canoa pelo canal. Não tinham mais de doze e quinze anos, expertos remeiros no grande Catatumbo, assim também eram ajudando seu pai nas tarefas de corte e queima e de plantação na roça. Uma claridade alaranjada os rodeava quando o doutor pegou sua maleta e se adiantou com passos rápidos em direção à casinha. Do casebre saía um estimulante cheiro a café recém passado. Na porta a mulher de Brígido o pegou pelo braço. Olhando os olhos da jovem e robusta indígena compreendeu Emígdio com quanta ansiedade o esperavam. O paciente ainda tinha ânimo para sorrir e esticado num catre sob sua rede se queixava. O corpo todo doía. Eram vários dias com calentura e estava como intumescido. Agora quase não posso comer, disse-lhe. Sim doutor, não consigo quase abrir a boca, era a mulher quem lhe falava. Emígdio o examinou. Tinha um trismo incipiente. Num dos pés encontro uma ferida malcuidada. O doutor Ferrer sabia que nos hospitais de beneficência de Zúlia não aceitam tetânicos, e enquanto auscultava o tórax pensava rapidamente, como se quisesse ganhar tempo e recuperar horas perdidas, mas não existia nenhuma esperança de hospitalizar o velho e ele sabia disso. Assim é a vida, pensou. Como são injustos os regulamentos do sistema de saúde! Vou levá-lo para Casigua e em meus prédios o defenderei. Sim, em Casigua lutarei contra a desdentada. Veremos se o velho aguenta. Confiemos em que ela não possa mais do que eu. Com palavras simples explicou tudo à mulher e aos filhos. Não tem mais jeito. Eles aceitaram a

situação. Confiavam no doutor. Se fica vai morrer e não podemos levá-lo para Santa Bárbara ou até Cabimas, não o aceitarão, tem tétanos e isso é muito grave, pode que não se salve, vamos ver como podemos ajudá-lo em Casigua, eu preciso levá-lo já. Enquanto isso tinha preparado uma seringa com um sedativo e várias doses de toxoide tetânico. Cê me entende velho? Tem que me acompanhar ao dispensário, lá vamos te fazer um tratamento, mas vai ter que deixar de trabalhar uns dias, não te preocupa por Tairuma que teus filhos vão cuidar bem dela. O olhar angustiado de Brígido se dirige a sua mulher. Vamos rapazes me ajudem a improvisar uma maca para trasladá-lo à piroga. Já vem vindo uma tormenta. A noite já foi embora, mas o sol não sai, parece que hoje não quer brilhar. Já vinha tão bonito quando despontava o dia, mas agora é muito cedo e já se escondeu por trás de grossas nuvens cinza que pressagiam chuva. Já tinham colocado o velho na canoa quando começam a cair como pedras as gotas geladas. Já em pleno balanço, Emígdio o cobre parcialmente com um pedaço de plástico, desses de mesa, de quadrados vermelhos e com esse impermeável de emergência, remando de um lado e de outro e achicando com latas de leite, já vão remontando a correnteza do grande Catatumbo.

O cinema de Casigua é o mais parecido a um galinheiro. Cadeiras de tabuinha, três bancos de listões desiguais, incomodíssimos, vindos de uma pracinha do povoado desmantelada no final da ditadura gomezista, três cadeiras de paletes sob o limoeiro e o chão o dia todo adubado pelos patos, galinhas, marrecos e dois jacus de Argemiro Fuentes. Em dezembro e janeiro, o céu cheio de estrelas brilha e a projeção cinematográfica parece se deter cada vez que sulca o firmamento um astro incandescente, fulgor seguido de três desejos que quase nunca se materializam. Em outros meses, o teto está formado por tumultuosas grandes nuvens, às vezes parecem desgarradas e descobrem resplendores precursores de chuva e quando chega, ela aparece em imensas gotas geladas e há súbita interrupção da sessão. Em certas e

determinadas noites, a bolachona de luz tem a ocorrência de dar as caras e enchida por trás de algodoados chumaços cinza, brilha nos lençóis da mulher de Argemiro para incomodar os assistentes que esperam um rearranjo das nuvens para desfrutar outra vez das imagens em preto e branco no fundo do solar. Na noite de “Aqui está o detalhe”, sem chuva, nem lua, o doutor Ferrer gargalhou até mais com as intermináveis parourelas de Cantinflas. Na escuridão, apinhavam-se entre a chirriada das cigarras suas lembranças da infância e adolescência. No final do filme, as lâmpadas incandescentes estavam emboladas de tanajuras e havia sorrisos. Se acheque doutor e tome um trago. Abraço cálido de homens simples. Tenho que voltar ao dispensário. Nem que seja um tagalaço! De pé na terra da meia rua. Tenho trabalho pendente. Uma chegadinha na pulperia de Lúcio Portillo. Tá bom, vamos. Febril paixão pela pesquisa. Pra jogá uma conversinha fora. Lâminas e esfregaços o esperam. Não se faça de rogado, meu doutor! O microscópio de Crisanto Navarro. Só um momento compadre Ramón, um instantinho, amigos. Esse é dos nossos. Vacúolos nos linfócitos, contagem de células brancas. Sem traguinhos, isso sim. Aha. Mastigada de fumo e cuspe sépia que se enroupa de areia. O comentário sadio da gente do campo em alpercatas. Tantas coisas vistas nos lençóis da mulher de Argemiro! Outra vez a discussão sobre A rocha das almas, três semanas disso e nem as piadas de Cantiflas punham fim à contenda. Inquebrantável posição, sem trégua, os extrapolados insistiam, esses eram fatos copiados da vida do povoado. A contrariedade do grupinho purista. Impudico é procurar semelhanças, perigoso misturar o prestígio das irmãs e das sobrinhas, nunca as filhas nem as esposas. Era o horror das mulheres e não o deveriam conversar na pulperia. Desconfianças de famílias inteiras, alusões veladas. Rancheiras, huapangos e corridos o testemunhavam, uma história real para uma gente de carne e osso. Mas Casigua era um povoado de machos, Jorge Negrete estava bem respaldado. Nunca me faça vassuncê uma comparação. Na vitrola de Brinolfo Morales se escuta... “De pedra será a cama, de pedra a cabeceira”. As fêmeas nos

botequins das estradas, as mulheres do povoado nas suas casas. Não me foda, caralho, se vassuncê vem e me foder eu vou te foder, caralho! Emígdio empurrou sua garrafa de refrigerante quase a temperatura ambiente e no caminho do posto meditou sobre a afinidade peculiar da sua gente com aquela música. Vindos do afastado pé da serra, muitos deles eram muito andinos no fundo, como dizia Dom Rafael Osuna, emigrado das montanhas muitos anos atrás, a explicação radicava na idiosincrasia serrana com tudo aquilo que cantavam as rancheiras e os corridos mexicanos. Esses são, pensou Emígdio, os valores fundamentais das suas vidas. A honra, o amor pela terra, a defesa das mulheres e o suspirar pelas fêmeas. Por elas mesmo que mal paguem e venha mais um trago. Carinho pela aguardente. Chapéu de palha de aba larga, enodoada de fumo, nas más e nas piores. Sentado no oásis que tinha criado no posto de saúde, aquela noite custou para o doutor mergulhar nos seus esfregaços tingidos com Giemsa e com Wright. Pensava em Crisanto Navarro e em Yolanda, longe da sua cidade do lago. Pela janela entrava como um sussurro uma música longínqua, “era valente e arriscado no amor...” Bocejo e esfregar os olhos. “Um dia domingo em que andava se embriagando”, o oferecimento de Dom César Cuello, “eles armados o cercaram de uma vez”, não tinha falado nada para Yolanda, ele também queria se casar, ela nunca viria morar num povoado como Casigua, com uma bolsa a situação seria diferente, poderiam ir embora, longe, estudar, pesquisar sobre as infecções virais nas crianças, num desses lugares dos que tanto falava o doutor Navarro, talvez no Centro de Pesquisas de Atlanta, nos estados Unidos. Numa palhoça muito humilde chora uma criança e as mulheres se aconselham e vão embora. Yolanda poderia se especializar em obstetrícia, isso seria do agrado dela, e ele se preparar em pesquisa, ilusão sonhada anos a fio, olhando Crisanto, “de Juan rancheiro *charrasqueado* e burlador”, bocejou de novo, afastou seus olhos das lentes do microscópio. Terminou o corrido. Emígdio pensou em Rafael Rangel. Estava acariciando a platina do microscópio e pensou como gostaria de ser um pesquisador de verdade... Quantas

vezes conversara com Crisanto sobre o bacharel Rangel e sua luta? Rafael nascera o século passado, era andino, tinha estudado em Maracaibo e no início deste século vinte foi para Caracas e nunca se formou médico. Luís Pasteur tampouco tinha sido médico. Mas o bacharel foi muito acossado... O melhor, o único pesquisador de verdade que o país tinha tido. Fizeram sua vida impossível. A política! Alguns falavam que era coisa de racismo. Não, era a política, eterna má companheira. Yolanda esperava por ele. Até quando esse afã? Casar, ter filhos, talvez sossegar. A voz do homem com a mecha de cabelo branco chegou com o vento... "Tu e as nuvens me deixam louco, tu e as nuvens vão me matar". Vou dormir. "Eu acima me viro pouco, tu abaixo não sabes olhar". Dando outro bocejo desligou a luz do lustre.

Clara Rosa, você não imagina o que me aconteceu há um par de dias. Adivinha quem veio me visitar? Ninguém menos que o filho do defunto Eusébio Soto. E como eu ia me negar a ir no seu programa de rádio? Não pude fazer outra coisa. A ideia não era do meu agrado, mas, a final, lembra que a Secreta tirou Eusébio da minha casa. Torpeza imperdoável de Miguel Ángel Meléan, mas, quem vai querer pedir cérebro a um policial? Acho que foi um pouco para me reivindicar com o passado que aceitei ir ao programa. De qualquer jeito, nós aceitamos por razões similares que Domitila continuasse na casa lavando e passando e até permitimos que trouxesse seu negrinho viver um tempo no quarto de serviço. Lembra? Até você Clara Rosa se afeioou ao pretinho Lucídio. Certo? Você deveria vê-lo agora, um homenzarrão corpulento, muito bom locutor de rádio e próximo de se formar jornalista. Penso eu que essas ideias suas de falar de assuntos sociais, de divulgar as campanhas de vacinação e outras coisas que me disse, saem de dentro dele, das suas vísceras. São tendências como as do seu pai. Filho de peixe, peixinho é, como dizem. E Eusébio Soto sempre foi um sonhador. Você lembra Clara Rosa? Eusébio era mais professor de escola e politiquero do que pintor de paredes e outros ofícios, porque há que ver

tudo que esse preto fez quando esteve na pior. Eusébio! Ah, esse preto era o que a gente chama um conserta problemas. O tempo todo a serviço dos outros e da defesa do povo, como ele dizia, desse nosso povo, que, diga-se, não gosta de trabalhar. Por tudo isso, aceitei o convite do seu filho, e bom, como te disse me atrevi a chegar na emissora. Foi muito interessante, o programa é na rádio dos Morales Mirabal, e eles têm muito apreço pelo Lucídio. No fundo da minha consciência, penso, Clarinha que ele merecia um reconhecimento da minha parte e talvez por isso o convidei para jantar. Não é que me sinta responsável pelo acontecido com seu pai, mas eu poderia ter intercedido por ele na Secreta... Sim, Clara Rosa, o convidei. Sim, ao filho de Eusébio e Domitila e jantamos no Clube a terça passada. Você fica surpresa, não é? Então te conto que não fez feio. Não é mal-educado o rapaz, como a gente poderia imaginar sendo filho de uma lavadeira. Ah, Domitila! Vendendo empadas e salgadinhos anos a fio. Seu filho esteve à altura e me alegro, porque penso que esse rapaz merece de verdade que o ajudem. Tem umas ideias equivocadas, mas tem trabalhado e logo vai ser um profissional. Quando comece a ganhar dinheiro, vai lhe passar o sarampo, e vai ser logo, você vai ver. Você acha Clara Rosa que ele estava pedindo alguma coisa para ele? Não. Olha como as coisas são curiosas, Lucídio, o filho de Domitila pedindo uma bolsa para o filho de Chucho Ferrer, para Emígdio, que se formou médico com Robertinho. Parece que são muito amigos. Como anda este mundo, Clarinha! Nosso Robertinho em Washington se especializando e Emígdio Ferrer, o filho de Evanán Jesús, num dispensário rural em Casigua do Cubo. Pensar que poderiam ter crescido como irmãos. Quantas vezes não estendi a mão para o Evanán Jesús? Mas, como é teimoso! Ah, Chucho tolo! Ah Regulatório otário! Se tivessem me escutado seríamos sócios, eles uns prósperos homens de negócios e seus filhos com uma boa posição. Neste país, quem não joga na política viverá sempre remediado. Agora vamos ver, para satisfazer o pretinho Lucídio, acho que posso interceder pelo doutor Ferrer. Uma ligação para Abdúlio Baralt, outra para o Ministro da Saúde, e pronto. Acho

que se o filho do preto Eusébio acha tão bom como médico o rapaz de Evanán Jesús, o melhor seria que saísse do país e fosse estudar algo para na volta ser um melhor profissional, para que seja gente, e possa assim aproveitar as oportunidades que seu pai não quis nunca pegar das minhas mãos. É quase como pagar uma dívida antiga, uma ajuda diferida.

Simplex, de baixa estatura, com toda a aparência de um índio de cabelo escorrido e um bigodinho ralo e pouco conspícuo, assim era ele. Falava com acento carregado e quem o media, reconhecia nele um humanista. Chamava as coisas pelo seu nome, nunca ficava corado, nunca mentia, ele era claro, diáfano e sem fingimentos. Entristecia-lhe a alma a situação da sua universidade. HorrORIZAVA-se com o que os políticos estavam querendo fazer com ela. Apaixonado pela medicina, fanático da pesquisa, devotado aos seus pacientes, sem lucrar disso, buscando neles verdades ocultas que se revelariam através dos seus originais estudos. Sua maior paixão: a pesquisa das enfermidades tropicais. Dessa espécie de sacerdócio Crisanto Navarro tinha feito seu finisterrae.

Dom César Cuello Rondón recebeu o doutor Emígdio Ferrer no elegante escritório da firma “Distribuidora Zuliana de Pneus”. Depois de uma breve conversa, entregou-lhe seu cartão pessoal com uma recomendação para Mr. George Brownie, o Consul em Maracaibo do país mais rico e poderoso do mundo. Despediu-se do médico o velho comerciante com um aperto de mãos e um estimulante sorriso, dizendo-lhe: Desejo-lhe sorte doutor e já sabe, transmita meus cumprimentos ao seu pai.

Em 4 de janeiro, os chefes barbudos naquele jipe Willys percorreram a orla entre gente delirante que os aclamava. O regime de Batista tinha sido derrubado e, só umas poucas horas

depois, os homens se instalaram na Cabana, sobre o Castelo do Morro. Então, começaria um ajuste de contas, colaboradores, caguetas, cidadãos contrarrevolucionários, de costas ao fatídico paredão. Na orla, o mar arreventava em espuma frente a interminável avenida costaneira de Havana.

— Sim, pai, mandou lembranças para você, não conversamos muito, mas me deu este cartão e me contou que ele é teu amigo.

— Então, se te dão essa oportunidade tem que pegar e não vai te surpreender se o mister esse te sai com alguma. Esses *musiues* são muito exatos, são precisos nos seus negócios. Tem que chegar na hora e te sair bem. Eles gostam de gente empreendedora e eu sei que tudo vai correr bem. Assim vai ser filho, tu vai ver.

Tinha que me atualizar com a situação dos Estados Unidos antes de ir ter com Mr. Brownie, pois quem sabe com que coisa rara poderia me encontrar. Fiquei craque, por via das dúvidas, não fosse o ianque me dar uma goleada. Tinham sido admitidos dois novos estados na União e eram um total de cinquenta incluindo Havaí e o Alaska, que eles compraram dos russos! Os apalaches, as montanhas rochosas, o que mais? Capital de Idaho? O velho Ike não poderia aspirar a outro período presidencial porque a Constituição tinha sofrido uma reforma em 1951, por isso estava preparando seu homem de confiança, o eficiente vice-presidente Richard Nixon. O senador John Kennedy tinha 42 anos, vinha de ganhar o prêmio Pulitzer e já estava se perfilando como o concorrente de Nixon.

-Olha só Lucídio, tu tinha que ver essa reunião, e que baíta exame! Eu não tinha imaginado desse jeito. O gringo me fez sentar e ler um artigo de três páginas. Claro que em inglês, cara! Eu me disse, fai al stand. Era um troço meio esotérico

sobre a literatura e a linguagem oral. Imagina tu! Bom, eu li o negócio e, bom, deixa eu te falar que ele me autorizou a levar umas colas. Sim, cara, lógico que em inglês! Tudo em inglês. Que como entendia? E eu sei! Bom, ele voltou e me crivou de perguntas, em inglês, lógico! E eu tremelicando que nem folha no galho, engolindo seco. Tu tinha que ver esse troço e assim mesmo, eu pra frente é que se anda, pulando que nem sapo e jogando fora um inglês que nem sei de onde me saía. Esse Mr Brownie, imagino eu que estava se divertindo à beça, mas ele como se nada, com sua pinta de menino prodígio, de oclinhos, loiro, muito à vontade em manga de camisa, de gravata preta fininha, tu tinha que ter visto aquele troço...

Tu reparou Emígdio que se for para os Estados Unidos neste momento, tu vai deixar o país na época mais importante da sua história? Pode não crer, mas os próximos anos vão ser muito importantes, vão decidir uma mudança nas estruturas do país. Nós vamos construir um mundo novo, nós vamos fazer com esta democracia que conquistamos o que for necessário para que se produza uma mudança real, uma mudança de verdade e tu vai embora justamente neste momento!

As relações de Emígdio e Yolanda se estreitaram. As relações entre o ditador Rafael Leônidas Trujillo e o governo se deterioraram. É uma época de relações. Agora se aproxima a oportunidade esperada, ir embora, sair do mato e do montão. Está muito perto o momento da ruptura total com República Dominicana...

Os dois são profissionais da medicina, adultos que não têm tido relações, e pela primeira vez a mãe de Yolanda aceitou, permitiu, concedeu permissão para que saíssem muito sozinhos

e faceiros de carro. Sem vigilância, os dois não se acham. Assim decidiram ambos. Esperaremos. O casório está tão perto! Quase parecia que lhes fazia falta a mirada constante, persistente, impertinente da mãe, das irmãs, das tias, do resto dos familiares e relacionados, se revezando, vigilantes. Ele era, ao fim e ao cabo, um mediquinho de meia tigela. Tarzan e sua companheira. Na sua medida. Minha obra. Minha vida. Teu coração, Hemi não sei que sectomia bilateral simultânea. Companheira, noiva, tirana dos sentimentos ditadora de todos os seus atos.

Che tinha somente trinta e um anos, nem chegava na idade de Cristo. Em maio publicaria A Guerra de Guerrilhas. Em 27 de janeiro pediu publicamente a nacionalização de todos os recursos minerais e o sistema telefônico de Cuba.

— Sim, pelo telefone, pois não sei, alô, sim, sim, diga. Como? ... Para parabenizá-lo jovem, há pouco mister Brownie me comunicou que o senhor foi aceito, pronto para enfrentar os estudos e em perfeito inglês. Vão lhe dar a bolsa, sim. Pois não, de acordo com o que o senhor me diz eu falarei com o doutor Navarro e dentro de uns dias Robert Fornefeld lhe esperará em Atlanta. Sim, através do WMCA e do Lions Club. Claro, sim, sim, antes de dois meses. Claro, sim, adeus.

Mas Lucídio, me diz, o que tu acha que vai acontecer no país? O que pode acontecer de novo é um golpe militar, tu não acha? Tu viu que DeGaulle praticamente já aceitou a autodeterminação da Argélia, e contudo quem acredita que a guerra vai se deter? A guerra tem que seguir... Rojas Pinillas está sendo processado na Colômbia. Tu não acha isso uma advertência? A guerra se aproxima, te convence disso, nossos militares devem soltar os mandos e o governo vai ser do povo, vai por mim. Mas tu vai embora...

Quando Emígdio Ferrer conheceu Crisanto Navarro, ele estava cursando o quarto ano de seus estudos médicos. Crisanto era um jovem professor, magro e de baixa estatura, com pinta de índio e mui dado aos ditados populares, de bigodinho, mas muito carismático, pesquisador fanático, austero, universitário, cheio de entusiasmo por transmitir seus ideais sobre sua peculiar maneira de conceber o exercício da profissão. Desde então, Emígdio se fixou uma meta. Ele disse a si mesmo, serei como ele. Começou a pagar um tributo à pesquisa espaçando seus plantões como ajudante de cirurgia, diminuiu seu entusiasmo pelas consultas de ginecologia, não voltou a sentir o cheiro dos lóquios nem a escutar o grito do útero na curetagem, tão só se manteve fiel a seus pequenos pacientes, a pediatria e em particular às doenças infecciosas da infância. Crisanto reconheceu em Emígdio a matéria modelável de um futuro investigador e começaram a desenvolver pequenos projetos de pesquisa juntos. Seus amigos, insistiam, diziam, lhe explicavam que estava perdendo seu tempo com esse grupo de loucos, olhando através dos microscópios e se enganando mutuamente. Coisa preocupante! A própria Yolanda, estudiosa, inteligente, bonita, de um pragmatismo crematístico dirigido a se manter e ascender às posições sociais conquistadas pelo seu pai, dona de si mesma e de quantos caíam presos ao seu magnetismo e simpatia, tampouco acreditava muito nos pesquisadores. Doideiras passageiras do Emígdio, isso dizia ela. Já formada, voltou ao círculo das suas amigas da época do colégio das freiras Teresianas. Festas e passeios, reuniões suspensas pelos anos de estudo, agora ela vivia para brilhar, com um esbanjamento de high-class, segundo sua própria expressão. Esmirrado parecia o doutorzinho Ferrer ao seu lado naqueles salões, o paletó o asfixiava, a gravata o incomodava. A clientela e o prestígio te esperam, homen! Tem que te esmerar! Emígdio sussurrava uma música em seus ouvidos, Bonequinha de Squire... Ela desejava vê-lo sempre enfiado num macacão verde nos pavilhões com cirurgiões. Sabe quanto se cobra por uma histerossalpingografia? E por uma gastrectomia?

Pelo menos de terno, bota o paletó e a gravata, rapaz. E deixa de te tanto te reunir com Lucídio, não te convém. Tem que trabalhar em algo que valha a pena, ver o tutu! Você não vê que podemos ser a equipe perfeita! Emígdio sorria sem se preocupar muito. Médico rural! Que horror! Foi então quando se deu a oportunidade de viajar ao Norte. *É uma quimera que barbaridade e dizem que lá se vive como um pasha.* Ai, Nova Iorque não te troco por um trono, pensava em voz alta Emígdio e Yolanda suspirava, ai, New New York! Minha Yolita de Squire que tanto quero, te conheci dentro de um magazine, pulaste de dentro, cobraste vida e hoje teu amor é meu princípio e meu fim... Se tanto amor me tem, vamos nos esquecer de todos, não escuta mais Navarro nem teu pai, não te junta mais com Lucídio, vamos casar já, e vamos embora amanhã mesmo. Hoje, amanhã e depois, é vida e morte, vou te adorar Bonequinha de Squire. Sim Yolita, sim meu amor, sim, vamos casar, sim, iremos embora, pra Nova Iorque, agitação e arranha-céus, moraremos na Geórgia, numa mansão sulista, serás mais bela que Scarlet O'Hara, trabalharei no CDC de Atlanta, descobrirei um novo vírus no cocô das nossas crianças, me enviarão amostras e amostras, merda pelo correio! E daí, rumo ao Nobel! Você na obstetrícia, ou melhor, no que quiser. Talvez só cuidar da casona com muitas e grandes colunas brancas no pórtico, ficar entretida com as crianças, porque vamos ter um monte de nenês, muitíssimos e então você vai sossegar, eu vou te amansar, por eles, você deixará de gritar e dessa mania de ficar dando ordens, generala! Eu vou te querer sempre, sim, assim haverá de ser, assim será, bonequinha de Squire...

De Havana chegou um barco... Eitaaaaa, e segue o furdunço! Continua a brincadeira? Vai ver! Chegou carregado de intenções, só com elas dizem que não alcança nem mesmo para empedrar o caminho do inferno. Os assessores e os comunicadores, quase sempre mentem, na orelha do Presidente, e os Presidentes, eles sempre deixam, e per secula seculorum, assim é e assim haverá de ser, desafortunadamente... Mas, calma, não existirão grandes

inconvenientes. Nesse então, desde o começo, o princípio, desde os próprios prolegômenos foi quando começou a representação magistral que conduziria ao ato final. Já desde o início, o público começava a ficar em pé, vociferante, por acaso pedindo sangue? Queimando etapas, uma atrás da outra, haveria de chegar o momento das definições e tudo, naqueles tempos idos, começava com um ímpeto tal que já não se poderia dar marcha atrás...

CAPITULO I

O presidente vive desfrutando no seu palácio... No entanto, uma úlcera lhe come a parte bondosa do coração.

CAUPOLICÁN OVALLES, 1962



Mambrú marchou à guerra, que dor, que dor, que pena, Mambrú marchou à guerra, e não sei quando virá, que dó ré mi, que dó ré fá, não sei quando virá. Talvez venha amanhã, quiçá, não sei, repicam os sinos, que hora é? As dez? Morreu João Vinte e três. Entramos em ação? Sorriu Carlos Andrés, somos revolução. Ano sessetaetrês, viva a insurreição, vamos à universidade, para o quê? Vou te dizer, um peido atrasa. A Planta? Oposição. Junquito? Evacuação, não resiste nadica, Oswald e o armazém, assim manda Romulão. Mando, até quando? Assaltemos o trem. Mandados de busca, procedimento, detenham o vagão, descarrilamento, lamento, matam em Saigon, ai, não. Se você soubesse! Em sessentaedois, lá no Norte, antes de Dallas, o Presidente, deu para os vietnamitas apetrechos e armas até os dentes, milhares de balas, tanques e dinamite. Quem diz que não é mais do que uma a roda da fortuna? Folha dourada, fumo e um tiroteio. Puerto Cabello, Carupanaço, prisão e fuga, perdeste os sapatos? Quem diz que não são quatro, três guerrilheiros e um sapo? Que dó ré mi, que dó ré fá, não sei quando virá. Homens de oliva verde. Eram de Mao? Rodou, Maiakovski. Discípulos de Trotsky? Fodação! Caças à reação. A propulsão? A jato, ao paredão. O castelo do Morro? Helicóptero Bell 222, a capacidade máxima de um quartinho, caiu o governo de Dien, ficou mortinho, fuzil Kalashnikov. Mayobre? Quem é? Mané. Mambrú talvez? Pum, pum...

Você levanta o olhar e vê três caixas de plástico no canto do quarto, vermelha, azul e amarela. Há homens jovens e eles se agrupam ao redor de três mesas. Gritam. Eles acham que conversam, os silencia o estridor da vitrola. O barulho tão só é interrompido pelos tiros que nascem das pedras. Cena três. Três Cinco. Bahhhhhh. Cala a boca, não amola! Cinco dois. Presta atenção. As garrafinhas ambarinas se multiplicaram nas mesas e tilintam no chão. Não caem. Aroma de cevada, elas pululam enquanto você escuta o raspar da agulha sobre a pasta preta e pensa no cachorrinho e a vitrola. As cordas vibram, a guitarra de

Carlos, é Carlitos, sim! “Seus olhos se fecharam e o mundo segue andando, sua boca que era minha já não me beija mais”. Então, você pensa em Yolanda e nos teus filhos. “Se apagaram os ecos do seu rir sonoro” ... Você evoca a sensação aquela da cadeira reclinável, avião Viasa, regresso à casa, o céu sangrando a trinta mil pés de altura. O mais velho de três anos te olha e se debruça na janelinha. O segundo dorme nos teus braços. O pequenino de meses nos braços de sua mãe. Com Viasa de volta à casa. Fraldas e mamadeiras e dívidas e teu primogênito te abraça. A emoção de voltar. Para você, a incógnita do futuro próximo. Você retorna por Viasa, a casa espera, a casa grande, seu lar de menina. Retornar à terrinha, voltar aos teus pais, lembranças da tua infância e adolescência. Voltar com esposa e três filhos. Já você não é o mesmo! Lembra como você repetia teimosamente, incansavelmente, era como uma ladainha, vamos nos ajustar, nos adaptaremos, vamos nos acostumar, nos acomodaremos, nos amoldaremos, nos sabe-se mais o quê, “nós que fomos tão sinceros, que tanto nos amamos”. Você pensa em Yolanda, Yoli, Yolita, lembrando aqueles dias. Na realidade, era impossível ter uma casa, era necessário morar com os sogros por um tempo, na casa grande. O que não tem remédio, remediado está. Você disse, se lembra? Você carrega o morto, o cargo, qual cargo? Aquele cargo, o cargo, o posto, o emprego, a oferta e você carregando crianças, os pais dela carregando com todos, você sem cargo e então carregando teus pais contigo, carregando com as tuas dívidas. Carregar com uma dupla de profissionais. Morar na casa grande, meses, desempregado. Esperando o cargo prometido, o posto desejado. Esperado, prolongado, prorrogado. Meses e meses e o “vai ver” ali soando, tranquilizador, vão-se ajustar as coisas, fica descansado, os padrinhos, homem! O pistolão, os contatos políticos, tem confiança, já vai ver, têm que te dar o cargo, fica sossegado, fica quieto, segura essa, e as tuas pesquisas? ... Você pensa em Lucídio e na sua verborragia incandescente. “Penetraremos o cerco ultradireitista que controla o Conselho da Faculdade” “Tem caça às bruxas, cara”. Lucídio, o amigo, o jornalista, o locutor. Barbaridade! Você nunca pensou que tudo

isso pudesse te acontecer na tua própria cidade. Agora sim, quando você pensa, quando analisa e avalia, entre o barulho da vitrola e os latidos do teu coração, você percebe e pensa outra vez em Yolanda... Mexe as pedras, quem é mão? Mexe vai, assim. Tiros do dominó e o ruído leva você até Yolita e Lucídio. As frentes populares, a luta armada, a abstenção eleitoral, a guerra, a célula do partido... Você vê umas figuras com uniforme de cor verde, numa floresta. Não são maoístas nem barbudos, você pega a garrafinha, você os visualiza com a mente numas montanhas e o barulho das vozes e da vitrola e os disparos das pedras, não impedem você de construir essas imagens. Outro gole demorado da tua cerveja. Agora as vê em preto e branco. Evocando lembranças murchas e você acredita olfatear um bafo de emanções sulfurosas, cloradas, de um universo apestado e é como se algum sétimo selo apocalíptico tivesse se rachado. Num instante, você se encontra entre os afetados de São Vito da Canhada, mas é curioso, teus pacientes coreicos parecem enroupados, essas batas puídas te parecem conhecidas, são sem dúvida do século XIV. Eles estão preparados para a guerra, cota de malha, bomba caseira, mandoble, metralhadora cavalheiros templários, guerrilheiros, guerra santa, secundaristas, cruzados, esquerdopatas, flagelados, marginais, desempregados, pé rapados e cilícios, espinhos e pranto. Oh, como choram! Aos gritos, familiares e amigos, assistentes ao ato do sepultamento. Morreu Arsénio Pino e Luís José Montiel e Aquiles Espino, penteados de perfil, os morreram... Velório, enterro, uma sarrafusca, carpideiras, Em Paraguachón e em Potrerito, o cemitério de Moján. Choram gritando e gemem. Escutam-se desgarradores lamentos, são das ululantes viaturas da Digepol, os monstros de ferro cheios de meganhas, uivam. Avizinha-se a peste. Você acha ver Lucídio vindo do solar dos fundos, na contraluz e você sabe que não é verdade, que não pode ser real, mas você escuta como te fala. Mais dois. Ele se aproxima e não te resta dúvida, é ele, seguramente vem do urinol, você pensa que é bom saber que está vivo e que foi ele que afinal ganhou a partida de xadrez. Contudo, passando de novo da contraluz à sombra, sua figura desaparece, se desvanece...

Você lembra daqueles dias terríveis, teu desemprego era um poema! Depois de chegar como um famoso especialista, um pesquisador formado nos Estados Unidos, de volta à terrinha e, no entanto, as tentativas para fazer pesquisa com teus amigos da Faculdade resultaram um fiasco! Vai te juntar com a gente de Crisanto? Então, você desabafou com o velho professor. O que mais posso lhe contar doutor Navarro? Isso tudo e muito mais ela me disse e o pior é que no fundo eu vejo que ela está certa. Mas a paciência tem um limite. O que podia fazer eu? Já se passaram meses, quase meio ano de espera e eu ainda desempregado, as portas se me fecham, e eu vivendo às custas dos meus pais, na casa de seus pais. Ninguém está interessado na patologia das doenças virais, nem das enfermidades tropicais! O senhor já viu como me barraram na Faculdade. Olhe, se me descuido me tiram também o dispensário de Casigua. Para trabalhar com vocês, já chegara a hora. Se no próximo ano lhe dão o cargo que pedi para mim, então, eu virei, de onde seja, virei, mas, droga! Eu não podia seguir vegetando aqui. Não acredito que o que tive de fazer seja tão ruim. Não tinha mais jeito. É que Yolanda me faz sentir muito mal por causa da minha decisão, mas veja, ela está bem colocada, tem um cargo no Ministério da Saúde, trabalha na clínica do doutor Ângulo, está fazendo clientela, atende partos e já tem seus pacientes, e além disso estão lhe oferecendo um cargo diretivo na Divisão de Diagnóstico do Câncer. Grave seria se estivessem ela e meus filhos passando fome. Sim, é verdade eu poderia ter aguentado um pouco, mas agora que nem sabemos quais serão as perspectivas com vocês, as coisas ficam piores dentro deste turbilhão político. Eu me sinto um de vocês, mas esse cargo vai sair quando se esclareça a situação dos grupos políticos da Faculdade e sua relação com a guerra que parece ter desatado o governo contra alguns estudantes, ou são eles e os partidos de esquerda contra o governo? Não sei, mas acho que o senhor está numa posição difícil doutor Navarro, e enquanto chega a calma, não me resta mais saída do que esperar pacientemente. Eu não me arrependo de ter voltado a meu posto de saúde rural. Minha situação familiar tem que melhorar e a

do país também se esclarecerá. Se o senhor soubesse que tudo que aprendi lá fora tem me servido de muito. Agora vejo mais claro o quanto temos que fazer de pesquisa no futuro, menos americanizado, mais perto da realidade social do nosso povo.

Mambrú marchou à guerra, que dor, que dor, que pena. Mambrú marchou à guerra e não sei quando virá. Se virá para a Páscoa ou para o Natal, que dó ré fá, ou por Trindade, que dó ré mi, por Berckely, que dó ré fá, já ele vai. Mambrú regressará. Raul é Presidente, o homem nunca mente, que gente tão babaca, apliquem a corrente, os mortos sob terra, encontramos os dentes, o Che marchou à guerra. Que dó ré fá alguém vencerá, nós vamos para a guerra? Alguém dedurará, nós vamos para a Serra, será em Perijá. Quem diz que não são dois? Os ratos não têm tose. Que dó ré mi e dó ré fá, não sei quando virá. Forç democrá populá. Domingoalberto Rangê, Ramogimene e o ARS. Ocê vai ganhá? Onde me deixá opaper, o manifesto Iracará? Ocê vai perdé? Que cuzão. Ocê vai se fudé? Bah, anda a brigá. Pega o fuzi e ocê vai ver! Corisco. Ocê vaiseopor? Já vai caé, ocê vai vé, podejurá.

As cervejas estão como mioloepinguim. Cheo tinha lhe dito e ele desfrutou os primeiros goles enquanto pressentia o arroto que viveu sonoro e reconfortante. Com certo borbulhar nasal. Aquele era o ritual mais apropriado para esquecer o calor infernal da rua. Botou a garrafinha ambarina sobre o oleado da mesa e olhou para o ardente mundo exterior. Lila sussurrava nos seus ouvidos *vidinha se tu sabes que eu te quero, por ti me desespero, por te beijar na boquinha*. Com a música percebeu a ausência de Lucídio e a materializou nos círculos úmidos desenhados na mesa. “É que tu não pode imaginar, não há uma só esperança de retorno, vamos para uma guerra civil”. Em algum lugar ficaram lhe gravadas suas palavras e agora regurgitavam. A porta do boteco criava um retângulo horizontal reverberante

no cimento polido, se poderia fritar um par de ovos no assoalho, gemas em ebulição. Imaginou as gemas quase alaranjadas e a clara, espumosa, branca, crepitante, fazendo borbulhas. Mais além, as linhas de luz no piso vinham através das janelas fragmentadas pelos cilindros de madeira tingidos de amarelo ocre. Quanto tempo transcorrera desde sua intentona frustrada de ingressar na Faculdade de Medicina como pesquisador? “Tem que ser na categoria de instrutor, você sabe”. O desejado mundo do Centro de Pesquisas em Patologia Tropical. Quantas vezes conversou com seu amigo e admirado mestre Crisanto? Naquele então o doutor Navarro estava mal. “Está fichado, te convence de que estão de olho nele” Lucídio dizia todas aquelas coisas com um assomo de preocupação e nesses dias Lucídio já era um jornalista, conhecido locutor de rádio, muito popular, certamente, mas estava muito comprometido, estava, como se diz, politicamente enrolado. “À medida que se conhece o doutor Navarro, mais a gente o respeita. Se tu soubesse...” Lucídio apreciava a honestidade e a coragem do doutor Crisanto e sabia muitas coisas da sua forma de ser e do seu modo de pensar. “Ele é um revolucionário sem ser militante”. Isso lhe dissera a Emígdio, que lembrava dessas coisas na mesma mesa onde estiveram sentados outras vezes, mas, agora, ele estava sozinho, na frente de várias longnecks. Mano, me dá outra Regional! Mas ele, ele não pôde transpassar a barreira, e como não a penetrou, teve que se mandar para o mato...

Mambrú se foi? Pum, pim, Clausewitz, o líder Ho Chi Min. Prêmio Nobel da Paz, o negro Martin Luther King. Pum, pom, que assolam o Viet Cong. Pam pim pom. O quê? Fan Vam Dong? Que dó ré mi e dó ré fá, vamo pro Panamá. Seremos vencedores, vamos nos treinar. Foi morto com honores, que porra é essa? Talhão de caçadores, agora é que a porca torce o rabo! O Natal acaba, que dor que dor que raiva, é tempo de votá. O Natal acaba, abstencionou eleitora, como é que é? Mambrú não vem mais, foi-se, que dó ré mi, caiu Goulart no Brasí, que dó ré fá,

corisco, corisco, não vortamais. Paralelo 17, não volta mais. Desçam o cassetete. Não chegará? A cana vai cortá. Quem diz que não são três, uma lacraia e dois vermes? Que dó ré mi e dó ré fá, não sei quando virá.

Tiros secos, como uma chicotada, um desses clarões marabinos, com sol de meio-dia no meio da chuva e o coqueiro perde palmas, cocos e donaire e se transmuta numa estaca enegrecida, em pé ainda, mas fumegante e retorcida. Dominó, um gole de Regional gelada, já não iluminam teus olhos minha vida, ele percebe seu silêncio, sente a voz de Lucídio dentro da sua cabeça. “Romperemos as correntes do colonialismo às que temos estado submetidos, abaixo o imperialismo ianque, Cuba sim, ianques não”, Regional sim, bem gelada me faz favor, o cuatro e a arpa se escutam e emerge da vitrola a voz de Mário Suárez, desabou uma tempestade no palmeiral. “Temos que fazer frente à política repressiva deste governo, fomos traídos”. Lances do dominó, as pedras se mexem numa mesinha do fundo. Na porta apareceu Chucho Terán, mistura de andino e marabino e foi dar diretamente com ele. Que mais Emígdio? Como tu vai? O que faz por aqui? Seu amigo lhe respondeu pausadamente. Estava no Navarro, trabalhando, tu sabe Chucho, mas, porra, chega aqui, te assenta aqui que hoje é sábado e meio-dia. Olha só! Eu às onze já tinha terminado e ele ainda tinha uns ratinhos todos arreganhados, mas, Crisanto estava na dele, imagina, dando aula para umas garotas estudantes de medicina, que por sinal estavam bem gostosas, mas, eu me disse porra a esta hora! O que me faz falta é uma cervejinha e vim me embora... ... Assim de fácil, e aqui estou, pensando besteiras cara! Pensando em Lucídio, me diz Chucho, tu também não tem sabido dele? Seu amigo o fitou afastando-se um pouco. Caralho Emígdio! O que é que há? Cheo, manda uma Regional, não, melhor duas, porra cara! Que tu tem? Ele inclinou a cabeça e olhando-o de soslaio respondeu. Merda, Chucho, vão meses e meses, quase são anos, veja se tem cabimento cara! Sem saber nada dele, eu ainda que

ando enfiado no mato, mas é que nem tu ou o doutor Navarro que ficam aqui têm ideia de onde ele possa estar! O *gocho* Terán adotou então uma expressão de resignação desesperançada quando disse, está perdido Emígdio, perdidão da silva! Seu interlocutor o encarou com fúria franzindo a testa. Perdido? Uma porra, será que o perderam, isso sim!

Você está acordada desde a madrugada. Você sente o frio seco do ar condicionado, seu zumbido e seu arfar até que de novo arranca o compressor... Assim se chama. Foi o que te disse Hermes, macacão cheio de graxa. Há frio e essa sensação de vazio. Você começa a enxergar a claridade por trás dos vidros esmerilados, pranchas horizontais trás as grades, na metade da janela, meio escondida pela cortina aluminizada. Sozinha na tua cama, tua *double-bed*, cama matrimonial, marital, leito nupcial. Você se vira e revira, embrulhada nos lençóis, com a camisola de flanela e florzinhas celestes. Murmúrio do ar condicionado, você fecha os olhos, com força e não consegue dormir, não ajuda o rum rum. Sozinha, às vezes é difícil, contar, rezar, conciliar o sono outra vez, você pensou em levantar, aprontar o material escolar, a roupa, mas você já tinha feito isso à noite... Passar café! É tão cedo, e o café da manhã? Tudo deve estar pronto, para a escola, essa professora estúpida, Emiliano nunca mente, não pode ser, agora deve ser muito cedo, ir até a cozinha? Que frio! ... Você continua ali, se revirando entre os lençóis, espreme, afunda, aperta os travesseiros, você está pensando, cavilando, refletindo... Já quase é dia, Emígdio tão longe, anos luz! Que diferentes foram aqueles outros anos, fomos felizes, eu voltaria, não vacilaria, retornaria aos Estados Unidos, sim... Você pensa isso e o afirma, é uma vã ilusão, tão só há isto, solidão, silêncio e o rum rum do ar. Você se sente como se fosse viúva, abandonada e só, com frio e esse sussurro permanente, gelado, acondicionado nos teus ouvidos. Emígdio ausente e não te dá sossego, se estivesse ao teu lado talvez roncaria... O que fará lá longe? Certamente dorme...

Da velha vitrola saem ondas sonoras, organizam-se as musicais notas de um tango na voz do Morocho do Abasto. Sentado num tamborete, ele está no canto mais escuro da pulperia, o boteco de Eudoro Vivas, na entrada da rua única que une Casigua com o resto do país nacional. *Los morlacos del otario los tirás a la marchanta como juega el gato maula con el misero ratón. Hoy tenés el mate lleno de infelices ilusiones...* Ilusões sim, ele lembra algo que obsessivamente tem presente. Suas primeiras semanas de tropicalização, anos atrás, ao voltar dos Estados Unidos, lá longe na sua cidade do lago. Aqui, a tarde ficou uma bruma... Através da porta Emígdio olha a chuva. Começou faz pouco como um pinga pinga, agora, pensa, e mesmo que pareça ridículo, ele está extasiado nas suas lembranças contemplando a chuva cair... Repenicava respingando nas pocinhas e é como se Lucídio lhe falasse outra vez. "Eu entendo, não é fácil e ainda mais com três pirralhos, vivendo encostado, mas tu poderia ter aguentado um pouco, é a pura verdade cara, é que te vês bem raro, mais bonito que não sei o quê te vês, sim, imagina, outra vez, em Casigua e, porra! de quebra receitarás em inglês! Incrível, né? De repente haverá mais tempo para fazer o que tu quer, mesmo com a situação que há no campo, de cara eu acho que pesquisarás teus vírus com as de Billy Queen. Entende o que eu te digo, que este país é o treco mais injusto do mundo! Esta é uma porra que está caindo aos pedaços, tu vai lembrar de mim, o sistema está podre, corroído nas suas bases, o governo vai cair, não dura muito, te convence que é assim, o que acontece é que tu estás recém chegando e nem ideia faz do que está acontecendo no teu país. Tu não tem nem ideia, é possível que um traidor nos persiga e nos mande? Tá fodendo com todos nós, é assim aqui, sim! Vai ver que logo chega a hora quando cada um terá a oportunidade de dar seu aporte ao país, de se sacrificar pela pátria, de viver decentemente, como corresponde. Tu tem mesmo que te enfiar no mato, eles não te querem na universidade, não interessa, a cabra pro mato puxa, vá, e de lá vai ver como toda esta joça que tá degradingolando vai desaparecer... ". A chuva engrossa. Fios de água vão se transformando em trêmulos cordões

espiralados que descem do telhado acanalado e convertem os buraquinhos da terra em poças de lama alaranjada faiscante, untuosa. E eu, que lhe disse? Lembro clarinho, como se fosse ontem. Ai, Lucídio, que droga tudo! Eu esperarei no mato o teu momento, prezado coquimbo, estou aqui, mas deixa eu dizer que mesmo acreditando que falas sinceramente, acho que não vão se cumprir tuas profecias. Tu anda é arrebatado pelo que te dizem no teu partido. Estás demasiado comprometido, eu não sei até onde, mas vê-se que estás convencido de que uma guerra civil é a solução e eu não estou muito certo de que seja essa a via mais acertada, não estou muito seguro de que a luta armada vá triunfar. Eu acredito na paz Lucídio, eu não acredito na guerra. Olha o horror do Vietnam, olha como deram cabo do Kennedy, eu entendo o que dizem os hippies, entendo por que querem amor e paz e não é que agora vou deixar o cabelo cumprido ou me fantasiar para andar fumando maconha, não, não, não podemos viver matando para que nos matem. Porra! E o mais complicado dentro da minha cabeça é que eu sei também que se não é assim, se não é pela via que tu diz, não vamos chegar nunca à revolução, não vamos nunca ter essa mudança que o país precisa e isso é uma contradição incrível, mas é assim e ela está na minha cabeça. Como posso te fazer entender meu irmão? Tu tem razão, mas te repito, essa via não acho que vá funcionar, e ter que te dizer isso me faz sentir muito mal, porque até pensarás que eu sou covarde, mas é pior que isso, eu sinto-me pessimista, fracassado, talvez por isso eu pensei que era melhor voltar pra mata. Não há paz nem na minha mente, nem no país, nem na minha casa, estou mil vezes fodido Lucídio. Yolanda não tem a menor dúvida de que sou um irresponsável e ela não perde tempo para me jogar isso na cara, mas no fundo eu a entendo. Ela acha que está certa e eu penso que é muito provável que tenha razão. Por isso eu sinto que é um absurdo todo esse desinteresse meu por um trabalho bem remunerado e me deixo levar pelos meus gostos pouco produtivos, o campo, a pesquisa, a mata e os mosquitos, os bichos de pé das minhas alpercatas. Eu me deixo levar, mas tenho meus conflitos, é difícil, como te

explicar? Repara Lucídio, eu poderia me associar a Júlio Ortiz ou a Pedro Bustamante, poderia arranjar um espaço no laboratório de um deles, ou dos dois, e faria uma grana preta. Poderíamos fazer testes hematológicos, estudos microbiológicos, umas coisas imunológicas muito especiais e poderíamos partilhar fabulosas ganancias. Eles vieram falar comigo, juro, eu posso me transformar num médico de sucesso, trabalharia na minha cidade e seria um ricaço a curto prazo, eles cobram e me dão uma polpuda porcentagem, nadaria em grana, tenho certeza! Imagina que só fazendo estudos hormonais no sangue ou na urina poderia pedir o preço que quisesse e os reativos sairiam de graça, meus amigos do Colorado ou de Seattle os enviariam para mim. Sei fazer coisas em Medicina que são uma mina em potencial e ninguém as têm explorado no exercício privado. Yolanda me mandaria um mulherio para lhes fazer estudos hormonais. Sim camarada coquimbo, estou super fodido, supostamente posso sair de baixo, mas, porra! É que assim não me agrada. É estúpido, não é? Talvez eu definitivamente seja um estúpido.

Se estivesse deitado contigo, se estivesse ao teu lado, seguramente você se aproximaria dele, ele passaria o braço, você se grudaria dele, aderida a sua pele, absorvendo seu calor. Você aperta os travesseiros, abraça ele, o sente, enche-te uma onda de desejo, é úmido, é cálido, percorre a tua pele, um afogueamento interno. Ele não está com você e você sente um desgosto amargo, algo surdo e distante que esfria teus pés, sente os dedos gelados. É pela vontade dele... Você acredita nisso. Porque assim ele quis, sim, deixar-nos, ir-se embora pro mato, nos abandonar. Você vira de novo, de costas à luz, você vê o berço de Eugênio, o caçula... Parece tanto com ele, seu pai ausente, dorme profundo, deveria me levantar, um pouco além dormem Eduardo e Emiliano cobertos, sem saber se ele virá! Hoje ou amanhã, quando virá. Que dia é hoje? Já é dia, sexta feira e não vemos ele desde domingo. Estará aqui o domingo?

Quem sabe? Prepararei uma lasanha amanhã, vou conferir se tenho todos os ingredientes, essa receita é da Teresa, lasanha de berinjela, a receita de Tere não pode ser tão boa, não pode ser melhor que a da dona Alina, de berinjela, não engorda. Você se toca, se apalpa, estremece, é o frio do ar, você se cobre, tuas mãos percorrem você, te acariciam suavemente, assim, você sente a pele ouriçada, ali, você toca, acaricia o ventre, sente a pele do quadril, as coxas, você se detém. Os vegetais, as saladas, sim. Tuas ancas largas, a celulite, se percebem, sim, e cada vez se marcam mais. Uns quantos copos de água em jejum, devo deixar o pão e não mais pizza, não mais lasanhas, nada de massa. Que difícil é tudo aqui! Todo dia arroz. Agora tudo é mais complicado, pensar que faz uns anos era tudo tão fácil, aqui nem mesmo há queijo cottage, em vez de almoçar, o levaria ao hospital, o queijo como uma bola branca sobre uma alface e até poderia pôr um pêssego encima, frutas de lata, não temos piches, peachs, pichss, os naturais, pêssegos. Tangerinas é como dizíamos? Cobrir tudo com salada de frutas e o gosto de um sapoti, minha fruta favorita, entre todas daqui claro, porque não há como uma maçã, mas, e o cheiro das nêsporas, e o aroma da manga? Meu Deus, já quase é dia!

Sou um imbecil? É verdade, mas, o que eu posso fazer? É que não quero nem pensar em como me sentiria no papel de médico, explorando os pacientes. Eu sei que isso é uma estupidez. Sim, é. Mas, eu repito, o que vou fazer? Sei que teria que entrar em negócios com outros colegas e me acostumar pouco a pouco, deixar devagar me enlamear nesses negócios para melhorar meus ingressos, para que me deem uma fatia melhor. Puxa Lucídio! Eu não me preparei fazendo pesquisa e estudando a patogenia das infecções virais para uma porra como essa. Voltei e não me deixaram entrar na universidade, está bem, é verdade, tenho que ir pro mato? Bom, e daí? Sei que se eu quiser posso voltar ou ficar, tá bom, e sei que até posso ficar rico. Puta que pariu! Eu não estou nem aí com o que os outros pensam. Nem

que fosse o fim do mundo! Eu ainda sou novo. Esse país tá bem fodido. Dirão que sou irresponsável, pai desnaturado, maldito e tudo que queiram dizer, mas eu não vou abrir mão. Eu devo fazer o que a minha consciência ditar, eu tenho minha própria opinião sobre a maneira de exercer a medicina e eu prefiro voltar pro mato. Não me deixam fazer minha pesquisa? Vou me embora, e continuo com aquilo que me der na telha. Não vão modificar minha vida. O sistema pode me pressionar, mas eu não vou mudar. Porra! Se eu nem mesmo tenho motivações de tipo político! O meu negócio, isso sobre o que eu matuto tanto, tudo isso é um troço racional, merda! É uma estupidez racionalizada, tá bom, mas é autêntica!

Agora chove torrencialmente. A água cria uma cortina na porta e a estrada é um lamaçal. “No partido Emígdio, aí está teu lugar, aí está teu futuro, tu é dos nossos, eu te entendo, veja que nunca tentei te influenciar para virar político, mas, é chegada a hora, tua oportunidade, vivemos a situação mais difícil do país e tu tem a sorte de ter nas tuas mãos a decisão que pode mudar tua vida. Embora com a gente, deixa tudo, é algo que não vou te explicar porque eu sei que tu já estás calejado. É teu momento Emígdio. Nosso partido é autêntico. Temos a herança que os adecos dilapidaram. Eles estão se desgastando, como vela de sebo. O presidente é um agente do imperialismo. Emígdio tu tem que entender que estamos em guerra! Do nosso esforço vai surgir um novo país. Com nosso sacrifício tem que aparecer alguém que se imponha. Os desempregados, os marginalizados, os pobres que arroteiam as cidades, os mortos de fome no campo já não aguentam mais. É muita necessidade, a fome é grande e por isso a delinquência esta desatada. As prisões já não comportam mais, todos vão a estar conosco, o governa nos obriga a pegar em armas, a brigar, Betancourt nos está levando a uma guerra a morte, por uma pátria para o povo, para que acabe a rapina das riquezas do país entre uns poucos poderosos. Tu sabe que tentaram calar nossas bocas! Isso é o que ordenam

os ianques, foder com o povo, impor-se, nos esmagar, enfiar-nos suas ideias, suas políticas econômicas, vender-nos sobras e porcarías, dirigir a imprensa, usam a televisão para nos fazer cada dia mais súbditos do imperialismo ianque. Embora comigo Emígdio, vamos nas trincheiras, eu te entendo, somos amigos, eu sei como tu pensa, vamos servir na mesma frente e mesmo que tu não te decida ainda, logo terás que tomar essa determinação, antes do que tu mesmo imagina...

Chove a cântaros e no silenciar da vitrola você a escuta. Nos teus ouvidos ressoa o eco da sua voz, suave, entre o retinir da água é modulada, ela é imperativa e muito precisa. É a voz do teu amor eterno, da tua grande paixão. A voz da tua mulher, a imponente doutora Valbuena de Ferrer. Outra vez pro mato! Isso é o único que se te ocorre! Vê se pode, diria sua avó... Você pensa nisso automaticamente, mas não te dá sossego. “Só me faltava isso, querer voltar pros teus sujos camponeses, pra tua rede e andar de alpercatas, a tuas idiotices idealistas que não levam a lugar algum. Quer dizer que fomos, vivemos e voltamos dos Estados Unidos e isso não te adianta de nada. Você é o cúmulo, *meufilho!* Pensa um pouco nos teus colegas! Sim, os do hospital! Pensa nos teus colegas de curso! Quantos deles fariam uma estupidez como essa? Uma especialidade que nem existe no país, uma especialização nos Estados Unidos e o que te vem na cabeça é pedir outra vez um dispensário rural!” Você lembra seu olhar relampejante, sua boca delineada, alisa a saia levando as mãos aos quadris, largos, firmes. Você desce a mirada pelas suas pernas, maciças, sua voz vibra nos teus tímpanos, ela é a soberana. Yoli, a rainha, você quer, mas não pode? Ou realmente você não quer escapar das suas redes? Mulher aranha...” *Meufilho*, cada dia fico mais convencida de que você nunca vai ser alguém, não tem nem ideia do que é! Depois de viver em Atlanta e no Colorado, depois de estar em Washington, nem sei o que você pode dizer! O único que sai da tua cabeça é Casigua do Cubo! Será possível!” Você a olha. Ela refulge, é ativa, movimenta-se irada, caminha com passo

felino, é bela e você pensa, porra! É minha mulher! Ela é uma profissional inteligente e agressiva, ela é um pedaço de mulher, uma fêmea, ninguém diria que pariu três filhos em quatro anos, sem dúvida, é Yolita, é a mesma bonequinha de Squire? Ela, é da tua vida o amor? Mas, onde ficam as tuas pesquisas? Então, você não repara nela e pensa no teu microscópio, na paixão por olhar os esfregaços dos doentes anêmicos no teu posto de saúde, aqui na selva, nos mosquitos codificados cravejados nos alfinetes, nos teus pacientes, nos charcos, nas crianças desnutridas. Você pode cheirar a chuva e as flores da mata. Voltar ao grande Catatumbo! Grossas gotas de chuva estão repenicando no telhado de zinco e esse lamaçal lá fora! O que será da vida do velho Brígido? “Não *meu filho!* Comigo você não conta para esse disparate! Muito engano teu acreditar que eu vou te consentir essa loucura. Aliás, eu te proíbo cara! O que é que você acha? Não pode nos fazer isso, nem a mim nem aos teus filhos. Você endoideceu? É que nós não contamos? Mas, o que é que passa pela tua cabeça? Homem, me diz. Vá! ”.

Você entre os lençóis, com tua camisola de florzinhas, sente algo assim como uma sensação de vontade de urinar, mas, vira para o outro lado. Você pensa que já é sexta feira de novo e no meio-dia haverá a reunião da Secretaria de Saúde, é o dia marcado para a visita do pessoal do orçamento, o de Caracas... Certamente, o doutor Echenagúcia e Turíbio Flores e o outro, como se chama? Caraquinhos, é quase certo que irão almoçar, desta vez em *Mi Vaquita*. E a dieta? Qual? Hehe, vou vestir o vestido vermelho, acho que sim... Você pensa agora, olhando o teto, e observa uma linha de luz que fratura o forro clareando o quarto. Nem vou olhar o relógio, pelo reflexo já devem ser quase sete horas, se viesse o transporte já estariam em pé, a vantagem de levá-los ao colégio... Você está tranquila, há tempo, e pensa coisas... Se virá pela noite, ou pela madrugada, talvez amanhã, virá na *Semana Santa*, como no Natal, deve chegar amanhã, pela tarde, isso sim, não vou lhe tolerar a barba, nesse fim de semana

terá que tirá-la, vê-se sujo e além do mais é perigoso, o que dirão! Hoje sexta, sim, esta noite é o aniversário de Zulay, terei que lhe comprar um presente e terá que ser esta mesma tarde, saindo do almoço, seguramente, haverá uma reuniãozinha, deve ser legal, seguro que Adalberto irá, ligarei para Etelvina para que não esqueça de o convidar, terei de ir sozinha, que jeito! Já Emígdio está sendo quase desnecessário, como de costume, levarei meus discos, dançaremos, nisso também não vai me ajudar, nunca aprenderá, que diferente era tudo faz uns anos! Mas, ai Deus! Ele com as suas manias! Nunca pensei que pudesse existir um ser tão teimoso... Você abraça os travesseiros, aperta-os com força procura seu calor na fronha, nos lençóis, mas, não está, nem ele, nem seu cheiro. Os troquei ontem. Você pensa nisso e vai ficando com raiva, os afasta, longe de você, empurra-os com os pés. Você começa a ficar furiosa, levanta da cama, esfrega os olhos, olha os teus três filhos e você sente que amolece, só um pouco. Você pula da cama, pula pisando o chão gelado e corre para desligar o ar condicionado.

É que Mambrú está morto, que dor que dor que entorto, já ninguém nos faz trapaça, estamos ao descoberto, vou me embora pra montanha. O que foi o que foi? Morreu Camilo Torres e ninguém tem visto o Che. Facão na mata brava, vamos lutar, lá defenderemos, a linda liberdade. De Humocaró a São Luís, de Tacarigua ao Castillo, embrenhados na mataria, romperemos os grilhões, nesta selva intrincada, enquanto nas suas guaridas os chefes, comendo e bebendo, vivem a grande vida. A guerra engole os soldadinhos, a selva devora os rapazinhos, não há maus ou bons, marcham na espessura, carregando seus cacarecos, famintos, vida dura, a polícia nos persegue. Tu que pediste? Um cargo no partido! A base popular, temos perdido, ninguém aqui pode manifestar. Paciência, hoje decretam estado de emergência. Aniquilar, exterminar, é a lei, assassinar e silenciar, hein! Polícia, pra que Polícia! Quem diz que não são seis, quatro expressos e dois cafés. O preto venezuelano, qual é? Guerra maldita e café.

Johnson lava as mãos, bombardearam Haipong, matam os vietnamitas, perseguição, entre os mesmo irmãos, tiras, guardas e vietcongues, nos salvamos por um fio, a guerra, se percebes, ferra. Te dói? Eu sinto. Tu não sabes que na Bolívia, como quem não quebra um prato, Barrientos fechou os sindicatos e por milhares percorrem as montanhas os militares...

O ambiente sórdido do estabelecimento penitenciário lhe produzia uma espécie de mal-estar in crescendo. Passo a passo vinha atravessando portas gradeadas, com o chiado de ferrolhos e tilintar de chaveiros. Pouco a pouco ia se aproximando do lugar de confinamento reservado aos presos políticos. Nunca acreditou que penetraria na penitenciária de San Juan de los Morros, na qualidade de visitante e possivelmente era uma sensação de temor perante o desconhecido que lhe induzia essa segura pastosa na língua. O objetivo era simples e ele o percebia assumindo-o plenamente. Entendia claramente que ia ao encontro do seu amigo e enfrentava de vez o insólito fato de que na cela encontraria transubstanciado nele um dos presos mais conhecidos do momento, um guerrilheiro rural delatado, um rebelde urbano perseguido, o comandante Remberto entrapado, encarcerado, enjaulado, trancafiado, confinado numa cela de máxima segurança. Teve que usar muitas mais das suas conhecidas embora parcas influências e procurar recursos com alguns amigos políticos, no grupo dos sanitaristas, os colegas politiqueiros do momento, gente do partido de governo... Assim, após um par de meses, desde que soube da notícia, conseguiu o grande favor, uma concessão especial, um passe, um papel que foi lhe abrindo as portas. Avançava franqueando as grades. Iam conduzindo-o por cumpridos corredores fedendo a imundície e a creolina, aproximando-o do seu amigo, esse companheiro da sua infância e juventude, transformado subitamente no inimigo público número um. Até um par de minutos antes de vê-lo, no fundo, ele conservou a esperança de que tudo não passasse de uma brincadeira de mal gosto, um engano, uma sorte de enigma,

onde Lucídio, como sempre, se safaria, dando uma explicação lógica para todo o acontecido. Sua presença na prisão até poderia ser possível, mas era muito mais difícil de digerir reconhecê-lo como o paradigma da subversão. Um exagero, sem dúvida. Emígdio quase chegando já ao seu encontro confiava em enfrentar uma história de equívocos. Uma de cowboys, pensou, na qual Lucídio, juntando as peças, culminaria com umas conclusões muito claras, uma interpretação dialética do assunto todo, seguramente sairia com alguma piada, lhe ofereceria uma explicação apropriada e a situação se resolveria sem prejuízo da sua pessoa e sem comprometer a nenhum conhecido, não era possível... Apesar de suas conjecturas, quando o viu aparecer na porta entreaberta, magro e com olheiras, com a pele citrina pálida e o branco dos olhos amarelo como a flor da abóbora, ocorreu-lhe pensar que mais do que um famoso comandante da luta armada, como o denominava o governo, seu amigo era apenas um negrinho enfraquecido, cuja vida se estava diluindo em meio a uma aura ambarina. Surpreendeu-se então ao comprovar que ainda podia sorrir!

Mambrú já foi, hehe, ele vai vortá, ocê vai vé, praqui vairegressá? Ocê num sabe? Eu facideia, na casa sua muié tá na espera, eita Deus, arredou? Homi, tá lascado sô, Mambru tanaguerra, oh não, ocê mifala do Luci? Num tem muié, é a internacional, haha, ele vaivortá, pro Natal? Sim, ele virá, Emí, num facideia não, ó sô proceve! Queimquisabe, a coisae'natural, num posabé, ocêo vauscá? Luci, num Emí, quemquestá amoitado? Tão ditrasdeli, sei não, ê lasquera, haha, bocoíó que graça me faz quem se asuicida largando o belo que tem a vida, e me dá miapingazinha, sô, MIR hoho, prin, hihí, FLN, aha, ARS he Jimenez, FALN, essa culatra! Macho! Que diz? FDP hahaha, firm, arrm, atenção, arrrm! Carta do quartel, ha! DAR e MIR, ha he hi, URD e JVR huhoha e outra hahaha, Mambrú já pode regressar. Retirar-se, debandar-se, pra porra Mambruzinho, é o destino, emezz! Agasalhem-se, aguentem, puxem. Mas, as cabeças pensantes

estão presas? Foda e agora, o que somos? Cabeça de alho, de gado, de vento, de bagre, quente, dura? Oca. Atenção, cuidado, acho que nos descobriram, que Mambrú está morto? Parece que é certo, se já Mambrú está morto, que dor que dor que entorto, que Mambrú está morto e o carregam a enterrar, sepultar, se o jogam na água, o tira uma jangada, atado com correntes, que dor que dor que pena, comida pelos peixes, que dor que dor que enfado, os fios, arames, chegou a tropa, os bonés, os quepes, caralho já é dia! Observa bem suas faces, são homens da CIA, disfarçam, protegem-se e quem se atreveria? Defunto, sem identificar, em caixa de pelúcia, que dor que dor que aflição, em caixa de pelúcia com tampa de cristal, que dó ré mi e dó ré fá, assim podemos vê-lo, vamos reconhecer, já todos calarão, tarvê falarão? E presos irão, aonde irão? Na porrada, tarve pra São João, eitadeus, talam talam, repicarão, talam talam.

Abraços e vozes roucas. Como tu chegou nisso? Deixa eu te contar. Espera. Deixa te olhar... Coquimbo, merda! Doutorzinho sim, que porra! Uma a uma, em voz apagada foram brotando as palavras do interior de Lucídio Soto... Quando tu foi embora Emígdio, aqueles foram talvez os anos mais importantes da vida, esses teus anos fora. Bolsista nos Estados Unidos. Lembra do Lions Clube? Tudo aconteceu milhões de anos atrás, mas, eu lembro de tudo, tive muito tempo para refletir. Os anos bonitos, lembra aquela época? Foi o ano da posse do presidente Kennedy, inverno com neve, por aí estão na minha mãe algumas fotos tuas e da Yolanda, tu acreditando nas promessas do primeiro presidente católico, na ajuda internacional, tu confiando na Aliança Para o Progresso e na reparação que se iria produzir no nosso continente, a expiação de tantos anos de agressão imperialista aos nossos povos latinos, haha! Não sei se tu lembra como eu, tu todo entusiasmado, acreditando no Senador de Boston e no seu Camelot que durou mil dias justamente, os necessários, com rainha e Casa Branca, mas sem entender muitas coisas porque tua vida era a medicina, compenetrado

nas tuas pesquisas, na tua família, em Atlanta, no Colorado nasceu Emiliano, vinha Eduardo, porra Emígdio, lembra disso? Eu recebia tuas cartas, por isso eu sei do que estou falando. Mas te era impossível saber o que estava acontecendo no teu país. Como poderia saber? Aqui, o governo, depois de uma eleição democrática e popular, ficou populista, desviando-se de suas promessas e seus dirigentes começaram a mostrar o que queriam. O proletariado foi traído. Nas cidades e no campo, a gente começou a esperar pelas leis que iriam lhes dar comida e trabalho, e nada, o que chegava era apenas mais fome e mais desemprego. O campo acudiu às cidades, buscando melhorar e cresceu o problema da marginalidade e a delinquência, e me perdoa que te fale do proletariado, essa é a gíria e ela é parte da história. Então, meu irmão, então, foi quando percebemos que tínhamos sido traídos. Entendemos que o povo estava sendo vilipendiado e que as promessas eram tão só isso, promessas. Estávamos certos, no sentido que sabíamos qual era a situação, estava pronta para uma mudança nas estruturas do sistema, estava dada, mas, acho que as corporações e consórcios estrangeiros também sabiam disso e cada vez abocanhavam mais e mais, enchiam-nos de coisas importadas e eram como bugigangas para nos enganar, como a uns índios, enquanto do solo tiravam-nos as riquezas e em todo esse processo, cada vez mais, se iam consolidando mais e mais as riquezas nas mãos de uns quantos. O poder econômico começou a ser arranhado na periferia pelos políticos e começaram a encher os bolsos. Então se aprovou a lei da Reforma Agrária, mas, já sabíamos que isso era só um engodo, sobretudo se se olhava para as mudanças que aconteciam em Cuba, com o governo de Havana. Por eles sabíamos o que era uma verdadeira reforma para os camponeses, escutamos tudo sobre as campanhas de alfabetização por lá e os Programas de Saúde Pública e, claro, bastava comparar nossa dependência aos capitais estrangeiros, com os golpes que em Cuba estavam dando aos interesses ianques, para o nosso desespero, só sendo cego para não saber que estávamos caindo numa enganação. Então veio a tentativa de golpe de alguns

militares e com o fracasso desse movimento entendemos que não todo o partido do povo estava contra o povo, aí entre eles existia também muito ressentimento pela traição que se estava produzindo. Não podiam estar todos de acordo com o Presidente, era vil traição aos velhos ideais e aconteceu a divisão do partido. Alguns saíram e nos identificamos com muitos deles, falávamos e a gente se entendia. Esse mesmo ano começou a repressão contra nós. Quando se dividiu o partido e nasceu o MIR todos queríamos a revolução. Perdeste isso tudo, o famoso comício, se tivesses estado na nossa cidade terias vindo junto. Eu estive lá, com José Luís e com Olimpíades, os bonés de quadrinhos, as boinas como gorros de gelo, cabeças quentes! As palavras de Domingo Alberto, o calor que lhe deu Gumercindo. Acreditávamos nele, acreditávamos em tantas coisas! Confiávamos em tantos! Tínhamos tantas esperanças e desejos de fazer a revolução. O tempo e as penas mudam a gente, algumas vezes. Outras vezes, a gente muda, não pelas aflições, mas porque trai seus ideais e dá as costas aos amigos. Judas sempre existiu, isso eu sei, meu amigo. Eu lembro muito de uma carta tua. Nessa carta me contavas tua surpresa pelas coisas que eu te referia numa das minhas cartas, quando te falava do desembarco da Baía dos Porcos, depois me contaste que os jornais norte-americanos repetiam aquela frase de Fidel quando aceitava que era marxista leninista, era como exhibir o baralho e pensavas que com essa confissão lhe mostrou o jogo aos ianques. Menos de um ano de ter rompido relações com Cuba, eles tinham a confirmação, então parecia que só lhes restava o bloqueio e atacá-los de frente, uma campanha rápida, aviões, decisão e tudo desapareceria. Fidel era comunista e estava ali. Guantánamo também existia e eu acho que os gringos apesar do fracasso da invasão acreditavam com isso ter sua bandeira no território. Mas, então, o mundo se revirou, Vietnam se agudizou, mataram Kennedy e você voltou para ser rejeitado pela tua própria Faculdade de Medicina. Desempregado, só te restou o dispensário médico rural. Naquele tempo, eu já vivia entocado. Líamos muito, sabia de cor e salteado “a guerra de guerrilhas”,

aprendi todas as campanhas de Mao, tínhamos uma grande ilusão. Fariamos a guerra revolucionária. Era nosso destino, seguros estávamos. Assim começaram a ir embora, os da base e os dirigentes, a luta armada nos chamava, os rapazes saíam da universidade, da secundária e iam-se embora pro mato, as células do partido cada vez se envolviam mais com os problemas do proletariado. Os tempos ficaram cada vez mais difíceis, a pugna entre dirigentes e quadros e a falta de coordenação entre os diversos grupos provocou meses de instabilidade. A estratégia não estava clara e perdemos parte da ajuda que chegava de fora. O governo rompeu relações com Cuba e nós ficamos que nem toupeiras. Quando estavas começando em Casigua precisei de ti, na ação desesperada de uns camaradas e nos ajudaste. Pensavas ter perdido meus passos, mas eu te seguia de perto, não quis te envolver nos meus problemas porque para mim a coisa já estava muito difícil. O comandante Hector estava vivendo seus últimos dias e aquela noite quando te deixaram o pequeno dicionário, eu nunca quis que te dessem os códigos para não te comprometer. Nem soubeste. Lembra do levantamento do Quartel? O país todo nos assinalou, nos inculpou dessa sublevação e muita gente morreu. Inventaram uma conjura marxista como pretexto para nos passar a conta e desde então minha cabeça teve um preço maior. Tive que sair da toca e me enfurnar no mato. A polícia política estava atrás de nós e então comecei a saber das calamidades dos meus amigos e da prisão ou afastamento de alguns dirigentes. Agora vem na minha mente tantas coisas, tantos nomes, tantos amigos queridos, camaradas, já não estão, quanto aguentaram calados, quantos resistiram, uns morreram com a cabeça enfiada num balde d'água, às vezes perdiam o conhecimento e os reanimavam com jatos d'água e outra vez ao balde, e os fios de eletricidade vergava o corpo e entre uma e outra tortura, o pau de arara, o garrote. Não tens ideia, nem ideia Emígdio, pelo que passamos! Quando estive no grupo urbano, na capital, morava em Cátia, já nem sonhava em trabalhar como jornalista, como? Éramos uma célula, unida, mais operários que estudantes, ninguém sabia que

eu era um comunicador, aí deixei de ser jornalista, mas a nossa célula era efetiva. Eles diziam que era demais, eu sabia que éramos uns cabras danados, aí também deixei de ser marabino, era um a mais entre tantos desempregados marginais que passávamos fome e necessidade, aos que o governo perseguia, acuava e hostilizava e cada dia nos enchíamos de raiva, vendonos donos da miséria daquela vida, amontoados nos morros, sem água e sem comida. Junto aos camaradas da universidade apoiamos a ação de assalto à missão diplomática norteamericana. Já éramos respeitados, nos conheciam como Unidade Tática de Combate C26. Escondidos guardávamos um lote de FALs de culatra de madeira, tu conhece, bom, desses e também vários mauser 763 e dois fuzis russos AKM, os fuzis diziam alguns que tinham vindo de Cuba, mas eu nunca soube se era verdade, de qualquer forma, cuidávamos deles como se fossem joias, mas com a pressão toda e todo o resto, a gente tinha que se mudar a toda hora. Levamos o armamento à Charneca, para passar à universidade com mais facilidade e conseguimos um bom esconderijo. A toca era uma oficina mecânica, de lataria e pintura, já sabes, carregávamos uma velha metralhadora ZK, engraxada e pronta, estava escondida num caminhão de transportar pão... Cheo morreu perto de Barquisimeto, num acampamento antiguerrilha, me disseram que o enforcaram. Também mataram Olimpíades, a socos e pontapés. Lembra do Pia? Ele esteve em Casigua, quando tiramos Hector por Porto Zúlia. O enterraram vivo, tiraram ele do barraco, revistaram tudo e encontraram as armas no subterrâneo, um monte de FAL automáticos, aí perdemos uma metralhadora Sten inglesa, que eu tinha usado em Caracas, granadas de mão, duas submetralhadoras Ingran, todo o armamento se perdeu, mas que merda importam as armas quando a gente pensa nas pessoas? Porra! Olimpíades! Malditos! Lá foi onde foderam com o Pia, enterrado vivo, que dor! Que desperdício de colhões. Bestas! Polícia maldita, se banquetearam, e a gente tola mesmo pensando no Capítulo Terceiro da Constituição Nacional, no Artigo 60, ninguém poderá ser torturado, nem mesmo

incomunicável ou submetido a sofrimentos físicos ou mentais, e a lei de fuga? Quantos clicks terás que escutar na tua cabeça antes de ficar louco? Sabes o que é mais foda, ter o cano da pistola na boca, sim, enfiada goela abaixo. Porra! Puta merda Emígdio! Eu não sei que diz o Código de Justiça Militar, nem quanto soube ou comandou diretamente o Ministro de Relações Interiores, é uma besta! Nesses tempos já treinavam os militares no Panamá e enquanto isso nós enfrentávamos o problema da dissidência, a tragédia da traição, a delação, em carne própria, não poder nem respirar em paz, não mais manifestações, já era a guerra sem quartel. Pedíamos garantias e nos davam metralha, perdíamos terreno, recuávamos e a má sorte parecia nos perseguir. Então perdemos o Lúcio, explodiu no seu apartamento, no meio de uma batida, levou todos pela frente e depois só puderam me dizer, mano temos que cair fora, porque com a morte do Lúcio caíram por terra quase todos os planos. As torres de energia, os oleodutos... Ficamos sem dinamita e nos dispersamos. Foram caindo, os primeiros na ação do carro do embaixador ianque, outros no assalto ao Banco da Venezuela em Valencia, fomos desarticulados, quase todos caíram mortos ou capturados. Acho que só eu e meu parça Anselmo pudemos sair do cerco, nos entocamos e três vezes tivemos que nos mudar, mas, já não dava mais e saímos pela via de Cúa e de São Sebastião até o planalto e depois por São Carlos procuramos as montanhas de Campo Elias. Eu já estava um pouco resignado, achava que tudo tinha acabado. Os chefes calados, recuavam e não nos comunicávamos. Passamos noites terríveis de fome e privações. Semanas escondendo-nos de dia, até conseguir contato com nossa gente. Fugíamos até dos camponeses e pensando, sempre pensando... Por fim nos encontramos, estivemos em Humocaros, com os companheiros e passamos à Serra de São Luís. Sempre tivemos a Guarda no nosso encalço, sem dormir, sem comer, vê-los fraquejar, alguns não aguentavam pela diarreia, ou pela fome e a febre, eram marchas intermináveis... Tivemos que deixar um rapazinho sem remédio, picado por uma cobra e a perna gangrenou. Não sei Emídio, só te digo que

tínhamos coragem e vontade. O comandante Regino nos animava, nos arengava, nos levava pelo braço, nos arrastava para nos manter em constante movimento. Muitos eram muito jovens, vindos do ensino médio, e todos sentíamos a guarda respirando detrás das nossas orelhas. Meses, anos? Não sei quanto durou aquilo. Foi interminável, andávamos de facão no cinto, com as baionetas afiadas, esperando uma noite fatal para nos enfrentar corpo a corpo com o inimigo. Eu não soltava uma velha metralhadora checa, ou não sei se era uma Madsen, dormia com ela, era como parte do meu ser, era minha alma e isso foi terrível, tanto que há coisas de que não me lembro bem... Penso naquele acampamento, como de quinze soldados, agora me parece que eram iscas... Plínio estava aí preso, foi capturado e os outros três camaradas nem se viam, só restava Plínio, preso, parecia piada capturado na nossa ausência, cinco guardas e dois policiais se enfiaram no acampamento e só restava Plínio, amarrado e atado a um poste. Algum caguetas sem dúvida tinha indicado nossa localização. Regressamos por Plínio, assim de longe o vimos, a tarde toda ele lá e nós sem nos mexer, sem respirar. Quando anoiteceu a gente decidiu e entramos mandando bala, joguei fora a pistola quando se descarregou, depois nem sei como perdi o mauser e o facão, lembro-me do Plínio na terra e de um labirinto de fogo cruzado, rasante, a Uzi de Freddy vomitando, os tiros secos dos fuzis, os lampejos e o cheiro de medo e o cheiro de sangue e morte. Tiramos Plínio com vida. Ainda tínhamos colhões, demonstramos o que éramos e eu pensei no orgulho que sentiria Regino se nos tivesse visto, ter podido cumprir nossa missão, com o que restava de nós, aquele batalhão levantando bandeiras... Éramos a força emergente, éramos a vontade do povo, éramos a juventude feita revolução, para desatar as correntes que nos subjagam desde os tempos da Colônia, éramos os herdeiros de Sucre e de Zamora. Mas não acredites, isso tudo eu vejo assim agora, porque nesse momento só se pensa na missão que se tem pela frente e pode que sem querer te venha à mente o manual do Che ou pode que no momento mais grave te dê medo e te lembres da tua mãe. O

mais provável é que tão só se pense pra frente é que se anda, porque acreditas, achas, imaginas que em cada topo de cada morro há um Escambray nosso... E depois, o quê? A morte! Mortos Emígdio, por querer mudar o sistema, centos de mortos, por querer beneficiar os que não têm nada. Podes imaginar um absurdo maior? Uns segundos bastam e pronto, a gente desaparece, tão só uns instantes passados com a morte, sentir o seu abraço gelado que te cobre, apaixonar-se por ela, andar com ela e ela contigo, se aprende a amá-la e odiá-la, e quando tudo te cai em cima, é tão rápido o final! E ao mesmo tempo é como se se vivesse tudo em câmara lenta, como num desses filmes, os segundos são infinitos e então se percebe que vai se morrer. Depois veio o acosso mais de perto e nos dispersamos. No final, cada um se desligo do outro, eu de novo burlei o cerco, saí de lá em cima de um caminhão e cheguei a Niquitao, estava tão sujo e me sentia tão miserável que uma velha faminta me ofereceu sua comida e eu a devorei. Creio que mais do que um camponês parecia um desses loucos da cidade... Depois cheguei em Tinaco. Mais fome e não faltava quem me fizesse perguntas, eu já estava farto, já não podia nem inventar respostas. Rodei até Acarigua e pude conseguir um trabalho nos arrozais de Araure. Lá me desbaratou a hepatite. Eu não sabia, mas sentia que não podia mais e achava que era a decepção, se não é porque vi que estava amarelo teria achado que morria de dor e de angústia, ninguém parecia saber nada do que tínhamos vivido tantos homens, no mesmo país, e o mais absurdo pensava eu, é vir morrer aqui! Nesses arrozais, depois de ter passado por tanto, e tudo lutando por eles... Um dia acordei no hospital de Acarigua, isso me disse uma enfermeira. Eu não podia nem me mexer, nem sei quanto duro aquilo, a convalescência me pareceu um século, acho que foram dias ou semanas, não sei. Um dia percebi que começava a melhorar e então nesse mesmo instante entendi que já estava identificado, tinham me delatado ou não sei se fui eu mesmo, não sei, francamente, a vida já não podia mais comigo. Fui algemado e me levaram a interrogar. Eu não dizia nem palavra e desmaiava a todo momento, ganhei um monte de galos na testa.

Depois acho que se cansaram, estava tão mal que me mandaram para uma penitenciária numa cidade do planalto, nem sei onde, depois vim parar nesta prisão, sem mais torturas... Aqui estou meu amigo, vivo por acaso, parece mentira estar aqui olhando tua cara, pensando que tudo foi um pesadelo, um verdadeiro desastre. Não devo dizer isso, mas vou te confessar. Não me arrependo. Tivemos má sorte, nos traíram, não sei que aconteceu, mas, digo uma coisa Emígdio, me alegro de estar vivo. Me alegro de poder te cumprimentar, de poder existir e de te contar isso tudo pelo que passei... E suas palavras se quebraram enquanto Emígdio o abraçava pensando naquilo de que os homens não choram e sentindo deslizar algo quente pela sua face ao tempo que se murmuravam, meu amigo, meu irmão...

Mambrú já está bem morto e o levam a enterrar. Viemos às exéquias, está em capela ardente, após lutas e batalhas e guerra de guerrilhas, combater até o fim, abraçar com paixão a justiça, fazê-la sua causa, depois daquela afirmação, os ideais revolucionários consolidados, depois de... O Presidente ratificou no cargo o cidadão Ministro de Defesa. Atenção, firme! Presentem armm! Aplausos, abraços, beijos, também consternação, suspiros e gemidos. A discreção... Envolto como uma empada na bandeira nacional, o duque de Malborough ensurdeceu ante a retumbante presença das autoridades, estremeceu vibrando pelas salvas, o fogo crepitante e as cinzas rodeadas pela fumaça esbranquiçada, foi nascendo na boca dos vinte canhões e quase o fazem espirrar. Escutou o rumor de centos de milhares de pombas em revoada, sem missiva, rolinhas no ar sem destinatário, tuptucú, elas ascendendo, ruptucú, remontando seu voo, como grosso cobertor alado e plumoso, o celestial cobertor nublou o Passeio dos Próceres e logicamente alguns correram assustados, era um fenômeno inusual, disseminaram-se ao redor das fontes, para se resguardar como se fossem as mesmíssimas estátuas de pedra, fornidas mulheres semiocultas sob a capa de mofo e algas, para se guarecer entre os jarros gigantescos debaixo

das palmeiras imperiais, correram passando por cima das samambaias de um verde exuberante e ali esperaram... Dentro do catafalco, imponente, um morto elegante, Mambrú aspirava seu próprio denso perfume, aroma de inquilino defunto e considerou seriamente a necessidade de se incorporar, assim pensou porque sem dúvida ele tinha uma curiosidade natural irrefreável, ele teria querido divisar através do vidro as faces de cada um dos gordos patifes de relógio de bolso e paletó levita e as dos gendarmes de quepes bordados de espigas de ouro, todos eles com seus sorrisos edulcorados, contudo, o que percebia era tão somente aquele lenço sobre o rosto. É a branca tela, pensou, mais calhado. Entretanto, o cortejo marchava e uns soluçavam e outros silenciosos, organizavam-se, recuavam, formiguejavam, murmuravam frente à pira. É por todos e cada um do povo, os que feneceram, e bateram as botas, é pelos que se escafederam, também é por eles... Isso comentava o povo, outros falavam do último desejo, daquilo do epitáfio de Mambrú, do trambolho? Indalécio com outro marabino sugeriram a José Alípio uma ideia mais autóctone, escrever sobre o túmulo seu último adeus com mil balas. Eita cumpadre! Acaso ocê não vê que quem se foi não vorta? Bode que volta apanha. Voltar, voltar voltar? Se achegue e escute. Por acaso volta o pó ao pó? Talvez vai a alma ao céu! Girando agora, a nuvem esvoaçante desceu vertiginosamente. Uai se atente homem que vêm em picada! “Seu corpo deixaram, não seu cuidado, serão cinzas, mas terão sentido, pó serão, mas pó apaixonado” Ôxe, Alipinho, por acaso tá se enrabichando? Outro canhonaço, depois faíscas, linguetas, como ele? Linguarudo disse? Em volutas tênues ascendeu ao morrer... Agora se perfilam todas para cima, um cardume alado, rumo ao fúlgido zênite disparado. Sonhador! Até ficar desfeito, convertido em pó de amor, desintegrado para o porvir.

CAPÍTULO II

*Aí no centro da praça, eu como um portador inexperiente com a baixela da felicidade
feita pedaços ou como um menino frente
ao pássaro morto a pedradas, já que depois do meu passo, nada voltaria a ser igual...*

LUÍS BRITTO GRACÍA, *Abrapalabra*



Onde estão as chaves, matarile rile lero, onde estão as chaves, matarile rile ró, no fundo do mar, matarile rile lero, os aviões vão voar? Matarile já lhes deram, aeroplanos no céu? Matarile rile ró, palestinos no chão, é um sonho? Aporrinhação! Quem vai procurá-los? Matarile rile ró. De Bouillon é Godolfredo, esse nome não me agrada, e que tal se plumitivo, matarile me dá medo, se parece marabino, tu estás de gozação, e que tal se Absalão, porrinhação! Esse nome não me agrada, que lhe chamem Salomão, mas que nome lhe daremos? Digam-lhe Cuello Rondon, Jacobinho não é tão pobre, no ano sessenta e sete está coberto de cobres, era um presságio divino, a guerra dos sete dias, pobre povo palestino, desmantelem os foguetes, é o dia? Bereberés claudicantes, o que achavas? Os egípcios, os romanos, maometanos, Jeremias! Os cristãos, antes foram babilônios, por Alá! São o demônio! Scherezade conta-me um conto... Não mais pranto nem lamento, nas marismas de Gaza, nas areias do deserto, quantos árabes caem mortos? Os tiraram de suas casas, Jerusalém dividida, que tragédia! É teu destino, sofre povo palestino! Escutemos o rabino, ele nos dará a clave, onde estão as chaves? Matarile rile lero, no fundo do Mar Vermelho, jazem apenas despojos, os beduínos, seus camelos, seus cabelos? Seus cavalos de metal, pereceram, já morreram, os aviões em ação, é dinheiro americano, dólares da nação? No fundo do mar, é hebraica? Judaica é, pago e ganho, assim, assim, tu viste? Abraham Cuello pegou uma rota que a todos nos pareceu pra lá de estranha, certamente era pouco prosaica, ideia tamanha! Ir viver num kibutz! Sua família o esperou, durante meses, não chegou, seus amigos o esperamos, durante anos, se fodeu! Servir à Mãe Israel, natural e procedente do bairro da Pomona, fim da picada! Mangas verdes, matambos pretos, azeitonas roxas, redondas e doces pitombas, trepar nas árvores, e lá de cima comê-las, e o cheiro das nêspersas e dos limões, mel de icacos, doce de limão zamboa, vagens de

tamarindo e sementes de amendoeira. Doía-se de não ter vivido o holocausto europeu, ora bolas! Era tropical! Mas que bonito de tão tosco lhe ficou! Absurdo desvario por um sangue que para nós era alheia. Nem vem discutir! Dava pena, de verdade, e tu, diz-me, encontraria as chaves? Na arca da Aliança seria! E tu que querias? Ele sempre se considerou um hebreu, viver com Jezabel! Circunciso e confiante, com Débora ou com Raquel, meu amiguinho da infância, enrolado pra valer! Pensávamos que era meio bobão, na verdade nunca o associamos com as huris do profeta, ela pôde se chamar em vez de Hercília, Rita, ou mais vulgar talvez Sara, sem a letra agá intercalada. A propósito, eu te digo como quem não diz nada que Clara Rosa, a mãe de Robertinho e de Abraham, não pode disfarçar o perfil de Dom Jacob. César, dizem alguns cristãos, que de tão esperto se deixou circuncidar, é brincadeira! Verdade seja dita, eram muitos os cobres, não apenas o courinho da dita cuja, o que fosse diz que disse o velhinho, agora os que desfrutam são os filhos e seus netos. Davi, o primogênito, como negociante multiplica os cobres, é perfeito, os outros? A grande vida! Mas, eles gastam pouco, pouquinho. Abraham foi o mais trouxa, deu uma de romântico e foi-se embora, em Israel foi parar, foi dar dizem outros, e o mais novo? Robertinho! Esse não tem problemas, ele sim vai dar matarile nesses milhões. Robertinho é doutor, inteligente, sabe curtir a vida, estuda pra *psiquiatro* em Nova Iorque, ele é gente, se precisas dele, logo te arranja querida, rapidamente, tem um carro, beleza de motor! Aqui estão as chaves, tem grana pra lá, mais que o rabino Samuel, mais que o velho Gugenheim, ele é Estrada e é Cuello, Rossellestrada? Talvez Belloso? Quiçá Kublic ou Fornefeld? CuelloRossell! Muito inflados eles, dos judeus com filhos bem de vida, tu sabes, tardes na Sinagoga, com os Henriques, os Domingues, Lerner e Benaim, os Sefarditas? Tu, a que Sinagoga vás? O miravam de soslaio. Todas aquelas histórias, dos campos de extermínio nos salvamos, tu sabes! Escapaste dos vermelhos? Dos fornos crematórios! Minhas histórias são mais cruas, não gosto de falar daquilo, meu irmãozinho, meus avós, meus amigos, vê a marca

no meu pulso? Ruthie e Clara Blumenfeld? Ou é Blumerfel, Blumerson talvez... Blumer é calcinha, que gracinha! Seu marido é Raymond Morris, Morrison? São família de Jacob, chegaram vendendo tecidos, passaram da mala ao armazém, agora têm tecelagens, gente criada em Nova Iorque, tu sabes! Todos amigos de Robertinho, o doutor. Ele é assíduo do gueto. Será o sangue materno? O cheiro dos pepinos, repolho azedo com mostarda e vinho, alhos e cebola sempiterna, pão de centeio, e o aroma ranço da tia Elvira, pela linha materna. Lá no Bronx, dançam miríadas de folhas secas, elas se empilham na rua, umas se mexem com a brisa, é amarelo e é laranja, é siena e é um verde jade, se deslizam e é um ocre avermelhado, vão caindo das árvores, se agitam no céu que eternamente veste um cinza chumbo. Caminhar nos arredores, morar a um par de quarteirões, blocks lhes dizem, do hospital Montefiore, assim denominado, como a flor do monte. Robertinho mora no Bronx. A Mr. Morris, o charuto na boca lhe pende, aderido ao seu lábio inferior, morango com creme sobre a mancha leucoplástica, a saliva marrom, comissuras de um sépia borbulhante, mexe-o, traga-o, reaparece, assoma no exterior, a entonação afásica do seu inglês neuiorquino e esse gesto, as palmas das suas mãos para cima, fabrica mil arrugas quando sorri, encolhe os ombros e projeta a corcova, sapatos de Charlot, a calça manchada, judeu de Nova Iorque. Conhecer-te Roberto tem sido uma grande honra, isso lhe falou, mas aquilo, nunca o quis acreditar o doutor Cuello. Não tenho grana, a má situação, sabes? Isso lhe respondeu. O parente deu de ombros e a cara enrugou. Para Pauline, Roberto sempre foi o mais belo. Pauline na janela, do teu quarto Robertinho se vê o elevado, ela se despoja da sua cofia de enfermeira, relampeja com cintilações douradas, são as janelinhas do trem que passa fazendo barulho, chas tras tras. Você entre os livros na penumbra amarelada do canto, está sentado, embrulhado na cama, envolto nos lençóis. Cessa o rítmico estrondo do elevado e ela com suavidade desliza suas meias brancas, as desenrola e você fica extasiado admirando suas pernas que parecem de seda, de um branco transparente,

de um rosa cerúleo, as coloca em cima da cadeira onde desordenada está tua roupa, as deixa em cima, sobre o morno radiador deposita seu suéter de lã virgem e o gorro protetor, parece um ouriço de pelos, depois, suavemente suas roupas se deslizam e ficam no chão. Você olha Pauline na banheira, você escuta o maldito encanamento que matraqueia anunciando o sabbat, trompetes que apregoam o ano todo que esse é o dia do banho, você observa com ar de ternura como se ensaboia tua judia, é só tua, é tua enfermeira. Foi você o eleito? Baby, você lhe disse, Polin sweet heart, carrego nas minhas veias sangue do Rei Davi, posso te provar que era latino Salomão, vem, te demonstrarei. Matarile no Bronx. Você é esperto, você calcula sempre todas as pisadas, as coisas avaliando, você é culto e formoso, o que mais? É inteligente, talvez um pouco delicado? Resquícios da tua infância, quiçá um excesso de zelo da tua mãe, preciosa Clara Rosa, ela não teria gostado de saber, Robertinho enrabichado com uma enfermeira gringa, uma judia enfermeira! Para você o sonhado precisamente isso não era, mas, é a sorte, faz brincadeiras curiosas! Sorte rima com morte, você é um ser ocioso, e teus amigos? Tão longe, lá, perto do Equador? No teu país longínquo, tua pátria tropical reverberante, e que nome lhe damos? Se por um instante você pensa neles, se lembra deles, como lhes diremos? A Emígdio, o doutorzinho, ao teu colega? Só aspira a se transformar em pesquisador, como o outro, qual seu mestre, o professor, chamem de doutor Crisanto, esse tipo é um porre, não aguento. Você aqui longe, estudando psiquiatria lembra deles e pensa... Entre esses arranha-céus, estou bem longe da minha terra, mas lá tenho muitos amigos, eles são de arraso, amigos que são bacanas, aceitam-me como sou. De mim sempre murmurarão os outros, nada posso eu fazer.

Imagina tu o que significa que estejas procurando as chaves e então de repente vai e te acontece aquilo, isso que tu sabes, é como se dissesse... O impossível, cara! Aquilo, o que aconteceu

quando em cima do lago veio abaixo a ponte. Caracachon! Mas, pera aí? Tu podes imaginar o que significa, cara, que a ponte caia? Quando seguro estou de que te lembrás que a gente vinha e dizia, sabes quando? Quando a ponte caia e a gente ficava naquilo de sabes quando? Nunca! Até em ritmo de gaita o povo cantava isso, “praque tu saibas e tenhas presente, Maracaibo tem uma baita ponte”. Eita pega, que destrambelho, cara! Esse ano, sim homem, do quarto centenário da capital, vai e se escambicha a ponte! E deixa eu te dizer que isso não foi tudo, pra baixo veio também a cidade capital, tu me entendes? Os prédios? Vixe cara, como bolachinhas ficaram! Danou-se, matarile! Colapsaram bonitinho, e era cara que tinha rachado o troço aquele, acho que chamam de falha, como que era uma falha, sim, isso era, e aconteceu e rachou-se o Vale de Caracas e as montanhas trincaram e entrou o mar, ou era que a falha vinha do mar? Tá vendo, não sei, mas, sim posso te dizer que quando rachou o teto e as paredes do quarto do hotel na praia, o Macuto, onde uma das filhas de seu César Cuello, irmã de Robertinho, sim, isso, a casada com Rutílio Antunes, da Casa Tabaqueira, já sabes? Ele mesmo, então, presta atenção hein! Por pouco Chela fica no lugar, por andar de férias, e foi. Maracucha não vai de férias à praia. Será o Benedito! Assim foi, pra teu conhecimento, então, na capital? Danou-se homem, era de se pelar de medo, desabrigados aos montes, cobertores, chuva, porque tu sabe, nesses casos sempre chove canivetes e tudo vira um lamaçal e um bololô, foi como um barulho, e o povo ficou pensando que iria acontecer de novo o ruído, foi como um eco, uma espécie de burburinho nas tripas da terra... Assim que já vês, mas foste tu que passou pelo maior perrengue, e tu, eu sei, pisaste o freio! A ponte de repente ficou que nem boca de lobo e teu carro saiu patinando, derrapou de lado e tu olhaste as luzes vermelhas do carro à frente, olhaste até que desapareceram, e o estrondo e aquela tremedeira toda, e o freio? Enfiaste até o fundo, imagina! Pular no vazio e não cair nem mesmo sobre o barco-cisterna como o motorista da frente, frear, derrapar e despencar da borda e ser tragado pelo lago, puta que pariu! E já na queda ver

lá de cima as luzes amarelas, e as lanternas vermelhas dos faróis traseiros? Por um instante nada mais, depois dentro d'água desapareceram, mas tu nadaste e flutuaste e foi um troço foda de verdade, era um grupo de comandos judeus, foi foda, te digo, eles chegaram à noite, a maior parte dos foguetes já tinham sido inutilizados, desmantelados, se podiam ler as indicações em russo, os comentários viriam depois, mas em inglês, risos em ídiche, Abraham lembraria o assunto assim em maracuchês, quem bate primeiro, bate duas vezes, o General do tapa olho, perguntou pelas chaves, lá estão rapaz, na cidade santa? A do muro, as chaves da Porta do Éden, as chaves do harém? Então foi quando voaram os aviões, matarile aos árabes, areias do Sinai, muralhas de Jericó, mas não venhas me dizer tu nada, porque conheço algumas situações... Nesse então, em menos do que pisca um galo, qualquer um aprontava. O pai de Lucy Baines também não pensou muito para ordenar a escalada. Robertinho teve então que voltar, que cagada! Eu te disse. A guerra no seu apogeu, já poderás imaginar, e ele? Recém-casado com Pauline, que rolo! Formosa judia, enfermeira do Bronx, olhos de caramelo, Pauline de Nova Iorque, essa dos arranha-céus, Robert foi chamado a servir, que inventaria? Se pirulitou, feitos de desentendidos foram-se embora, viver na sua terra, fugindo da guerra, voltar para esse chão quente que ele mesmo maldizia porque o considerava habitado por selvagens, isso mesmo! A denominada sua gente. Então, veio e perguntou, e onde estão as chaves? A resposta estava na cara, lindo e belo, será teu pai César Cuello que dará um jeito. Pelo sim, pelo não, eles levavam um menino, que chamaram de Boby Jacob, um assalto! Não são bobos, ao fim e ao cabo Robertinho estudava pura psiquiatria, matarile, ríle, ró, ou melhor, digamos melhor, *rocking my baby*. *Rockinting rock*, ou melhor assim, *row row row your boat, gentle by the stream, merrily, merrily merrily, life is like a dream*.

O regresso foi penoso. A visita à prisão o deixou como suspenso numa espécie de transe e ele ia e vinha sem avançar,

imóvel, debatendo-se, como enjaulado, o rosto pálido, o olhar ainda perdido na aura ambarina que irradiava seu amigo. Algo o perseguia, grades e mais grades e perante ele, frente ao volante, a mole preta dos Morros de San Juan. Parou então seu pequeno chevrolet, como se estivesse vivendo um sonho hipnótico, tocou, quase acariciou as chaves e automaticamente, sem despregar os olhos das imponentes moles de pedra negra, se atreveu a girar um pouco à direita o volante, acelerou suavemente, freou e apagou o motor. O silêncio era rompido pelo ruído crescente e decrescente dos caminhões esbaforidos. O doutor Ferrer começou a achar que o entendia tudo e se sentiu imerso numa espécie de resplendor de luminosa claridade. Sem dúvida alguma, estava-se produzindo uma filtração na mole preta e porosa de suas verdades. Estava percebendo, como um João qualquer, no talude de uma pista damasquinada, uma realidade que tinha permanecido oculta para ele, talvez perante seu próprio nariz. O resplendor ardia dentro de seus olhos e fazia-lhe sentir que algo estava-se desgarrando dentro dele. Era como uma torrente, um jato, uma avalanche, uma sorte de alude irrefreável de pensamentos contraditórios e sensações enervantes. Sentia-se embotado, afogado, engasgado, asfixiado até a vertigem. Ignorava se ia ou se vinha, se continuaria a viagem ou se voltaria a lugar nenhum e no devaneio de não poder decidir um novo rumo para seu velho chevrolet, nem para sua vida, foi surpreendido pela paisagem estática das moles de pedra liquidificando-se dentro dos seus olhos. Aí estava ele, esperando instruções para rumar sua máquina a alguma paragem ignota do seu futuro cinza. A entrevista com o seu amigo lhe produzira o efeito de uma descarga elétrica e se encontrava chamuscado, marcado para sempre, talvez por isso se encontrava na absurda posição de ignorar, sem abandonar ainda a vizinhança da prisão, qual seria o caminho mais adequado a seguir. Detido à margem da via, quase entalado na vida, suspenso no tempo e agitado pelo rugir dos caminhões, crivou-se de perguntas sobre si mesmo, sobre sua família, sua profissão, seus ideais, a política, a pátria, Deus, os fados

maléficos, a fortuna, Yolanda, o dinheiro, seus filhos, a pesquisa, Crisanto, a sorte, a morte, seu pai, o futuro, seu destino... Sentindo-se no umbral de uma descoberta transcendental, Emígdio percebeu minuciosamente como foi-se produzindo um incremento no número dos latidos do seu coração, sentiu o pulso golpeando nas suas têmporas, cheirou na sua respiração um hálito estranho, desconhecido, enquanto não conseguia evitar essa espécie de piscante umidade nos seus olhos fixos nos Morros de San Juan. Tenho sido um coitado e iluso tonto útil. A vida é uma só e eu estou desperdiçando-a numa luta estéril, absurda, ridícula, sem sentido, completamente equivocada e no final da estrada possivelmente me espera um terrível desastre, uma tragédia, um epílogo estúpido, algo pior quiçá ao que viveu meu amigo Lucídio. Vão me arrebentar, não há dúvida, vão me cercear de raiz, amputado! Vão me extirpar, puff! Desaparecerei sem pena nem glória, como Pia! Enterrado em vida, epitáfio? Sim, um que diga... Por trouxa! Chegando a Barquisimeto, já quase tinha decidido. Nas curvas de San Pablo, detrás de um caminhão, acreditou ter consigo a verdade, era como um riacho claro que circulava sob uma grossa capa de areia e lama, tinha-a encharcada dentro de seus olhos. Depois de Carora, alguns ipês começaram a encher sua vista de reflexos dourados. Pau d'arcos floridos! Lembrou então de seu pai, que o levara da mão um dia de sol no Moján, a vez primeira quando conheceu os guajiros se extasiou com os paus d'arcos de ouro. Não vinha a sua mente a paisagem das montanhas nevadas de Denver, nem os pinheiros de Seattle, nem se via dirigindo pelas intermináveis autopistas e estradas da Georgia. Sentia ter vivido antes a estranha sensação desse momento apenas comparável com a volta ao lugar, talvez ao seu quarto com seus livros e sua cama, depois de aprovar o exame de uma matéria muito difícil, espécie de triunfo esgotador, amargo agora? Cansado, dirigindo por aquele caminho interminável, salpicado de pau d'arcos de ouro puro, a estrada Lara-Zúlia era uma faixa luminosa e brilhante, infinita, bordeada por centenas de árvores floridas que pareciam recebê-lo. *Anshi pia?* Seu pai... Guajiros de pés nus e poeirentos, *maruzas*, mulheres

com mantos multicores. Recriou-se então numa das suas ilusões mais queridas, acariciada durante anos. Ele sonhava com enfiar-se pelas estagnadas lagunas e o manguezal de Sinamaica, rastrear pela Península Guajira, fazer toda uma série de pesquisas previamente planejadas, propostas, propostas, tudo o que fosse necessário para desmascarar o vírus maléfico, o agente letal, o fator causal, esse que dorme escondido entre os charcos, circulando no sangue de alguns animais, os reservatórios naturais, desconhecidos, ainda não desvelados, ignorados, ocultos para todos entre os mangues, nos silvados, balançando-se entre os juncos, sob as samambaias, no sangue de algum animal que respira ofegante, estremecido, sacodindo os milhares de mosquitos que o rodeiam, albergando o micróbio das febres, que induz as convulsões, a dor de cabeça, o sono e o letargo, esse ir e vir das pupilas dos curumins, enfiados nas redes, no colo das mães, o vírus transmitido pelos mosquitos, que enlouquecem às bestas, o da febre equina, a peste louca... A ilusão persistia desde seus anos de estudante, poder investigar os reservatórios e examinar o efeito do vírus nas crianças e nas suas mães e nos filhos das mães grávidas. Essa obsessão imaterial estava aí presente, outra vez, voltando a sua mente. Quanto tempo tinha demorado para iniciar esses projetados estudos? Desde que era estudante. Tantas vezes falando com Crisanto Navarro, ir aos Estados Unidos, voltar para Casigua e o vírus seguia lá nas lamacentas lagunas e nos mangues intrincados de Sinamaica, a sua espera? Talvez os índios de Moján e Paraguachón, o esperavam. A ele? Seria possível? As enfermidades virais da sua região, o vírus que causava a morte dos burros, o que os indígenas chamavam a peste louca das bestas. Tantos projetos acariciados pela sua mente, conversados com seu amigo o doutor Navarro, desde tempos afastados quando Crisanto era seu professor. Sua imaginação talvez o traía agora, frente ao rodar incontrolável do seu chevrolet e o brilho alucinante da estrada, semeada de árvores douradas. Por que pensava coisas e mais coisas? As que não tinha feito, as que fez e as que tinha que fazer... Maquinalmente então começou a recitar Júlio César, o monólogo

da obra de Shakespeare, cumprindo com uma rotina automática para acalmar seu espírito. Um exercício praticado desde a secundária, o que ele mesmo chamava de a ociosidade da decoreba. Na sua mente só aparecia um Marco Antônio com cara de Marlon Brando frente à estátua de Pompeu, o tempo todo empapada de sangue e detrás o rosto de Lucídio dizendo-lhe: “Oh discernimento! Haveis fugido com as bestas e os homens perderam a razão...” Voltar para casa? Emiliano, Eduardo, Eugênio, ânimo! Onde estás, onde estás Yolanda? Ver-te de novo, olhar teu rosto, teus olhos que contemplo com delícia, “porque são menina teus olhos verdes como o mar reclama? Becker pareceu ridículo dentro da sua atormentada cabeça, ao fim e ao cabo era bastante séria a situação que estava vivendo. Seu amigo da infância, seu companheiro, estava preso, atrás das grades, preso político, quando sairia? Talvez apodrecesse no cárcere. Lucídio Soto, jovem locutor, de profissão jornalista, ou melhor dizendo, guerrilheiro de ofício. Grandecagada! Mas toda essa efervescência contestadora já parecia se extinguir, pelo menos isso dizia o governo... Políticos! Seria o destino? Porra, o rádio! Girando o botão, o sintonizou, tinha esquecido. Procurou uma música suave, entre porros, guarachas e cúmbias que o forçaram a situar-se temporoespacialmente na sua terra fronteiriça. Então se encontro dirigindo seu calhambeque pela intercomunal, rodeado de guindastes e de torres nos campos petroleiros, percebendo que o vento entrava a jatos pelas laterais. Não amainava o calor, é um fogo da peste! Pensou nisso e pela primeira vez no transcorrer da viagem esboçou um sorriso imaginando a surpresa de Yolanda. Vai pular de alegria, voltar a minha casa, com minha gente, não mais lugares da Mancha, dizer adeus a Casigua...

Sobre a mesa cruzam seus olhares suarentos as crianças. Bochechas rubicundas, faces moreninhas, sorriso, gargalhada e faíscas que se apagam nos olhos. Todos convergem em cima

das pequenas e fumegantes velinhas de azul céu. As luzes se acenderam e todos gritam e berram enquanto se apagam os ecos do happy birthay to Eugênio, happy birthay to you! Aplausos, apitos, chocalhos e uma só ação, amontoar-se todos sobre o bolo. Me dá, me dá. Mães e avós, como galinhas batendo asas e você empunhando a faca de prata, amplo espelho de ansiedade contida. Você, por um lado ordena, ora assinala, dá instruções, indica os passos do ritual, manoteam os pirralhos, uns metem os dedos no pudim, arrancam o fondant do bolo. Me dá uma velhinha, tira a mão daí Eveddy, pra mim, pra mim, mamãe me estão machucando! Ai, cuidado com a gelatina! Ana traz a salada de frutas, me passa os pratinhos. Você se vira e ri, sacode a cabeça. Os guardanapos, Edelmira. Célia, Aurinha e tuas amigas. Ana com muito cuidadinho. Mais alaridos. Me dá tia, eu primeiro. Parece que estão com fome? Não tão grandes os pedaços, assim, vai pôr os pedaços nos guardanapos? Pros pequeninos, sim? Queres pudim? Tu não queres, meu amor? Melhor nos pratinhos Ana, poxa. Luquinhas têm cuidado, aqui anda, bota mais, uhum! Mas pega do glacê, meu filho. O que tu queres? Pudim ou gelatina? Dos dois, tá bom, e tu não queres pudim? Clarinha, serve eles desse lado, não experimentaram o pie? O de limão, filha, uhum! Cuidadinho Ender! Ai, meu Deus! Diz para Petra que traga o esfregão, que desastre! Meu amor, não vão derramar outro copo. Endinho! Tens que prestar atenção! Não tem problema, não, vai, não chores. Você se vira de novo sorrindo. Teu cabelo mexe para o lado do ombro como uma cortina, uma franja de negro cabelo liso na tua testa, você a sopra e ela se levanta caindo ritmicamente. Estás igualzinha ao Príncipe Valente... Te disse essa tarde o próprio Emígdio. Você o enxerga de longe, o olha através do grande vidro da porta que dá para o jardim e você sente que tudo é irreal. Teu marido vestido e de gravata parece um gentleman. Por fim o consegui! Teus sonhos tão desejados. Ele está em casa e você o vê por trás das portas de vidro, ao longe, conversando com tantas amigas, colegas, familiares, os homens de negócios amigos de teu pai, você o olha, enquanto serve os pratos, o bolo, sim, já chegam

os brinquedos, sacolinhas de bugigangas, as crianças soltam-se das mães, outros entregam os pacotes aos empregados, correm para o quintal, vão continuar brincando, saem para o jardim. Você suspira por um instante e pensa que tudo está correndo muito bem e na sorte de poder comemorar o aniversário de Eugênio na casa grande, teus pais encantados, e Emígdio? Finalmente aceitou. Mais de trinta pirralhos rolam, se atiram de cabeça pelos promontórios cobertos de grama japonesa, entre eles, algumas babás os olham de longe, criadas de roupa engomada, negrinhas carregadoras ou guajiras, juvenzinhas quase todas, uniformadas, cabelos escorridos, encarapinhados ou de tranças, vigiando menininhas primorosas ou carregando às crianças pequenas, babás alguns lhes dizem, outros correm atrás das travessas com queijos e empadinhas, alguns as chamam pelos seus nomes, as mães ordenam-lhes um monte de coisas o tempo todo... Tome conta desta menina, Hercília! Olga veja se Cheíto fez cocô... Yhajaira, que nasceu na Guajira, está com os olhos brilhando, rasgadas fendas, com alegria barata, sorriem admirando a *piñata*. Mas, Yhajaira! Ocupa-te do Ennio. Vem nenê, come esta bolachinha. Tá bem, mas me guarda minha sacola de caramelos. Júlia, vai de vez com essa criança para o quarto e troca a fralda, no ar condicionado Xavierzinho dormirá bem tranquilo, por onde anda Chela! Você? Você chupa o dedo coberto de doce e automaticamente - as gringas! - você pensa. Por aqui sempre se impõem as regras da educação. Me dá mais empadinha... Por que teremos sempre que voltar ao Carreño? Lá, as gringas são menos enroladas... Ai, Yolita, esta moça que tenho em casa é a coisa mais burra deste mundo! Você escuta o que falam tuas amigas enquanto continua sorrindo, e, à distância, você observa como conversa entretido teu flamante marido. Imagina menina, se te conto não vais acreditar... Você está contente e tudo vai como tem de ser. Teus pais têm esbanjado à beça e todos os convidados percebem. Você pensa que a festa marcará o fim de muitas discussões e você sente hoje que, por fim, há na tua vida

um amanhã. Emígdio voltou, você divisa sua figura no jardim, olha para ele, sim, é ele e engravatado! Que emoção! E ele, estará te observando? Conversa com a gringa Paulina há um tempo... Também você vê teu pai que caminha pelo pátio, o velho prodigou desta vez, se abriu como guarda-chuva chinês, quantas caixas de whisky? Quantos presentes finos! E os que se repartiram na festa? Entre as mesas, os garçons transitam diligentes, Flor e Edelmira se aproximam de você, já quase todos experimentaram o bolo? Ai, minha filha, me diz, é verdade que se comemorando a volta do teu terno marido? Você sorridente lhes diz que renunciou ao posto rural, você comenta que teu esposo querido viveu uma temporada de loucura, mas a nova etapa que vão começar é um negócio da China. Eu e Emígdio no exercício seremos sócios, chegou a hora de fazer muito dinheiro, mas o melhor de tudo é que seus filhos vão ter com eles um pai carinhoso. Ele viveu tanto tempo longe de nós! Essa é uma mudança verdadeira.

Robertinho Cuello se aproxima por trás da sua esposa e arroteia sua cintura com os braços de atleta, bronzeado e musculoso, o jovem doutor em psiquiatria na Yeshiva University, com cursos em Cornell e Columbia, ele joga o tênis quase diariamente e interrompe a conversa entre Paulina e Emígdio. Faz estremecer sua mulher quando a estreita nos seus braços, levantando sua mão aberta pergunta rindo ao seu colega.

— Então champ, no more pregnant birds! Emígdio sorri e vira em direção à casa procurando a figura de Yolanda atrás dos vidros, mas já não a enxerga e responde.

— Sim, Bob, acabaram os passarinhos, melhor vamos, vem, vamos encher os copos de whisky. Roberto pega do braço sua mulher e os três caminham ao redor da piscina até o lugar onde os garçons, por trás de grandes mesas, estão atarefados servindo bebidas em longos copos de cristal. Roberto vira para olhar a casa e comenta.

— O velho Valbuena tem bom gosto. Do lugar onde estão destaca um grande mosaico de azulejos na parede do pátio central bordado por arcos caídos, sombreados por um telhado em declive com listões de madeira e telhas alaranjadas. Há balões e serpentinas que vão das árvores às paredes, o que, no entanto, não desentoa com o sóbrio aspecto colonial do casarão. Na parte inferior do jardim, mesas redondas com toalhas são ocupadas por quase uma centena de convidados que conversam ao redor das garrafas de refrigerantes, gelo e o corresponde whisky escocês. Emígdio olha tudo aquilo e embora tenha vivido durante um tempo na casa grande, custa-lhe se acostumar com a ideia de que é precisamente o aniversário do seu filho o que se está comemorando. Quanto desperdício! Ensimesmado por um instante, sente por segunda vez nessa tarde a carícia de uns dedos de unhas curtas, que aranham de maneira muito particular seu braço e que ele reconhece através da camisa e do paletó, decidido imediatamente a olhar, vê ela e descobre um brilho risonho nos olhos cor de caramelo de Paulina. Então aparentam ambos uma naturalidade impossível ou uma impassibilidade natural e Emígdio decide dar as costas a Roberto e piscar um olho para a gringa, que com um suave belisco cessa sua atividade de aranha tecedeira e retira sua mão do antebraço. Emígdio pensa que já perdeu a conta dos whiskies que tomou e talvez por isso não sabe se todo o estranho assunto de Paulina e a aranha no braço, todas as coisas que conversaram, perseguem um fim determinado ou é casual e fortuito, que eu saiba, até onde me lembro, o que me consta, na minha larga experiência, é que as gringas não são todas assim, mas, poxa, também não têm os olhos tão bonitos, será que é esta uma gringa aberta, como se fosse porta! Ele pensa e repete, ela é franca, essa é a diferença, quanta verdade é possível nesta festa de arromba e elegante, chique. Oh! Se é minha festa, é a festa do meu filho, é...

— Honey, you look terrific today, your... De novo Emígdio sente essa carícia aracnídea e Robertinho falando frente a ele sem que ele atente às suas palavras nem aos seus longos cílios,

nem as suas mãos que gesticulam, ele está olhando de soslaio a boca de Paulina, seus olhos, caramba! Roberto algumas vezes é francamente amaneirado, pensa isso e decide olhar para outro lado para ver seu sogro que vem tilintando seu scotch on the rocks. Obeso e amistososo, seu Hermenegildo Valbuena, próspero pecuarista de Machiques, chega até o trio e diz levantando seu copo.

— À saúde da juventude médica do país! O que contam as promessas da ciência médica e a jovem senhora de olhos de rapadura?

— O senhor se vê muito bem, seu Valbuena, diz Roberto dando palmadinhas no seu corpulento anfitrião, que vira olhando para seu genro e lhe diz.

— Bom, meu filho, e você que espera? Vai me dar a notícia pessoalmente o vai continuar me levando em banho maria? Roberto franze as sobrancelhas e com gesto de estupor um tanto afetado olha Emígdio e o interroga inquisitivamente.

— Emígdio, cara, o que é que você oculta, diz, qual é teu mistério de hoje?

— Já lhe foram com a fofoca seu Herme, não se pode ocultar nada do senhor, é que ainda não me deram a resposta, mas, é verdade, já renunciei ao Ministério da Saúde e já deve estar sabendo que Yolita ficou muito feliz. Bom, esta festa é algo mais do que um aniversário para ela.

— Que bom, rapaz! Diz seu corpulento sogro.

— Que legal! Suspirou Roberto com afetação e Emígdio interrompe.

— Me convenci seu Herme, devo ser um médico da cidade e desenvolver o que aprendi nos meus anos de pós-graduação, sobretudo, entendi que meus filhos e minha mulher precisam que lhes dedique tempo.

— Filho, dá cá um abraço! E o corpanzil de seu Hermenegildo foi para cima dele, abraçando-o como um urso segurando sua presa no que pretendia ser um gesto paternal.

— Quero que você saiba que pode contar com minha ajuda, o que você quiser, olha, estou disposto a financiar todos os teus planos, quero que trabalhe com tua família e que tenham sucesso, não quero que volte a deixar sozinha minha filha e os meus netos, entende?

— Obrigado! Talvez devia ter tomado essa decisão faz muito tempo, mas o senhor sabe como é a gente, com suas ilusões... Roberto Cuello interrompe de novo.

— É que a gente nunca pode fazer planos e crer que o destino vai realizá-los. Imagine seu Valbuena, eu pensei ficar nos Estados Unidos e aqui estou, se fico me levam pro Vietnã. Como lhes parece? Tive que voltar para meu país. Nem doido que estivesse! Verdade honey?

— Gash Baby you was almost drafted, diz Paulina, com fingida seriedade.

— Sim, quase me recrutam, repete Robertinho, virando os olhos e rodeando de novo com seu braço fornido a cintura de sua mulher, Paulina brinca com a ponta da língua tocando a borda do copo, enquanto olha intensamente Emígdio. Ele emborca até o fundo seu copo de whisky com água e, observando o fundo do copo com um par de gelos, faz o gesto de ir procurar outro, mas seu colega o detém segurando seu braço.

— Espera Emígdio, não vai, façamos algo simpático, vamos dizer para Yolanda irmos amanhã para a fazenda. Venham conosco e voltamos no domingo. O que acha? Emígdio, eu estou tentando me colocar em algo grande, em Mérida, é um negócio e nada menos que nos Andes, queria conversar contigo, conhece o professor Romanoff? ... O doutor Ferrer olha um pouco surpreso seu colega Robertinho, que não solta seu braço,

e está lhe propondo um passeio familiar a sua fazenda? Yolanda se aproxima e ele pensa que fazia meses que não tomava tanto whisky, talvez por isso sente-se estranho? Agora olha o sorriso pícaro de Paulina. Então responde.

— Não Roberto, quem é Romanoff?

— Escuta Emígdio, vou te contar tudo, mas me diz... Não te interessaria morar em Mérida?

Quando Emígdio e Yolanda viajaram até Mérida para visitar o professor Romanoff, não achavam que a sorte pudesse lhes sorrir num prazo tão curto. A elegante, alta e bem vestida figura do enxuto professor, sessentão, de cabelo preto com brilhantina e têmporas prateadas, causo-lhes impressão. Seu olhar penetrante de um preto acerado, a discreta inflexão gutural de sua atilada linguagem, tudo naquele estranho sujeito estava de acordo com seu entorno romântico e misterioso. Romanoff não oferecia nenhuma mácula destoante e tanto Yolanda como Emígdio ficaram cativados até os limites do encantamento. O café servido em porcelana Limonges, o vinho dourado do Rhin transparentando nos cristais entalhados de Boemia, perceber o doce buquê do Lieberfraumilk, “leite da mulher amada”, servido com tanta elegância, naquele salão da chaminé alfombrado por uma pelúcida textura sobre o piso de parquet como um espelho, e o janelão verdeando ciprestes ondulantes ante o intenso azul magenta das montanhas de um nublado cambiante, foi uma encenação arrepiante e definitivamente de efeito, ou pelo menos positiva, imprevista, impactante! Emígdio sentiu na mansão Romanoff, situada estrategicamente no caminho de Mérida para Vale Grande, que sua hora tinha chegado. Sentiu-se o indivíduo escolhido, no lugar preciso, com calculada calma, na hora assinalada, e se achou pronto para assinar a venda da sua alma se isso fosse necessário, com tal de ser incorporado à maravilha que estava conhecendo. Tal era o clima bucólico de paz, pesquisa e de progresso, aquele summun

de Ciência que estavam presenciando, mas, em primeiro lugar, era a sensação de bem-estar natural e a promessa de futuros triunfos, profissionalmente uma regalia. Assim era tudo aquilo que do carisma do professor se depreendia, além da simpatia e a serenidade da sua esposa, Frau Helga! Tudo isso e mais entusiasmará, durante aqueles dois dias, o jovem casal. Os médicos visitantes ficaram assombrados ante as inovadoras e insuspeitas realidades existentes no campo das Neurociências. Num entorno de cultura centro europeia amoldada à paisagem, a oportunidade era impagável. Para eles, tantas e tão variadas emoções foram verdadeiras revelações e Emígdio se sentiu como um selvagem vindo de outra latitude, de outra cidade, de uma região de gentes diferentes, seres correntes, banais, tão diferentes destes habitantes de uma cidade andina, senhorial, colonial, formosa e aprazível, entre montanhas, uma cidadezinha que parecia ter sido criada unicamente para dar lugar a uma universidade e para que todos seus habitantes se dedicassem ao estudo e ao fazer científico. Como isso era tão diferente ao tráfego da sua vida no exterior, ou às pugnas na sua universidade, lá na sua terra natal, ou ao selvagem mundo rural do interior onde ele tinha vivido exercendo a sua profissão até o momento. Como se fosse pouco aquilo tudo, as insuperáveis condições de trabalho oferecidas pelo adusto professor, desde a entrevista inicial, foram ratificadas na sua mansão e corroboradas no aeroporto através de Roberto Cuello, já membro do “clã Romanoff”. A somatória de todas essas novidades os colocaram num transe que, sem lugar a dúvidas, poderia decidir o futuro de suas vidas. Já Emígdio tinha entendido os argumentos de seu colega, o jovem e dinâmico neuropsiquiatra, seu querido amigo Robertinho Cuello, O que estava à vista era positivo e irrefutável! O empreendimento científico do professor e as vantagens das suas conexões internacionais, assim como o apoio do Estado a seu Instituto, o futuro prestígio e os dividendos que pelo seu trabalho poderiam receber seus colaboradores, tudo aquilo, transformava uma simples posição laboral ou oferta de emprego num suculento filão. Já no ar, deixando para atrás o

vale do Chama, antes de penetrar numa massa de nuvens cinzas, Yolanda e Emígdio selaram com um beijo a decisão de mudar o curso das suas vidas.

Onde estão as chaves? No fundo do mar, quem vai buscar? Eu sei lá, eu não sei. Estão com Romanoff? Terás tu que emigrar, ou te enganas? Irás para as montanhas, evades-te? Tu corres, tu foges, tu buscas o teu amanhã, escapas do passado? Nestes dias, Regis Debray foi processado, oferecem-te uma opção. Agora se sabe, te informam de rapazes e soldados, eles faziam-se sacrificar, oh, que desgraça! Tão equivocados, pela revolução, agora todos ferventemente defendem o sistema, viva a democracia! Lucídio Soto continua em cana, mantido em prisão, ele segue encarcerado. Dias de paz e amor transcorrem, cantam os Beatles e os Rolling Stones, na África do Sul o doutor Barnard transplantou um coração. A luta armada tem menos adeptos, com efeito, tudo é duro e ubíquo, na Nicarágua vivem em estado de sítio e Tacho Somoza nas urnas foi eleito, nas urnas do povo? Em Buenos Aires os sindicatos estão sendo dissolvidos. Em Caracas, o popular partido, novamente está dividido. Os adecos tampouco encontram as chaves, estão perdidas. No fundo do mar? Quem vai buscar? O país parece em ebulição, matarile, rileró, sobem e descem no biscoito, é o alvorecer de sessenta e oito, o ano eleitoral, quem sabe se poderemos, nas urnas votar?

O ring ring do telefone o acordou de um horrível pesadelo. Dulce Maria imóvel ao seu lado viu ele se levantar resmungando. Depois de afastar a rede que atravessava o quarto de um lado ao outro, ele desapareceu no retângulo preto da porta. Dulce se incorporou. Ainda tocava o telefone quando ela ligou o abajur da mesinha e olhando o relógio murmurou, as três e vinte e cinco. Tentou então escutar atentamente, mas não entendeu o que dizia Crisanto no fundo do corredor. Seguramente é pelo barulho do ar condicionado no quarto de Tatiana, pensou ela

e decidiu levantar para dar uma olhada no Pedro e no Nicolás que dormiam no quarto em frente e era certo que já tinham se desabrigado. Chegando à porta, viu Crisanto que voltava do telefone com uma aureola de susto que envolvia sua figura. Olhando suas pupilas, ainda dilatadas pela penumbra, sua mulher o deteve e sem lhe pedir nenhuma explicação carinhosamente passou o braço pelas suas costas. Ele disse com mal dissimulada angústia que a ligação era do Centro de Pesquisas. Deixa eu ligar a luz, ela lhe sussurrou. Há um incêndio, ele disse e Dulce Maria com mais medo do que surpresa lhe perguntou: Incendiaram o Centro? Tenho que sair, tenho que ver o que acontece, murmurou ele. Dulce Maria sentiu como as lágrimas inundavam seus olhos. Ele a olhou preocupado e tentou tranquilizá-la, dizendo-lhe muito baixo. Isso estava previsto, meu amor, não fica assim, não fica nervosa, nada vai me acontecer, não acordes os meninos, assim que possa te aviso, eu te ligo. Tinha ajustado as calças em cima do pijama de listras azuis e enquanto calçava os mocassins sem pôr as meias, a duras penas conseguia abotoar uma guayabera cinza. Com só quarenta anos, seu cabelo era preto e estava despenteado, talvez por isso, e pelo seu escasso bigodinho ralo, Crisanto nessa hora da madrugada não tinha a imagem do carismático pesquisador das doenças tropicais, idealizado por alguns jovens estudiosos da Faculdade de Medicina, mais do que pela sua aparência ou prestígio como cientista, pelo verbo incendiado da sua língua, considerada como o azote feroz das autoridades universitárias coniventes. Com a palidez da raiva misturada ao temor do que poderia encontrar, o professor Crisanto se sentia fazendo nesse instante o papel de tonto, acelerado, mas torpe e indeciso e isso lhe fazia sentir um temor furioso. Despediu-se da sua mulher com um breve beijo na bochecha e fazendo soar as chaves de seu Volkswagen penetrou na escuridão da casa em direção à porta da garagem.

Fogo e água, esse era o pesadelo, que coisa! Fogo e água. Não tinha nem seis anos, mas ele lembrava de tudo perfeitamente, adorava a chuva, aguaceiros, tormentas, pancadas e ocasionalmente ventos

de furação, nos tempos quando ele se extasiava olhando descer os fios de água do zinco acanalado, criando uma cortina de prata na frente da sua casa. Os fios giravam escoando e salpicavam ele enquanto, estático, sentado no chão de cimento polido, cheirando a umidade matutina, distraía-se sentindo o vento frio dos temporais. Ainda lembrava o eco dos trovões nas noites de chuva, intermináveis, e de manhã ele via nascer os rios, os regatos na lama, os riachos, os afluentes, as correntezas de lama, os lagos e mais além um mar que se insinuava costeando as raízes do tamarindo imenso...

“Quando eu reclamei perante às próprias autoridades desta minha Faculdade, quando chamei a atenção para esse fato que é uma vergonha, quando disse, senhores, aqui então a lei não se cumpre, me disseram: neste país a lei só se fez para os trouxas. Sim, meus senhores, com essas palavras, as próprias autoridades no recinto do Conselho da Faculdade, com apoio de alguns Conselheiros, o mesmíssimo Diretor me espetou de frente. “E é que por acaso o senhor não sabe que a lei é o que menos importa neste país?”

As manhãs dos dias chuvosos eram especiais porque então se podia brincar com os barquinhos de papel. Antes de que escampara, já a rapaziada estava construindo a frota com seu Rubem, que com toda seriedade transmitia as instruções e ensinava com exemplos manuais os segredos do seu engenho naval. Quando já só pingava, então todos estavam prontos para procurar os rios mais caudalosos, fabricar um velame especial com as folhas mais ternas do ancião e retorcido uvero, chegar até o mar do imenso e alagado solar, tão só com uma vela de veias que circunscreviam membranas vermelho amareladas. Flutuava aquela folha impelida pela morna brisa, deslizava, singrando entre os riachinhos, e mais além, já no solar, ia deixando atrás as desiguais cercas laterais de variados cactos.

Distante aquele quintal sem fundo, terminava alfombrado de limo e se transformava num grande açude. ... Tem que te calar Crisanto, não tem mais jeito, espera teu momento... Mas, como esperar?

Não pode continuar essa situação desses concursos amanhados, não pode ser que esperem que eu lhes diga que aqui, na nossa Alma Mater, se nomeiam os professores a dedo, não, porque não é verdade, isso seria demasiado grotesco, mas aqui todos sabem que os concursos refletem nas suas bases os desejos e as apetências pessoais dos chefes de turno e que eles se cozinham nos cenáculos politíqueiros, muitas vezes fora da universidade, bancas complacentes, sem que pese a moral nem a capacidade científica ou docente do aspirante.

Na escuridão da madrugada, frente ao volante do seu fusca, Crisanto pensou de novo no pesadelo sem poder lembrá-lo bem. Agora ia de encontro ao fogo e pensava nos dias da água. Imagina a chuva, retinindo no telhado sobre sua rede de criança, escutando os sapos coaxar no açude... Que gostoso ir deitar embalado por eles, sem sonhar com espantos, nem bruxas, nem centopeias, escutando o som musical dos sapos e da chuva, um concerto da melhor sinfônica. Os sapos do açude sempre o faziam sonhar, então voava pelo ar e conversava com eles, que o levavam até o fundo, sob essa toalha de limo, de onde podia olhar algumas crianças flutuando em cima das suas gamelas e descia suavemente até tocar com os pés a lama gredosa, vislumbrando como brilhava a água, bruxuleando lá em cima, até se sentir atolado no fundo, outra vez ancorado na argila para se encontrar pouco depois na beira e sentar-se então a brincar, fazer a fileira comprida de bolinhas de lama muito redondas, para usá-las no bodoque. Depois, deitado no chão de cimento frio, perante o céu sem nuvens, admirar a renda verdosa dos algarobos exibindo gotas em cada uma das suas folhas partidas, sem que pudessem

elas mesmas saber o que iam fazer, se decidiam ficar ali, e secar, talvez para morrer, ou se iam evaporar antes de chorar até o chão...

“E logicamente, quando os rapazes me arroteavam e perguntavam com insistência, é então a política que há conspurcado a Universidade? Talvez deveríamos voltar a um sistema de maior ordem, de mais respeito? Não! Lembro que disse, de maneira nenhuma! A universidade não deve dar as costas à política, as inquietações políticas dos jovens são importantes, são necessárias, porém, escutem bem, uma coisa é a política, entendida como o estudo e desenvolvimento das ciências e a arte de governar os povos e outra coisa é a politicagem, essa vulgar politicagem que se está enraizado cada vez mais na nossa Alma Mater, a que permite que o que deveria ser a essência do governo e da Autonomia dentro da Universidade, as eleições, venham-se transformando em estéreis torneios de negociatas, em desavergonhados arranjos, de compra e venda de posições, os votos como troca para conseguir os cargos de maior hierarquia para aqueles que têm que ser condutores e diretivos, para quem? Para os ineptos, os mais dóceis cordeiros que saibam dar curso aos compromissos contraídos pelos seus dirigentes”

O resplendor crescia com tonalidades malva e fúcsia, mais de perto destacavam as luzes vermelhas de algumas viaturas. As chamas se levantavam com fulgores alaranjados, linguetas vermelhas e redemoinhos de fumaça preta que ascendiam entre estalos, crepitações e pequenas explosões. Os vidros! Ele pensou nos animais dos seus experimentos. Outra explosão! Os bombeiros acabavam de chegar e preparavam as mangueiras. Chegou um caminhão cisterna. Selênia e Estélia se aproximaram dele, as duas estavam chorando. Rolando Castellon dava ordens, talvez poderiam se recuperar alguns microscópios pela parte traseira, mas como chegar até ali? Mais explosões! Os olhos claros de Maria Pilar eram um mar de lágrimas. Juan Carlos

indignado se aproximou até chegar na frente do seu atribulado chefe e contendo a raiva lhe disse. Crisanto, isso não pode ficar assim... Juro! Ele o olho abatido e tão só mussitou. Não jures em vão, rapaz...

Então foi quando ele pensou em Dulce Maria e nos seus três filhos, repassou em segundos sua infância em Palmarejo, olhando as luzes de Maracaibo, reviveu seus estudos de medicina na Central e os anos de médico rural na Cañada, lembrou a adaptação da sua mulher, a doce menina bem, ao dispensário no mato, à vida rústica. Ela, sua doce esposa, Dulce María Velarde, a menina dos seus olhos. Outra explosão e línguas de fogo o estremeceram. Casaram contra a vontade de seus pais, é que ele sempre tinha sido tão pobre, tão só riqueza de espírito e sua Universidad! Desde que pode se aproximar para viver na cidade das luzes, a mesma que durante anos divisou desde seu povoado, ele se entregou à Universidad, instrutor, professor assistente, viajaram ao Brasil, voltaram depois que renascera a democracia no país, professor agregado, antes dos trinta anos Crisanto já era um parasitólogo de fama internacional com publicações sérias, e contava com um tesouro, um seletto grupo de jovens médicos que o apoiaram para criar o Centro. Há um problema lhe disseram: vocês têm que se definir. A fumaça preta muda com o vento, é sufocante... Há que estar antenado com a política porque senão camarão que dorme a onda leva! Foi nesse então que Crisanto, que não aceitava misturar a maionese com a magnésia, começou a falar.

Os profissionais universitários se formam para manter o estado de dependência que nossa sociedade exige, por isso não estimulamos a investigação nem a criatividade, nem o juízo, formamos massa para os poderosos que são cultural e tecnologicamente dependentes... ”

Depois veio o incêndio...

O trabalho do seu novo laboratório entre as montanhas estava associado intensamente ao exercício clínico e se transformou para Emígdio numa atividade obsessiva e apaixonante. Inicialmente, dedicou incontáveis horas de inúmeros dias a aperfeiçoar a metodologia para examinar a presença dos neurotransmissores no líquido cefalorraquidiano e particularmente dentro de suas células. Tão só seis meses depois de instalado em Mérida, já Emígdio sentia que o afã e a devoção postos no seu trabalho tinham dado seus frutos. Conseguir com sucesso seus objetivos o converteu num dos mais efetivos colaboradores do professor Romanoff. Graças ao seu empenho e à capacidade para descobrir novas vias nas pesquisas do grupo, logo foi escutado e considerado de uma maneira muito especial por todos seus colegas. A habilidade crematística do professor desde o começo mesmo de seus trabalhos, redundava em fabulosos ingressos por conceitos dos estudos especializados do líquido intracerebral e suas incríveis aplicações diagnósticas. Tinha se encontrado o sentido utilitário à determinação de neurotransmissores em muitas afecções que iam da enxaqueca à esquizofrenia, passando pelas enfermidades inflamatórias e infecciosas que ainda fascinavam o doutor Ferrer. Emígdio sentia-se admirado ao comparar sua atividade de pesquisa no laboratório com o exame clínico de numerosos pacientes com problemas neuropsiquiátricos e emocionado começava a encontrar pistas, significados e correlações entre a clínica dos doentes e seus estudos microscópicos e bioquímicos. Meses inteiros passou imerso no problema da panencefalite esclerosante subaguda, terrível mal que levava à deterioração e à loucura às crianças e onde o culpado era um vírus mutante do sarampo. Com a tranquilidade produzida pela segurança de seus avultados honorários, passou longas temporadas de aprazível estudo e dedicação ao seu trabalho de laboratório, na confiança de formar parte de uma espécie de família científica, aquela por todos chamada de “clã Romanoff”. Além disso,

sentimentalmente estava envolvido num idílio com a esposa do seu melhor amigo e isso dava a toda sua nova vida um toque romântico muito interessante. Também partilhava a paz do lar com seus filhos, eles estavam num bom colégio e sua mulher tinha se dedicado devotamente a seu trabalho no Ministério da Saúde. Seus amigos eram incondicionais, conviviam num clima de harmonia e tranquilidade, demasiado pristino e inobjektável, cheio de amor, sem pressões econômica, entre montanhas neblinosas, rodeados por jardins com imensas flores, tudo era propício para estimular seu sucesso e o progresso das investigações sobre a neuroquímica cerebral. As coincidências entre os valores bioquímicos e as mudanças celulares, com os sentimentos e emoções seus e com as desordens mentais de seus pacientes pareciam ser parte de uma harmoniosa melodia. Por outro lado, as conexões internacionais do professor Romanoff lhe auguravam futuras viagens a congressos científicos pelo mundo todo e a permanente relação com as casas de saúde e com inúmeras famílias abastadas proviam-lhe de idosos senis e crianças transtornadas ou mentalmente retardadas, assim como jovens com problemas de conduta e outros doentes que constituíam um capital de potência e fonte permanente de ingressos para a organização. Yolanda no seu novo cargo progrediu também inusitadamente. Embora dentro da área da saúde pública, suas ações na luta para conseguir melhorar a atenção obstétrica e perinatal no estado pareciam ir avançando numa direção efetiva. Mais do que um golpe de sorte, Yolanda sempre pensou que, de alguma maneira, Romanoff se encarregava de lhes abrir o caminho, pois não podia ser casual ter conseguido tão boa posição no Ministério, ter um bom salário na universidade numa categoria denominada de docente-assistencial sem que interviesse a política. Algo mais do que sorte parecia existir nisso de ter uma posição mais sólida da que tinha na sua cidade natal e para Yolanda se estava abrindo um futuro promissor cheio de oportunidades para fazer cursos na capital e ser promovida no Ministério, além das conexões internacionais que eram constantemente facilitadas

pelos colegas do clã Romanoff. As horas dos dias na nova vida de Emigdio e Yolanda eram alinhavadas por muitos amigos. Alguns muito próximos e íntimos, entre eles ninguém como Robertinho e Paulina, na realidade eram quase uma só família, viviam muito compenetrados... Todos giravam numa espécie de elipse de espiraladas volutas ascendentes que circundavam o professor Romanoff e os unia e entrelaçava dentro e fora das suas atividades, no lar ou no trabalho. Entre essa gente do entorno íntimo, estava Gilberto Falcon, uma personagem carismática de grande importância na Oficina de Saúde Pública do estado onde Yolanda desenvolvia sua atividade diária. Ao redor de Gilberto, o social e o profissional criavam um vórtice centrípeto que puxava Yolanda com força. Gilberto estava aureolado pelos atributos do bon vivant. Sanitarista, matemático, culto, conhecedor do mundo até o extremo de chamar Romanoff apenas pelo nome, delicado gourmet, incorrigível play boy com fama de ter conquistado às mais inacessíveis damas da alta sociedade, mitômano requintado, capaz de irradiar todas as bondades que fossem necessárias para melhorar sua posição através de interessados galanteios, avançadas precisas ou borrascosos amores secretos com matronas esposas de diplomáticos, de políticos, de influentes colegas, qualquer honorável senhora ou formosa filha, sobretudo se também eram esposas de seus amigos ou de seus colegas que nunca sabiam de nada, ou pareciam não tomar conhecimento. Gilberto não escondeu nunca sua irreverência e possivelmente aí residia parte do seu encanto entre o denominado sexo frágil. Ele era todo um gentleman, pelo qual sempre suas atividades donjuanescas eram cumpridas dentro de um marco de impoluta discrição, até se transformar numa cotidiana banalidade, momento de passar a página e trocar de affair. Sua posição na Direção de Saúde Pública era sólida e de grande prestígio, ele era um homem de carreira no Ministério e vinha ascendendo vertiginosamente com o provável objetivo de um elevado cargo na capital ou talvez em comissão de serviços fora do país. Isso parecia mais atraente. A amizade entre Gilberto Falcon

e Roberto Cuello desde estudantes de pós-graduação e como colegas em ações comuns era estreita e existia algo vinculante que os fusionava. Conheceram-se melhor nos Estados Unidos e embora um pouco mais velho, Gilberto mantinha com Roberto e Paulina uma relação estreitamente íntima. Ele os atraía até Mérida e os apresentara ao professor Romanoff. Ele também agora gravitava sobre a vida de Yolanda e de Emígdio e parecia destinado a cobrir todos com sua galanteria.

Não vamos brincar a nos perguntar onde estão as chaves, pelo contrário, melhor tentemos pensar naqueles dias, esses do passado próximo, enquanto todos as procuram, ainda que ninguém as encontre... Aquele abril não tão distante, em Praga, quando acreditávamos, numa efervescência espumosa, que por fim nas nossas mãos tínhamos o poder, ilusão vaga, pensávamos aferrados às asas das nossas jarras, nas chaves? Sim, após oito meses de ilusão, vivendo feliz a primavera, ambarina cerveja, espumante, difícil situação, e mais assumi-la como um fato real. Mas, acontece que existiu, foi verdadeiro aquilo, aconteceu há já certo tempo, sim, once upon a time, e o vivemos lá longe. Saímos de Antonín, o jogamos fora, produzia-nos um prazer inenarrável dizê-lo, entendê-lo desse jeito. Dubcek foi o sucessor e desfrutamos horas felizes, dias e semanas maravilhosas, na praça Wenceslau, eu e você, consegue lembrar? Comemoramos sua fuga, foi-se Novtrý Antonín e nós bebemos jarras de cerveja espumosa na velha taberna. Gosto de repensar naqueles dias excelsos e inapagáveis! O momento quando Ivo pediu vinho branco e se abriram garrafas e garrafas, e recitamos em coro o calembur de Antonín, fragmento lúdico, como não lembrar! Quase ontem, perdeu o copo no camin, pobre copo, pobre vin, se fodeu Novtrý Antonín e com o riso, tuas gargalhadas cantarinas, ver teus dentes retos, sentir gorjeante teu calor, envolto no tom do teu sotaque, fitar-me no espelho de teu olhar, teu hálito embriagador e nos abraçar amada minha, eu e você, e eram os amigos, sentados todos entre os reflexos caleidoscópicos e

multicores do imenso vitral de losangos amarelos e vermelhos entre barras de chumbo. Um raio azul filtrando-se entre a fumaça dos cigarros, ali na taberna da praça e com a maior cara de pau rimos do mundo e da guerra e de Sartre e até da distante América. Lá nós, observadores, debruçados na história universal, ali sentados os defensores de um socialismo inexistente, de um comunismo ortodoxo, de um neocomunismo emergente, e dá-lhe Lenin e Carlos Marx, e a engolir Engels e assimilar Hegel, a escutar in situ variadas opiniões sobre Nietzsche, nessas alturas! Logicamente bebendo jarras de cerveja, e Sigmund Freud? Pilsen a temperatura de Kant, tudo num ambiente cambiante, o do velho Herman Hesse! E te ver sorrir, olhar-me nas tuas pupilas refletindo os telhados do palácio Czerny e suas janelas brilhando com o sol, tangencial, opaco, amarelo, em um entardecer de suaves tons ocres e violáceos, desvanecendo lá longe o terraço, a balaustrada, querubins de pedra e mais para o poente, mais ainda, as cúpulas com reflexos verdosos, uma fileira de pinos, talvez salgueiros? Mas ao me virar, como um naufrago, afogar-me no mar dos teus olhos. Embriagar-me submerso no azul malváceo de tua mirada rutilante, mergulhar atento na tua palestra entusiasmada, aquele teu falatório constante, desbocado. Ao longe o bosque cinza florindo verdes ternos, reluzia a filigrana de seus galhos, uma renda com reflexos dourados, fulgurando nos teus olhos e eu padecendo extasiado para sempre jamais, aquele entardecer em Praga, com um palácio Woldjhe arrebetando em flores e vislumbrar dali o curso do Ultava, admirá-lo faiscante, vê-lo brilhar de trecho em trecho criando espelhos em cada telhado das casas. Primavera de Praga, prenhe de resplandecências, o curso refulgente do rio entre as pontes no entardecer dourado, e eu e você, caminhando abraçados. Descemos a pé e nesse instante, lembro bem como pude notá-la, a percebi suave e dissimuladamente, vi a mirada das horrendas gárgulas. Já na ponte de Carlos, estavam acessos os postes de luz e de mãos dadas, caminhamos muito juntos, escutam os em êxtase o velado sorriso dos anjos pétreos, soldados de granito, guerreiros medievais, mouros de pedra

com grandes cimitarras e os cristãos com sua cota de malha e o mandoble, ah! Como nos observaram os freis misteriosos de silente pedra! Você me perguntou então por Segismundo, lembro que te falei de algumas coisas sobre Wenceslau e outros varões nobres, do patriarca Roberto, você trouxe à baila o jovem Kafka, falar de Franz e de seus tormentos, por acaso você esqueceu? À beira do Moldava, levitamos sobre os telhados de Praga, e aos nossos pés ficou a cidade embruxada, e a noite nos envolvendo num sabá goyesco nos viu voar, transportaram-nos centos de gárgulas, possivelmente lucífugos demônios, seguramente algumas feiticeiras, saímos disparados pelo ar, até a França! E num instante estávamos sobrevoando o Sena, sob uma Paris de céu encapotado, nuvens opacas nos envolveram, e descemos até o lugar, subitamente nos encontramos entre os prisioneiros, cavalheiros Templários, ali escutamos de suas próprias bocas a história daquela canalhada, repórteres no túnel do tempo? Não podia entender nada, logo, pouco depois, olfateamos suas carnes ardendo nas fogueiras, lá tão longe, na ilha de França, já sem remédio, eles esturricados na cidade luz, e nós? Por todos os séculos numa busca infrutuosa, localizando as chaves! Encobertos entre os espectros, envoltos sempre pela noite, nós quase escurecendo, estávamos presentes lá na Checoslováquia. A sorte de viver aquela circunstância, sem dúvida uma quimera, ou acaso uma ilusão vaga, talvez a morte? Primavera de Praga! Depois chegou o maio francês, o poder do gigante De Gaulle cambaleava, dessa vez num trem com todos os amigos fomos a Paris, andava eu com teu olhar, nada de gárgulas nem *maestres* do *Temple*, apenas tua mirada e com ela percorremos Pigalle, Montmatre e Montparnasse, de mãos dadas, inesquecíveis dias, o boulevard Sebastopol, o Sena, tantas pontes, detrás de Notre Dame, cada café, vetustos livros, músicos nas ruas. Com Ivo e Luísa Chávez partilhamos uma estreita mansarda no Bairro Latino. A greve é um pivô e sentimos todo o apoio dos intelectuais, escutamos Jan Roche na Sorbona, comício estudantil no Odeon, as barricadas, a repressão, os pelegos, de repente os operários se dispersaram, nos disseram, porra! Os

comunistas não arredam, a *police* perseguindo estudantes, um fato elíptico, orbital, reciclável, como a pólvora se regou pelo mundo, estendeu-se até o Japão, em Berkeley, na Polônia, a polícia usou os cachorros contra os estudantes, aplastados pelas botas foram ficando os milhares de manifestantes. No dia vinte de agosto, os tanques russos penetraram em Praga. Já estávamos tão longe. Nós, ilusos viajeiros visitantes, escapamos pelos ares a França, depois espectadores hispano-americanos, que bem se vê a história assim! Emoção de rapazes. Foram decepados em flor. Em 2 de outubro, como fechando o ciclo de um périplo de viajeiros curiosos acometidos de uma estranha loucura, latino-americanos, hispano-falantes, felizes e com escassas responsabilidades, alguns diz que militantes, assistimos ao colofão da jornada. Esperando as Olimpíadas Mundiais, fibra coragem e músculo juvenil, alvoroçaram-se outra vez os estudantes, *escuincles* que nada mais estavam pedindo liberdades, milhares de *cuates* protestaram numa praça cheia de história sobre sacrifícios de astecas e de *chupines* e de cruces e espadas, ali estavam, emboscados, arteiramente, como ver uma reposição do último dia da história de Emiliano Zapata, de luvas brancas os guardas mexicanos massacraram-na praça das Três Culturas centenas de manifestantes. Éramos todos companheiros, todos nos sentimos estudantes, fomos tão solidários! De longe, que fácil! Esse foi nosso apoio, quão distante! Tlatelolco! Horrível corolário! Pesadelo e vigília a daquele esforço temerário que culminou na morte. Para nunca esquecer. A partir de então nada seria já igual. Ano sessenta e oito. Emígdio, onde você está? Lucídio preso, Crisanto cinzento, arrependido em Praga? Emígdio? Onde você está?

Mérida, 16 de dezembro de 1968

Lic. Lucídio Soto

Penitenciária de San Juan de Los Morros

San Juan, Estado Guárico.

Estimado Lucídio: Te envio uma nota muito breve com um cumprimento pelo Natal. Desde há já quase um ano e meio nos mudamos para esta linda cidade e são tantas as nossas obrigações que não temos tido nem mesmo tempo de voltar para Maracaibo. Fomos no dezembro do ano passado, e acho que este ano ficaremos por aqui. Sinto muito não ter podido volta a ver-te pessoalmente, mas, já sabes que te lembramos com afeto e desejamos que tua situação se possa resolver para que logo fiques em liberdade. Recebe meu cumprimento e o da Yolanda e os melhores desejos para o ano que vem. Teu amigo de sempre, Emígdio Ferrer.

Lucídio vinha se recuperando paulatinamente de suas feridas da alma enquanto exercitava seu corpo para voltar a ser um homem com excelentes condições físicas. Assim, foi endurecendo simultaneamente músculos e espírito e cobrindo-se de uma áspera couraça protetora e isolante. Tinha passado muitos meses convalescendo e incomunicável. O tempo lhe bastou e sobrou para pensar. Assumindo uma dor surda e inventando uma filosofia mais realista e cética, com os meses amadureceu. O silêncio do seu amigo Emígdio foi quebrado por uma breve nota no Natal e Lucídio pensou no poema de Edgar Allan. Nunca mais, disse para si. Estava progressivamente sentindo-se quase totalmente impermeabilizado ante tantas curiosas reações de seus conhecidos, mas não deixava de se sentir temeroso de algumas filtrações que ainda o atavam ao passado de sua pueril infância e juventude. Agora tudo tinha mudado. Algum futuro teria que estar reservado para ele! Por todas essas coisas desfrutou ao máximo a visita do doutor Crisanto Navarro. O médico reservou dois dias inteiros para estar com ele

e contar-lhe da mais simples notícia da política local até os mais transcendentais acontecimentos que sacodiram o mundo no ano sessenta e oito, durante uma interminável jornada de meses na qual o perigoso guerrilheiro, o famoso Comandante Soto, tinha passado parte de sua vida incomunicável. Lucídio nunca tinha imaginado que o apreço do professor Crisanto por ele fosse tão grande e desinteressado e nesse momento preferiu acreditar que era o jogo do destino para compensar a silente indiferença de seu velho amigo Emígdio Ferrer. Talvez o doutor Navarro sente uma simpatia política, pensou, ainda que ele bem sabia que Crisanto nunca tinha militado em nenhum partido. Seu único afã tinha sido sempre a universidade, e era de se ver como lhe estavam pagando! Crisanto lhe relatou a tragédia do incêndio, contou sobre um Congresso de Parasitologia na Checoslováquia e as coisas que tinha presenciado durante vários meses na Europa. Depois de muito conversar, irremediavelmente falaram de Emígdio e Yolanda e coincidiram na sorte de ambos, já que estavam numa nova vida de êxitos profissionais longe da sua cidade. Crisanto tampouco voltara a vê-los desde fazia já mais de um ano. Lucídio aproveitou a conversa com o médico pesquisador para tomar notas, lembrando com o exercício da taquigrafia seus inícios na universidade. Era uma necessidade desesperada para ele escrever e ler de tudo, como se quisesse se ressarcir do tempo perdido no seu confinamento. Quando Crisanto foi embora, Lucídio repassou cem vezes suas notas... "Forças do Pacto de Varsóvia, abril, Memphis, Luther King assassinado, conspiração? Los Angeles, jordanos assassinam Robert Kennedy, conspiração? Marilyn Monroe suicídio, vítima? Ilha de Scorpios, mar Egeu, Jackeline e Aristóteles. Dubcek em Praga, os tanques russos, o Vermelho, a Sorbona, De Gaulle, a força do exército... ". Tinha passado um ano longe do mundo e Domitila só o tinha visto quatro vezes. Como tem sofrido a velha! Está achacosa. Quando voltarei a viver com ela? Quando poderei sair deste encerro? Voltarei algum dia a Maracaibo?

A noite do dez de fevereiro de 1969, Roberto e Paulina chegaram à Mansão do Vale Grande, na companhia de Yolanda e Emígdio. Reuniram-se essa tarde no chalé dos Ferrer e depois de vários whiskies pegaram o caminho cheio de curvas que os tirava de Mérida para deixá-los penetrar no mundo maravilhoso de Helga e Sergei Romanoff. Ao descer do flamante skylark conversível de Roberto, já quase anoitecia e as montanhas destacavam purpurinas contra o céu límpido de azul anil. Caminharam juntos e conversando animadamente transpuseram, o jardim até a porta de madeira entalhada, aberta pessoalmente por Frau Helga. O professor ainda não tinha chegado em casa, mas não demoraria, isso ela disse, e eles acompanharam à senhora até o espaçoso salão principal onde ardia o fogo na grande lareira. Ali estavam Ricardo e Marta Gorziglia na companhia de Gilberto Falcon. O casal de jovens psiquiatras levantou-se para cumprimentar os amigos. Gilberto beijo galantemente a mão de Yolanda e de Paulina, elas riram comentando a impecável aparência do chefe de Yolanda, um gentleman de grande distinção e elegância, metido num blazer azul e de gravata vermelha com calças de flanela cinza e sapatos de pele de crocodilo. Gilberto parecia um manequim de vitrine com um toque platinado nas têmporas...

Caudalosas torrentes de água e lama caíam em cima de mim. Senti como meu corpo se retorcia sem poder agarrar-me de nada e girava com a força das águas. Acordei então e notei que suave copiosamente. Pensei em ir até a rede, mas não o fiz, fiquei imóvel, com os olhos fechados, tentando voltar do pesadelo, sem conseguir penetrar no arcano recinto dos meus sonhos. Abri os olhos e então foi quando entendi tudo. Era devido a Ranchipur. Sim, nessa mesma noite tinha assistido o velho filme na televisão, em preto e branco, dos anos trinta ou quarente, não sei, e como em Ranchipur, sonhei com chuvas torrenciais e depois o fogo. A água fazendo estalar as chamas e depois a fumaça e as cinzas e eu, estava novamente desvelado. Me dera outra vez por ponderar sobre as provas, eram óbvias para mim,

categóricas, mas certamente insuficientes para qualquer banca que se constituísse, vendida ou não, a favor ou em contra. Devo sair do país para que se acalmem os ânimos. Com o tempo esquecerão meu protesto público. Um desastre ante todos, o incêndio do Centro, uma perda milionária para a universidade e uma dor na alma para todos nós. A queima do Centro foi uma impudicícia e é uma vergonha pública, assim é também a pilhagem da nossa casa de estudos, à vista do mundo inteiro, e eu assinalei os culpados, sem que ninguém ficasse preocupado, porque é o usual. O manejo do orçamento, sem nenhum controle, sem ordem e ao deus dará. A troca de rubricas orçamentárias e o roubo descarado da rubrica 207. Como poder aceitar que o Diretor da Escola de Medicina tranquilamente informe ao Conselho da Faculdade que a situação tinha se resolvido sem contratempos, pois ele convencera o professor responsável a devolver o dinheiro. Que difícil é sobreviver dignamente na nossa universidade! Descaradamente, e ele aí como se nada, com sua cara de pau, nem mesmo um expediente, nada! Todos calam. Mas não é impossível e vamos mudar isso aqueles que queremos de verdade a universidade. Mais difícil é arrumar o país, e ainda fica gente com esperanças, e com culhões! Então deixei de pensar besteiras e me incorporei no leito. Dulce Maria dormia profundamente, via-se a lua, e parei para lembrar das andanças do ano passado, especialmente as vividas na fronteira da Checoslováquia. O Congresso de Parasitologia acabara e depois, em outubro, Tlatelolco! Que resumo tive que fazer para Lucídio no cárcere de San Juan. Tomara seu caso se resolva antes do mês de maio e que bom seria se o liberassem logo. Para esse momento deveremos já estar a família toda em Washington. Como rejeitar a oferta que me fizeram meus amigos da OMS? É uma saída e acredito que nos convém a todos, as crianças aproveitarão o inglês. Espero que quem controla a universidade, sobretudo quem utilizam os funcionários para seus fins perversos se cansem ou vão embora também, quem sabe?

O professor Romanoff chegou a sua mansão em companhia de Domingo Gorziglia e de sua elegante esposa Isabel. Entraram justo a tempo para brindar o primeiro aperitivo da noite com alguns de seus mais diletos colaboradores e suas abnegadas esposas, os doutores Ferrer, Cuello e Gorziglia. Os pais de Ricardo, ele também psiquiatra, potenciavam a simpatia do professor com esse encanto tão do Sul, pitoresco, algo que brotava do tom da voz, esse acento evocador de pampas e de tangos, nostalgia de sentir tua risada louca e de um passado milongueiro enredado em histórias de comícios e de líderes operários, peronistas e contos de nacionalistas bascos e de tupamaros, misturados com relatos sobre façanhas vividas na guerra civil espanhola. As histórias do velho Gorziglia, sobre como tinham sido atirados ao Sul desde a Espanha e de como das zonas austrais tinham migrado ao trópico, eram de filme de suspense. Agora o tropical estava dissimulado entre montanhas com picos nevados. Talvez rememoração de Mendoza, onde conheceu sua mulher, lá nascera Ricardinho... Sem ter um relato definido sobre suas origens podia-se inferir que existiam múltiplas facetas na vida de seu Domingo Gorziglia, algumas conectadas à guerra mundial, uma fuga dos esquadrões fascistas? Ou ele por acaso foi um espião? Um agente secreto? Estava no serviço diplomático? Ou se ocultou durante alguns anos num país? O sul da Bolívia? Tinha amizades e conexões com grupos germanófilos, isso era bem evidente, ele sempre conversava sobre uns ingleses e alemães, muito distantes, lá nos gélidos pampas, na Patagônia, cuidando rebanhos de ovelhas, pastando, cevando um mate. Que bom conversador, e era muito interessante escutá-lo falar das suas relações com algumas famílias que viviam nas ribeiras do grande Paraná ou nas selvas do Chaco? Assim, que contraste pensar na pacata vida de Mendoza ou esses anos nunca tinham existido? Como saber? Se bem os pais de Ricardo eram uma caixa de Pandora, ele e Marta, sua jovem esposa, eram um livro de Mantilla aberto de par em par. Ricar parecia daqui, chegara muito criança ao país, cresceu em San Tomé, estudou em Caracas, conheceu Marta como colega de estudos médicos

e os dois eram conversadores incorrigíveis, apaixonaram-se pela psiquiatria e a pesar da onda condutista que sacodia à Faculdade, decidiram adorar o velho Sigmund Freud, por isso assim que se formaram, casaram e foram a Cuernavaca para ser os mais ferventes discípulos do velho professor Erich Fromm. Voltando do México, o professor Romanoff os contratou por um ano, admirado pela coerência e solidez das suas ideias. Ambos tinham certeza de poder demonstrar em cada caso como os transtornos da mente residiam no fundo da consciência dos indivíduos e como são esses os que provocam as modificações moleculares nos terminais dos neurônios cerebrais. O divã do velho Sigmund e um trabalho de qualidade com cada paciente eram uma boa razão para receber o polpudo estipêndio da clínica psiquiátrica, sem contar o prestígio de pertencer ao seletto grupo de cientistas do professor Romanoff. Com o apoio dos demais pesquisadores, ensaiavam métodos para comparar os resultados dos estudos psicanalíticos sob o efeito de certas drogas psicotrópicas e o efeito farmacológico destas, com as determinações bioquímicas de amins e neuropeptídeos no sangue e no líquido cefalorraquidiano dos doentes.

Golpe de Estado, onde estão as chaves? Ai meu filho, Omar Torrijos tomou o governo do Panamá, era por acaso um inferno? Nanana nanai. As chaves ou o cadeado? Golpe militar, golpe de Estado. Quem vai procurar? Estado civil, casado, capado? De sítio, não, não, solteiro, o que é esse vespeiro? De onde é, pô? É qual? O do canal, não tem eclusa possível, é um golpe de estado, de embriaguez? Estado lamentável, Estados Unidos? Não, não, é Panamá, bem, é isso canalzone. Matarile rle ron, rum? Com limão e coca cola, o meu com soda, praquenote? Oh, you mean Cuba livre? Don't mention the rope, shame on you. Proibido cantar! And the flag was still there, você verá, latin people, militares, não diga nada, nem devia mencioná-los, perderam as perspectivas, em ocasiões, frequentemente, certamente, dementes? Na Argentina fecharam a Universidade

de Córdoba, cashaateché, não diga *pavadas*, e que aconteceu com os cordoooooobeesses, e que *querés* que te diga? As *shaves*? Não *sabés* que na metade do ano o homem *shegou* na lua? Verdade? Meteu a patinha, o pé? Deixou a pegada inapagável, sapato de marca, muita gente não queria acreditar, os céticos, estípticos? Não vem, pô! Diziam que se os russos que se os gringos andavam numa de teatro, outros que se os marcianos eram pequeninos e verdes que tinham chegado já faz muito, bailando chá chá chá. Enfim, aquele era um ano apoteótico, o ano do número famoso, matarile, rile, ró. E que tal, pra que vos *acredités*, sim ou não, e olha aqui, não é o cantado do cone sul, é maracucho como o da mãe. Presta atenção, os militares argentinos, e vai de novo, cara, isso em vos já é uma ideia fixa, o que estará acontecendo com esse cristão? Mas te repito, eles entrevistaram a CTG, e daí? Grande coisa, hem! Aqui temos a CTV, a CVP, a RCTV, aquela outra que nem te vê e até a ETC, a JPC, a JRC, a JCV quase todos os JOTAS são juventudes, percebes, tu sabes, já te vais? Os herdeiros das glórias dos próceres da nação mãe do pai da pátria, o Libertador, bem, eles vieram em apoio ao governo social cristão legalmente constituído e conquistado pelo povo em libérrimos comícios, perderam a paciência, subiram a serra, pô! E que aconteceu? Entrevistaram a UCV. Matarile, rile lé! Não, não, URD? Porra, cara, a JRC? O jota pe ce, isso é! Fodidos, mas contentes! Isso sim, okey, isso sim é o próprio e o adequado, mano, ou seja, legal, né. O que mais queres?

A fumaça cinzenta e densa era tão impenetrável como o próprio som pela estridência da música brilhando em decibéis incríveis. Todos eles flutuavam entre a bruma da boate. Com um certo sabor de iodo adúlterino no whisky, com um estalar afogado em soda se olhavam entre eles à luz do relampejar intermitente que ia desmanchando as formas dos corpos ondulando, contorcendo-se e oscilando na pista central. Já se transformara numa rotina social ir passar bem, desfrutar bem, como dizia Paulina, depois de concluir a parte formal das reuniões semanais na mansão dos

Romanoff. O lugar era bem bacana, estava fora da cidade e na via de Vale Grande. De modo que chegavam até ali facilmente, quase sempre alegres, uns mais ou menos excitados, meio altos para dizê-lo de vez. Numa de noite romântica ou noutra de estar imersos em temas científico-econômicos, sempre na companhia de bons amigos ou com aqueles estranhos visitantes que prestigiavam as reuniões do professor Romanoff. Professores iugoslavos, gringos com cara de cientistas loucos, jovens prodígios da psiquiatria, da matemática, da cibernética ou da psicanálise, vindos de distantes universidades com inovadoras ideias. Yolanda e Emígdio, frequentemente, viam-se na circunstância de estar acompanhados por uma réstia de personagens de grande prestígio, especialmente convidados. Sem que faltassem nunca entre eles Paulina e Roberto Cuello. Em ocasiões, chegaram a sair com Helga e o mesmíssimo professor em pessoa, embora isso não fosse o usual. Todos os amigos eram habitués daquela curiosa boate, aquele lugar especial, com seu piano bar e todo o decorado que pretendia um ar surrealista, um labirinto cheio de cubículos vermiformes, tubulares, como cavernas, que faziam de cada oportunidade um novo desafio para descobrir na boate recantos onde passar um momento, desfrutando bem. Todos aqueles tentáculos e passadiços sempre conduziam ao eixo da pista central, espécie de grande platô de múltiplas facetas de onde emergiam fagulhas de cores, identificando por baixo e por instantes os visitantes. Saias muito curtas, pernas longas, torneadas, cabelos em rabo de cavalo ou soltos que iam e vinham no compasso go-go, iê- iê- iê. Na noite da primeira semana após a canseira da mudança foi ali mesmo onde Yolanda e Emígdio chegaram com Roberto e Paulina. Ainda estavam se adaptando ao apartamento do terceiro andar do novo edifício Ambassador, no que chamavam de a outra banda, e escaparam para conhecer a nova boate, a melhor da cidade. Agora moravam numa casa de dois andares que arremedava um chalé suíço, rodeado de pinos e salgueiros com uma linda vista para a serra nevada. Na escuridão daquela primeira visita, Paulina deu a Emígdio provas contundentes das

suas intenções, já confirmadas vivencialmente em Maracaibo. Hábeis mãos acariciantes, escuras evidências táteis com avanços cautelosos e retiradas desejanter. Pouco tempo depois tudo foi uma só realidade desfrutada no calor de lareiras com madeira reverberando faíscas e almofadas de penas pelo chão, jantas com vinho de Borgonha, um Chablis dourado com a truta menier e sempre muito champanhe, dentro de uma banheira, espumante e borbulhante. No começo dessas relações, a consciência de Emígdio ressentiu-se um pouco e adoeceu da alma e fisicamente. O afetava uma espécie de mal-estar muito grande, súbitas dores de cabeça, extra-sístoles cardíacas e obstrução na garganta, até que por fim terminou entendendo tudo, uma noite, quando se afogava com opressão precordial. Ele, que sabia não ser cardiopata, simplesmente estava somatizando o grave conflito de ter de assumir de vez que estava friamente enganando Yolanda, pela primeira e única vez na prolongada e acidentada vida de ambos e para colmo de forma sistemática e calculadamente planejada, muito no compasso da época, isso sim, mas, no entanto, muito longe da sua maneira de ser. Curiosamente quase nunca pensou em Roberto como o marido agraviado, nem como seu amigo traído, talvez porque pouco tempo depois de conviver com o casal, ficou evidente para Emígdio que o interesse de Roberto por Paulina era uma anteparas social. E mesmo quando Emígdio não terminava de captar a essência de algum motivo oculto, tampouco interessavam muito a ele as excêntricas do doutor Roberto Cuello, quem, mesmo com seus amaneiramentos e súbitos arranques, que levavam a crer que algo parecia faltar a sua hombridade, continuava sendo seu melhor amigo. O que sem dúvida era um fato, e ele o percebia at libitum, era a necessidade de carinho, de estímulos, chamegos, romance ou sexo puro o que padecia a gringa Paulina, e Emígdio estava numa cruzada de ajuda a sua próxima norte-americana. Não era só amor ou compreensão o que parecia lhe solicitar ela, eram provas definitivamente mais tangíveis do que um romantismo lírico, era algo que a envolvia numa urgência física, em ocasiões

desesperada, algo que habitava nela, ou que parecia possuí-la de um modo endemoninhado e que levava Emígdio a dar a ela completamente tudo o que podia de sua energia viril. Seus encontros se transformavam numa profusão de calistenia amatória antes nunca ensaiada por ele, pouco dado a outras coisas que não fossem sua paixão pelo estudo e sua obsessão pela pesquisa. Agora de boa vontade se entregava gozoso, para deleite de si mesmo, no meio daquele clímax liquefaciente de amor e de desejo desatado pela gringa dos olhos cor de caramelo. Emígdio terminava dia após dia sentindo como o céu e a terra estavam ao alcance da sua mão. Yolanda estava muito ocupada nas suas obrigações, que lhe exigiam dedicação e constância, tentando impor sua autoridade entre os numerosos funcionários da Saúde sob sua responsabilidade. Seu interesse por melhorar as estruturas da saúde pública do estado, fazia com que ela não parecesse se precatar do marasmático status cupidicus eroticus que embargava seu marido. O apaixonamento de Emígdio o levava alguns dias a um romântico renascimento de vivências de corte quase puberal e como adolescente cantava, assoviava, recitava poemas lacrimogêneos. Trabalhava, isso sim, nos seus projetos e aparentava levar uma vida de asceta, mas era um vulcão concupiscente internamente. Yolanda via-o ir e vir do trabalho ao lar e isso a mantinha tranquila, as coisas tinham se simplificado tanto que, pelo contrário, Emígdio, o fanático do trabalho, agora até desfrutava de momentos livres, parecia um senhor da sua casa, repousado e pacífico, e era ela que tinha que viajar a reuniões fora do estado, chegar tarde em casa e se ocupar rapidamente de instruir os empregados para que a casa marchara bem. A arrumadeira, a cozinheira e a mulher do jardineiro estavam rigidamente adestradas para levar as rédeas do lindo chalé, ajustando-se às normas estabelecidas por ela. Com a colaboração do jardineiro-motorista, todos naquele chalé com vista ao Pico Bolívar pareciam cumprir seu dever e conviver em paz e harmonia. Claro que também existiam Emiliano, Eduardo e Eugênio, mas, eles eram somente “as crianças” e saíam cedo para o colégio São José onde estavam semi-internos e onde seus

país esperavam que a educação ministrada pelos sacerdotes jesuítas temperasse o caráter do trio de meninos. A importância de uma boa educação religiosa para seus filhos tinha sido discutida e decidida por Emígdio e Yolanda antes de mudar de situação, na época em que viviam em Maracaibo. Agora quase não havia tempo para se ocupar dessas coisas terrenais. Yolanda trabalhava freneticamente até a noite. Em ocasiões, Paulina e Emígdio se viam desde cedo, de manhã, num pequeno hotel oculto fora da cidade. Depois de partilhar horas de amor e de promessas inacessíveis, ele voltava à clínica ou ia diretamente à sua casa. Às quatro da tarde, parecia ter vivido um dia agitado de problemas, mas ele descansava em casa. Nestas ou noutras oportunidades, quando trabalhava na clínica, seu expediente poderia ter terminado num almoço com algum professor convidado e ser rematado com cointreau ou sambuca, ou se andava com seu amigo Roberto, era quase seguro que voltassem ao whisky até o anoitecer. Da maneira que fossem suas andanças, Emígdio sentia-se bem em casa. Tomava um banho, dormia um pouco, brincava com os cachorros, atendia seus filhos quando voltavam da escola, os ajudava com os deveres e até ficava pendente do banho e jantava com eles se Yolanda não tivesse voltado. Depois de mais de dois anos dessa vida, Emígdio tinha atingido um plateau na sua curva, já quase não tinha conflitos com seu subconsciente e confiava em que ele não falava dormindo. Por essa época foi quando se deteve uma manhã frente ao espelho e contemplou sua figura. Olhou com preocupação sua barriga que denotava uns quilos de excesso, produto da boa vida, aproximou-se, olhou seu rosto com sinais de pés de galinha e pensou então que mesmo que não se notara era preciso conscientizar o fato de que sua resistência ao álcool se estava enfraquecendo. Viu suas olheiras, sacou a língua e se disse, saburrosa e geográfica... Não lembro das coisas depois de uns poucos drinques, isso sim se está transformando num problema, poderia ser uma evidência de certo deterioro? É preocupante e pode derivar num problema sério... Assim pensou, e para se dar ânimos disse para si que, pelo contrário, seu

apetite sexual, reativado pelos constantes estímulos de sua insaciável gringa, não diminuía e estava nesses dias considerando abrir uma terceira frente, devido ao assédio que sofria de uma linda jovenzinha recepcionista da clínica, que depois de ter passado um dia com ele, fechados num hotelzinho, e conhecer algumas das suas habilidades erótico-amatórias, queria com afã mais acrobacias sexuais. Ela era muito jovem para padecer de um transtorno ninfomaniaco, mas tinha seus planos e lhe exigia cada vez mais condições e rendição de provas de amor que começavam a se transformar para ele de entretenimento laboral num verdadeiro inconveniente. De modo que a clínica psiquiátrica resultava para Emígdio, quase todos os dias, um romance por entregas, onde nunca se sabia quais seriam os encontros mais perigosos, nem em que lugar se iriam produzir os escarcéus mais emocionantes. As coisas estavam nesse pé, quando o próprio professor Romanoff lhe fez uma séria advertência sobre sua conduta irregular e uma sutil sugestão de que seu trabalho no grupo já tinha dado o rendimento que todos esperavam. Com sua mirada penetrante, Sergei Romanoff lhe comunicou no seu escritório como seria conveniente para todos o retorno de Emígdio à sua cidade natal. O senhor está se frustrando entre nós como pesquisador, o senhor tem entre sua gente um grande futuro, pense bem, lhe disse. Entenda que eu lhe informo dessas coisas pelo seu próprio benefício. Emígdio ficou petrificado. Já tinham quase três anos em sua nova vida e tudo parecia marchar sobre rodas, iam tão bem! Demasiado bem, talvez! E tinham já muito dinheiro, talvez as coisas eram demasiado bonitas para ser reais? ...

A propósito das chaves, rapaz, tu soubeste que no Brasil promulgaram a pena de morte? Já vens tu me dizer que vais ficar numa de choro e tragédia. De morte lenta! De sorte? De morte, rapaz, de morte. O esquadrão? Não rapaz, morte aos subversivos. Acho que esses são alguns poetas de porão, versificadores underground, ou algo do gênero, não é, né? Se não são poetas,

suponho que seguramente estarão sofrendo coação por certos e determinados procedimentos revulsivos, esbirros e essas coisas, não é mesmo? Na Irlanda do Norte a luta religiosa ficou violenta, com dinamite... Com explosivos? Rapaz já o único massivo é a comunicação, ou massivas são as coisas que acontecem na China ou na Índia, onde sim há gente pracaramba. Avizinham-se tempos difíceis para alguns países. A massa não está prapizza, eu não te dizia rapaz? Mas que nome lhe daremos? A propósito rapaz, saiu ontem no jornal que no Vietnã morreu Ho Chi Min. Aporrinhção! Como anda a coisa do Viet Cong? Entre nós rapaz, aqui praquetuvejas, metemos um golaço vivemos um movimento lindo, lhe dizem, a renovação. Reinação! Sim ou não rapaz? A porra renovadora foi a das universidades, mas no país a onda é outra, como lhe dizem? A pacificação. Caceteação! Do mato regressaram cabisbaixos os últimos rapazes. Adeus às armas. Muitos ficaram para atrás, mas estão sendo reabilitados. Que história tão cheia de desgraças rapaz! Triunfou a democracia, somos uma nação do caralho, dá cá essa mão mano, somos irmãos! É que voltam, cheios de frustração. Não exageres. Praporrinhção! Bem, muitos carregam uma baita depressão, ou seja, é que alguns, os menos, acho, fizeram por convicção, não será mais bem que todos estão doentes de decepção? Liberados, meninos transviados... Senhor, por eles façamos uma oração. Pendurou sua bandeira, à sombra? Agora o próprio país é que está no negócio, repartimos petróleo e curtimos o ócio. É que somos o terceiro produtor, e o primeiro exportador do mundo! Corre o ano setenta e sobem os preços do ouro negro, milhões começam a chegar à nação. No Chile, Allende ascende ao poder pelo voto popular e na Jordânia, a guerra ao povo palestino começa a exterminar. No nosso solo a paz é tal que, mesmo que sejam os marxistas filhos do próprio Averno, romper com a dialética decide o mesmíssimo governo e renovam as relações com a União de Repúblicas, com o Soviét Socialista? Com a própria União Soviética! Cessou já o matarile, quase é final de jogo... Rua sem saída, dead end, back out or back alley? Kaput. Não se encontraram as chaves, ninguém foi procurar, o nome

que lhe daremos sem dúvida será estrangeiro, seguramente gringo, vai, me diz se te parece bem Rudolph ou talvez Tom, ou se é melhor Willy, Henry, Jimmy ou Harold John ou quiçá Bobby? Estamos percebendo que estavam abrindo as chaves, e vai vir um jato! Imensa catarata de dinheiro que afogará à nação, vai servir para mudar enfim a face do país, que todos fiquem com algo, aumentará o trabalho, mas, que ilusão! Prestemos atenção. Por vis a tergo, podemos ingressar na grande roda da corrupção. Habitantes do incomparável país de jauja, estamos no introito, a porta do Paraíso, Golden gate, altare Dei, do que as futuras gerações conhecerão popularmente, forever seculorum, como “A Grande Venezuela”.

Roberto tinha chegado essa noite praticamente nos braços de Paulina e de Emígdio. Yolanda os seguia algo incomodada. Não quero dançar hoje, tinha lhes dito obviando a verdadeira razão de seu desgosto ao perceber que todos estavam bastante embriagados. Detrás de Yolanda, Gilberto Falcon se esforçava por animá-la. Na realidade, desde esse entardecer, Gilberto tentava dirigir a trupe, ele não era mais um simples colega, parecia ser a cabeça pensante do grupo. Dele foi a ideia de visitar a boate e era ele que os conduzia da entrada psicodélica até o ambiente azul do piano bar. Ele pessoalmente os foi situando ao redor do corpulento pianista achocolatado quem sem perder seu sorriso imaculado acariciava os presentes com sua voz e olhar. Roberto se acomodou no seu lugar prestando atenção às inflexões da voz do moreno e o olhava envolto em música, enquanto colateralmente dizia frases insulsas a Gilberto. Sua voz não era ainda pastosa, mas era óbvio que seus pensamentos estavam uma enrolação. Gilberto fingia atender sua chatice, pensando que logo não importaria virar-lhe as costas e se dedicar por completo ao assédio de sua mais cobiçada presa de caça. Yolanda parecia não perceber os olhares insistentes e as insinuações de seu chefe o doutor Gilberto Falcon. Ela, mais sóbria do que os outros, olhava distraída para seu marido

que se entretinha, desde o mesmo momento que chegaram, dançando com Paulina. Quando entraram, a gringa pareceu se apoderar de Emígdio sem intenção de devolução. Tocavam um bolero, o casal parecia fundido num só abraço. Yolanda os olhou displicentemente. Coelhoos no cio, pensou Gilberto e se perguntou: que ideias buliriam na mente da imponente fêmea que ele desejava? Ela não se importa! É altiva, parece uma deusa de pedra que enfrenta qualquer inclemência sem se imutar. Aproximou-se para lhe perguntar. Dançamos Yolanda? Não, obrigada Gilberto, já te disse, estou cansada. Ela respondendo levantou um braço e fez um sinal e da penumbra emergiram Ricardo e Marta Gorziglia, que estavam chegando na boate. Começaram os jovens colegas a conversar e fazer piadas sobre a atitude atônita de Roberto, embevecido pela música ante o pianista. Os dois jovens psiquiatras vinham da sua casa e, por isso, achavam seus amigos bastante descontrolados. Paulina arrastava Emígdio para o extremo mais afastado da pista. Gilberto tentava participar da conversação até que alcançou a perna de Yolanda. Deixou aí seu joelho, pressionando-o. Yolanda percebeu uma sensação estranha, para ela algo anormal acontecia, incomodava-se com o roce do seu chefe, e pensou que aquilo não era acidental, pelo que mudou de posição tentando mais proximidade com a pequena Marta. Logo captou, uma atrás da outra, as tórridas miradas, enternecidas, do seu superior hierárquico no Ministério da Saúde. Essas são as coisas da bebida, pensou e disse para si, que chato! Voltou a sentir a pressão do fino sapato de jacaré de Gilberto e preferiu não se mexer, deixando-se acariciar na escuridão pelo pé que logo já tinha perdido seu sapato. Yolanda decidiu pensar que tudo aquilo era uma consequência do álcool e da troca do vinho dos Romanoff no plus café e agora ao whisky adulterado, seguramente era isso, sim... Yolanda continuou falando com os Gorziglia e Gilberto foi-se sentar ao lado de Robertinho. Um momento depois, Gilberto deixou Roberto de lado e sentou com Yolanda, passando o braço ao redor das costas. Impõe-se um ponto de ordem. Isso disse Yolanda e se dirigindo a Ricar e a

Marta lhes assinalou a hora. Se isto continua assim, vou embora com vocês, disse-lhes. Eles aceitaram o fato da madrugada iminente e ante o sumiço evidente de Paulina e Emígdio, decidiram se despedir. Gilberto expressou com tranquilidade que tudo estava controlado. Eu a levarei a sua casa, além do mais, já todos vamos embora, disse-lhes. Adeus, adeus. Com voz melíflua, uns segundos depois, começou a lembrar para Yolanda como era importante sua posição no Ministério, o papel do seu cargo, a relevância da sua gestão para a realização das políticas de saúde traçadas há muitos anos atrás no estado, falando sobre o trabalho, pouco a pouco tinha segurado suas mãos e lhe falava de quanto a admirava. Foi destacando, um a um, seus múltiplos atributos. Disse-lhe que fora ele, através de Roberto, que os trouxera para Mérida. Pegou seu queixo com uma mão, Yolanda olhou para os lados, nesse instante eles pareciam estar isolados do mundo. Ele cantava ronronando “dois seres que se amam, assim éramos tu e eu, pela sangrenta ferida...” Paulina e Emígdio tinham desaparecido definitivamente, só ficavam dois casais na pista. Resplendores violáceos destacavam o rosto de Roberto frente ao piano, com seu queixo sobre o balcão e um sorriso estúpido. Yolanda percebeu uma leve sensação de enjoo, a música e as palavras de Gilberto no seu ouvido a deixavam arrepiada, sentiu as suas mãos e o afastou suavemente, Gilberto insistiu falando ininterruptamente, depois ela lhe permitiu avançar mais e, escutando-o no seu ouvido, subitamente deixou que beijara seu pescoço. Um momento depois percebeu que sua língua se movia dentro de uma boca que não era a de Emígdio. Fechou os olhos e sentiu que abandonava o mundo. Notou que o pianista já não estava aí e que as mãos de Gilberto na escuridão eram muito hábeis, sorriu e sentiu curvar-se de desejo, de repente seu coração desbocou num galope tendido, provocando um estranho calor no rosto e no torso, achou reviver sua experiência de menina escolar afogueada frente à façanha exibicionista de seu primo Miguel Davi. Sentiu que se asfixiava e levantou-se rapidamente. Alisou sua saia sem olhar para o surpreso Gilberto e foi em direção à escuridão em busca do banheiro de damas.

Na densidade minotáurica da boate, tropeçou com Emígdio e Paulina que pareciam voltar, quem sabe de onde, à área do piano. Yolanda pegou seu marido por um braço, com força, e lhe disse. Espero que agora sim a gente vai embora, ou não? Emígdio. Paulina com ar inocente, perguntou. Where is Robby for Crists'sake? Aproximaram-se todos ao balcão que rodeava o pianista. Roberto agarrado no seu copo ainda olhava o moreno como abobado e silabando dizia “um sonho cosi non ritorna mai piu, io me pintava la mano e la fachia di blue”. Yolanda se aproximou dele pelas costas e disse no seu ouvido. Vamos embora agorinha mesmo Robertinho” Olha que Paulina está sozinha, e anda te procurando! Na saída, no corredor que deixava filtrar rajadas de ar frio e escuro da madrugada meridenha, subiam os degraus de pedra quando Yolanda sentiu que Gilberto a pegava em braços, percebeu no colo seu hálito ardente e suas palavras entrecortadas. “Te amo Yolita, te amo, te desejo, desde há muito tempo, não é um capricho, quero que sejas somente minha, não vou deixar de te amar nunca, não vou te perder jamais, seremos um para o outro, você vai ver”.

San Juan de Los Morros 16 de março de 1970

Doutor Crisanto Navarro

OMS-Department of Health

Washington DC, USA

Prezado Dr. Navarro: Escrevo para seu endereço nos Estados Unidos para lhe dizer que recebi seu cartão faz uns dias. Com esta, envio-lhe um cumprimento afetuoso desde minha cidade-prisão, onde estou aprendendo a viver de novo. Alegro-me informar-lhe que sou o locutor de moda em San Juan e que me pagam muito bem em Rádio Central. Devo lhe dizer que me encontro tão bem que até me apaixonei por uma juvenzinha destas bandas que se chama Griselda Naranjo, e não parece o pequenina que é para o coração que tem. Algum dia terá que conhecê-la e saberá então quanto tem me ajudado a recuperar a confiança no mundo e em mim mesmo. Estou

fazendo os trâmites legais para me incorporar à vida dos cidadãos normais. O que acha? Não sabe quanta alegria me deu saber que suas gestões com a OMS e a Organização da Saúde Pan-americana deram seus frutos e que logo Maracaibo contará com um Instituto de Doenças Tropicais, com todo o apoio do exterior que o senhor conquistou. O senhor deve se sentir feliz de ver seu sonho realizado, além de que o senhor merece, já que foram anos de luta contra tantas adversidades. Já soube que as autoridades da Faculdade de Medicina trocaram, e estou muito contente pois o senhor voltará triunfante para construir e organizar seu Instituto de pesquisas. Quero lhe dizer que minha situação também melhorou. Estou muito bem como locutor e embora tenha a cidade por prisão, já estou praticamente fora do penal, vivo livre numa pequena casinha frente à Rádio Central. Minha namorada, Griselda, como lhe contei, é de San Casimiro e confiamos em casar em Maracaibo, para felicidade da minha velha Domitila, antes de que passe este ano. Espero o arquivamento da minha causa com grande ilusão. Uso a maior parte do meu tempo escrevendo, gostaria de publicar algum dia minhas vivências dos últimos anos. Gostaria também de lhe dar uma primícia que vai lhe surpreender. Aceitei o pedido de uns amigos e me postularam na chapa para a Assembleia Legislativa do Zúlia para as eleições do ano que vem. Eu que tinha jurado não voltar a incursionar na política, encontro-me nisso e aceitei porque não posso me desdobrar e renunciar a ser um comunicador social que expressa com liberdade o que pensa. Sinto que levo no sangue isso de ser um lutador social ainda que me parta um raio, penso que meu povo me necessita. Espero que em dezembro nos vejamos em Maracaibo. Se tudo correr bem, nuns meses devo estar totalmente livre. Mando lembranças para sua senhora esposa e seus filhos. Seu atento e seguro servidor e amigo.

Lucídio Soto.

Não sei se poderei organizar toda essa náusea que me encambulha e enturva minha mente. Estou derrubado, enlameado e receio que não poderei me levantar. É que não o quero fazer. Largado aqui, estou mais perto da lama e não tenho perdão. Afundei eu mesmo e já não há solução possível. Ah, é cruel e desapiedada

esta terrível sensação de desesperança! Acabou-se tudo! Aceito a pena máxima, rindo-me, declaro-me de antemão culpado. Mondino, no ano de 1306, na Itália, abriu sua mulher como uma melancia, de cabo a rabo, e assim cindida se permitiu examinar com meticulosidade suas entranhas para encontrar dentro delas um mundo misterioso e desconhecido. Abri-la de um só talho e tentar entendê-la? Esquartejá-la talvez? O que fazer com Yolanda? Quando abri os olhos há umas poucas horas, já clareava o dia e me dei por conta que estava no quarto de um hotel desconhecido. Paulina dormia placidamente de bruços e tinha roupa jogada por todo lado. Não existia possibilidade de recapitular a noite anterior. Desde muito cedo, o filme tinha apagado da minha mente. Pensei e pensei, repensei e zero! Não lembrava de nada. Caralho, disse-me, os vampiros me sugaram o tutano! Isso pensei admirando as nádegas turgentes de Paulina. Estavam descobertas e os lençóis jogados pelo piso. Numa tentativa de reacomodo mental e sem me incorporar ainda, tentei espremer meu cérebro e não sei por qual motivo, mas o que vinha à minha mente era minha casa de menino. Só via o rosto do meu pai, que me olhava com ar severo, que me enchia de terror. Abri desmesuradamente os olhos, temeroso, quase assustado, sacodindo a cabeça. Compreendendo que não sabia como tínhamos chegado ali, uma onda de lembranças me encheu de angústia e achei sentir uma certa vergonha. Logo percebi que sentia náuseas e pensei nesse instante que já começava a ter nojo de mim mesmo. O enjoo me atacou de novo e me senti disforme, um canalha, sorte de mister Hyde, eu um doutor Jekyll de dia, era uma espécie de monstro vil ao amanhecer. Era uma ressaca moral e física como poucas, e dei a pensar que ao fim e ao cabo era outro momento mais, um qualquer, que importância teria? Outro amanhecer mais na minha vida de êxitos profissionais, e de prazeres? Mas, algo diferente tinha acontecido, e eu me sentia agoniado. Não quis acordar Paulina. Escapei. Estava num motel e daí saí fugindo. Pouco depois, no carro, imaginei-me fugindo de mim mesmo. Logo encontrei o caminho de regresso a minha casa e tal a resplandecência de um filme que passa do

sépia ao preto e branco, algo estranho! Fizeram-se presentes quadro a quadro algumas das cenas da noite anterior. Quase simultaneamente me veio uma golfada de vômito e com a boca cheia tive que me deter e abrir a porta. Cuspindo, comecei a reviver o episódio do banheiro. Estava encostado na porta do meu carro, quase sentado, sentindo a contração das ânsias e babando e via a porcelana celeste daquele banheiro e escutava suas vozes, sobretudo, acho que me desentorpeceu o pranto do jovem, era o violinista, e os sussurros de Roberto Cuello, encerrados os dois atrás da porta. Revivi os gemidos, o juvenzinho, o menino prodígio, o formoso sobrinho do professor Romanoff, podia imaginá-lo com seus cabelos cacheados e dourados e Roberto lhe dizendo todas aquelas coisas, atrás da porta fechada. O orgulho do professor Romanoff e seu psiquiatra de confiança! Robertinho Cuello, meu colega, meu companheiro de estudos, sua mão direita! Eu apenas repetia, porranãopodeser, porranãopodeser, e com o assombro sentia os latidos do meu coração correndo sem parar e a angústia se misturava com o pileque que carregava em cima e que ia como que me esfriando as extremidades. Sim, escutá-los! Sim, deixa, sim, querido, ai lindo, assim, e eu encerrado, nauseado e escutando tudo. Ele é meu amigo! Não podia acreditar. Eu não conhecia essa faceta do meu colega. Mas, era Roberto, Robert, Beto, Robby, Rob, sim, era ele e gemiam ambos, ele e o rapaz. Depois nem soube como saí daí, nem quando peguei Paulina pelo braço e acho que ela dirigiu o carro, meu carro, não soube mais de Yolanda, nem de mais ninguém, eu estava bêbado e confuso, sim, para mim, com aquilo e o porre de gin e whisky, tudo se escureceu. Nem mesmo entendo como posso estar tão lúcido neste momento. Agora o sol está acordando e tons malva e rosados pincelam um telão de fundo atrás, muito atrás das neves eternas da Serra. Limpando-me do vômito, descí cambaleante do carro. Estava em casa, por fim, tinha chegado! Penetrei no lar, chalé, mansão, refúgio, por obra e graça do piloto automático porque ainda podia sentir o álcool circulando pelas minhas veias, ainda, por momentos, tudo girava. A casa estava às escuras, caminhei pela sala, subi

até o nosso quarto e estava, vazio. Revisei os outros quartos, os meninos dormiam placidamente. O coração queria pular do peito, era um susto diferente, uma emoção estranha, nunca antes sentida, e me congelava de pavor. O estupor fazia-me olhar sem ver, o medo tinha-se apoderado de mim. Meus dentes batiam quando me afundei profundamente na solidão da poltrona da sala, disposto a esperá-la...

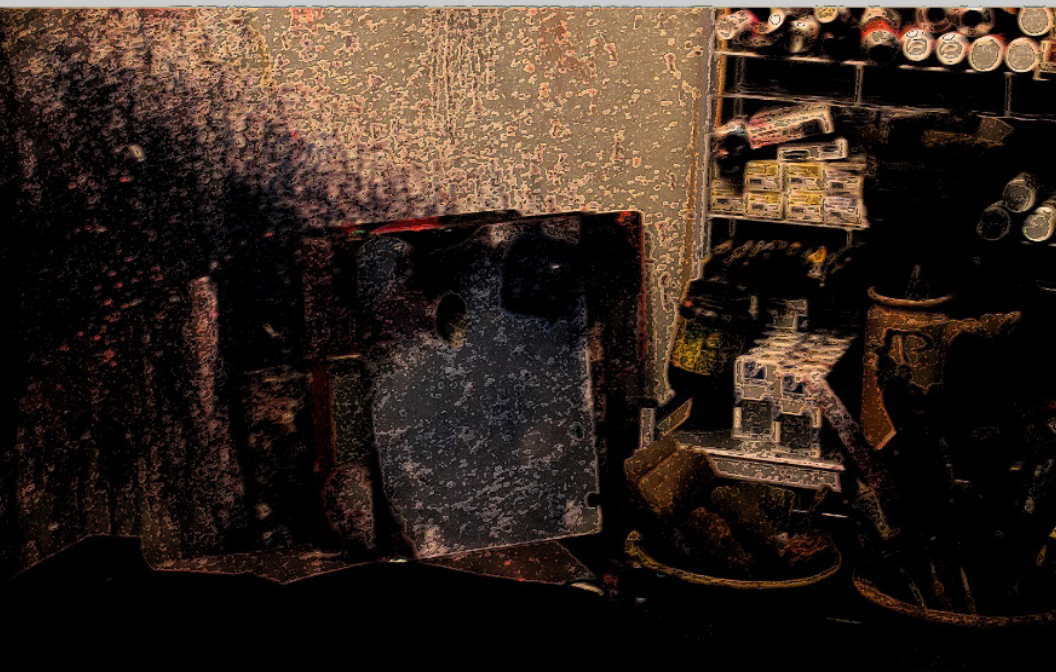
Foram longe demais naquele jogo de abjeta impunidade. Certamente, ela vinha sendo cada vez menos comunicativa. Era inegável que algumas vezes ele a encontrava deveras taciturna. Nunca mais falaram como antes. Tinha desaparecido a sinceridade. Morrera a confiança e tinha se perdido o mútuo respeito. Que curioso! Apenas tinha transcorrido um par de anos, que foram os mais prósperos e os mais aprazíveis das suas vidas, mas a mudança tinha sido definitivamente radical. Talvez tudo começou com o assunto de Paulina. Sim, isso era muito possível. De havia muito que se tinham cortado os laços de carinho, rompido os fios da comunicação e, apesar de afundado naquele cadeirão, sentindo-se chafurdar no lamaçal das suas próprias culpas, compreendia que estavam chegando no fim de um túnel cuja boca de saída era vislumbrada fazia um tempo. O ar se enchia de partículas de luz e penetrava pelas fendas das janelas de mogno. Ele, sentado na poltrona, entendia que se aproximava o esperado momento. Ele aguardava anegado na mais expectante incerteza. Os pássaros piavam no jardim. Estava amanhecendo e Emíldio continuava afundado na poltrona imerso na sua desesperante indefinição e só atinava a se repetir como uma ladainha, é minha culpa, é culpa minha, mea culpa. Senhor, por favor, perdoa-me, ajuda-me! O doutor Ferrer se encontrou a si mesmo rezando, coisa que tinha deixado de fazer havia muitos anos, e, entre soluços, com o rosto banhado em lágrimas, viu como o sol começou a entrar pelas janelas de seu elegante chalé frente à Serra Nevada.

Sim, Emígdio, estou decidida, me casarei com Gilberto Falcon e para isso é urgente e necessário que arranjem nosso divórcio. Acho que é o melhor, você estará mais livre e é o que mais convém às crianças. Eu não posso continuar contigo porque faz muito tempo que deixei de te amar. Desde quando? Se vocês não sabem, você e Paulina! Vocês semearam o caminho da minha decepção. Os dois destruíram nosso casamento. Você é tão idiota que nem mesmo sabia que Roberto é homossexual. Você é tão absurdo que sendo ele teu colega, teu amigo, teu companheiro, íntimo teu, o esposo da tua querida e você é o único que não sabia que ele era um maricas famoso! Desde que morou em Nova Iorque, fez uma pós em viadagem. Isso não é um segredo! Eu sabia de fontes muito diretas. E você? Quem é você? O consolador da gringa de um veado? Que baixo você caiu, Emígdio Ferrer! Você não é nem a sombra do que foi. Você não tem ideia de quanto tenho odiado os dois! Anos suportando humilhações, em silêncio. Não falei, não! Para o quê? Por acaso você teria me escutado? Eu queria ver até onde chegariam vocês. Você achou que tinha te perdoado? Desde aquela primeira vez na fazenda de Machiques, quando até você teve o topete de me contar, naqueles tempos você fingia arrependimento. Desde esse dia venho te odiando, em silêncio, somando tuas baixezas, sabendo que você se rebolcava com tua gringa suja, e esperando o momento da desforra. Você tem que me pagar tantas humilhações. Você é um nojo, mediquinho de aldeia rural, um ser de meia tigela, você nunca foi capaz de assimilar um lugar mais alto porque você não é nem será nunca gente. Você é o que é, um Ferrer! Um pé rapado como teu pai, sem passado nem futuro, um sujo como teus amigos, teus amigos de sempre. Volta para eles, volta para o negro Lucídio e para a velha Domitila, para tua mãe, para tua gringa imunda de pés fedidos. Morre embaixo da ponte. Afoga-te no Chama. Afunda e não apareças mais porque tudo que nos tem acontecido é consequência de teus desmandos. Bêbado asqueroso! Maldita seja a hora em que olhei para a tua cara!

CAPÍTULO III

*Arranquei um piolho fêmea dos cabelos da humanidade.
Viram-me deitar com ele por três noite consecutivas e o atirei ao fosso.
A fecundação humana que tivesse falhado em outros casos semelhantes
aquela vez foi aceita pela fatalidade e ao cabo de uns quantos dias milhares
de monstros formiguejando numa compacta maranha de matéria, viram a luz*

ISIDORE DUCASSE, CONDE DE LAUTREAMONT, *Os cantos de Maldoror*



Estava o senhor Seu Gato sentado no seu banco de ouro, quando apareceu dona Gata e lhe disse com decoro, que se acomode e apreste, se pode pisar na bola! Meu gato está-se queixando, ciclo inclemente, ri a gente, está-se queixando, queimando etapas, ninguém escapa, até que tudo fica consumado, meu gato está chamuscado? Por acaso existe certa semelhança com aquilo que acontece com tanta gente ociosa? Viver à espreita, o perigo iminente, o temor, um riso nervoso, o medo persistente? Quiçá medo do amor, temor de amar? Que já não pode mais brincar! Seu Gato estava sentado, onde quer que ele se mete, em situação bem propícia, cê sabe! Estava jogando banca, quando chegou a notícia, sua gata foi procurá-lo, ele tinha que estar casado, mas à noite pula a cerca, sim senhor, diz que andava enrabichado, com uma gatinha branca, filha do grande gato pardo, que mora atrás, que está bijhaínd da minha hauss, racachan! Arroz com coco, Seu Gato ri e se faz de louco, pra ver se pode fugir sem que ela o possa ver... Arroz com leite, eu quero casar, o que diz? Escutei mal? Eu quero casar, com uma viuvinha da capital, mas tão rápido, de festa já tu estás? Quem anda aí? Não pode ser sério? Vais casar Yolanda? Mistério. Silvestre felino. Baita noticião! Quem é a madrinha? Joana Catarina. Miaumiau? Nãoacredito! Dizem que é Paulina. Quem é o padrinho? Pepe! O barrigudo? Isso aqui é pura fofoca e não pode ser. Quem será o marido? Ai, tens que chispar daqui, sim, é ele, ele é tão querido, digo eu, o marido, isso é que é sério meu amigo! Gilberto Falcon? Escuta aqui, que baitarolo! Arroz com leite, eu que te digo meu irmão, então, quero casar, ela não é viuvinha nem da capital! Mas sabe costurar e sabe bordar e bota a mesa no justo lugar. Eita que rolo que vai dar. Lucídio e Griselda vão-se casar, Ave Maria, convidam todos à Catedral! Boda marabina, tão apaixonados, escuta aqui, o reivindicado, benção divina, o pacificado, filho da Domítilla, tão afortunado! Convida e se impõe, eu sei que sim se impõe, o

cravo na lapela, com smoking tropical. De espanto garota! Cai pratrás, serápositivo! Tá candidatado pro Legislativo! Quando meu gatinho saiba, aí minha querida Tinguinha, coração, tu me dás arroz com leite e é tão simples a razão, guria, o que tu quer que eu te sirva? Me das em copo longo, quem a sua gata lhe conta, arroz com leite sem rum, cê vaicasá? Quem a sua gata lhe diz, vem cá, você pediu asilo, na capital? É nada mais que um roedor... Nem sabe costurá, ratinho, nem sabe bordá, aí roedor! Ai mano, casa de pensão, roedor, lá em San José, e eu? O que eu faço? Mas, quebarbaridade! Tremendo porongo na parada, de qualquer canto, mano, sai um roedor, e comovai? Você vai bem? Vai. Ai, mermão sim, eu topo, vou na raça, assim de porre, aí, mano sim, quem vai não volta, sai um roedor, saidemim, se ligue! Escuta aqui, roedor... Quecomocheguei nisso? Fica calmo meu, a mina tá podre de boa, simané, tá podre. Que se eu ando bebendo? Que se eu sou danado? Numa de despeito? Ela vem e me diz, quero casá, aí dotô! Por você estou morrendo, que hilário e que dó! Diz que autodestruiu! Se acheque, trago e trago, verdade? Tá podre e diz, Fofó, cêruim! Como oavestruz? Eu quero casar, mas não encontro com quem. Então vá, casa Yoli, eu te darei sapatos e meias cor de café! Você vai casar? Então, menina que sorte! De arraso! De acaso? Tenha calma, esperam por ti? Aguenta confiada, são coisas da alma.

Sentados frente a frente, mas no mesmo confortável sofá de canto na acolhedora sala do chalé dos doutores Ferrer, Roberto e Yolanda conversavam fazendo um intenso esforço mútuo por se ajudar e se compreender. Quem espera desespera e esperando se estatela, pensava o doutor Cuello, escutando os comentários da sua amiga e colega. Ele ainda estava aborrecido, vinha de ter uma tormentosa entrevista com seu chefe o professor Romanoff, e o pior tinha sido ter de aceitar de má vontade que a decisão do professor era bastante lógica. Acabar com as considerações, tinha dito. Decisão de campeonato, tal e como lhe comentou risonho Gilberto Falcon. Mas, Emígdio era seu amigo! Por isso Roberto

quis colocar o assunto para o professor. No fim das contas, ele se sentia responsável em parte, sim. Yolanda e Emígdio tinham-se instalado na cidade pela sua intermediação, pelo seu interesse! E já fazia vários anos que os vínculos entre eles vinham-se estreitando cada vez mais. Até sua mulher, que era estrangeira, via-se muito afetada pelo problema! Era algo insólito! Estava a decisão do professor, certamente, sim, mas, desaparecer, sem se despedir de seus amigos! Sem atender aos mínimos detalhes da parte social que era elementar no tratamento e bom gosto, era extrapolar algo que sempre caracterizara as ações de todos no clã, o seletivo grupo de colegas e amigos, os satélites do grande Romanoff, o bom gosto. Sobretudo, abandonar Yolanda, sua casa, seus filhos, sem dar explicações! Escapar como um larápio... Yolanda escutou a ladainha do doutor Cuellar e achou ouvir que começava a mussitar algo como “omvilidivol”! Logo disse “guau”, e depois resmungou, damm hell! Tudo isso é insólito, disse ela. Felizmente, Yolanda Valbuena de Ferrer era uma mulher com os pés bem-postos na terra e passado o impacto dos primeiros dias, as coisas pareciam se reorganizar para ela, e as águas teriam que voltar ao seu curso, Robertinho e Gilberto tinham-se ocupado de atendê-la com especial esmero, qual se fosse uma viúva em novena, iam vê-la à noite, a consolavam, aconselhavam e a tinham ajudado a se recompor. Bom, para isso são os amigos! Nessas incômodas situações é quando se conhecem os verdadeiros... Demissão ou abandono de cargo? Missing, Emígdio destituído! Affair de saias? Fired! O pessoal da Clínica envolvido fazia a situação francamente absurda e intolerável pela germinação espontânea de fofocas. Era um assunto inadmissível. Romanoff brincava com um estilete dourado quando incomodado lhe confessou a Roberto ter recebido toda classe de queixas. Conduta dissipada é um bom qualificativo, lhe comentou. Um bebum, um sátiro que tinha arrasado com todas as secretárias, enfermeiras, camareiras, jovens, velhas, não importava idade nem condição se usava saias! O apelidavam o arrasador, talvez fosse o parafusador ou o arrebataador. O predador? Nem a secretária do diretor tinha

se salvado das suas garras, braços, seus beijos? A psicóloga clínica, Estela, a chilena - ou era uruguaia? - coabitavam! Assim fofocavam todos, e o professor a demitiu, sem mesmo ter uma substituta para seu cargo. Traz e leva, um verdadeiro inferno grande numa cidade pequena, a fofoca, a intrigalhada, os falatórios e contos de secretas orgias! Também tinha sido avisado quando aconteceu aquela denúncia, aquilo do tal “ballet rosa”, a tal suruba, e esperou pela denúncia, pacientemente, sua fúria foi amainando, não apareceu a polícia, nada aconteceu. São mexericos! Também tinha colegas e amigos que o defendiam. Fofocas sobre drogas e jovens raros... O doutor Emígdio estava marcado, isso era bem certo. Chegou a hora e alguém tinha que carregar com o morto, desfazer o bolo, espetá-lo, descobri-lo, delatá-lo. Então, ele desapareceu. A fuga foi o toque decisivo. Quem se foi não haverá de voltar e esquece, suas razões teria. Pôde existir por acaso melhor demonstração? Confissão de parte, escusa de provas. Tinha ficado na evidência, posto no seu lugar, colocado no meio. O frasco tinha sido destapado e o aroma escapava sem remédio. Era um perigo, ele estava considerado uma ameaça pelas vias urinárias! Satirizase. Cochichou na orelha do profe um de seus psiquiatras preferidos. Tudo é falso, criaram-lhe fama de pica, tirofixo, pintodourado, paudoído, tudo não passa de invenção! Pura propaganda interessada com fins bastardos, para quem sabe que jogada... O honor maculado! O que o senhor disse? Horror. Ser da outra banda? Com a fiação trocada? Ai, meu amor! Foi necessário e ponto, disse Romanoff. Cortei pela raiz e não quero que se fale ou diga nada mais sobre esse assunto. Apesar da sua lábia, o cara fugiu! Não lhes disse nem piu, morto estava o cachorrão e acabou-se a raiva.

Estava o senhor Seu Gato, sentado no seu banco ansiado, colocaram no seu prato a solução do conflito, a nação melhorada porque pacificada, caso liberem os detidos... Corria o ano setenta e o país começava a conhecer a paz, o clima afortunado, o Presidente era um homem muito culto, um ser engomado, um

tanto engessado, certamente, e sempre de paletó, engravatado, mui ilustrado, nem sádico nem coxo, afortunado simplesmente, um tipo persistente, sua inacessível ilusão por fim tinha-se realizado, ser Presidente! O que sempre sonhou, sua esperada ocasião e florescia a nação, sob a cautelosa tutela do novo Presidente se produzia o milagre, a pacificação! As pessoas voltavam ao trabalho com carinho, abandonava-se o front, as grandes inversões, os negócios marginavam, relegavam e superavam aquelas desquiciadas guerrilheiras ações. O Presidente estava entusiasmado, ele era preparado, mui eficiente, altivo, sim, um pouquinho soberbo e até enfatuado o condenado! Isso fala a gente, mas todos coincidem, o cara é muito inteligente. Idi Amin, sanguinário, em outro continente revivia a imagem já esquecida para nós do ditador, gendarme necessário, um fato superado nesta latitude do Equador. O país estava já rumando para adiante num sonho pujante. No Sul, na esmirrada nação austral de América, colhia-se, enfim, a conquista social. O Estado, do cobre, dos bancos, do telefone logo tinha-se apoderado, ideias e decisões temerárias, os esfarrapados se entusiasmaram com a reforma agrária. Os poderosos estavam ficando descontentes, a pátria de Neruda ao mundo dava exemplo civilista, mas, na sombra, o medo se escondia, cidadãos medrosos, militares fascistas, a via legal, o triunfo socialista, a força eleitoral acordava e um amanhã de esperança e esplendor dava a nota, na costa empedrada, o mar se sentia borrascoso, no céu, agudos ais emitiam as gaivotas, rebentavam as ondas entre as pedras e lá em cima gritavam revoando insanas...

A doutora Valbuena de Ferrer, enfurnada num ajustado vestido de veludo azul elétrico, via-se imponente com suas pernas cruzadas, sentada no sofá da sala do seu chalé entre quadros e alfombras e vasos de cobre martelado que desgranavam folhas multilanceoladas de samambaias verde terno. Uma luminária de pé aureolava sua figura com tons de um siena dourado, com fulgores amarelados irreais. Ela mentalmente se abstraía da

conversa o que melosamente proferia o doutor Cuello e seu pensamento fugia até seu querido Chefe, seu admirador ardente, seu devotado cavalheiro andante, seu secreto prometido, seu conselheiro, seu assessor mais destacado, sobretudo naqueles assuntos maritais truncados ou especialmente desde a fuga recente de seu marido, Gilberto era já um ansioso quase amante, impaciente ele... ... O fuj o não era inocente, por isso ela entendia o mistério, a razão de perder o lar e os amigos por estranhos desígnios do destino. Roberto lhe falava apaixonado das virtudes do seu desaparecido esposo. Vai se reorganizar teu quadro familiar, quando apareça em qualquer momento, já você ver . Yolanda olhava a alfombra e seus desenhos e só conseguia lhe dizer a seu amigo algumas vaguezas enquanto continuava pensando no Gilberto, quando levantou o olhar, escutava Roberto falar pausadamente, sua voz, muito educada, modulada, suave, com uma ponta de ternura lhe informava sobre casos e coisas ruins, dessas que as pessoas fazem, contava-lhe sobre as calúnias. Ela viu como entornava as pálpebras e compreendeu que frente ao Robertinho era mais uma estremejada compaixão do que um verdadeiro carinho o que a embargava.

Estava o senhor Seu Gato, em banco de ouro sentado, comendo seu arroz com leite, que não era arroz de puta rica e cai Banzer na Bolívia e   promovido Ovando e na Argentina floresce um Lanusse petulante e insurgem de uma má vez os comandantes. No Camboja, os *marines* marcham para frente, selva intrincada e maldita, em Laos os sul-vietnamitas dizem o Viet Cong, a coca e a maconha retornam a Saigon, em May Lay espantoso massacre de civis tem.

Ela, contudo, não acredita poder explicar ao seu amigo qual   a verdadeira situa o do seu marido ausente, olha para ele e pensa: falo para ele? Ele   esbelto, charmoso, convincente, amável, médico, psiquiatra, n ! Como gostaria ela de lhe falar de

Paulina, descarregar toda essa fúria que a possui, pegá-lo pelos ombros e sacudi-lo, gritar a verdade, acaso poderia ele passar a vida toda no mundo da lua? Mas, não tem coragem suficiente, escuta esse tom brando e carinhoso lhe falando suavemente, então, ela finge que lhe presta atenção, escuta seu queridíssimo amigo, um excelente médico, melhor psicanalista, ele vive em outra dimensão, outro planeta talvez? De novo ela o interrompe para lhe contar sobre seu azar, para comentar a bondade de Emígdio, esse seu estúpido e eterno idealismo, do feitiço, sem dúvida, um despacho que lhe fizeram, só pode ser, alguma má mulher, algo de feitiçaria talvez seja a única explicação possível, não se podem entender essas coisas, nem se aceitar! Ele sempre foi um bom pai, onde estará agora? Ingrato pesadelo! Juntos caíram no choro se abraçando com sacolejos e espasmos de dor, de ira e de impotência constrangida...

Palestina no Oriente Médio se dessangra, guerra há. Ai! É cruel a guerra. Na Jordânia se luta palmo a palmo, reclamando a terra, a terra prometida? É um combate o mundo e os terrícolas se arrancam a pedaços a vida. Estava o senhor Seu Gato sentadinho em seu assento, quando os gatos pequenos e a gata, surpresos, viram-no com emoção descer melifluamente de seu lugar e sem um miau, na porta do salão, ali desapareceu, sem um leve ronronar, sem um rumor e nem disse, tão sequer, como o corvo, never more.

Roberto despediu-se de Yolanda e dirigiu seu carro por uma larga avenida bordeada de grandes eucaliptos, cheios de filamentos de parasitas. Pensou em Gilberto e suas histórias romanescas que pareciam ser contos. A noite passada lhe escutou dizer tantas coisas. Ai Gilbert! Havia-lhe descrito um monte de truculências! As andanças de Emígdio na opinião de Gilberto eram francamente funambulescas e ele se negava a acreditar nisso, ele no fundo... Olhou para o sopé da montanha.

The mist crept down from the hills... Ele pensou então naquela horda de fêmeas, vadias assanhadas, eram enfermeiras? Como sabia Gilbert so many things? Imaginou Emígdio rodeado por uma tropa, um batalhão de mulheres, de monstros feminoides, ninfomaníacas automatizadas, habitariam nos escuros porões da clínica? Like in older days a feared black mist of estrogens touching our hearts, oh fuck! Ours? Sonhos, elas pairariam em cima, lógico! Tudo é um exagero, my friend is not such a foll! He never... Talvez sejam ninfas aladas, fadas, fadadas, fraudadas! Caramba, o incompreensível era a fuga. Stick to your guns! Oh! Poderia ter dito a ele, se ele tivesse me confiado seu pesar! Sem dar a cara, e tirar pela borda todo o negócio de uma vida? Fuck him!! Demorou anos enxergarmos o filão que exploramos na especialidade, uma mina produtiva, pensar que fui eu que os trouxe ao Paraíso, aos dois! E nada! Largar tudo! É uma loucura total! ... A serra via-se com toda a claridade. The mist lay upon the mountain, small pockets, like tiny clouds... Decidiu cruzar e bruscamente girou o volante subindo pela Carreira Sétima. O carro dirigia-se veloz para a casa de Gilberto. Uns whiskies devem acalmar esse desassossego, disse a si mesmo e instintivamente pensou no velho aforismo sobre a canga de boi e o que puxava um pelo púbico. Gilbert and I are both of a high quality, old rarity? Então sorriu. Somos simplesmente especiais, seres superiores, êmulos nas ações do grande Romanoff. Somos almas gêmeas nos nossos sentimentos, na música, adoradores de Bach, fanáticos de Vivaldi e de Grieg, ambos somos leitores de Nietzsche, de Ducasse, de Byron e de Keats. Estamos convencidos de que o destino nos reserva as maiores empreitadas, para acometer em sociedade, com paciência veremos se aproximar o dia em que as instituições e todo o país ficarão aos nossos pés. Apenas mentes da nossa estatura podem abranger isso e mais... I stood firm on my grounds! Deixar mais intimidade com o Emígdio, o deixei por conta e isso foi um erro. Ele teria nos entendido muito bem, ele tinha que ser um dos nossos, estava já pronto e eu deixei ele ir. Perspicácia? ... Quicá é isso que Pauline não tem, isso que nos faz diferentes,

isso também faltou para Emígdio, entender esta têmpera, essas coisas de nós, essas são as que uma mente neuiorquina e de mulher de longa cabeleira não pode assimilar. Mas, ele? Se a gente se conhece de criança! Como conseguiu se nos escapar? A loucura de Emígdio é uma barafunda espantosa! O automóvel subiu pela rampa da garagem. Good for nothing! Pensou então que, talvez por isso, ele uma vez tinha-o apostrofado. Dammed you! Socialista de arrabalde. Por aquele gosto insofrível pelos tangos de Gardel, como se fosse um verdadeiro milongueiro de bordel! Que estúpido! Desligou o motor, Gilberto tinha que estar em casa pois seu Renault estava estacionado frente ao portão. The flesh of my body soul will be pleased by a gentle touch... Uma ideia corroía sua mente. Anos de conhecer Emígdio e anos admirando-o com esperanças, seu amigo não era um mulherengo, nunca o conhecera como tal. Nunca foi putanheiro, disso ele tinha constância, oh, quase quase! Para ele, Emígdio sempre tinha sido um Parsifal inatingível. Ele não era ciumento, porque, como todos, ele sabia que Emígdio a vida toda fora propriedade exclusiva da Yoli. Mas, agora, ele tinha ido embora, e então? Como me sinto! Postrate upon the ground... Foi-se nos! Escapou, e pressinto que ao quebra-cabeça lhe faltam várias peças... Olhou-se no espelho retrovisor, abriu sua boca, examinou seus dentes, sorriu para si mesmo e alisou o cabelo das suas têmporas, lentamente desceu do automóvel.

Three blind mice, three blind mice, venha pequeno que é hora de brincar, raise your hands, okey, bico bico merolico, quem te deu tão longo bico, bico longo? Coisa de porongo! Scream dear, cut their tails, paracortar, in suplication tears? Tails! Não é tão grande merolico, yes no fear, é que rima com petisco, espetinho, o biquinho, somos ricos, made incantations over me, ai que sonho! Começaste o joguinho e agora tens que terminar, don't be coward, held it upward, só um sonho e nada mais, como o corvo sepulcral? Um namoro meridenho, e te encanta maliciar! Falas muita baboseira, raised, driped, plunged back. A galinha

carijô bota ovo no cipó. Seu Gato e sua gata querem casar. Santos que estais no céu! Gilberto e Yolanda vão-se juntar, do casamento livrai-nos, querem casar? Paulina inocente ficou a chorar. Tudo isso é um jogo, de inveja e azar, invita a casar, Roberto e Gilberto. A que vão jogar? Arroz com leite eu quero casar. A emulsão de Scott é um remédio de valor inestimável, a do homem do bacalhau, é medicinal, para produzir carnes. Meat, carne e leite, welldone, sangrento, filé, beef, rib, bloody fool. Os israelenses são massacrados pelos comandos árabes. Estão-se realizando as olimpíadas na cidade germana da cerveja. Joelho de porco. Reabilitam Peron. Os ianques deixam Saigón e Vietnam é evacuado. Os gringos depois de tanto esforço e com uma juvenil mortandade intercalada, de novo enfiaram os pés. A emulsão receitai. Os hipofosfitos são um perfeito acompanhante do óleo de bacalhau, fígado de bacalhau, quão fisno és, sim, mano, como frustrado, não cara, será como frustrado, você sim é educado, direis bacalhau, dá força e vigor ao cérebro e a os nervos. Sim? Que emoção! Somoza diz que é reeleito na Nicarágua, de remate, um terremoto destruirá Manágua. Sim? Que horror! Escândalo Watergate, quermesse no Palácio de Justiça, que impressão! Renunciou Richard Nixon. A emulsão de Scott é um miraculoso remédio de valor incomensurável, é o mesmo óleo de fígado de bacalhau, digerido em parte e pronto para sua imediata absorção pelo sangue. Vive-se a guerra do Kipur. Morre-se, dirá você. Regressou Peron e no aeroporto de Ezeiza se produz tremenda exterminação! Você cara, segue na curtição? Ou na curteza? Aperreação! Já se aproxima a eleição, já a campanha eleitoral está no seu apogeu e em setembro, graças às diligências internacionalistas da CIA, não é das suas atividades em Angola que falaremos? Não, bolas! É na própria Moneda, onde liquidarão a Salvador Allende. Os homens como as árvores morrem de pé, mas, as árvores não se defendem, tampouco morrem com as botas postas. Acabou-se um sonho democrático aplastado sob a botas das bestas militarizadas. Sim? A peste louca! Israel, Palestina e o Líbano sangram também. Há guerra na Irlanda e na África, como moscas morre a gente

de fome e sede. Sim? Tudo é bastante significativo, a gente até poderia pensar que premonitor est. Culmina o ano setenta e três e no país haverá novo Presidente. Sim, e quem é? Carlos Andrés!

Na terra do sol amada a situação estava dada, era insuperável, um sucesso total. Crisanto havia conquistado seu sonho tão acariciado, haviam inaugurado o Instituto de Patologia Tropical. Investigação científica original que florescia no solo de Yopez e Baralt. Laboratórios de virologia, microbiologia, parasitologia, ultramicroscopia, imunologia e zoologia geral. Ademais, adiantavam-se já as ampliações que haveriam de albergar aos ecologistas, antropólogos, sociólogos e psicólogos, que apoiariam as pesquisas dos médicos que logo num futuro próximo desentranhariam os segredos arcanos que o trópico escondia na região zuliana. As conexões internacionais do doutor Crisanto Navarro tinham dado seus frutos locais, o apoio de organismos mundialmente encarregados de promover a saúde e a pesquisa fez possível que o Instituto surgido em Zúlia fosse um orgulho para a nação. Os convênios regionais com a Corporação Zuliana para o Desenvolvimento eram frutíferos, e permitiram que o pessoal de Navarro implementasse todos os seus projetos precisamente na área da Guajira e no centro do desenvolvimento sidero carbonífero. Nessa época, Crisanto viajava demonstrando os resultados de seus trabalhos de investigação sobre a fauna culicidiana e sobre os aspectos clinopatológicos das encefalites provocadas pelos vírus que transmitiam seus benditos mosquitos, mas, o seu entusiasmo pelas escavações no Socuy e seus conhecimentos ecológicos sobre o potencial do coque na mina Passo do Diabo era muito grande, já que ele estava convencido de que logo cresceria um complexo siderúrgico em Carrasquero que traria prosperidade àquelas desoladas regiões. O ouro negro, dizia, enche as arcas do tesouro público da nação toda, flui das depauperadas vilas e cidades zulianas como Cabimas e Lagunillas e os últimos em receber seus benefícios somos os esquecidos zulianos, porém,

com o carvão e a siderúrgica sairemos adiante porque nós seremos os administradores. Isso dizia com uma pontinha de obcecado regionalismo aquele pesquisador em fins de 1973, e dizia-o sorrindo, sentindo-se transformado de pesquisador em promotor da ciência e do desenvolvimento tecnológico regional. Confiava em criar um empório para seu povo entre os montes de Oca, Sinamaica e Machiques. Essa era sua triangulação premonitória.

Estava o senhor Seu Gato em banco de ouro sentado e ficou tão animado, já que estava embriagado, que caiu de para trás e ficou desmaiado. Chamaram sete médicos e outros sete cirurgiões, disseram que estava morto, não era que estava mamado, o espetaram e auscultaram e por morto o deixaram, a todos impressionou a opinião do mais versado, por comer arroz com leite, de perfil tinha-se pintado, espichado a canela, o gatinho havia finado, sem dar-se por conta sequer, era um gato intoxicado...

Quantos anos se passaram? Vários, só dois ou três, mais de três? Pareciam uma pilha, uma penca, uma ruma, um monte, uma batelada, quantos dias? Tantos anos? Preso estou? Desde aquele assunto? ... Me apartei, me afastei da tua vida, que remédio! Já estou cumprindo minha condena... Tinha que ir embora, arrancar, se mandar, vazar, escapar, preso e fugir? Não tinha remédio... A condena que me dá a sociedade... Deixar tudo! Filhos, mulher e até a amante! O trabalho, a casa, as coisas... “Coisas como tu são para quer, são para adorar”. Asfixiava-se num mea culpa interminável. Me envergonho, me torturo e me dá pena, um miserere mei infinito, me encarquilho eu me franzo e me retorço. Assim doído, na metade da alma. Depois de tanto pulo e de copos, quartinhos, litros, galões, garrafas e garrações de aguardente, cair agora numa de remorsos! Ora bolas! Parça, tu é engraçado, né, quer dizer brother, sem visão, baita deprê que

tu arrasta mané, te amarra nessa e tu vai quebra a cara, se liga que o esquema tá ruço. Era francamente ridículo! “Meu violão tão sozinho já não toca, quem brinca tão seguido com o fogo, se não brinca com cautela queimarás”. “O mesmo céu estremecia ouvindo seu pranto”. Berros, gemidos, guinchos, alaridos de dor. Afogar as penas? Sim, submergi-las e ele insistia em mergulhá-las e de passo afogar-se ele em álcool, maldito, maldito álcool, adormecia por horas, é pela tua culpa, o horror de acordar e estar vivo, essa foi minha perdição. Beber e vegetar, medrar, apoucar e sobreviver num lento processo de desmembramento sem chegar nunca à última presa. Desossado sim, mas com as pelanquinhas à mostra, eles, os courinhos estalam, são salobros pelas lágrimas e ademais sobrevivem... É que... Não se morre em qualquer lugar e muito menos a data se sabe um dia antes. Vã ilusão. Que má sorte a minha ressuscitar sem ter morrido totalmente, não há mais do que conformidade! O que fazer? Como escapar? Dormir e acordar, quando era imprescindível desaparecer. Imagina? Sem amigos, porra! Queria assumir de vez ser ninguém, poder sentir com certeza que não contava com nenhuma pessoa, ninguém a quem dever nada. “Só peço a meus amigos lá de fora que se cuidem do licor e sua maldade”. Quem fosse que o observasse o tomava por indiferente, para tudo insensível? Para nada receber, para lhe negar tudo, naufrago sem contas a prestar, nas noites intermináveis ia e vinha, para o que viver? Ruminando seus erros, bolachas encharcadas em água do mar, engoli-las, chorar a seco, regurgitar para sorver as babas e depois entre as migalhas grudentas sentir o bafo da própria consciência abjeta. Com um masoquismo despiedado assumiu sua derrota desfrutando ao máximo a dor que lhe lancinava até o tutano de seus ossos. Então ele se comprazia, extinguindo-se entre os estertores mal dissimulados de suas próprias misérias.

“Tomo e obrigo, mande-se um trago, das mulheres melhor nem falar, todas amigo viram as costas, minha experiência pode afirmar”. A música retumbava, adormecia, penetrava,

estremecia, misturada com a fumaça branca, infiltrava todos os espaços mornos, os resquícios brandos, os cantos firmes, diluía-se entre as luzes já atenuadas, escorria pelas lâmpadas destilando vermelhos e verdes, mesclando azuis e criando púrpuras no ar embebido de patchouli, com toques de vômito, de suor e aguardente, onde a amônia era mais penetrante nas imediações do urinário, tudo impregnado pelo ressoar das vozes, secos arrotos, úmidas gargalhadas, algazarra de bebuns, agudos chiados das putas emperiquitadas, faíscas de risos e alguns queixumes de puro despeito... “Quando tu me ames, quando me digas que sim, vibrarão os sinos e alegres mariposas”... Mariposa-mariposa que voas de rosa em rosa, tosse, esputa qualquer coisa, diz-me mariposa, por acaso, estás tu tuberculosa? Cospe de uma vez que tossindo e tossindo assim tu irás preciosa e mostrarás tuas cores em suave vaivém... O córrego não era mais do que o sumidouro, o depósito de todos os dejetos da Empresa, era um esgoto químico, um poço séptico dos radicais agarrados nas moléculas Hg, o símbolo do mercúrio, abrangia todas as excretas industriais da planta do consórcio Stredell-Morrison-Sánchez C.A. A famosa SMC. A esperança para o progresso da agricultura e da fertilização dos solos argilosos de todo o Estado, o complexo para o impulso que toda a região experimentaria na chegada do século XXI. A SMC tinha brotado e deitado raízes nas costas do nordeste do formoso lago de Coquivacoa. A SMC ofereceu emprego seguro para centenas de infelizes pé rapados do norte ocidental de Zúlia, do nordeste de Falcon, do leste e do outro lado das ribeiras do contaminado Golfo e do lago sede da principal indústria do país. Petroleum! Benefits on the Investments of State Carbamaide and Co. Na minha vida há uma eterna sombra verde, verdes são as esmeraldas, verde a cor de quem espera, verde é a sombra que deixara teu olhar verde mar... Vem e diz. Já está chegando o frio mermão. Prá lá de gostosa tá a negrinha douto! O gelo girava no copo e com o dedo ele o submergia no rum. Olhando as luzes da vitrola, trêmulas, com resplendores avermelhados e refulgências fúscias, envoltos numa exalação

musical cinza e espessa, logo todos iam girando, rotando, brilhantes, fendendo a fumaça. “Chora minha alma de fantoche só e triste nesta noite, noite negra e sem estrelas”. Dotô! Mais uma? Se os tragos dão consolo. Vincent pintava estrelas brancas na tela sobre negrocêu e foi cortar uma orelha. “Aqui estou com meu desvelo para afogá-las de uma vez”... Bahbah! Me dá na puta cachola, eu quero embebedar meu coração. Por que não vai deitá? Vá dotô! As olheiras eram profundas de um verde violáceo e as tetas viam-se flácidas, com uma mirada de mulher trasnoitada, tinha escorrido o batom dos lábios, o rímel dos olhos e as meias das pernas, sua mão ossuda mostrava descascados e sangrentos seus apêndices, com eles percorreu seu antebraço, aí dotô! A garra amiga salpicada de vermelho carmesim pousou sobre sua mão. Já está por demais bêbado se quer eu vou e digo pro caolho que leve o senhô praca-se Trina. Pra que vai bebé mais? Ai dotô! “Ela, ela já me esqueceu, eu, eu a recordo agora, como não a recordar”... Na parte norte da baía do Tablazo cresce a SMC. Assim como te digo, e do lago, as instalações viam-se imponentes. Chaminés, tanques, vias de acesso, luzes à noite e a fumaça espessa salmonada que se aproximava da urbe quando o vento soprava a sudoeste. Aproveitamento da matéria prima e dos dejetos da petroquímica, isso dizia a propaganda. Não jogar os produtos residuais e com mínimos custos obtinham-se pingues ganâncias. Marvelous! Superb! Porreta! Um negócio redondo, com um pequeno problema somente: o mercúrio. Nada menos que um jato de mercúrio que fluía para o córrego e outro grande problema, um fiadaputa merdadocaralho na Assembleia Legislativa do Estado não queria se enquadrar. A quanto aspirava? Com quanto calaremos a boca desse mardito? Moço me traga outra dose e sirva-se quem quiser tomar, que ando sozinho e estou muito triste desde que soube a cruel verdade. Outra garrafa! Putaquepariu! Eitacaralho! “Aaai, com o bater dos tambores, essa negra arreganha e vibrando os couros, eu bebo a cana, já essa negra não me engana, vou sentindo seus odores, essa negra tem manha, oê, caramba, vou provando seus sabores, aí minha negra Soleá, como dança essa cumbia, essa negra tá

bem boa, oê, caramba, com seu saião colorado, essa negra sabe muito orê carach, com o saião colorado e vem e se mexe e dança e desfruta, olha olha Soleaá, desfruta bem essa cúmbia”. Tu estás sem parceira, meu amô! Tu quer ser o meu? Essa negra tá gostosa, eita carach, com seu saião colorado. Ai cumpai, é mesmo que Santa Marta, Barranquilla e Cartagena são três pérolas na praia? Isso mesmo? Diz-me amorzinho, é verdade? Certamente, há uma acumulação de um número reduzido de residuais, sim, bem, sim, é verdade, há certos dejetos mercuriais, mas não chegam ao lago, não, Deus misericordioso! Isso jamais! Não chegam aos córregos, vão pro caralho, né, tu me entende? Evapora-se, tem que se evaporar! Ou tu que achas? Eu sei do que estou falando, né. Essaporra se dissolve dilui, volatiliza, tá entendendo? Lógico que sim, tem que ir parar a algum lugar, e ok, tudo bem, é para o córrego, mas, peraí! Acham que estão me enganando com isso, porque é o pior lugar, na verdade, é o único lugar com problemas, mas não são nem uma níquice, é uma nonada! É sim, mas vamos resolver isso, já vão ver, quando? Antes de quessefiadaputa siga falando e dizendo disparates e baboseiras, veja se pode? Diz que chuvas ácidas! Injúrias! A contaminação dos arrozais. Falácias! Antipatriótico, é isso o que esse cara é, ele é, e é subversivo, já estamos de olho nele, quem não o conhece? Danos irreparáveis ao norte de Falcon e de Zúlia. Será possível! Ridicularias! As licenças estão em regra, divisas? Créditos? Dos brandos e dos duros, os milhões vão chover para nós como canivetes e, o que achas? As notas e o que vale um monte de dólares, quem não sabe? E esse vagabundometidoabesta fica fodendo e fodendo! O cara tá fora da casinha, isso sim!

Lucídio o encontrou envelhecido, agastado, encanecido, tinha perdido peso e viço, já não se percebia nele aquela pujante juventude de outrora. Escutava sua conversa vacilante, aspirando seu hálito alcoolizado, entre a fumaça e um bafo pestilento que inundava o pequeno boteco numa esquina na capital, na vizinhança do Guanábano. Um lugar habitual para

Emígdio, mas que a Lucídio pareceu um antro. Pensou que como os boxeadores seu amigo estava contra as cordas e bem acanhado em todo sentido. Contudo, tempo depois de estarem conversando, a Lucídio pareceu que ele se reanimava e adquiria um novo fôlego. Muito de perto o observava, indagando por uma luz no turvo e afastado mundo onde parecia estar sumido e habitado por fantasmas, cruzando de um lado ao outro na profundidade de suas pupilas dilatadas. Uma vida quase, todo um hiato de anos e de silêncio interposto entre os dois. Um silêncio opaco que parecia tentar se dissolver ante ele. Então, ficou observando-o silenciosamente, estático, atento, encolhido, querendo decifrar seus pensamentos até encontrar por fim na sua mirada errática o fio de suas decepções. Compreendeu vendo a estupefata expressão frente às suas perguntas, que na trama de suas recordações a urdume estava demasiado enredada e era uma razão mais do que suficiente para ter parado de tecer, sem tentar nem mesmo desenredar o novelo, maranha, estopa imunda no seu cérebro. Taciturno, Emígdio silenciou a si mesmo, entendendo que, sem pretender, ia adentrando numa fase de justificações inaceitáveis e impróprias. Então o olhou e lhe disse. Não, Lucídio, não. Com pasmosa claridade, disse-lhe. Não, não e não. Não pode ser possível que possa perdoar-me. Lucídio ficou sem saber se se referia a si mesmo ou a uma terceira pessoa, mas ele acreditou intuir nesse instante, que todas as misérias de seu amigo nos últimos anos estavam se adensavam e pugnavam por sair por qualquer fresta. Como te explicar por que me ocultei de todos? Um desastre total, sim, isso sou... "Só, *fané*, escangalhada, eu a vi uma madrugada sair do cabaré". Uma onda de lembranças se agitou com o tango e fez borbulhas na sua mente. "Magra, três quartos de cangote, uma percha no decote"... Era um girar interminável, o disco, o carrossel? Rega e salpica, goteja e faísca, fabrica centenas de círculos concêntricos que se dissolvem e desaparecem. Que aconteceu? Quando? Antes? Ou foi depois? ...

Chovia sem parar, torrencialmente, como na noite da sua chegada a Caracas naquele ônibus, quando ele numa bebedeira

danada enfrentou a multidão da rodoviária, o cheiro de fritura e de frutas passadas nos botecos da Avenida das Forças Armadas. A beber, a beber e esquecer... A avenida Urdaneta, não comer, beber, sim e a Chinga? “Ai, eu não vi mais a Linda”, tentar um final rápido era o mais adequado, medida sanitária, o pior de tudo eram os espaços lúcidos, “parece mentira!” Os períodos de calma, os pedaços de minutos, os momentos de horas, litros e garrafas de cachaça, perambular, “tantas esperanças!” Copos de aguardente, busca a fórmula, alquimia alcoólica para apagar as faíscas das lembranças, “que no seu amor cifrei!” Os gestos dela? O silêncio deles? E esse repeteco, esse ritornello o tempo todo, ai poxa, sim poxa, não poxa, rugas e verrugas, guá, pregas e interstícios, guá guá, gretas e fendas, guá guá guri, mesas de madeira, linóleo, oleado, poça de vômito, na rua pintam listras, nãoopoxa, não seja porco, guá! Essas tetas! Sim, brother. Porra, quantos pretos! Tem ameixas roxas e há uvas-passas, pão velho e cinza. Há velhas e gordas, há magras e muitas negras, forte o cheiro, as pregas, o suor, bundonas, banha, sabor, a Preta, um beijo, seus beijos, baba, isso aqui tá de morte, guá! “Não escreveu a ninguém”, a magra, “não deixou um sinal”, ei! portuga, a doceira, “não se sabe dela”, certo? O cafezeiro, o galego, o bilheteiro, não cara, você é canário, né? Esse barulho, apitei procê! Daputa! Aquele murmúrio, e o grito, fiadaputa, te manca cara! Os ambulantes, os mendigos, o mascate, dona pelamordeCristo! Toco pingoteando, cotinho, membro amputado, chaga no tornozelo e as moscas vão zunindo, giram, anda cara, sim? Tudo gira, dar a volta, frente a Santa Teresa, com um só olho e o mundo circulando até se deter, está estático? O caolho, zarolho, essa nuvem, mãozinha de mulher, esmola, a barba empastada e as pupilas brancas, ai, cara! O estrondo do El Silêncio, buzinas, gritos e gargalhadas, são as cornetas, te cospem, as trombetas, suas miradas? Oblíquas, ubíquas? O bafo emana entre doce e azedo dos botequins, é mofo, é mijo? Mais aguardente, a cana, caralho! Qualéatua? Indigente, sob a ponte, dormir um pouco, e as garrafas? Porra, sim, briga, é a cara dela, é seu riso, dou nojo? É esse cheiro, náuseas, é a burla e é o

temor, o medo de se esvair em vômito, é muito ódio, e o remédio é caminhar, sem sentido, não interessa o rumo, qual pode ser? Desconsolado, golpe, desesperado. Um golpe? Estás na Pastora, um hematoma e tudo gira, baitaporrada parça! Dói, amanhece, no pômulo! Envolto em papelão, frio, ai cara, tá todo quebrado, homem, a raiz do arco zigomático, terá fratura? Ai! A gente se vê em Dos Pilitas? Uma esmola pelo amor, sim dona, um olho roxo! A corneta, outra vez te gritam, é a você, sim, não me conhecem, não é a mim, mais imprecações, você dormiu na praça, bebadodemerda, atravessa a rua, fiadaputa, é a você que xingam? Riem, você se vira. Nos meus colhões, isso murmuram dentro de ti, você vê mulheres nos carros, são jovens, têm medo de você, te olham com horror as vadias, isso diz para você quem te habita, diz para eles que são uns marditos! Benditas? Então te dão um coice, acorda bosta! Sabor a sangue. Mais golpes? É na Baralt, é a avenida, não é um liceu, é o Rafael Maria? É o Fermim Toro? Porra, otário! Vieram pra cima com uma faca... Descer, vertigem, cair, estrebuchar, rolar, buraco, águas negras, cuidado, tугúrios, escorregar, esgotos, no pé da ponte, amoniacaís, San Martin? Eca, fede, vamos embora porque isto tá podre, dizem para você, dentro de ti e você não escuta dessa vez, para que deixar o lugar? É aqui e volta a repetir, pula fora, faz de uma vez, você sabe que é melhor acatar seus desígnios, esse ser que te colonizou, dos dois é o que mais sabe, ele é mais prudente do que você, juntos vamos, caminhamos, sem chegar nunca ao Obelisco, pela vida, aquele de Altamira? Aquele da República? Aquele de San Juan? Sem descer jamais o dedo, vamos até San Bernardino, era isso, Eraso, foda, xô, sai daqui... Era um cachorro, ia com o barrilete vazio, estava seco, caiu de bruços, nesse momento? De cara, de beiços? Estou perdido! Parça eu vou lhe ajudar e olhe, é que, porra eu não sei que caminho, brother, me trouxe, fala sério! Fodido até aqui. Esse é o Panteão, agora sim, San José? Ladeira abaixo, bar, na caída, restaurante, ristorante, lanchonete, cafeteria, finocchio, fangulo, confeitaria, mariscaria, que porcaria! Ai, cara, não ri, italiano já não posso mais! Dormir no Calvário, no Gólgota? É isso, sim, vomitar e vomitar, até ver o sangue, mesmo

uma via crucis, e a primeira estação? Cañoamarillo, queda, porra! Pancada, Gatonegro, arco superciliar esquerdo. Uma arepera? Retorna, uma rainhapepeada, regressa, você volta? De carnedesiada, se manda desinfeliz, de Funchal? Prapagar? Dáofora! Em San Martin sempre há mais salivação sialorreia, assim era antes, perda da orientação, lerda? Caceteação, perdida, és um rato, arreado? Roto, assaltado, acabrunhado, caralho, o cara até parece maracucho, vouvomitar! As ânsias, tremendo porre mermão! Morrer de frio, rapá tu tá pra lá de Marrakesh, fica firme, se mijar de medo, é a friagem, frescura, frendor, olhos listrados, é não querer acordar, tremendo pileque! Numa borracheira infinita, perene, eterna, mundial, intergaláctica, do quinto das porras! É estar feito um nó, um desperdício humano, um etecetera, a pindaíba, e mesmo assim sobreviver, até quando Catarina! Assim é o negócio? Não por favor, não! Sincerissimamente, ter que abrir os olhos outra vez, acordar. Esta é a delegacia, cara! Lucidez, não te deixefodê pelos tiras, pô. Depósito, apósito? A propósito, de emenda, até quando Linda? Um banho, um automóvel, amigos, urinar num vaso limpo, uns tragos, o semáforo, gritos, outra vez na avenida Sucre? Uma parada, a volta da esquina, terceiro andar, cama, enfim! Os amigos, de tragos numa bebedeira só, dia e noite, náuseas, a capela está aberta, imprecações, me abandonaste, golpes e interjeições, não a vi mais, eu sei lá da Linda? Acordar ainda com vida! Depois o mea culpa, arepas, me mijo! Rum e náuseas, spaguetti bologna, aguardente anisado e outra vez vomitar, água gelada, mea máxima culpa, suor frio, morrer? Rosinha, que sorte, a roupa limpa, tremor frio, amorzinho, dona Eudóxia, coração, de morte lenta, eu tenho rum com coca-cola, se mudar para Cátia, que tentação, dizem papai e mamãe, uma substituição, no Seguro Social? Por enquanto, mano. Amigos verdadeiros, Rixio, Alberto e Teresinha. O pátio interno, vasos floridos, e as violetas, sim, as violetas de Teresinha. Amigo? O rato do queijo. Reincidir, te esperamos na esquina, o menino de Angelina, bah, apodrecendo está! E a Desgrenhada? Um beijo, a Nena, que boa! As garrafas naquele boteco, bem frias e o buraco,

se joga firme, não jogas truco? Orar? Sai de mim, sete e meio, não basta rezar. A música tocando, faltam muitas coisas, onde, onde estás, que você está fazendo? Por que se foi e não voltou, por que o senhor de mim a tirou? Poxa, por favor, se eu só quero, se eu o único que quero é, embebedar meu coração...

Há uma coisa que não entendo e é o único que não posso aceitar de todo este angu, é o... por quê? “Para esquecer um louco amor que mais do que amor é um sofrer? ”... Por quê, por quê? Emburrado na tristeza, não voltou para ela? “Te evoco e vejo que fostes”... Você até parece vinte anos mais velho, até o cabelo embranqueceu! “Da minha pobre vida pária só uma boa mulher”... Onde você nos jogou a todos? E diz-me, o que foi feito do famoso professor Romanoff e o que aconteceu com as tuas pesquisas?

Escuta-me um momento Lucídio, te peço que tenhas um minuto de lucidez. Agora que eu estou lúcido, acho que posso te explicar... Uma noite, sem luz, noite escura, uma vez, faz quantos anos? Somente uma vez, um dia, talvez o dia que me queiras? Quem o sabe... Eu não sei. Seria talvez um instante prolongado? Passadas as duas foi um século de ausência, um segundo e quiçá, nesse momento tudo cessou, tudo desabou? Um instante e não haverá mais do que harmonia? Disso que eu te digo, disso que te conto, faz mais de um ano, ou possivelmente já faz muitos anos, ou meses? Não sei, a bem da verdade o ignorou, e mais, não me interessa, sinceramente... Mas escuta uma coisa, posso jurá-lo, me consta. Antes foi muito pior. Desde que você foi embora... Escapei? Desde que me afastei do caminho, da senda, do legal? Nunca pensei... Como dizer? Nunca me afastarei da tua vida... É que toquei o fundo. Nem você do meu coração... Então, mano, decidi regressar. Voltar, voltarvoltarvoltar, retornar, andorinha viajante, nem me deu bola, eu sei, quem volta se dá mal, mas voltei. Percebe, era mais que nada um troço de curiosidade, mais

do que amor era querer saber, era medo de entender e ao mesmo tempo era um desespero por voltar... “A teus braços outra vez?” Eu nem sei. Essas coisas eu não entendo bem e naquele então menos entendia. Agora consigo conversar sobre aquilo, mesmo que não saiba interpretá-lo. Me parecem basicamente depravações, sinceramente são coisas desprezíveis, tudo é como se fosse um filme em preto e branco da nouvelle vague, uma coisa do neorealismo italiano, de Nosferatu, não sei se me entendes... Lembranças? Sim, ficam muitas e também os conhecidos me dizem, você passou bastante mal, como se diz por uma fase ruim, de azar, um troço do capeta, a vitrola tocando, o disco de 45 girando e tudo aquilo que me arroteava, tudo me era indiferente, no meu entorno, digo, mas eu desejava retornar, assanhado pela bebida, entre nuvens, ou era fumaça? Como saber! Todos riam, gargalhavam, não entendia nada, era para se acabar, eu era “a vergonha de ter sido e a dor de já não ser”. Fui-me embora num ônibus, desses acho que de “Expressos Cordilheira”, horas de viagem, para acordar em Cabudare? Ou no Vigia ou talvez em Água Viva, viva era a carraspana que tinha, era uma bebedeira imbricada na outra, ou era o pileque que me carregava? Nós nos tolerávamos, a língua era como cortiça, não sei se me trocaram de bus, é que tinha que descer para beber, era a sede, porra! A sede é um troço sério, a sede é algo insaciável... Em Motatan... Está em San Rafael! Isso me disse um velho de chapeuzinho de palha. Mastigava fumo, ele cuspiu e eu me estremecia. Umas caninhas? No lugar estava aquela grande vitrola e duas atendentes muito maquiadas, a mais gorda, era gordíssima, era uma coisa imensa, uma massa de banha cheia de talco cheiroso e com dois círculos vermelhos, a outra era morena, cabelo liso, me trataram bem, com carinho, quantos dias? Nem eu mesmo sei! No fim me indicaram meu rumo, meu destino. Vai se indo até Mérida, ande meu pingucinho, diziam-me e com gritos me despediram... “Eu sofro o indizível porque me mata”... Jaramillo estava sentado num canto e dedilhava o violão, eu sorria. Era de camarote! Júlio berrava. “Tua carinha de pena meu doce amor”. Inenarrável era aquele

troço, indescritível, não me vais acreditar, mas não há palavras... "Me dói tanto o pranto que tu derramas". O cara aí cantando e eu com a via aberta, a tripa cachacenta açorada. O caminho se fará estrada, ouça, a via é para se andar, já não mais esbórnica, o andar se faz transandino, depois da noite virá o dia, não seja patau ouça! Cê deve chegar em Mérida pelo Vigia. Se acheque, parceiro, outro trago? Sorrindo muito faceiro, Júlio brindava para seguir a farra, apoiado no seu violão, e eu? Ido? Cataratas de chuva, um aguaceiro dos mil diabos, outro trago? E ele sorridente... "Que se enche de angústia meu coração". De repente estava no lugar, tinha que esperar, na escuridana, uma chuva do caralho, era eterna, Oxente! Silêncio na noite, frio, depois da chuva, desce o nevoeiro, e estou gelado, e escuto os chiados, grilos? Há luzes de vagalumes, escuto, silêncio total, já não se escuta nada, quando morre a noite... A escuridão me apazigua, negro era tudo, em calma, preto? Respirava pinga! E total silêncio. Outro trago? Mais cana? Me dá pena, penas e penas, vitrolas malditas de luzes fosforescentes, o disco preto girando e esse piscar persistente, esse pestanejar intermitente, interminável, iminente, é a pena, sim, é inclemente... Uma pena de amor? Amorzinho coração, não queiras me matar, coração? Porra, irei enfartar? As artérias se lavam com aguardente, não desmaia coração, estou me aproximando ao momento da verdade, estou vivendo a noite fatal, a noite decisiva, noite de agonia, gelado e entre a neblina, noite para meu, sonhar? Morrer, noite morre junto comigo, morro de frio, gelado pra chuchu estava, como um polo, e a umidade? A água escorrendo-me congelada, estava entumecido, ensopado, água no ar e nos sapatos, tinha sapatos? Estavam encharcados, os dedos entravados. Se os tragos trazem consolo, afogá-los, ali no meu desvelo afogando-os... Estava mudado? Dizia para mim mesmo, acaso eu sou outro, repetia-me, não mereço nada, me subestimava, me rebaixava... Diz por Deus que te deram que estás tão mudado... Não sabia o que fazer, malandragem? Ou talvez sempre tivesse sido assim e tudo era natural, como uma consequência. Não consegui resolver o problema colocado, quis

esclarecê-lo de um golpe e não pude, minha saída foi me encerrar na birita. Me afastei, me ocultei, me enquistei naquela pensão, sim, eu agora posso dizer, o reconheço, sim, me escondi. Aí estava tranquilo, muito perto do mercado, meu catre estava repleto de pulgas e daí, sabendo que estava tão perto de tudo que eu amava e me importava na vida, perdi o controle do tempo... Aqui venho para isso, repetia e não encontrava a coragem. É um paradoxo, agora assim o vejo, mas naquele então não me importou que corresse os dias, nem pensei em que ia perder meu cargo no Seguro, me aproximava ao dia, à noite, ao instante em que iria me atrever, me ocultava embaixo do poncho a ruminar minha loucura. Oculto, de longe, eu os via entrar e sair de casa, nas noites eu ia dizer à lua, que estava louco por ti? ... Como tinham crescido! Abraçado a uma árvore, oculto durante semanas, pinga até me saturar, engolindo minhas penas. Por fim, numa madrugada, ela não estava, não tinha chegado ainda, isso pensava, era como dizem em linguagem de dramalhão radial, aquilo era, uma insana paixão. O chalé estava em silêncio, me deslizei pela grade, me enfiei no jardim, estava enrijecido até a medula dos ossos e o ruído dos meus dentes era ensurdecedor, pelo bater deles me lembro do frio, depois forcei uma janela, não fiz barulho, atuava como um ladrão, tudo era anormal e truculento, retorcido e estúpido, tudo era assim como um pesadelo, irreal, tropecei, fiz barulho e quando acendeu a luz, ela estava me apontando de frente. Na sua mão direita, firme, estava a arma, cano curto, segundos que foram uma eternidade, pensei que ia me despachar aí mesmo. Oh, como desejei isso naquele momento! Não o fez. Não sabia eu que tinha se transformado numa mulher de coragem. Eu a via por fim! Na sua esplendorosa beleza, deslumbrado fiquei, assim deveria ter-me deixado o clarão do disparo e senti como meu coração se estraçalhava no meio daquela noite triste. Não escutei detonação alguma. Tive que escutar seu discurso todo, tinha me paralisado, palavra atrás de palavra, gota a gota, vertidas sobre minha humanidade, suas palavras salpicadas, polvilhadas, besuntando até ensopar-me, eram ácidas, como de fogo, eu as senti uma a

uma, sem hálito, o nome de Paulina pulava em cada frase, e ali, em pé, eu não pude morrer! Assim de simples, assim foi. Ela não disparou outra coisa senão palavras e essas bastaram, foram suficientes. Assim, despediu-me pela porta principal, nem pude vê-los, estavam dormindo, na realidade, creio, não sei, se estava demasiado bêbado, ou se foi escutar tudo aquilo, o que ela me disse... Ela me convenceu facilmente, era minha toda a cruel, despiada e insustentável incúria, era melhor desaparecer, era vantajoso para todos, se eu conseguisse permanecer como morto, seria o mais conveniente, meu decesso era um benefício coletivo. Olha que coisa, assimilei tudo, como um boxeador, posso reviver a cena como num velho filme. No meio de tudo, penso que aquela viagem abominável para o passado foi como atravessar uma maldita parede ou transpor uma grade, romper uma barreira. Fui embora daí derrotado, mas mais tranquilo, tinha uma filosofia para ruminar, a do bom perdedor. Depois daquela noite, tudo ficou resumido para mim numa só palavra, sobreviver! É impressionante a capacidade de adaptação da gente. Depois de um ano ou mais, um ano que tem sido uma espécie de século, sinto que estou me recuperando, percebo como se estivesse desabrochando, mesmo quando ainda estou coberto de escaras, creio que estou me repondo. Assim, consegui um cargo como médico geral no hospital Vargas, vivo numa pensão em San José, bebo sim, é verdade, sim, mas já não é como antes, já não me desespero querendo acabar com toda a birita do mundo. Agora é diferente, até amigos tenho e bons, acho que os tenho e eles me têm a mim, conhecidos, vizinhos, muito poucos colegas, outros amigos de velhas farras, não os desamparo, posso ajudá-los em muitas coisas, muitos pacientes agradecidos, muito pobres, isso sim, indigentes a maioria, os que mais apoio me dão são os mais humildes, há bairros, perto daqui, em San Juan e em Mecedores, onde sou o doutor de todos, tenho muitos amigos que me estimam, eles restabeleceram em mim a confiança nos seres humanos...

Aquele homem caolho rasgava o instrumento, por momentos com entusiasmo, depois com saudade, na valsa, com ternura,

depois, assoviandinho, tirou um pente do bolso e com o celofane de um maço de cigarros o colocou na boca. “Assim, qual as brumas do mar... Há seres que nascem e crescem e logo perecem morrendo de amor”. Um velho com um par de maracas o acompanhava compassadamente, com seu sorriso edêntulo e umas carnosidades querendo cobrir suas pupilas. Ambos sorridentes e aguardentosos eram donos de uma enteca negritude encanecida. Lucídio sentia como aqueles músicos de botequim o catapultavam a épocas pretéritas. Reviveu suas andanças em Cátia, os dias na Charneca, a unidade tática, quando era mais novo. Impulsivo, fanático mais do que idealista, as vivências dos anos sessenta pulavam nas cordas do instrumento. “Teu amor platônico ingrata mulher, deste a outro do teu amor a calma, deixando na minha alma umaferidacruel”... Piscando os olhos, arranhando o cuatro, um fino tremor nos seus membros, riquichiqui as maracas, sorriso de gengivas, os jograis lhe chacoalharam as lembranças de seus antigos camaradas, todos aqueles cabeça-quentes que já não estavam no mundo dos vivos. É masoquismo! O passado pisado está. Pela primeira vez na noite era Emígdio quem via como seu amigo o locutor, jornalista, guerrilheiro, vereador e deputado estava baixando a guarda! Melhor sigo te contando o assunto do mercúrio. Isso lhe disse como espantando os fantasmas. Toneladas de mercúrio jogadas no meio do córrego. O incremento provocou um efeito somatório, anos de descargas e de repente a planta aumentou sua produção, com uma atividade de loucos, havendo mais dejetos tudo se condensou na atmosfera e milhares de partículas foram descarregadas pelas nuvens e o solo as recebeu. “A minha mãe é a única estrela que alumia o meu porvir e se ela chega a morrer, ao céu eu vou com ela, priquintriquinpun”... O caolho com sua voz fanhosa fazia coro, triquiqliquinpun. Cara, era a chuva ácida, era a morte vermelha, era algo pior do que o agente laranja, era a contaminação de todas as terras do norte de Falcon e Zúlia, e eu, caralho, eu denuncie isso publicamente na Assembleia Legislativa, eu era o representante eleito pela minha gente quando os denunciei e disse, esses são os culpáveis,

os nomeei com nomes e sobrenomes, com suas carteirinhas do partido, uma corja de malditos conhecidos por todos, de posição social uns e arrivistas, salafrários, politikeiros e pseudo-industriais os outros, conservadores, reações, de berço, esse troço todo, com um lugar na sociedade marabina e posição precisa em cada partido político, e não aconteceu nadinha! Não sei se tu estás por dentro, mas eu tinha acabado de ser nomeado deputado e por isso mesmo estou aqui, essa é uma das razões pelas que vim a esta cidade. Eu, possivelmente, terei que me mudar pra capital, mas e tu? Me preocupa tua situação porque eu acredito que tu deves voltar ao teu lugar, a tua gente, todos precisamos de ti lá. Esquece o passado, tudo é passageiro. Volta a tua terra. Teus pais te esperam lá. Eu prometi para teu velho que te procuraria. Não faz nem uma semana que falamos, e te juro que me pareceu acabadinho, como se o velho Evanan Jesus estivesse se desmoronando, são vários anos te procurando, sem saber de ti, eu não sei que aconteceu contigo, mas ele e tua mãe não deixam de pensar em ti e esperam te ver voltar um dia. Na tua cidade serás de novo tu mesmo, tu vais te reencontrar. Eu te garanto. E além do mais, Emígdio, olha, tu nem mesmo conheces Griselda! A gente casou na época que eu fui eleito para a Assembleia Legislativa, depois da minha prisão em San Juan e tivemos uma filha em novembro de setenta e um, é uma boneca, se chama Marisol, faz dois meses nasceu Eusébio, é um neném grandão, morenão. Eu te digo tudo isso para que vejas que há saída, que a vida vale a pena, sobretudo se tens uma família que se preocupa por ti. Olha, eu voltei para continuar lutando no meu lugar, e eu me fiz respeitar, acho que tenho realizado coisas. Tu me entendes? Pero nada tem sido fácil. A velha morreu o ano passado, seu coração parou. Mamãe sofreu muito com minha prisão e meus anos na guerrilha, mas, pelo menos lhe dei a satisfação de se sentir avó e desfrutou de paz nos seus últimos anos. Mas, a gente é uma coisa mesmo! Eu não podia deixar de mortificá-la... Entrei de cabeça no rolo do mercúrio e ela temia que me levaram preso de novo. A pesar de tudo, o povo me deu a razão, a State Carbamide continua operando, mas eu falei tudo

e o pessoal sabe a verdade, e os que acreditaram em mim me elegeram como deputado pelo meu estado, para defender os direitos da gente, da minha gente, da tua gente, aqui em Caracas. Agora, te esperam Emígdio, tu tens que voltar.

“Que o mundo foi e será uma porcaria, isso eu sei”... Nem no Ministério da Agricultura nem no da Saúde, ninguém vê o problema. O governador não quis tomar providências, e até já se dizia que havia um par de defuntos. “Voltar, com a testa abrumada”... Tenho recebido anônimos, têm me ameaçado, querem me amedrontar, os emissários oficiais têm batido na minha porta, mandaram as forças policiais, me pressionam, o pessoal próximo dos grupos poderosos que tem grana metida nisso. Trataram de me subornar, de extorquir. “Eu adivinho os lampejos dessas luzes que de longe vêm marcando meu retorno”... Os laboratórios da universidade onde examinaram as amostras estão vigiados, eles estão na expectativa, foram questionados, correm risco, temo que possa se reproduzir a tragédia do Centro de Pesquisas do doutor Navarro. “Turvo ancoradouro onde vão se amarrar, barcos que no cais para sempre vão ficar”... Aí está o córrego e os culpados continuam impunes. Emígdio ficou olhando para ele. No fundo, escutava-se com toda clareza. “Névoa do riacho, aferrado à lembrança eu vivo esperando”... Então foi quando pediu ao seu amigo que o escutasse porque estava tentando organizar sua mente. É que não sei se poderei enfrentar todos eles. Pode ser que meu problema seja que não sei se deixei de amá-la, é uma espécie de teimosia, mas nela está a razão de todo este disparate inexplicável para ti. “No fundo do copo sua imagem me ofusca, é como uma condena seu riso sempre igual”... Lucídio lhe comentou em voz baixa. Ficamos esse tempo todo nos contado todas histórias do mundo. Só me falta pra rematar ir à missa e prostrar-me a rezar... Depois saíram os dois do botequim, iam caminhando, abraçados quando passaram frente ao Panteão Nacional. Já estava clareando e o rocio salpicava de umidade as

plantas nas janelas das casas. Pelas ruas de San José chegaram à pensão. Da porta viraram para olhar o Ávila quando começava a acordar em todo seu verdor. Lucídio ainda falava sem parar, desde que saíram do bar, contava sobre Griselda, coisas do rádio, de seus velhos companheiros, de Crisanto Navarro, do novo flamante Instituto de Patologia Tropical, onde, estava seguro, podia jurar, que esperavam por ele. Misturou mentiras piedosas com verdades amargas e enquanto isso foi extraindo de seu amigo palavra por palavra toda a verdade e tentou degluti-la pouco a pouco, ingerindo e digerindo, a tragédia da sua vida, a dor de já não ser? No final, mais sossegado, no quarto atulhado de livros e garrafas vazias, frente à janela entreaberta que deixava entrar em lufadas frias o ar matutino cheio de luz, dali, olhando o verde violáceo da imensa montanha, Emígdio não resistiu a curiosidade e pediu detalhes sobre os seres que ainda na lembrança remexiam-lhe todo o passado, os que ainda se estremeciam no fundo da sua consciência. Estático, sentindo ativos os neurônios da recordação, foi escutando os comentários de Lucídio. Yolanda ainda morava em Mérida, não tinha voltado a casar. Com o triunfo do partido era muito provável que se mudasse para a capital, ela figurava entre os candidatos para ocupar um alto cargo no Ministério. Desde há quase um ano, Gilberto Falcon estava em Washington, era assessor num dos escritórios de “Saúde para Latino-américa”, Roberto Cuello era subdiretor do hospital e vice-presidente da clínica de Romanoff, seu nome se cotava entre os prováveis governadores do estado. Os negócios do senhor Valvuenia em Perijá tinham incrementado seu patrimônio, era quase dono de um consórcio de indústrias lácteas. Ele sempre mantinha a ilusão de ter Yolanda e os netos de volta à casa grande, mas eles só o visitavam na época de férias. Aparentemente, os rapazes eram bons estudantes. Emígdio de costas ao narrador escutava olhando como o Ávila ia se enchendo de verdes intensos e de amarelos tênues, a luz brincava com algumas nuvens desfiadas, sentindo seu rosto gelado por fora e fervendo no seu interior, estremeceu sem abrir a boca. Lucídio esperou algum comentário

e não escutou nem uma só palavra, então ele terminou de contar o assunto do córrego e do mercúrio... Os peixes que se consomem têm altos índices de mercúrio, os pescadores e suas famílias estão numa zona de alta periculosidade, os níveis de mercúrio são muito elevados, esse peixe o vendem no mercado, em Maracaibo e em câmaras frigoríficas o levam a todo o país. E todos sabem, mas o governo não quer reconhecer o problema baseado num informe produzido por uma comissão criada com o pessoal selecionado pela própria State Carbamide. Eu expliquei isso tudo na Legislativa e o fiz de conhecimento público, me assessoriei bem e posso dizer com toda responsabilidade que os informes da Comissão nomeada pela State e o governo não são exatos porque se baseiam em medições de mercúrio metabólico, mercúrio que contém a água e esses níveis de contaminação são irrelevantes, o importante é o mercúrio inorgânico, meus dados são os que detectou o laboratório da universidade e são os que eu assinaléi na Assembleia Legislativa, esse mercúrio é trinta vezes mais perigoso. Eu te digo Emígdio, sou jornalista e sou político e resolvi escrever essas coisas, eu sou maracucho, regionalista, vernáculo, da República do Zúlia, eu sou tudo o que tu quiseres menos trouxa e eu sei, sim meu irmão, eu sei e o tenho dito. Publiquei as evidências de como no córrego se forma um troço que chamam o dimetil mercúrio, porque na água do córrego há metano, é abundante, sim, o metano se forma quando a água se estagna e então como é um gás vai para a superfície e aí é onde se mistura com o mercúrio e nesse momento se produz a contaminação perigosa. Tudo isso e mais eu tenho denunciado, mas botam panos quentes em cima. Mas isso tudo já são águas passadas. Eu te conto minhas obsessões, também tenho minhas manias. Vês? Já aconteceu, assim é este país, um escândalo sempre vai acobertar o outro, sempre há algo pior. Que vai se fazer? Esse é um problema ao descoberto, mas se todos o acobertam, ficará aí enterrado, como o mercúrio... Graças a essa luta fui eleito deputado e agora é quando eu vou começar a me mexer entre os que têm poder no país. Já verás como as coisas vão mudar. Posso te jurar.

Estava o senhor Seu Gato, em banco de ouro sentado, casou-se com a gatinha e agora é gato deputado, é um gato locutor, um gato bem destacado e ademais escreve bem, é um gato mui versado, o levavam a enterrar pela rua do pescado e o cheiro das sardinhas ao gato tem ressuscitado, pensaram que estava morto, que estava bem-acabado, que nada! Seu Gato, se muito, estava era desmaiado, dando um pulo do caixão, enfiou-se no mercado, e com a caixa de votos, foi aclamado deputado...

Emígdio, olha que eu tenho apontado soluções, não é apenas mostrar os problemas, para poder atacar os males do mercúrio, é necessário rastrear o córrego, usar diques que o retenham, que o agarrem e depois usar greda, em camadas, para fixá-lo e segurá-lo na terra. Antes se usava o boro, mas é demasiado lento e já o dano é muito grande. O mais difícil é conseguir reverter os danos, a planta State deve pagar, mas, quem achas que vai querer ser o advogado desses pobres pescadores contaminados? Quem vai ganhar um pleito ao poder econômico da SMC? Imagina que os cientistas da universidade, o grupo que dirige o Dr. Villafuente, faz três meses que não dão um piu. E, não faz nem uma semana, soube que vão receber como doação equipamentos eletrônicos sofisticados, de uma casa comercial muito famosa, vão ficar à frente em pesquisa. Com o apoio de uma filial da State Carbamide... A ciência básica progredirá na universidade, estudarão a fisiologia dos nervos e dos músculos de espécies animais inferiores e não se ocuparão mais do mercúrio. Mas isso é secretíssimo porque todos vão calar e ninguém vai pagar nada. Ninguém vai se condoer de uns pescadores, nem menos ainda da flora e a fauna de uma região esquecida do mapa entre Zúlia e Falcon. Mostram-se as soluções e tampouco acontece nada. Essa é a nossa idiossincrasia, tudo se compra se há grana. O discurso parecia um canto de cisne. Então Emígdio quis lhe dizer algo para animá-lo e lhe contou sobre o doutor Tejera. Estava lembrando o velhinho, lhe disse, sim, o da barbicha e as doenças tropicais, sabes por quê? Uma vez o escutei dizer algo,

creio que foi uma espécie de ditado, sim, lembro que comentou “Não por estar em gaiola de ouro canta melhor o sabiá”. Assim foi. Existem valores ocultos entre nós, como ele, e Felix Pifano, médicos pesquisadores, sonhadores, loucos, eles insistiam em que nós sempre queremos cobrir tudo com ouro, me entendes? Lucídio assentiu em silêncio enquanto a figura de seu velho amigo se recortava sobre o morro do Ávila.

Saiu Seu Gato pirado, foi-se correndo de um modo realmente desesperado e por subir rua acima embalou-se ladeira abaixo, esbarrando com um cão que lhe arrancou meio rabo, deitou as tripas ao ar, Seu Gato esfrangalhado! Na ponta do seu bigode, o sangue se coagulava, de cara ao céu, pobrezinho, cegos seus olhos listrados, então ficou bem morto, como na guerra o soldado.

CAPÍTULO IV

Fechamos a brecha entre a Venezuela privilegiada e a Venezuela marginal.

CARLOS ANDRÉS PÉREZ

1.º de janeiro de 1977



Estava uma pastora, larâm larâm, larim, estava uma pastora cuidando um rebanhito. Toma posse do governo, erno, não, o presidente Pérez, em eloquente discurso depois de pular três poços, lamaçais, charcos, com emotivos impulsos, fala e consegue estremecer à nação. De frente, pondo a cara, muito convencido, o Presidente se expressa. Companheiros, combateremos a corrupção, irrupção, ção, nação. O público se agita, as palavras do eleito, o tomam, bebem? O pegam, epa! , de surpresa, ora, ora, irmã coxa, madre peito, o coração encham de entusiasmo, espicham-se, inflados, gritam aplaudem os mais velhos, com tremeliques e espasmos, pulam e berram os mais novos, os partidários rugem com um entusiasmo do inferno, reverberam, borbota o público, o presidente assente. Governaremos este país desconjuntado, escangalhado? ado, fado? Companheiros, utilizaremos a riqueza, esa, eza, com critérios de escassez. Tu vês? Com leite de suas cabras, larâm, larâm, larim, com leite de suas cabras fazia seus queijinhos. Prossegue o mandatário, o caminhante continua sua perorata emocionante, alucinante, o predicante, exultante, desanda numa filípica evacuante, com o verbo incendiado, disse-lhes fustigante, com seu jeitinho andino, não tão balbuciante! Companheiros, diacho, concidadãos, o povo deve estar vigilante, venezuelanos, venezuelanas, atantes, atentos perante, ante os fatos, shos!, os shows, devem todos denunciar, anunciar? a corrupção. Arretação! Foi por esse então quando lá longe, na outra cara do planeta Terra se produzia aquela mortandade, os turcos e os gregos em Chipre se enfrentaram, mas lá, como cá, não passa nada, apenas um golpe de Estado! Aos cipriotas por fazer a revolução têm lhes dado, ado, fado? ad, o? E deste lado, aqui perto, os cidadãos, como hilotas rendidos, escutam a receita para que não se produza a corrupção. Idiotas? Beneficiários da democracia, é claro que estamos idos, escutamos entusiasmados, apatetados, abrumados, meio aluados, extasiados e alguns até

despirocados de tanto rir! Venezuelanos, venezuelanas, já se foi a época da fome, dos anos da desgraça, acabou a guerrilha, hehe, quer dizer, eu a exterminei, isso foi uma falácia, tentaram inculcar o mal em certas mentes. Todos assentem? É bem verdade, todos estão mortos, eu garanto a vocês. É no jeito de fazer o troço onde a gente vê a *digerência*, vejam cidadãos e loibrigo, a campanha contra a corrupção a farei a toque, a toque de caixa, assim.

Sem pressa, bate a brisa, dá risada, as palmeiras se agitam agressivas, que gaitada, Nitroven, Tablazo e Petroquímica crescendo passo a passo. O que se produz na província ao centro é despachado, chegam insumos importados, mas descarregam produtos nocivos, todos esses rejeitos, radioativos ou não, os jogam no lago. Uma nuvem avermelhada pelo Oeste cobre o céu da grande urbe, frente ao complexo, na margem em frente, as chaminés fumegantes a gente vê. No lago pela barra, agora passam mais barcos, saem cargueiros e cruzeiros mercantes, é sumamente fundo, está dragado o canal e, não obstante, como se fosse pela canalização constante, cada vez mais residuais despojos, dejetos, que disparate! Os múltiplos venenos industriais, contaminantes, vão se descarregando, a explicação é simples, se aduz uma só razão, é o progresso, o avanço do que chamam civilização. Trata-se de fortalecer o desenvolvimento agrícola. A contaminação no fundo ou flutuando, na superfície das ondas, como uma nata, os radicais plúmbicos, mercuriais e os radioativos se acumulam nos córregos, contornam as margens e orlam os estuários, agentes fosforados, o chumbo e o vanádio, fazem brilhar o lago. A época é bem boa! Sim, é o que dizem! Em ponto de bala! Para deixar os políticos de barriga cheia, ou os bolsos? Que beleza! O país é uma cornucópia abarrotada de riquezas, é algo nunca visto! Ter políticos de sócios, ou se associar ao próprio Mefisto, isso é que é negócio! Tudo se paga com o petróleo, a preço de loucura, e aqui pertinho, onde o poder existe é onde está o bojo, aqui senhor, o miolo. Mantêm o Presidente num buraco, o arrodeiam com ideias, que

saco! As mais preclaras, as menos, ora pois! Outras escuras, o circundam, dançam em torno, o estão estrompando, já pensou? Estão dançando, o estão circunvalando, giram e o sufocam, podes crer? Ele está encangotado, sorrindo vem-se deixando ir vendado, vendendo? Não será que é ele que mexe a manivela? Não se estranha, ora pois, olha que está olhando, com ou sem seu consentimento? Fica loquaz, ele gira e faz tocar a pianola, ora pois, veja que sim está nos olhando. Ele, sim? Brincadeira! Eu via, chovia chovia. Não se preocupe parça que depois escampa! Cara, mantém ele no papo, continua engambelando, ao redor do eleito vão se chumbando, eu não vejo ele fodido, ora pois se está feliz! Essa é sua gente, perto do poder é onde mais se consegue medrar sempre. Seguia suas ovelhinhas larâm, larâm, larim, seguia as ovelhinhas um branco cordeirinho...

Tudo começara com um enjoo e o mundo foi se desvanecendo até ficar-lhe tão só um apito agudo, cumpridíssimo, infinito, permanente, soando dentro da sua cabeça, um estridor que se convertia por momentos num barulho ou num chiado trepidante, sem cessar nem um instante e parecia ser, esse rugido agudo, o que lhe impedia abrir os olhos. Ele não conseguia articular as palavras, pois não podia se mexer nem um só milímetro da sua posição, de costas, jogado, encamado, sem conseguir nem mesmo se queixar. Talvez pudesse resmungar, mas era tão esgotador, tão cansativa a tentativa e além do mais nada de nada acontecia, tudo era tão prolongado! Bum dum, bum dum, bum dum. Na escuridão do espaço, bum dum, até um ponto tal que, com o tempo, estando imerso nesse conciliábulo introspectivo, embebido numa espécie de geleia de sensações interiores, internas, intestinas, próprias, personalizadas, intangíveis, mas intermináveis e sem escapatória aparente, bum dum, bum dum, nessas desagradáveis circunstâncias, Evanan Jesus Ferrer começou a suspeitar que não transitava como em outras ocasiões pelo torpente curso de um maldito sonho, e que tudo aquilo que lhe acontecia não o estava enredando na teia de aranha de um

pesadelo. Não queria nem pensar, mas tudo parecia ser real e ele tinha o palpíte de que as coisas lhe estavam ocorrendo a ele mesmo e, para remate, tudo aquilo parecia ser de verdade verdadeira. Começou então Chucho Evanan a se preocupar com uma pontada de medo, começou a se atemorizar em silêncio e foi passando do susto ao desespero, derivado da sua incapacidade para escapar da cela do seu próprio corpo, onde o mantinham, bum dum, bum dum, suspenso? Bum dum, bum dum sem que ele soubesse quem eram os responsáveis, detido? Onde? Sem entender como e por que estava preso, o tinham encurralado... Shiata outá? Estava considerando essa possibilidade muito seriamente, talvez o que estava vivendo era o mesmo que estar morto, ou quiçá estava morrendo lentamente? Os cabos estavam se atando na sua mente com nós e mais nós, dentro da sua confusa cabeça sentia seus pensamentos embaralhados, ainda que por momentos começavam a ter uma lógica mais diáfana, quando no momento mais inesperado, ou o menos esperado, o sacudiram de um lado a outro, chamando-o desde muito longe. Sentiu-se então girando, num vórtice centrífugo, marejado e cada vez mais cansado e pensou, vão pro caralho! Decidiu se fazer de doido e assim dormiu durante um tempo indefinido, uma época? Anos talvez... Quando lhe entreabriram um pouco os olhos, ele andava há um tempo dando tropeços na penumbra de uma grande confusão porque achava acordar por momentos e estava se convencendo já de que ele era simplesmente um morto-vivo.

Por aquele tempo foi quando lhe deram sua flamante nomeação a Tremebundo, a Gumercindo? Seria considerado o cérebro da coordenação econômica do governo e o cara era um predestinado com dotes de vidente, se algo diziam dele, era que o cara deveras era inteligente, bem conhecido era, de tempos idos, quando do comício aquele, os cabeça-quentes, quem sabe se não antes, juventude insurgente? Mas cada um tem um preço, estavam desatadas as fúrias do Averno, já existia o policial, aquela foi a

época do mutis, estreia e despedida, ele agitava as caldeiras do inferno, bonito engodo, il tradittore... Tremebundus, um fiasco? Nos alvares de um conflito existencial? Seguramente! Tremenda decisão, deserção? Que decepção! Espertamente seu prato de feijão ele comeu muito diligentemente, e não indigestamente, na Inglaterra. Era o momento então de viver dia a dia observando aprazível o crescimento, terno florescimento, o renascimento e o chamado macrosurgimento da nossa economia. A produção de crus e levianos, e de queijos!, incrementou-se, em excesso, aumentou a vazão, fabulosos ingressos por causa da renda petroleira. Mas, atenção! Não era que improvisávamos, existia um plano, fodação! Era um plano nacional, meus queridos irmãos, o plano da Nação! Frente a essa dinheirama, como não fazer uma planificação? E nos disseram, até que enfim vamos ser felizes manos venezuelanos, viva companheiros. Arria será o governador da capital, se anunciarão em série milhões de decretos e não serão secretas as decisões do partido, não haverá quem diga que não temos repartido, e terão apoio todos os adecos e seus amigos, e se não for assim decidiremos em patota, qual é o rolo? Se está nos sobrando a grana, algum problema? Se agora o pleno emprego vai ser o nosso lema. O Tablazo marcará o passo. Vez por outra, algum pequeno peixinho será acusado de corrupto, que abrupto! Seguramente algum obscuro funcionário que fique dando bandeira desde seu oculto buraco a servir de bode expiatório, um bodezinho para os adecos, uma cabritinha? Enquanto os politiqueiros e estapafúrdios obesos financeiros, milionários, de todos os partidos enriquecerão, os mais ativos vão se gabar frente aos amigos e mostrarão altivos seu branco colarinho. Aonde vais zagala, larâm, larâm, larim aonde vais pequena por esse caminhozinho?

Como produto dessa presunção, a claridade deixo Evanan Jesus em outra dimensão. Percebeu então que não estava na sua casa, nemeufurnado em seus pijamas, captou o fato desagradavelmente insólito de estar nu frente a uma enramada de fios, tubos de

plástico e mangueiras de borracha e compreendeu que apenas era capaz de poder ver frente a ele um lençol com pregas, espécie de cortina verde periquito. Então foi quando começou a entender as coisas. Pelo menos foi o que preferiu acreditar perante a claridade quando pôde perceber a cintilação dos objetos reais, de contornos mais nítidos. A pesar do aturdimento, ele quis se sobrepor, sentia uma tontura enervante, era uma zonzeira brutal, amorfa, um embrutecimento, plácido adormecimento, sono, era isso! Uma dormideira infernal, seguramente catalepsia, paralisia, apoplexia, hemiplegia, dislexia, discrasia, afasia, embolia... Assim lhe chegavam os vocábulos, cada vez mais complexos, soavam nos seus ouvidos atordoados palavras como acidentecerebrovascular, eram sussurros, os tons chegavam em diferentes revoluções, lesão tromboembólica na região insular, deformando as vozes. Eram eles, os que o rodeavam, quem diziam aquilo tudo, entre cochichos, no meio de uma bruma densa, seguramente ali estavam todos... Espectador não convidado a uma função e a sala escura, era como andar às cegas, dando tombos num corredor interminável como boca de lobo, seguramente era a casa do terror. Evaristo o mais velho era muito pequeno e ele também teve aquela sensação de pânico presentindo que se tropeçariam nas sombras com algo, com alguém e a boca cheia de pipoca e depois cair no chão, e Evaristo engatinhando e o sal regado pelo chão, sal e areia, má sorte, a pipoca dispersa na escuridão quando alguém com o maior descaramento do mundo lhe entreabre as pálpebras e ilumina com uma lanterninha. Ele pensou nesse instante que era sua oportunidade, aproveitar a falha de seus carcereiros, o momento era crítico e, no entanto, ele mesmo conseguiu, não precisou de um grande esforço, sozinho como estava foi capaz de verter por aquelas gretas umas lágrimas mornas, conseguiu evacuá-las, expulsá-las de si, ejaclá-las quase, um pranto silente inexpressivo que lhe permitiu captar, desde seu nascimento, o ruído do seu úmido brote, líquida gemação, até percebê-las cálidas no seu rolar, gotas deixando traços como de rios, escorregando pelas suas bochechas, serpenteando entre os

pelos da barba e trêmula uma delas se deteve atrevido-se a se filtrar por entre a comissura de seus lábios.

Corrupção no Ministério de Obras Públicas, pela denúncia parece fato certo, não pode ser, transforma-se em mistério... Lutam no deserto palestinos e israelenses. Há corrupção em Corpomercadeo, é um assunto sério, corpus delicti, porcus delicti, porco o mercadeo. Um assunto muito feio, nas dunas do Golã jazem os mortos. Soljenitsyn, escritor russo expulso de seu solo natal, deleita-se em Nova Iorque, frente a uma sopa de goulash cheia de sabor e ele se pergunta, por acaso a deseja você, irmão? Os camaradas por aqui querem saber si é goulash húngaro ou é gulag siberiano? O cárcere dos vivos estava no arquipélago de Gulag, agora, o cárcere não é para os vivos, aqui parece que o arquipélago é para os trouxas, os processados, os indiciados, as meretrizes e os pés-rapados, os bobalhões, os não julgados no país são milhares. São os sem juízo, não tiveram, não têm, nem o obtêm, não conseguem, nem terão porque são pobres, não tem cobres! São do grupo fatídico, maioritário, os mochileiros, sacoleiros, muambeiros, atulham, encham sem pistolão nem advogado, calabouços, celas, prisões, todos os confinados estão ameaçados, podem ir para no ELDorado! Mas não serão julgados, só quando Deus quiser, ou confirmando que têm dinheiro na carteira, então sim serão processados, uma fatia, a maior, ficará com os advogados, te escapas se a farda tem ombreiras, de outra maneira, sem carteira, cais no grupo mencionado, já são milhares, nesses dias a denúncia aponta alguns militares, estão detectados, não acontece nada, escandalosa negociata é escancarada, o affair da sucata reciclada, que coisa! Aparece entre entulhos de retorcidas vigas e de aparas de metal a até há pouco impoluta retidão das Forças Armadas... Se vais a julgamento por um queijo, fica certo de escutar dizer ao juiz, quanto é que eu vejo? E disse a pastora, larâm larâm larim e disse a pastora eu tenho um rebanhito, não tenho medo de ninguém, me cuidam soldadinhos, me basta meu petróleo, me ajuda um pastorzinho...

Assim estava naquela indefinível expectativa, no momento absurdo de pensar e escutar a voz de Enrico Carusso, una furtiva lacrima! A imagem confundia-se com a de um Mário Lanza que depois era o grande Houdini Curtis, encadeado, como ele? Nesse instante percebeu a presença da sua mulher. Tinha que ser Ângela, esposa, mãe de seus filhos, estaria se aprofegando, aconchegando? Nele? Estava ao seu lado, escutava sua respiração, ofegante, me conformo com ver-te, sentiu suas mãos, a ponta dos seus dedos na sua cara que limpavam os rios já quase secos, mesmo por um instante, ela choramingava, sua Angelita chorava também e acariciava-lhe a testa, massageando suas têmporas, apertava sua mão, a espremia, ela o sentia, talvez inerte? Naquele impávido e impressionante silêncio, ele desviou seus globos oculares para a direita e, caralho! Ao fim conseguiu, a detectou então, a enfocou, a viu sim! Ela olhando-o e ele gotejando sua chuva de amor morno e salobre. Frente a ele, lentamente passaram Emígdio, Ênio e Evaristo e lhe disseram várias coisas, diversas, dissímeis, dessemelhantes, diferentes, com muito amor, pausadamente, mas, ele teria gostado de ver Hercília e Luisinho, reter um pouco mais o calor de Ângela e quando quis perguntar a Evaristo pela pequenina, sua neta mais, mais o quê? Notou que não dizia nada e que estava muito cansado, as ideias lhe fugiam, os filhos de Emígdio? Sem poder fazer perguntas, netos? Quão difícil, os negócios? O trabalho. Ai, caralho! Quando voltaria para Mojan? Que será da vida dos que estão lá fora? Maldição! Sua existência parecia estar confinada, tinham-no transformado num recluso, no fim, meteram-no numa prisão! Lembrou-se então do preto Lucídio e vociferou internamente uns porras e que classe de merda estava lhe acontecendo! Pela primeira vez compreendeu o que era isso e o pior era ter a sensação, esse convencimento de estar preso, não em San Juan, nem no Rastrillo, nem no Obispo, nem no ElDorado, nem no Retêm, nem em Yare, nem na Planta, nem na Pomona, nem em Sabaneta, não, porra! Não! Estava preso dentro de si mesmo.

Nas Nações Unidas falou Yasser Arafat, vontades reunidas para enfrentar o destino, reconhecem os direitos do povo palestino,

e aqui perto vêm e nos dizem que somos independentes, nacionalizados, meio retrouxiclados, é assim como alguns notam o país, mediatizado, cada dia cresce nossa dependência. É a riqueza e a boa situação, os insumos e as importações continuam chegando à nação. Na bonança, o trabalho criador decaí, mas não há do que se preocupar, sobretudo se se tem a carteirinha, ninguém padece de desesperança. No outro extremo, na República Argentina, o terrorismo desatado em comandos os estão aniquilando, é um desastre que vem sendo observado pelo trio de ases que está no mando, não são a tríplice A mas executam, são Maria Estela, Perón e López Rega, já seu final lhes chega, a ferida de tão funda transformou-se em chaga, pelo menos isso diz a imprensa, o que se relata nesses dias sobre a distante República do Prata. Mais do que fodida se encontra sua vizinha austral, Pinochet, um chacal que espezinha e aperta dia a dia suas garras de harpia, escapa a saliva de suas fauces ensopando tudo, num Estado militar, governo criminal, não populista, certamente, trata-se de impedir que regressem os vermelhos comunistas, os que comem gente. Cuidado, lá vem o lobo, larâm larâm larim, cuidado já vem o lobo que come cordeirinhos, que mata rebanhinhos, o que dizes pastorzinho? Que o lobo em ocasiões está oculto sob a branca pele do cordeirinho? Que não são todos os que estão...? Que Mary had a little lamb? Little lamb, little lamb...

Com o correr dos acontecimentos, ele ficou persuadido, chegou à conclusão, com toda a certeza do mundo, de que não estava vivendo um horripilante pesadelo. Ali, na sua frente, estava a cortina verde vincada, que se sustentava de um cano branco e ademais zanzavam elas porra! Esse cortejo de mulheres engomadas de branco, com seus rostos que se aproximavam e retiravam, com seus cheiros e suas cores, flutuando ao redor da cama, iam e vinham, mexiam nele, o apalpavam e lhe diziam besteiras e o lavavam e viravam, a sua idade era um desrespeito, e ele apenas conseguia fazer brotar alguma lágrima morna que ele

sentia fervendo da danação que o embargava, porque, caralho, o espetavam! E o tateavam e botavam dentro dele sondas e termómetros e lhe encaixavam a comadre e traveseiros e falavam estupideces nos momentos menos oportunos, os menos adequados, quais seriam os menos inúteis? Os mais inesperados, os instantes insuspeitos, dentro da interminável e incontrolável situação que transcorria frente à cortina verde vincada e também dentro dele mesmo, percebendo sua própria respiração, profunda às vezes, com períodos de calma para recomeçar, aspirando uma e outra vez e o bum dum, bum dum internamente, como um relógio, que parecia não querer se deter nunca para não deixá-lo escapar daquela maldita prisão interior...

O que acha? São coisas que a gente lê na imprensa e ficam na mente, parece ser que o Senhor Presidente, em ocasiões nem acreditar pode no que ele mesmo diz. Repete até o cansaço e o tédio das pessoas que escutam impacientes o mesmo todo o ano, é setenta e quatro, o cara é eloquente, de costeletas e paletó xadrez, é um prócer encarnado, o Senhor Presidente, o tipo encimado, disse em 6 de dezembro que não existia alternativa. “Basta! Pegaremos com a mão na massa os culpáveis da nefanda corrupção administrativa”. Em 20 de dezembro, próximo já o Natal, o Procurador-Geral decide publicar a verdade, são mais de trezentos expedientes e as irregularidades cometidas são a torto e a direito. Com o leite de suas cabras, larâm larâm larim, com o leite de suas cabras fazia seus queijinhos. O arroz de leite virouqueijo, virou requeijão? Botaram água no feijão! Se engatunaram cristão! Praeu, rasparam a panela, estás começando a gatunar? Estás gatunando! Esse queijo é meu, vem e se eleva e leva pra lá, o gol? Estás gatunandinho? Queijo de cabra, abracadabra. Machos eram, não sei, mas eram muitos, manetas? Os deputados mais pegadores são os senadores, manetas não são não, mechas? Sim, mais que pacotedefogos, praquete foste? Besta! Tu és o maior queijo, a faca e o queijo, queijo e mãos? Não mano, isso é jogo, fogo? Jogo! De bola, queijo de bola? Venha pelas duas, deixa estar, podes crer, é crista? Zebu, cara, lácteos zebu sim, okey,

ralado, então, se pelo menos fosse meia cura, meu filho, tu não tá me entendendo, quecoalhaçada, assadinho então. Pra que Malangone? Queijo é queijo, e teu sobrenome? E o pernil? Mais queijo, rapaz! Vixe! Pra mim tá bom onde tenha...

Croac cantava a rã, croac em setenta e quatro, croac respondem os sapos, clocló entre o verde pasto, croac em dois de novembro, croac cantavam as rãs, croac já dormem os sapos, embaixo d'água, na delegacia, lá por Táchira, morre um recluso e fala-se em torturas, é só um rapaz, chamaram o padre, croac cantava a rã, do jovem a mãe a Deus se aferrava, croac estava a velha, a dona chorava, o padre em sotaina, já o confessara, gemia a dona, diabos desgraçados, o tinham surrado, filho da sua alma, fora malogrado na delegacia, morto golpeado, na delegacia, garoto pateado. Ninguém disse nada, croac passou um cavaleiro, vendendo alecrim-de-cheiro, croac chorava a velha, em dez desse mês, são identificados plenamente, porra, coisa tão fodida! Dizem os gendarmes da delegacia, impossivelmente, veja, aqui não tem erro, matamos o menor porque era um delinquente, croac eu quero rosquinhas, croac comida de malandrinhos, eu quero *masato*, bebida de gatos, o que diz Vicente? O que diz a gente? Todos já sabem, venha, olhe e cale, não tem carne de vaca? Feche a matracal!

Acompanhando o canto dos grilos, o entardecer languidescia deixando-se esfaquear com passividade pelas sonoras lanças penetrantes de centenas de cigarras aferradas aos lenhosos algarobos. Eles se aproximavam cavalgando compassadamente. O suor ensopava o ar denso, quente e alaranjado. Eles chegavam no final do dia com o sol dos veados. Ele pressentia que estavam perto do inferninho porque o sopé da montanha já era visível do morro, mas sem uma nuvem de fumaça e sem o fragor dos trovões sob a terra, ninguém podia garantir. Arfavam as bestas. Chegaram num clarão entre ceibas e carvalhos onde os algarobos começavam a perder terreno e o solo estava entapetado de amarelas florzinhas do mato. O zumbido sob as árvores era

ensurdecedor. Emígdio olhou com preocupação Luís Enrique. Estava pensando que a noite cairia logo, mas o veterinário parecia tranquilo, cavalgava ao seu lado despreocupadamente. Crisanto ia adiante. Tinha-se adiantado com um entusiasmo quase infantil. Então ele pensou na cara do doutor Navarro e naquela expressão sua de consternação, o dia quando o visitara no Instituto de Patologia Tropical, depois de tanto tempo! Disso já fazia vários meses, quantos eram? Sob as copadas pitombeiras a paragem se convertia num fresco e sombreado caleidoscópio impregnado do odor das frutas e entre as romãs e frutas-do-conde esquivavam os galhos cavalgando sobre um tapete de goiabas podres, de mangas e de abelhões zunindo. As frutas eram remexidas por centenas de pássaros que revoavam dispersando o doce perfume. Um pouco além, viam-se alguns pés de graviola e cajurú. O estridor das cigarras parecia penetrar a pele. Cavalgavam entre os reflexos amostardados da tarde laranja com sombras e cintilações de sangue. Crisanto apontou a montanha e Emígdio achou então perceber uma mancha verde magenta entre as grandes pedras. Foi então que ele pensou. Sem dúvida, já estamos no Passo do Diabo, tem que estar perto a entrada da caverna. Na realidade, meses atrás, Crisanto não pareceu se impressionar com as referências de filho pródigo que o mesmo Emígdio utilizou como cartão de apresentação e depois de um preâmbulo alucinante, conversaram por horas durante vários dias. Logo de um par de entrevistas, ainda ele continuava expressando seus temores, o medo de não estar à altura dos demais pesquisadores e as conversas amistosas, pouco a pouco foram lhe servido de catarse. Passaram assim a discutir sobre temas de medicina, a planejar experimentos, dos quais falaram anos atrás, para serem esmiuçados exaustivamente e chegaram a cogitar hipóteses já quase esquecidas por Emígdio nos recônditos da sua memória. Muitas daquelas ilusões do passado eram na verdade originais colocações conversadas anos antes, tratavam sobre metodologias para estudar o problema da peste louca nas bestas e seus efeitos sobre os seres humanos. Todo um projeto de pesquisa grandioso suspenso no tempo, para ser

executado na península Guajira. Foram e vieram em trêmulos conciliábulos, até um dia quando com uma sonora gargalhada, Crisanto lhe disse. Rapaz, é que eu acho que é melhor um bêbado conhecido que um alcoólatra anônimo a quem eu não estou interessado em conhecer. Não preciso de santos, nem de robôs, nem estrelas, quero seres humanos e você eu quero como amigo, com teus defeitos, aliás, por teus defeitos te aprecio mais. Vamos trabalhar, isso é tudo! Vamos encarar essa, considera-te um dos nossos! Precisamos de você. Vem te incorporar ao nosso Instituto.

Croac cantava a rã, no bairro Cinco de Julho de Petare, a bala executaram um operário, croac embaixo d'água e no Morro dos Cornos marabino, um furdunço tomou conta, um delegado da polícia que era um ladino, botou duas indiazinhas num bar, croac a rã cantava, as virou pelo avesso, abusou delas, ele se disse, estas guajiras são retardadas, caçoou da sua velha, o cara de pau, protestando os familiares, os mandou presos na delegacia, croac embaixo d'água, croac passou um anãozinho, o operário baleado resultou ser um rapazinho, que num botequinho, um dia qualquer, de palavra se excedera nada menos que com um policial, e não teve sorte, a chumbo o costurou o agente, morto ficou, croac passou uma senhora, o delegado abusivo ofereceu liberar os guajiros cativos, se lhe davam mufufa, e a mãe das indiazinhas conseguiu umas moedas, os índios eram pobres, com o delegado marcou cita, entregou os centavos a uns colombianos e com efeito a balaços morreu, como um marrano o vil delegado, a justiça guajira que é de irmãos resultou vencedora, morto morrido ficou, croac a senhora de saia de cauda, passou um cavalheiro, e a rã cantava, croac, e cantava a rã, croac e croac, embaixo d'água.

A piroga foi entrando pelos córregos entre os mangues brancos contorcidos até que as retorcidas raízes lhe fecharam o passo.

As pistias e os aguapés enredados na hélice do fora de borda os detiveram já várias vezes e o juvenzinho guajiro lutava para encontrar uma via por entre o emaranhado da água, com a esperança de sair de novo a um córrego livre. Com uma vara afastava a vegetação, media a profundidade, separava os aguapés e os nenúfares para que não esbarrassem na hélice, mas tinham se adentrado profundamente naquela fiação vegetal e só poderiam sair retrocedendo. O sol brilhava com vontade, mesmo não sendo nem as dez da manhã. Havia apenas meia hora que tinham saído da margem da lagoa de Cataneja e o mangue intrincado parecia querer detê-los para sempre. Na piroga, Emígdio, Luís Enrique e Angel Suárez tinham preparadas as armadilhas para caçar animais selvagens, procuravam roedores, eles confiavam em detectar os reservatórios da peste louca. Na proa da igara, a doutora Madrid, quase puro osso e pelanca, com óculos redondos de armação dourada e uma grenha loira parecia não se aperceber da situação, enquanto, entretida com um tubo de vidro acoplado a uma mangueirinha, chupava a toda hora, aspirando mosquitos que transladava a um vidro com bocal especial; a entomologista estava ensimesmada na sua captura e confiava em resolver em menos de seis meses de trabalho o problema da classificação da fauna culicidae da lagoa Cataneja.

Em três de dezembro são detidos alguns funcionários, cinco deles por suborno, a lua não é pão de forno! Os cinco seriam encaminhados aos tribunais, croac não há juízes venais? Croac já todos sabem, logo estarão em liberdade, isso é um absurdo! Mas, assim é a vida, prenda querida, croac passou o cavalheiro, croac acabou o alecrim-de-cheiro, em sete de dezembro, imagina, em Prado Maria, não é policial, é um detetive, liquidou pelas costas um estudante, um pobre garoto que só tinha dezesseis anos, o mesmíssimo dia um cara da Inteligência tirou do meio em Simón Rodriguez um juvenzinho com duas descargas, passou o cerol, o deixou esticadinho! Algo parecido aconteceu em Sarria e no seguinte dia o país soube que o funcionário era o mesminho que matou o estudante, o rapaz de Prado Maria, praquevejam que rápida e eficiente é a nossa polícia,

croac a rã cantava, croac fora chovia. Em catorze de dezembro, morre outro estudante como se fosse um criminal, é liquidado pela polícia no Litoral. A dona passava, a rã cantava e nada de nada mudava. Em trinta-e-um de dezembro se acaba o ano, o Ministro da Defesa declara ante a imprensa que não há engano, que é uma ofensa quando dizem que tem coparticipação nessa ação, que eles jamais formariam parte daquela Comissão, que nesses dias, eles nunca saberiam quem sequestrou à profissional de sociologia, a mesma que ainda mantêm em prisão, que essas são coisas de suprema inteligência, que são medidas contra a insurgência, mas, não é coisa deles, são questões de alta polícia, as rãs mais velhas repetem queremos groselhas, ah, rãs pentelhas!

Jairo segurava o burrinho enquanto Emígdio mexia no pescoço buscando uma veia grossa. Por fim, conseguiu detectar a mais adequada, esfregou o algodão com álcool-éter e com uma agulha penetrou o couro e foi enchendo o cilindro com sangue vermelha e escura. Jairo enxugou o suor, molhou a ponta do lápis e anotou na sua conta, é o burro número 32 do dia, colocou o tubo com sangue na caixinha e continuou, com seu amplo sorriso de guajiro, feliz. O sol caía vertical sobre as taboas.

Em treze de janeiro de um novo ano, comenta-se que uma escolta do Ministro de Justiça deu cabo de outro estudante, adiante! Aconteceu na Vega e o tipo não foi capturado, dizem que anda escondido, nem é preciso que ande pulando, o homem de todos é conhecido, e está bem protegido, assim se inicia um novo ano, é o setenta e cinco, ah, que vespeiro! Quando é vinte de janeiro, a mãe de um rapaz, um juvenzinho que morreu na detenção, chora na frente dos jornalistas, eles escutam e redigem notas, nunca pôde ver seu filho falecido, enquanto esteve detido, diziam que era esquerdista, croac, que vida dura! Croac é a vida dos pobres, em onze de fevereiro em Barcelona, um da Inteligência é acusado de ter disparado a um advogado, danou-se! Croac comentam as rãs, croac que

desaguisado. Em quinze de fevereiro, outro merdeiro! Um guarda nacional é indiciado como assassino de um penalista marabino, uns dias mais tarde, o guarda confessou sua culpa, o autor do atentado contra o doutor Obando Sardi, era outro advogado, são fatos consumados, croac assim andam as coisas, croac as rãs assobiavam, que troço é esse? Há rãs que assoviam? Não brinca, não acredito...

De cócoras, Rosandra Madrid parecia um ícone aureolado entre a ramagem do manguete transformada em filigrana de marfim. O sol atravessava a intrincada urdume criando quadrados rombos, retângulos e minúsculos paralelepípedos de luz fragmentada em milhares de diminutos arco-íris, enquanto ela aspirava por um tubo uma e outra vez introduzindo os pernilongos nos frascos de vidro. Quando ele penetrou na sua guarida de cristal, o fez quase reptando e chegou com o rosto cheio de picadas, interessado em acompanhá-la um pouco. A entomologista o olhou sorrindo, observava os torpes deslocamentos de Emígdio por cima dos seus pequenos óculos de míope. Foi então que lhe disse com carinho. Observa este pernilongo gordinho e preto, você vê? É uma Psorósphora, compara com esse aqui, você vê? Não, com esse que parece com um escapulário, esse não, com esse, sim, esse, você vê? Esse é o que mais abunda por aqui, é um Aedes Tenorrincus, você vê? O doutor Ferrer assentiu, cheio de emoção, enchia-se com a sensação que se experimenta quando se aprende algo desconhecido. Fazia um calor sufocante.

Parado frente à porta da Unidade de Terapia Intensiva, ele virou para olhar o fundo do corredor e com a vista reconheceu os vasos com grandes folhas de costela-de-adão e as poltronas de couro sintético cheias de familiares e amigos. Deteve-se nos olhos chorosos da sua mãe. Dona Ângela estava sentada entre Evaristo e Ennio, que tinha segurado uma das mãos de Julinha, sua esposa. Todos eles pareciam vigiá-lo de soslaio. Ele obrigatoriamente pensava em Yolanda, ausente. Depois lembrou de seus filhos.

Essa manhã tinha recebido uma ligação de Emiliano, o mais velho, dizendo que chegariam os três irmãos, de avião, à noite. Viriam de Caracas. Agora todos estudavam a secundária no Colégio Santo Ignácio. Decidiram vir para ver seu avô Evanan Jesus. Emígdio abstraído lembrou que prometera buscá-los no aeroporto essa noite. Nesse momento, abriu-se a porta de vidro e saíram duas enfermeiras com batas azuis e gorro. Ele pôde ver pela fresta uma parte da cama parcialmente oculta trás as cortinas verdes. No monitor, o fosforescente traçado do ritmo cardíaco corria sinuoso e repetitivo, ele olhou até que a porta se fechou completamente.

Em cinco de março, um guarda, escolta do Senhor Presidente, matou de um par de tiros um dirigente, por sinal, um adeco, um homem do partido, homem do povo, o do partido ficou bem fodido! Ou seja, ficou bem morto, foi precisamente, no bairro do Aeroporto, na querida Maiquetia, o cara, preso foi levado, croac as rãs diziam, croac fede a porcaria, as rãs cantavam, cocô, e se lamentavam, a coisa fedida, em catorze de março, lá por Táchira, acontece uma curiosa situação, a Inspetoria de Trânsito foi intervinda sem vacilação, com a imputação do delito de moda para a ocasião, a corrupção, isso foi em San Cristóbal, capital de um estado, isso não tem nada de novo, denomina-se de reiterativa a conduta dos agentes, que gostam de tirar gorjeta da gente sempre que podem, procedimento que alguns tontos, como é que é?, qualificam de corrupção administrativa! Em 19 do mesmo mês de março, um juiz e um policial são acusados e se decide instaurar sindicância administrativa, o que é algo regular, ordenamento de rotina, não é nada descabido, quando lhes dá na telha, fazem como as rãs, tão somente cantam, croac, o que você diz? Vês que fácil é, ouvir, croac, croac, em vinte e três de abril, a Procuradoria investiga o estranho e desagradável caso dos nove indivíduos que foram liquidados, agora dizem que já não há evidências, ocorreu na pobre pensão de um bairro, lá de Valência, assassinados? Sabe-se pouco e mesmo que a gente

diga e as rãs cantem uma coisa, é outra dessas, croac, pensa com a cabeça, croac o chumbo pesa, croac e pedem cerveja?

Era éter! Esse era o cheiro, já faz um tempo. Esse aroma de antissepsia, esse perfume malévolos, batia no seu nariz e agora quando estavam revoando sobre ele, o aspirava, e embora tentasse esquecer o cheiro, não pensar nele, esse hálito hospitalar não se ia das suas fuças. Apalpavam seu abdome, afundaram umas mãos, quase garras, no baixo ventre e depois cochicharam ao redor. Álcool e sabonete, agora dói e continuam espremendo-o até que suas vozes se confundem e sente o frio entre as pernas, colocaram de novo o artefato. O que dizem? Incomoda, dói, sente que pode explodir e o esticam com dor. É a preta da touca, ela cheira a sabão em barra. Pega nele! Está ajeitando-o, cantarola, quase com certeza enfiará um tubo e vai doer muito, sem protestar, sem poder dizer porra alguma! Nem piu e quando fecha as pálpebras é tudo opaco, sente as mãos bulinando, quer pensar nela e aperta os olhos, dói e só vê cobrinhas vermelhas e verdes e tudo fica vermelho e logo como flores alaranjadas. Com a cantoria da preta, vem outro jato morno e vai-se desinflando o globo, com um novo odor, como de comida estragada, fermentada, ou é de vômito? E se mistura com um sabor quase esquecido, esse gosto. Sim, é isso! É ela, outra vez, sua língua. Oh, a umidade! Ah! Como gotas resvalando e o sabor que é de frio e de cristais e sente o mesmo vaivém da rede, o estarão virando? Pensar nela, de bruços, os dois nus, os separam, mas ficam as línguas, lateja sim, bum dum bum dum e a cantoria, cheira a talco e o estão movendo para um lado e agora para o outro. Nu sim, ele e ela, seu corpo morno... Descobriu que pode perceber o correr do sangue nas suas veias. O desinflam e lateja, bum dum bum dum, até a língua lateja e ele sente, é um muco com sabor a cobre, a moedinha, amêijoia distante, mas sente, o percebe, é seu perfume, ela deve estar por perto, como não poder agora explorar sua geografia, percorrer os rios e os píncaros de seu corpo, outra vez e ficar ali, unido a

ela para sempre, na pequena morte, sem poder entender se é a grande morte esse cansaço...

No caminho até a caverna, entre os carrapichos e as beldroegas cresciam cheias de penugem as urtigas. Quem saberia a quantos quilômetros de distância estava Carrasquero e quantas léguas cavalgando sobre a alfombra de florzinhas por um mato que parecia querer se vestir de verde para esquecer a inclemência do longo verão. Entre arbustos ternos e essas flores amarelas que opacavam o ruído dos cascos ferrados, penetraram no povoado. Era uma só rua, que alguma vez deveu ser estrada com ouro em pó ao redor dos cansados monstros de seis ou de oito rodas, exsudando vapor de água, com agudos assobios gemendo superaquecidos e repletos de bruxas, saltimbancos, astrólogos, comerciantes, médicos, encenqueiros, advogados, bebuns, chineses lava roupas, prostitutas e até um par de padres, todos aqueles que chegaram nos dias do vento, buscando a fortuna rápida, atraídos pelas notícias de bonança, quando floresceram os jardins do povoado e flutuava a roupa branca nos varais de cada solar.. Agora as ruelas transversais, que cruzavam de um lado ao outro, eram valas e crateras com detritos de esquecimento, sem porcos esqueléticos, nem mesmo um cachorro exibindo seus ossos sarnentos, tão só cal e areia e pau-a-pique, ferindo a vista sob o sol do meio dia. Casas que padeciam de prematura calvície enéal e urubus aos pares que se olhavam sorridentes pousados nos galhos das raquílicas árvores secas, Eles sem dúvida esperavam por um sinal desconhecido para aqueles que cavalgando entravam no povoado, silencioso.

Uma pastora estava, larâm larâm larim, uma pastora estava cuidando um rebanhito. Eita, será o benedito! Que xaropada. Outra vez com o nhenhém da pastora, perturbação da *bixiga*? Ou não será que é o joguinho, o do rebanhinho? Vesepodecara! Reba, banho, banhinho, pequeno banho, ranho, anho, baba, balam, as cabras do rebanho, balam ou balas? Bolas! Ave!

Arre! Ora pois... De singular importância a nacionalização do petróleo, óleo quetal? Com muita *cirimônia*, também a do ferro, berro! Nasceu Petroven, cresceu Nitroven, já nem veem, viva Loucoven! *E como eu tenho arrogância, me tratam como um porquinho*, mas, que nada, vou abrindo caminhos... No rebanhinho, demos nome a cada cabrito, Exxon, Mobil, a cabrita Gulf, a cabra maior é a Chevron, que mal pensado! À bodezinha Shell lhe botaram um grande laço cor de rosa, com listras amarelas, amarelou! Partida, que cabra mais metida, cabrita bandida, ela era a mais pescoço pelocrespa, à outra chamavam de Britishpetrol, cagueta que rima com mutreta, mas naquele ano não havia nenhum pastor, o cachorro ainda era filhote, eram dois os pastores do grande rebanho, Abdul Tarik e Pérez Alfonso, eles acreditavam no povo, nunca pensaram em nada disso, nunca sonharam com fazer queijos, nem mesmo cogitaram nisso, não concebiam o que nesse ano aconteceria, sobreviria, apareceria, ocorreria? Adviria, e o que foi? Escorregou? Gato, rabo queijo, confissão, quanto custa isso? Merdação! Uma ruma de coisas que vão muito grudadinhas com o que chamam nação, uma danação, e, lógico, com a bendita corrupção! Não foi pressentido por esses patriarcas, vovozinhos de outrora, naqueles nefastos anos, as situações começariam a se lhes escapar das mãos. Daqui para frente todas seriam conjunturais, e os problemas? Coisas das mais naturais, não estão à mão, de quem? Dos concidadãos, o doutor Fausto, nem Papetti nem Verdial, meu irmão, o diabinho, não brinquem com ele, que nos comprava a alma, o próprio Satanás, sim, a nós os mesmíssimos cristãos, não aos venezuelanos, alto lá, os do trato, big dial! Eram poucos, na realidade eram um rebanho, políticos, aproveitadores, depredadores, todos uns peludos ratos, já verão. Vendeis animas? Tão baratas, me dá duas...

Desceram das bestas e caminharam pelo casario abandonado. Através de portas e janelas escangalhadas viam-se algumas vasilhas enegrecidas e secas. Penetraram nas casas, os aposentos estavam vazios e um grande silêncio enchia tudo. Algumas botijas de barro cozido não mostravam nem traças de água. Fora escutava-se o estalar ósseo das canafístulas que se estremeciam nos galhos pelados

dos sapotis. De longe chegou o eco do canto triste de um sanhaçu. O contato com os indígenas tinha lhe trazido lembranças do velho Brígido e sem saber porquê, ele se achou outra vez lembrando de suas receitas. Talvez tivesse algo a ver com o ruído das canafistulas e a lembrança da beberagem aquela que vendia Brígido no seu burrico, sabia a diabos, mas era efetiva nas diarreias, um tônico para a boa digestão, dizia ele. A escola de Brígido tinha lhe ensinado muitos anos atrás a trocar a antiflogística pelos emplastos de resinas vegetais, esses ampliaram seu receituário, Brígido usava a mostarda, o pau santo e a amescla com seus misteriosos poderes, nem que dizer da goma da alfarroba e a do catauá, as resinas do fícus e do bacabi, as raízes do barbasco, da betônica e do confrei, a sangue-do-dragão e os banhos de casca de estoraque, para as erupções? ... Pelas janelas viam-se os grandes cactos, alguns gigantescos, carregados de pitayas, umas brancas, outras amarelo claro, das que chamam santiaguinhos e as vermelhas, maduras, abertas espontaneamente se oferecendo ao longe no areal como beijos rubros e doces, para qualquer um que quisesse aplacar a sede. Crisanto desceu da sua mula e o instou a seguir. Vamos adentro...

Com leite de suas cabras, larâm larâm larim, com leite de suas cabras fazia queijinhos. Preste muita atenção meu caro amigo, o país nacional entrou numa onda de produção e de progresso, está se reimplantando, reiniciando? Reativado, acicatado? Recomeçado, a inversão, não estou lhe falando da reversão, nem estamos conversando sobre valores, a bolsa? Não seja boçal, de tudo o que falamos, seja como for, esta é a época do queijo! Estamos na Grande Venezuela! Virão anos e meses e semanas com noites e com dias, com a loucura do esbanjamento, do pleno emprego, a importação de bens e o desperdício at libitum, todas essas delícias confirmaram um só devaneio. Não sejam trouxas! Atenção! O Procurador Geral deixou escutar sua voz tronante. Estamos, isso disse, nos afundando na corrupção. Vivemos arrastados, ó frouxos, pelo redemoinho de uma loucura delirante, qual medievais apestados, sãoviteiros flagelantes, é uma peste louca. Não sejais bestas! Na corte dos

milagres abundam os ladrões, com furor desquiciado se dança a dança dos milhões, desgraçados! Não liga não que ele está lelé da cuca ... Levanta tua taça, bebe um trago, fecha teu corpo, faz-te uns banhos, compra a coca, a fumaça da tua boca, chegou a peste, a peste louca! Concidadãos, anãos, estamos, os amos sendo engolidos, idos, estamos tolhidos, nós mesmos, miasmas? Sismos, ingeridos pela exaltação, coletiva, seletiva, delitativa? do consumismo, idem, cinismo, comidos pelo seu mesmo pão... Engula, abra a boca, ingira, ira, degluta, uta, late, lata, de leite?, a boca, a louca? Eita, peste, não? Traga, bebe, tudo sim, insisto é o excremento do demônio, preto do demônio, trague, ora bolas! É ouro negro, coma, engula, não engasgue que é cocô, e é preto, como melena velha, depois de ingerir morcela com arroz? Escutem! Grita o velho patriarca, o afogam, prestem atenção! O sufocam, cantam as rãs, se fazem de loucas. Chega-nos a maré cheia do recurso, não façais ondas, filhos meus, borbulhões, ouves? São jatos, é petróleo! Não parça, é leite, leite? Nem fudendo! É das cabras, das cabras? Seguramente, indubitavelmente, leitedecabra, a pastorinha, pastoralha. O jato não para, continua fluindo o preço do barril continuará ascendendo, pergunto-me se tu vais me entendendo? Sacou, não sacou? Essa é Venezuela, venham a vela, e se não podem, cheguem remando...

Os olhos remelentos são uma ferida supurada, fendas de luz, greta, brecha e desgarre que lhe deixa entrever a humanidade engomada da preta com sua touca branca ladeada sobre seu pelame de pão queimado e essa cantoria, discorrendo, fluindo de seus carnudos lábios que brilham fragmentados. Ele os observa brandos e violáceos, velados pelas suas próprias remelas. Evanan Jesus olha essa boca de orelha a orelha e nota como aflora uma taruíra, sai dela, parda, debruça sua cabeça entre a quebrada linha de luz, sua branca dentadura, dá vontade de rir! Uma taruíra com listras transversais, lagartixa de camiseta, inicia um processo lento de desnudamento, vai tirando sua casca escamosa e transparente, foge do seu traje, estuche, camisão, paletó por acaso? Brilha como lantejoulas e cai no abismo que

se abre entre as grandes tetas da enfermeira e desce até esse hálito de peixes, algas e mariscos, umidade feita aroma é ela, o sal do amor de auroras, o sabor e o estremezimento que percorre tudo e o enche de fosforescências até se rodear de centenas de machos, trementes, lagartixos celestes, lemniscatus, sardaniscas iridescentes, umas azuis, outras verde turquesa, sauria teiidae, correm pelos lençóis, o cheiro não desaparece, permanece, esse perfume saboroso, pegam-no então pelo braço e cresce nele uma pressão que lhe provoca formigas nas mãos, numa mão mais do que na outra, a mão que não pode mexer, deve ser pela pressão arterial, a estão medindo, registrando, avaliando, avariando? Arreando, escutando, atendendo. Indagando, auscultando, requerendo? Ele está numa estação, *se vais a Calatayud*, que dor no braço! *Pergunta por ela*, a dor, *a Dolores*, entreabre as gretas, não há calanguinhos nem tiquiris, só uns rostos citrinos, esses jovens! Homens e mulheres de branco olhando-o com curiosidade, ceticamente e entre eles conversam, deve ser sobre a hora ou sobre a estação, é o trem que parte ou que chega? Logo partirá, cheira a manga, sente que estão perto as goiabeiras, as copudas plantas-do-paráiso, as pitombeiras, sabe que se aproxima das centenas de milhares de árvores, o bosque de mangas e ensolarados os trilhos se perdem de vista. Absurdamente, com um ronronar desrespeitoso eles conversam, um tem *o perfil de Coronado*, outro de bigodes parece, com quem? Esse cheiro! *Comer uma manga inteira*, agora com esta falta de ar bum dumm, bum dumm, chega esse som, o sonsonete esse, tralalá tralalá, mas, *o que mais eu gosto*, bum dumm, bum dumm, é deixar depois a bagunça? Escuta-se o apito, aproxima-se o trem e ele tem certeza de que é a hora assinalada, ele espera nu e o corpo todo lambuzado de manga, coberto de fiapos úmidos, fios alaranjados, amiga de fazer favores! Nu cheirando a terebintina, com um frio estremezimento na pele, pelo vento, será? Que entra, por onde? Ou pelo alcoolado tropical, é loção Marazul? Até quando terá que esperar por esse trem...

Seis de Outubro de setenta e três, perto do meio-dia, era esse o dia e a hora. Ou foi pouco depois? Ou um tiquinho antes? É

o mesmo. Só lembro que havia um sol radiante, no momento aquele quando as quadrilhas aéreas do exército egípcio caíram de surpresa sobre o canal de Suez. Controlado pelos israelenses desde sessenta e sete já era algo natural, nem imaginavam eles. Os filhos de Javé tinham se acostumado com o areal. É que naquele então, de novo os judeus? Já eram tempos de esquecimento. Para que lembrá-los? Quando Roberto Cuello estudava no Bronx, imagina tu, quando vivia com Pauline sua enfermeira judia e ela sonhava com visitar o solo tropical, ele esperava ficar fooling around no país do Norte, queria se preparar, se especializar em psicanálise e em outras baboseiras, ele desejava se capacitar e que cagada! Deixar todas as coisas, mudar aqueles planos, por culpa da maldita escalada, a guerra vietnamita. A guerra, companheiro! Na sua terra do sol amada aqueles foram anos de um só descalabro, esses da luta armada, mas ele estava longe da sua terra bendita, ele não era um homem desses com ideias políticas, bem situado, progrediu, como o país. O país de Bolívar e de Bello. Ah, sim, belo ele! Tudo vai ficando no passado. Acomoda-se a gente, vamos pra frente. Organizou-se o doutor e depois do café da manhã, almoçou *paella*, e de frutos do mar! Agora é um famoso psiquiatra proposto para um cargo de peso, um desses que darão à nação prestígio no exterior. Pauline e Robertinho são um amor, um bom modelo de casal. Com seu amigo Gilberto se encontrará fora de Venezuela, o corpo diplomático do país nunca esteve melhor...

Emígdio parado ante a porta da Unidade de Cuidados Intensivos voltou a lembrar os dias da sua primeira visita ao inferninho no Socuy, cavalgando à direita do seu amigo o doutor Crisanto Navarro, com vários de seus colegas do instituto. As explicações detalhadas de Crisanto sobre o potencial carbonífero e a riqueza mineira da zona foram tão novas como sua entusiasmada expectativa por um próximo desenvolvimento siderúrgico da região, sob o amparo da Corporação para o Desenvolvimento de Zúlia. Tudo estava a ponto de bala.

A guerra do Oriente Médio foi o início da incrível crise petroleira. Sete cabritos numa ventania, escaparam-lhe, perdera-os, quem, minha tia? Ou não seria mais bem que se perdeu o controle, como a quem lhe foge a correnteza, *quem tem fazenda*, ao pegar a OPEP as rédeas, *e se não que a venda*, nós nos beneficiamos, favorecidos de guerra e de crises! Mesmo que a gente diga, bom, e desde quando a nação de Bolívar estará nisso? Quando na vida? Nunca tem sido essa nossa história! Com o Yon Kippur veio um abalo, os países consumistas de Ocidente se estremeceram. Muitos compatriotas para lá de oportunistas abriram as fauces e mostraram os dentes, arregalaram os olhos de queixo caído. Qual um sismo nos chegou de repente um ataque de ismos, novo-riquismo, consumismo, desenvolvimentismo e até quis ficar de moda de novo outra vez o perezjimenismo. Começou a temporada febril do tá-barato e o desespero, a paixão desordenada pelas mesadas, o próprio furdunço, com um gesto mordaz e muito sincero se tratava de ver quem era o verdadeiro candidato capaz de ordenhar, hábeis dedos e ritmo contumaz, até a última gota do seu leite, ao país nacional. Haverá queijo para os velhacos, para os ratos? E prosgatos! Seu Gato, sape gato! Os gatos na minguada hora são muito felinos e, lógico, olhavam todo o taimé para a pastora, por acaso os gatunos estão piscando para ela? O gato era ladino e a olhava com os olhos gulosinhos. Ah! Os gatos olhavam morbosos seus queijinhos...

CAPÍTULO V

Apaixonei-me subitamente por uma jovem cândida, de epiderme suave. Eu a descobri sentada num banco de pedra, embaixo das folhas flácidas de uma árvore azotada pelo chuveiro. Tinha chegado furtivamente, envolta nos retalhos da névoa.

JOSÉ ANTONIO RAMOS SUCRE
“Os ciúmes do fantasma”, in *As Formas do Fogo*.



Tinha nascido quarenta e quatro anos atrás numa casa simples, com telhado de palma e paredes de pau a pique, com chão de cimento polido e de terra batida. Uma cerca de esteios de ipê separava o solar do açude rodeado de carvalhos e algarobos que mantinham o verdor o ano todo nos terrenos circundantes. Aí transcorreu sua infância, da qual ele lembrava a ternura e as canções da sua mãe, as febres do sarampo e da catapora, a queda de uma árvore que o levou ao posto de saúde, seu primeiro contato com alguém mais douto que Severiano o curador, com mais estilo do que Crispula a parteira, capacitada para aplicar injeções. No dispensário, imobilizaram seu braço e nunca esqueceria o rosto benévolo, o bigodinho grisalho e a mirada cinza do doutor. Nunca mais voltaria a vê-lo. Já quando teve a idade do que a gente denomina de uso da razão, conscientizou um fato por demais óbvio. Seu pai tinha ido embora de casa para não voltar mais. Essa era uma razão de peso para que sua mãe, que lhe ensinara a ler e escrever e sobretudo a ser honesto, vivesse se afogando numas lacunas de tristeza infinita, a última tão longa e tão profunda que foram embora para Maracaibo, para sair daquela espécie de marasmo suspenso que os mantinha anegados no tempo. Em Maracaibo se encontrou com uma cidade onde o sol era de puro fogo. Naquele então, muitas ruas ainda eram valas cobertas de areia, porque o asfalto não alcançava para quadricular os terrenos dos bairros onde cresciam as casinhas de telhas onduladas, cheias de cores e rodeadas por cercas de arame ou de tabuinhas e cactos secos que demarcavam os lares das famílias no bairro onde moraram. Pobres, mas decentes, era o dizer da sua própria mãe. Anos aprazíveis esses da sua meninice que lhe deram amigos e colegas de escola e toda uma vizinhança de gentes com seus afazeres e pesares nas suas casas e nas ruas cheias de sol, onde ao meio dia podia-se fritar um ovo no pavimento e nas noites sacavam as cadeiras e tamboretas para afugentar, abanando-se, o calor da terra. Pouco tempo depois, chegou o petróleo e quebraram

o bairro todo para instalar a rede de esgoto e de novo abriram grandes valas quando botaram os canos d'água e então foi quando os chineses da lavanderia abriram um restaurante onde penduravam os gatos na cozinha, que se viam sem tripas desde a copada embireira, e asfaltaram as ruas e a palhoça da esquina, onde seu Sérvio Túlio vendia docinhos de banana a um centavo, com os anos terminou por se transformar numa padaria. A palmatória do professor Aguirre foi substituída pelo ensino também estoico de outro professor apelidado “caradepudim” e assim passou Crisanto da meninice à adolescência, vivendo naquela cidade amada pelo sol, onde o carinho entre ambos, ele e a sua terra, foi florescendo em vínculos e agarrando suas raízes mais profundas ao solo nativo.

Popule, populis, o populismo iria repontar para a época. Sempre, quando o fenômeno se dá num governo democrático, oferece fortuitas prerrogativas, você veja! As pessoas as desfrutam com fruição, o masoquismo, que é o mesmo, ou seja, que o mesmo é. Para esse então havia recursos e ingressos petroleiros como nunca ninguém sonho, não se tinha visto jamais nem nunca algo parecido, e é que era muita a grana! Não foram miragens, isso vivemos aqui mesmo, contudo, não em toda parte a coisa seria igual. Veja o senhor, por exemplo, o polo austral. Lá decairá uma estrela, se apagará a Mariaestela de Perón, um eclipse estelar, um apagão, que papelão, voltar? Talvez com a frente murcha, mas, voltar é regressar? Na Espanha, o franquismo se desmorona e o que por lá subiu e subiu foi o branquismo, certamente foi Carrero Branco, que na Espanha ascendeu também, a ETA o elevou, pelos ares! Até as nuvens, comando Txiquia, e o ditador ficou sem sucessor, o velho adoecerá, e Juan Carlos lhe sucederia, não há mal que dure cem anos, depois o destape lhes chegaria, nem corpo que resista, descasca-o, tira-o, não te resistas que chegou o destape na Espanha socialista, mas na nostra terra, aquela de graça que mentam, com o negrouro a preço de galinha magra, vai nos tocar a nós a *des graça*, sem nenhum decorou se

destapou a quizomba, a fuleragem, a rebordosa, o desespero? O desperdício, a própria depraven, supimpa, a absurda faraônica saudiven e assim maifren, para cada um seu trem, na sua casinha, chacinha, morada, house, rom suítrom, tudo bom! Um motor-home! E se você é velhinho e bom politiqueiro, e por cima sindicaleiro, uma viagem a Houston e um bom baipass, e pelo Caribe com seus cassinos, muitos cruzeiros, pela Florida e as Bahamas ficará zoeiro, o que mais tu quer? E te perguntarás, o que nos trouxeram? De Mayami, opa! Muitas coisas, costais, sacolas, necessários estilo sansonait, baús repletos e muitos containers, sacolões, malas, pacotes, bolsinhas, embornais de plástico, aos montes caixas e caixotes entulhados de cacarecos, uma tralhada só! Os mayameiros, cheios de badulaques, de bugigangas inservíveis, de bichinhos elétricos ou de corda, de aparelhos e de penduricalhos, de contas e bolinhas, combinações de miçangas, lunetas com caleidoscópios, como uns mesmos índios, entupidos de espelinhos, desfrutando com as nossas próprias mazelas, os mais espalhafatosos num mundo não tão complexo, os venezuelanos recriarão um paraíso formoso de pura fantasia, uma Disneyworld para qualquer trouxa, quem diria, Alice in Wonderland, o paraíso terrenal, um achado, do céu sucursal era Mayami a nova capital, tudo te levava a desfrutar o dia, oh yeah! Up to day e além do mais é bom pra chuchu, uma bolada solta e estará malucão quem não pegue seu quinhão, epa! Não fica com pena, segue em frente. Se você me crava as unhas, larim lay larâm, se você me crava as unhas te deixarei roncolho. Como? Perdão, se me arranhas gatinho, te cortarei o rabinho. O rabo? Sério? Vão te chamar gatotroncho, é de mau gosto, melhor, o cat fajuto! Você não se atreverá! Di cut cat? É que há muito adeco de unha no rabo, unha de garra felina, no rabo? Unha de anta leonina, unha da raça felina, unha encravada, unha e carne, como Gilberto e Yolanda, como Emígdio e Robertinho? Como Crisanto e Sotinho. Quem é Sotinho? Então, é Lucídio. O preso? Meuirmão! Ele já saiu ileso? O que aconteceu? Sape gato, você parece que vive no passado. Vai pra frente, que a grana é corrente, a guita está fluente. Mas,

é verdade? Ai, meuamor! Se de dólares transbordam as barricadas! Em Cordiplan repartirão, há muito em Fudayacucho, todos aplaudirão. Escutam-se as palmas, escutem, ainda que sejam de dedos, são ensurdecedoras, apareçam os estamos esperando. Vou te cortar o rabinho, disse-lhe e se plantou, com as mãos na cintura, com porte militar. Firme, aurrr, como os da sucata, para ficar a pensar, eles sabem de logística e de estratégia, as fragatas eram missilísticas e a compra foi régia, onde manda capitão não manda marinheiro. Veja, vamos dar um barquinho de presente à Bolívia, se não tem mar! E que outra coisa lhe podemos dar? Para esses tempos arrebetam outras tropelias, não muito decentes, sobre a frota e a marinha de guerra. Quem diria! Tranquilo, nada vai dizer a gente! Silêncio na noite, canta-se de novo o popule meus. É que cara, veja, é tanto desperdício. A Procuradoria, que grosseria! Objeterá mais de quatrocentas e cinquenta ordens de pagamento, mas o Conselho de Ministros as ratificará, tá ligado parça, há dindim pra caramba, e de outra parte quem parte e reparte sempre fica com a melhor parte. O Procurador voltou a falar. Mais sabe o diabo por velho. Isso disse e foi destituído, que nem um mesmo babaca. Fizeram com ele como faz anos aconteceu aos irmãos Pinzon, cortaram-lhe o barato e agora ao senhor, que os tinha no lugar, tiraram-lhe a mamata, uma manobra orquestrada. A unha lhe espetou, larâm larâm larim, a unha lhe cravou e o rabo lhe cortou. E disse o senhor Seu Gato vendo-se em tal situação, cortar-me-ei a coleta como touro corneado, se me deixam de veleta e com o rabo mochado, o que me resta? Que dramalhão! É a pergunta do milhão. Que disse o gato quando lhe apararam o apêndice posterior? Answer. O felídeo mussitou, me cortaram o rabo mas restaram-me os bagos!

Quando morreu o velho Evanan, era um ensolarado dia de maio, mas na tarde do enterro desabaria um temporal com trovões e centelhas, de uma magnitude tal que fez pensar a muita gente da cidade de fogo numa moderna versão do dilúvio universal. O aguaceiro começou anegando ruas e barrancos na cidade do sol

o lago e as palmeiras, e culminou provocando a inundação dos cemitérios, o transbordamento dos córregos, das quebradas e o total descalabro de bairros inteiros. Os mais velhos rezaram vários dias pensando que aquele temporal era como um prelúdio do fim do mundo.

Quando morreu o velho Evanan, os filhos de Yolanda e Emígdio tinham vários dias vivendo na casa da avó Ângela e só foi no enterro mesmo quando e onde se aplacou o desgosto do outro avô, seu Herme Valbuena, que conseguiu que seus netos aceitassem passar uns dias na casa grande. No fundo existia algo de bisbilhotice na decisão dos rapazes, sobretudo porque eles satisfariam a curiosidade natural de poder visitar as fazendas leiteiras de Perijá. O certo é que desfrutaram à beça e ficaram mais uma semana além da conta, com o risco de perderem as provas do colégio. Também não agradou muito ao avô Hermenegildo a notícia de que Emiliano, seu neto mais velho, pensava estudar medicina. Ele esperava para seu neto uma profissão mais relacionada ao campo, mas, contudo, quando soube das suas intenções de voltar ao Zúlia para estudar na Universidade de Ocidente internamente curtiu uma secreta complacência.

Quando morreu o velho Evanan, Yolanda viajou de Caracas com a intenção de assistir ao funeral, mas na última hora não teve a coragem suficiente para ir à funerária e apesar de que sua mãe a convenceu para que juntas assistissem ao ato final no cemitério ou, pelo menos, à missa de corpo presente, para que fôssemos ao menos ao mortuório, tinha-lhe dito, ela tampouco o fez. Depois Yolanda argumentaria que tinha sido como consequência do aguaceiro, mas, a verdade é que ela não se atreveu. Não queria se enfrentar com seu ex-marido a quem não via há vários anos, e se por acaso tivesse que encontrá-lo, ela buscaria outras circunstâncias mais apropriadas ou mais

naturais, ademais seu cargo na Divisão de Atenção Médica do Ministério da Saúde exigia sua presença constante, pelo qual não lhe sobrava o tempo, assim, depois de deixar seus filhos na casa grande e de lhes fazer algumas recomendações, voltou à capital no dia seguinte. É bem verdade que ela e o vice-ministro mantinham uma atividade inusitada nas negociações para adquirir equipamentos para os hospitais e essas gestões se executavam através do doutor Gilberto Falcon, representante oficial do Ministério em Washington e funcionário adscrito à Organização Pan-americana de Saúde.

Quando morreu o velho Evanan, seus filhos Ennio e Evaristo já tinham sido advertidos por Emígdio sobre o irreversível de seu ataque apoplético, pelo que todos se dedicaram a consolar à velha Ângela. Mesmo que os irmãos se resignaram prontamente, Emígdio viveu sem aparentar semanas de angústia, vendo seu pai paralisado dentro de uma carapaça, seguramente padecendo horrores, sem que ele como médico pudesse fazer nada para melhorar sua situação. Afundado em profundas reflexões, Emígdio recolheu-se em si mesmo e recapitulou os anos da sua prolongada ausência, seu silêncio total, toda aquela época de desvarios que padecera, não havia tanto tempo, até sua aparente e talvez definitiva recuperação...

Quando morreu o velho Evanan, apareceu seu César Cuello Rondon, com suas brancas costeletas cuidadosamente aparadas, com bengala de ponta de prata, colete e relógio de bolso. Chegou acompanhado do seu filho Roberto e de sua nora Paulina. Todos eles fizeram ato de presença na agência funerária, a noite do velório. O ancião rechonchudo abraçou à viúva murmurando pêsames, com um estalo de prótese dentária inconfundível e quando foi sua vez estreitou Emígdio trêmulo e olhando nos seus olhos lhe disse, Homem de fibra! Vou lhe pedir um favor doutor, disse-lhe com voz gangosa. Venha até minha casa semana que

vem, almoçar com minha família. Escrutou a resposta com um brilho vivaz quase simiesco na sua mirada senil detrás das espessas sobranceiras. Com as mil rugas que atravessavam seu rosto e sem deixar de olhá-lo, lhe perguntou de novo. Aceitara o senhor o convite deste velhochocho? É importante para mim, me diga doutor Ferrer! Emígdio respondeu afirmativamente e segundos depois foi abraçado por Paulina que beijou suas bochechas com ternura. Afastando seu rosto, ele achou ver um brilho de riso nos seus inesquecíveis olhos de puro caramelo. Roberto o abraçou e imediatamente lhe pediu uns minutos para conversar com ele. No canto do salão onde estava o féretro e as flores no centro, ele escutou sua conversa, olhando por momentos seu César sentado ao lado da sua mãe viúva e à destra do ancião ele espreitava Paulina que, por sua vez, não tirava a vista dele. Assim, foi escutando um relato com notícias sobre os triunfos profissionais de Roberto, seu sucesso na direção da clínica do velho professor Romanoff, que tinha deixado o país. Foi-se de vez para Europa. Disse-lhe o psiquiatra. Sobretudo, o interesse de Roberto estava em lhe contar seus mais recentes planos. Ia para os Estados Unidos com um cargo na Organização Mundial de Saúde. Roberto, seguramente em consideração ao momento, preferiu não mencionar quem era o personagem que lhe estava arrumando o cargo na capital dos Estados Unidos, mas, na realidade, ele nunca soube se Emígdio ficou sabendo de quanto tinha consolado seu colega Gilberto Falcon a sua abandonada esposa a Yolita.

Quando morreu o velho Evanan, um grupo de inquietos jornalistas, plumitivos como os chamava o senhor Presidente, cercaram o doutor Crisanto Navarro na mortuária. Durante vários dias resenhou O Panorama algumas das informações oferecidas pelo diretor do Instituto de Patologia Tropical à prensa zuliana. Particularmente interessantes resultaram as duas reportagens de Júlio Bracho, um dos inquietos comunicadores do diário Crítica, que destacou o papel do pessoal do Instituto da

Universidade na criação da infraestrutura para funcionários e planos de desenvolvimento que seriam vitais para a Siderúrgica de Zúlia, empresa que haveria de nascer na região de Socuy em virtude da importância das jazidas de carvão nas minas de Passo do Diabo. Assim apareceram as outras notícias, assinalando a conexão entre um grupo de ecologistas, especialistas em mineralogia e pesquisadores médicos da universidade e da Corporação Zuliana. Estava colocado o negócio do coque e a criação de uma indústria pesada que haveria de ser tão importante como a do petróleo na região zuliana. Os jornais regionais garantiam um desenvolvimento industrial apoteótico em curtíssimo prazo.

Quando morreu o velho Evanan, apesar de que não era a época, o aguaceiro que desabou do céu à hora do enterro só foi comparável ao cordão de São Francisco, acompanhado de raios, trovões e centelhas. Em consequência, alagou-se o Joto e parte da Macandona, com as desagradáveis situações provocadas na logística de tudo aquilo que tem a ver com enterrar um defunto, chapinando entre túmulos e mausoléus, levando a cada um dos assistentes a improvisarem verdadeiros sapateados. As cataratas das nuvens não cessariam aquela medonha queda-d'água até bem entrada a manhã do dia seguinte, vinte e seis de maio do ano da graça de mil novecentos e setenta e quatro.

Depois da janta, dom César abriu com toda parcimônia uma caixa nova de charutos Lanceros, Havanos de Havana. O único que o ancião tolerava como produto da revolução cubana. Fez girar o charuto entre os dedos cheirando-o e depois de esquentar as folhas cuidadosamente o acendeu com seu Ronson de ouro. Roberto, entretanto, selecionava os discos de música clássica apropriados para a ocasião. Tinham se passado horas de amena conversa, antes e depois do magnífico almoço. O ar condicionado da sala de jantar estilo mediterrâneo esfriou

o chantilly de maçã e Emígdio o combinou com seu cremoso strawberry shortcake, mas o atual momento era preciso, precioso o sentiu Roberto, para harmonizar Vivaldi com a degustação pós-prandial de um Grand Marnier, de um Menta frappé? Ou o simples conhaque de dom César. Quando Paulina pegou sua mão, ele se deixou conduzir por alfombrados cômodos e amplos corredores. Saíram aos jardins e mais além, até transpor um labirinto de hibiscos floridos em sangue. Finalmente, ela abriu silenciosamente uma porta semioculta entre a hera salpicada de campânulas azuis. É o quarto de brincar das crianças, disse-lhe simplesmente. Sem saber por quê, um odor oceânico com seu bafo de algas, peixes e resinas lhe lanhou o rosto. Quase perdido no tempo, voltava ao mesmo cheiro de fêmea que ele acreditava esquecido. O salão de jogos era amplo, com uma mesa de sinuca de verde pano no centro, sob um lustre chippendale que lançava reflexos de cores na penumbra porque os janelões de mogno estavam fechados e a luz se difundia diagonalmente por uma claraboia de vidro esmerilhado no teto. Beijaram-se com desesperação. Ella girou duas vezes a chave e se deitou languidamente no piso alfombrado. Fazia tanto tempo que por um momento ele pensou que tinha esquecido por completo sua textura e aquele gosto impregnado de mar. Ela gemia murmurando nos seus ouvidos frases entrecortadas sobre o tempo e a distância, de como e quanto tinha esperado por esses instantes de uma infinitude indecifrável. Apesar disso tudo, ele tremulamente pensou em Roberto, em dom César e na sua esposa tricotando, envolvidos todos na fumaça branca do charuto, acariciados musicalmente por Vivaldi, então, curiosamente, sentiu a necessidade imperiosa de se lançar nas suas águas aromáticas cobertas de nenúfares, de limo e algas cor de rosa para depois emergir gotejando fitoplâncton fosforescente como outrora. Ela chorava de felicidade entre um e outro espasmo e seu goze se repetia até o infinito. Uma força irracional parecia possuí-lo, sorvia e aspirava as emanções de suas ventosas, bebia os fluídos de seus estomas e era tal seu entusiasmo que rejeitava qualquer vislumbre de

cordura, porque ela não cabia naqueles intermináveis espaços, onde ele se resistia, sem querer pensar em nada nem ninguém que viesse quebrar o encanto e assim esqueceu o aroma do tabaco do velho e a música do seu amigo o psiquiatra e os pontos das agulhas de dona Clara, marido, mãe, mar, filhos, mergulhar, ir, ser, servidão, urdume, outra avalanche, por trás dos bastidores, o mar, sim, a ressaca, ondas liquefazendo suas íris de caramelo com veios de um verde chartreuse e suas pupilas, puntiformes, outra vez e sua língua afiada gelando com cada tormentoso espasmo, e os vivos, fora? O que interessa! E elevando-a e girando-a e rotando-o e cobrindo-o e espremendo-o ambos ficaram levitando, nesse momento, só ela e ele entre uma onda de celofane e marismas translúcidas, ambos inspiraram submergindo-se até o fundo e ele entre seus tenazes mordendo a polpa deliciosa e salobra de seus frutos foi emergindo depois entre um cúmulo de bolhas fosforescentes, ela saciada e ele se deliciou satisfeito na succulenta calda daquela deliciosa *caçarola* de mariscos, e não pensou, como saber? Mas depois desse almoço memorável, não voltaria a ver nunca mais os olhos cor de caramelo de Paulina, embora os reflexos da sua mirada o perseguiriam até o fim de seus dias.

Duas das fotografias foram usadas em resenhas da imprensa no ano de 1975. Por trás de uma delas ainda se consegue ler, escrita com caneta, a data:16/08/75. Olhando a fotografia pode-se ver no centro o deputado Lucidio Soto e sua esposa. Parecem felizes e se veem enlaçados. Ela está sorridente e de vestido longo, ele de gravata e paletó. A foto recolhe um instante da recepção de gala oferecida pelo Excelentíssimo Embaixador da Áustria, sr. Oton Remarch, na ocasião da assinatura do convênio internacional acordado entre ambos os países, Áustria e Venezuela, para a aquisição de equipamento agroindustrial. Seria abundar em detalhes comentar sobre a qualidade tecnológica do maquinário e o benefício para nosso país e etc. A recepção, na agência de festejos Villa-Mar, congregou importantes homens de negócios de Caracas e Valência, entre eles se veem na foto, à direita do

deputado Soto, muito elegantes, os senhores Joseph Brewer Menduze e Pedro J. Zubillegas Flaury, ambos amplamente conhecidos e apesar do preto e branco da foto adivinha-se a rubidez de seus plácidos rostos na realização da susodita negociação milionária. Todos parecem satisfeitos no instante de felicidade captado na gráfica. À esquerda do parlamentar e acompanhando à senhora Griselda de Soto veem-se as elegantes matronas dona Luísa Gorrondana de Brewler e dona Paquita Cisnerin Souloaga e junto a elas destacam pelo uniforme o General Italo Adrianza Font e o Tenente Coronel da aviação Castor Lucas Espinoza. Os militares também comemoram o sucesso do feliz termo da negociação para a aquisição de material bélico em outro dos acordos comerciais mediados pelo parlamentar zuliano, na sua condição de Presidente da Comissão de Defesa e membro importante da Comissão de Agronomia e de outros assuntos da Câmara de Deputados, destinada a agilizar as gestões comerciais do Estado. Armamento e munições foram parte de um acordo assinado entre os governos da Iugoslávia e Áustria com CAVEDIN, a empresa venezuelana que apoia o progresso de nossas forças militares para a defesa nacional. Em anexo, preso por um par de clips, encontra-se o recorte de jornal correspondente à foto em questão, em cujo texto pode-se ler sublinhado com tinta azul "... o Deputado Soto soubera conduzir com grande acerto os contatos entre os grandes consórcios das nações que fizeram ofertas para melhorar o parque do Exército e da Aviação, conseguindo a aquisição de uma série de equipamentos antiaéreos e missilísticos, assim como armas e munições muito sofisticadas que serão o orgulho das nossas Forças Armadas. O Ministério da Defesa em conhecimento de que são públicas estas informações, divulga-as com a certeza do acerto, correção e habilidade do Deputado Soto, qualidades muito apreciadas tanto pelo Alto Mando Militar como pelos Diretivos de CAVEDIN S.A.

A outra fotografia tem escrito por trás uma lista de convidados muito extensa, pelo que se infere que estão inscritos muitos

mais nomes e sobrenomes do que as pessoas que aparecem na foto. Esta fotografia foi publicada nos jornais El Universal e El Mundo no dia 10 de novembro de 1975 e foi resenhada nas páginas sociais com os qualificativos de “prestigioso coquetel” e “elegante coquetel de médicos”. No centro, frente a uma mesa de banquete, a foto mostra a doutora Yolanda Valbuena recepcionada pela diretiva e os funcionários da Secretaria para Assuntos Internacionais do Ministério da Saúde, por motivo da sua recente viagem aos Estados Unidos e sua visita à Secretaria da Organização Sanitária Pan-americana. A doutora Valbuena nessa época tinha recebido a notícia da sua ascensão à Diretoria Setorial do Ministério. A distinguida profissional da medicina, segundo o resenhado pela nota da imprensa de El Universal, “resultara uma conexão providencial entre a OMS, a APAJO e a Secretaria Internacional do Ministério da Saúde do país”. A doutora Valbuena que, segundo a reportagem de El Mundo, “usava um elegante dois peças de cintura baixa que arrematava numa saia plissada de linho azul e verde”, mostrava um amplo sorriso ao lado do doutor Karthans Mengiles, assessor da APAJO, recentemente instalado no país e internacionalmente conhecido pelo seu papel de supervisor em programas de controle da natalidade para países do Terceiro Mundo. No recorte de jornal da mesma data uma notícia no corpo D de El Universal assinalava: “O doutor Mengiles dirigirá um projeto nacional para a esterilização masculina e o planejamento de implantação de dispositivos intrauterinos em certos grupos do meio rural e da periferia urbana”. Sob o lema publicitário “Regula tua família, controla teus produtos, melhora teu nível de vida”, o Ministério da Saúde esperava contar nesses dias com a colaboração dos meios de comunicação e do exército no mencionado projeto. “O planejamento do Ministério da Saúde busca nos incorporar ao grupo de nações beneficiárias das políticas da Associação Pan-americana da Saúde, subscritas no marco de convênios internacionais para o controle da natalidade no Terceiro Mundo, auspiciadas pela Organização das Nações Americanas”. Embaixo da lista de convidados, no pé

da fotografia, podia-se ler escrito à mão: Yolanda e Karthans em 1976, Clube Los Cortijos do Vale, Caracas.

Há outro par de fotografias. Estão separadas das outras e guardadas num pequeno envelope marrom. Parecem menos importantes, menores, menos transcendentais, mas talvez mais familiares. Essas não pertencem a resenhas jornalísticas. Estão amareladas e até têm um certo aroma de sândalo e naftalina. Quem as olhe não adivinharia seu preço. Como tudo, o preço depende do apreço que tenha a pessoa, pelo que cada um esteja precificando. Uma foto é retangular e a outra quadrada, quase quadrada. A fotografia retangular pertenceu a uma anciã, que durante muitos anos a guardou num cofre dentro do seu guarda-roupa. Dona Ângela, a viúva do defunto Evanan de Jesus Ferrer, a conservou até sua morte com outras lembranças, impregnadas de um aroma de madeira tão característico que Emiliano, muitos anos depois da morte de dona Ângela, podia reconhecer com os olhos fechados ante esse perfume a presença da sua avó. Aspirando-o sempre retornaria à sua mente especificamente o dia do nascimento de seu primeiro filho, quando, anoitecendo, recebeu de seu pai ausente, com um lote de cartas velhas, a fotografia impregnada de lembranças de sua vovozinha e a outra que resenhamos nesse momento. Já para aquele então, as duas fotografias tinham adquirido um tom sépia e se diluíam na bruma do tempo e de uma insuficiente dose inicial de metol, hidroquinona e hipossulfito de sódio. Na fotografia retangular, aparece Emiliano Ferrer, com 17 anos, sentado frente a uma mesa sobre a qual repousam pesados e vetustos tomos do tratado de Anatomia Humana de Testut Latarjet. Sorridente, de camisa, o estudante de anatomia permite que atrás dele se adivinhe o pátio ensolarado e os pés de manga. Pertence ao passado, quando veio da capital à província para começar seus estudos de medicina. Época feliz, quando conviveu com seu pai e sua avó na casinha do bairro O Laranjal. Por trás com letra inglesa da sua avó Ângela está escrito: “Emiliano. Estudante de medicina,

outubro 1976”. A outra fotografia de formato quadrangular não tem texto, apenas, com nanquim, escreveram no ângulo inferior direito: “Maracaibo 1977”. Na fotografia que foi tomada no Aeroporto La Chinita aparecem Emígdio e Emiliano, ao lado de Crisanto Navarro, Dulce Maria, sua esposa, e Nicolás, seu filho mais velho. Nesse então, Crisanto era Diretor do Instituto de Anatomia Tropical e Nicolás tinha ido receber seus pais que voltavam de viagem. O encontro com Emígdio foi fortuito pois ele despedia Emiliano, que ia de férias a Caracas. A fotografia foi tomada por Tatiana, a filha de Crisanto e Dulce Maria. Como e por que chegou a foto ao guarda-roupa de dona Ângela é uma história de nunca acabar. O professor Navarro e sua esposa regressavam de Havana via Panamá, de um dos tantos Congressos Internacionais de Parasitologia aos que assistia Crisanto, convidado a apresentar suas brilhantes comunicações. O momento eternizado pela fotografia tinha a peculiaridade de corresponder à primeira visita do parasitologista e sua esposa a Cuba. Na sua volta seria nomeado Chefe da Divisão de Pesquisas da Universidade de Ocidente, uma dependência recém-criada que ampliava os poderes da Presidência do Conselho de Desenvolvimento das Ciências da sua querida universidade. A partir dessa oportunidade, Crisanto e Emígdio discutiriam frequentemente sobre o tema de Cuba, do socialismo, o desenvolvimento tecnológico, a liberdade e a felicidade dos povos. Também depois de voltar da viagem de Havana, entendeu Crisanto que o empório sidero-carbonífero para a região do Passo do Diabo e toda aquela ilusão de uma pujante indústria siderúrgica emergente deixava de ser uma ideia e um projeto formal para se transformar numa decepcionante realidade. A importância política e o peso econômico daqueles que preconizavam um centralismo oprobrioso para as indústrias sidero-carboníferas e os interesses dos consórcios que apoiavam à indústria siderúrgica da região da Guyana foram definitivos para conseguir a morte prematura por asfixia do projeto do coque na região zuliana. A luta do doutor Navarro foi envolvida num tom de airada diatribe regionalista e anti-histórica e seus

esforços se circunscreveram ao âmbito da sua universidade. A influência de suas palavras seria cada vez menor no que concernia às decisões políticas que executariam os dirigentes dos partidos dentro do mesmo estado. Seus esforços passaram a ser em ocasiões patéticos. A senhora Ângela desconhecia todos esses detalhes e quando recebeu a fotografia a conservou no seu cofre até impregná-la com aquele odor de guarda-roupa de sândalo e madeiras de um oriente naftalínico, exsudado dos tons sépia que aureolavam seu neto de 17 anos. Ela guardou a fotografia sobretudo pelo galante que parecia Emiliano no aeroporto e a incrível semelhança com seu pai.

A ETA na Espanha a violência desata, a eta ou a ata? Os amarram e eles se desatam, melhor dizendo, desfolham, etarras? Rondas? Em ondas? Videla no cone sul assume o mando, quando? A ninguém engana, vê-la, olhá-la? Na presidência, Videla viola os direitos, os torcidos, retos com defeitos, vencidos, violência, padece Argentina, impotência, esquerdas, o centro e a direita, desgarram-se, desmembram-se. Tende paciência, que *macana*, você parece demente, sim? -, esquadrão da morte, esperanças desfeitas. Oh, as mães! E os filhos? As irmãs dos homens desaparecidos, de coração partido, e a violência? O que dizes? Ideais vencidos? A arma dos que não têm a razão! O que contas? Atenção, firm! Bordaberry é deposto no Uruguai, é defecado? Sim, e que resta? Uma causa perdida, na sua vida, em subida, embaixada venezuelana invadida, relações entre ambos os países suspendidas, crise, as coisas andam mal. Sim, tchê! Talvez seja conveniente se confessar, ser capaz de... A confessar sua falta, larâm larâm larim, a confessar sua falta foi bater onde o padre Benito. Padre, quero me confessar, estou casado, capado? Castrado, liso? E a tua mulher? É boa, mas não sou feliz, you unhappy? Ai, papai! Você sabe como é o negócio? Neste momento o aqueduto é uma bagunça, a distribuição da água? É um desastre nacional. Perdoe-me padre, mas não entendo bulhufas, father eu ando mal, mal acaba quem

malandra, filho, quem? Padre eu estou casado, mas no negócio da água, filho, é a coisa? Faz anos? Ou é anus? Bônus, o queijo? Esfregão ou pano? Pasma, o mesmo miasma é. Me entenda, o queijo é nacional, descomunal, sensacional, sabatino, estamos anegados, encharcados, ensopados. Molhados? Mas, e a água? Têm um negócio redondo, são ladinos, cara de pau, confesse Fra Angélico, lots of money, no charco da corrupção, a rebatinha padre é pelos cobses da própria nação! Tu me entendes? Ele está apaixonado. O deputado? Heisinlove, ok maifren, quer ser escritor. Aquele que foi guerrilheiro? Agora é bom negociante, é melhor sicofanta? O que acontece é que o deixaram num perrengue. O tempo todo de paletó, propriamente enrabichado. Embeaçado, sim senhor, mas na sua vida não há mulher alguma, sua paixão, seu ardente desespero, é o dinheiro, o cachê, papelmoeda, um restaurante francês, uma boa viagem, um bom luxo, ao gosto da capital. Para com isso, cristão, a vida é um sarau, um convite, o que acontece é que o dipu, eu que te digo, nasceu com o cu virado. Você lhe deu o voto? Presta atenção um instante, ele vem a ser nada menos que o teu representante, os comentários sobram, são anódinos. Bola pra frente, pula como o andino, sem mesura, não é esbanjamento, é que há tanta mufufa no faturamento, não é um matuto, saiu da província, não é um santo, tampouco um dissoluto! Sempre foi um porreta! Lutador, locutor, do povo defensor, comunicador, já é parlamentar, o que mais tu quer? ... Padre Santo esse queijo por momentos me agonia tanto! Não é isso, estando preso eu bem que meditei, quando ela era minha namorada, estivemos na dureza, mal nos foi, mas sobrevivemos e agora, será que estamos na revanche? Acuso-me perante o senhor querido Padre, ela sabe rezar, sim, me ensinou! Ela foi minha pupila, é uma estrela, agora outras coisas destilam, aí padre perdemos Domitila! Como se passam os anos! Como eu a amo! Mas me devo à minha família. Defendê-los, protegê-los, aos meus filhinhos atender, tudo vai mudando e no fundo, é tão fácil entender as coisas! Todos somos vítimas de um terrível engano, fomos, melhor dizendo. Tudo o que fizemos, tudo era pelo país! Mas, agora eu vejo

estamos progredindo e é que, me escute o senhor padrezinho, o Congresso é bacana, é massa, é maneiro, é quente, é o máximo! É o que a gente precisa se quiser ir pra frente, é algo de ter os bagos no lugar, é uma maravilha viver de comissões, missões fatigosas, labuta produtiva, melhor do que minha luta sempre infrutuosa na coisa legislativa, Padre se eu lhe contasse aquilo do mercúrio, todaessalegativa! ... Por Deus, filho, flertas com o queijo? O que a gente pode fazer, padre? Recebo sem esforço, me dão o pacote, sou pecador por isso? Simplesmente não sou um fracote! Arre filho! Se você já é quase um senador. Não Padre, o senhor está equivocado, sou um simples e reles deputado, é claro que o senhor está errado, não exagere a nota, isto não é queijo, isso é algo muito natural, são ingressos salutares, de saída que está enganado, ser deputado, delegado estadual é o cume, é estar precisamente assim, finalmente acomodado... Foi inté o padrezinho, inté o Padre Benito; eu lhe cortei o rabinho, disse francamente, inté o padre bendito. Mas ele não o podia absolver, e é, meu querido parça, que propósitos de emenda não existiam! Arrependimento? Nem que fosse doido! Tinha todo o apoio, irrestrito sem rolos do Ministro da Fazenda, quem tem as vantagens não duvida, os melhores contatos vigentes e ativos com o da Defesa, como vês, isso é que é vida! Precisamente ele, que sacana! -, que moleza imensa, e se encontrar nessa situação... Teve de lhe dar a franca absolvição. Era impossível não aceitar o trampo, seria ter nublada a razão, magnânimo perdão. Benito tranquiliza seu amável coração, cala sua consciência e com ternura no ouvido lhe murmura. Meu filho, lembra que mesmo sendo um verme desprezível, és filho de Deus e se a uma boa árvore te achegas, a boa sombra te servirá de abrigo, será grosso cobertor e te cobrirá, sim filho, pode que te acusem de dolo, mas, bah! , o que podem lhe importar ao país cem milhões de paus? Vai-te despreocupando, eu já vejo que estás te acostumando, espera confiado, que mais vale chegar a tempo e com o pássaro na mão, do que não ser convidado, ir bater num pardieiro havendo tal profusão de eventos e o queijo é nacional. Eu te direi uma coisa. Cuida-te porque há uns quantos urubus voando, os vejo

flutuando, estão te circunvalando, dás risada? De desentendido estás te fazendo! Estás morrendo de rir, o quê? No que andas? Ando? Morrendo de rir será! Não, se agora eu entendo e é a pura verdade, o segredo é simples, vás captando? Chama-se impunidade. Não dês a mínima se por acaso alguém te condena, teus juízes todos sofrem de leniência, é a última ceia, aproveita, é que por acaso o mundo de girar cessará? Preocupar-se não vale a pena, porra! Sacanea bastante e o tempo todo e já verás, tudo funcionará.

Acusam o sujeito, o mesmo Presidente o aponta, mas, arre! -, deram-lhe uma baita comissão, rumoreja-se que o cara aceitou ao comprar o avião. Chamaram o homem de falsário, é o próprio aeroplano do primeiro mandatário! Não corre, ele voa, é um lince, ele está por cima, logo é liberado, sairá impoluto, livre, finalmente livre, como uma pomba, apenas disse, se me detêm eu falo, em boca fechada não entram moscas, ai filho! Quem tem rabo de palha não se achega às brasas. De joelhos, prostrado, rezando o funcionário, escusa-se, acusa-se, um desespero, na solidão do templo veem-se as velas, vê-se a flama, esperando sua penitência. Quando muito, um rosário, tendes paciência, dez rosários. Como brisa fugaz ontem passaste, Cabrera, canta, conta cabritos, a pastora fazia seus queijinhos e ele aparece e diz. Ante ti padre acuso-me, larâm larâm larim, ante ti padre acuso-me, eu lhe mochei o rabinho. A Frente Sandinista luta em Manágua, vivem uma ofensiva grandiosa que os aproxima ao triunfo contra Somoza, na heroica Nicarágua, outra revolução? Eita Deus! Olha, aqui gozamos um montão, o Procurador fez outra revelação e cada vez fica mais clara a situação. Não importa muito o fato, mas, é aterrador! Estão levando o ouro! Sai do solo, dos rios, o planalto guianês espoliado, reinação! , queixa aos céus, não é só o ouro negro, agora saqueiam as arcas do tesouro! É alarmante, o ouro pequeno, da cor que quiseres, com sabor, como seja, escocês, on the rocks, se o ouro agarras, que mais queres? Um só desejo, em espiritual lampejo, o ouro!

Que desespero, será este negócio o que mentam a mais completa total e depravada depredação?

Em fins de novembro do ano de 1979, o doutor Emígdio Ferrer tinha tomado uma transcendental decisão. Conheceu ela na capital, num desses cursos curtos que oferecia o Instituto Central de Pesquisas. Curso na capital, com expertos professores, convidados estrangeiros e muita informação nova sobre ecossistemas, taxonomia, recursos renováveis e outras variáveis do meio ambiente que o auxiliariam no planejamento e desenvolvimento dos experimentos sobre a transmissão, os reservatórios naturais e a disseminação da peste louca das bestas. Pareceu-lhe estranho topar-se com uma socióloga nessas lides, na realidade, lhe pareci insólito. Ela, além de ser muito jovem, morena, simpática e inteligente, irradiava uma doçura muito especial, que Emígdio decidiu logo absorver para ele somente. Depois encontrou-se suspirando por voltar a outro curso, escrevendo-lhe e propondo-a pessoalmente para o Instituto... Uma socióloga? Convenceu Crisanto, num prazo relativamente curto, persuadindo-o de que era imprescindível sua contratação. Meses após, Natália constava na nômima do Instituto de Patologia Tropical. Foram suficientes um par de idas ao mato, umas semanas entre córregos e mangues, nuvens de mosquitos cercando-os nas águas estagnadas das chuvas de outubro, para que todos aceitassem que a licenciada em Sociologia era uma notável descoberta do veterano doutor Ferrer. Entre Sinamaica e Carrasquero, navegando pelo rio Limão ou entre as brenhas do Passo do Diabo, Natália aprendeu em curto prazo muitas coisas sobre ecologia. Podia conhecer os Culicídeos e diferenciá-los dos Aedes, aprendeu a reconhecer as meias de listras nas suas patas longas, o escapulário do Carmo sobre o dorso do tórax, os palpos, as asas, aprendeu qual era Melanoconium, quais os gordos e inchados Psorósporas e de longe foi capaz de assinalar até voando um Aedes Tennorrincus. Foi um exagerado intercambio de informação, uma simbiose de

ciência e carinho, um trabalhar com amor e sobretudo o prazer de aprender até o cansaço. O estudo socioeconômico dos grupos familiares indígenas, a captura de roedores selvagens, o mapeamento dos ecossistemas, o censo das comunidades humanas, o processo de recolecção das amostras de sangue para seu estudo serológico nas aldeias, as enquetes aos indígenas, aprender o necessário para se comunicar em guayú ou dominar com soltura o vocabulário essencial dos paraujanos, a compenetração daquela jovem socióloga moreninha com o meio inóspito da áspera região e ganhar-se tanta gente em tão pouco tempo, garantiu para ela uma posição estável a menos de seis meses de ter sido aceita provisoriamente no Instituto de Patologia Tropical. Crisanto Navarro, o Diretor, estava feliz, não apenas por participar do entusiasmo que irradiava Natália, como por ver o progresso pessoal e dos projetos científicos de Emígdio. Os experimentos em ratos recém-nascidos, ratos adultos, coelhos e preás, alternavam com o trabalho de campo. Enfiados nos mangues, entre os juncos, aguapés e pistias, foram examinando no microscópio os borrachudos de Sinamaica e da lagoa de Cataneja. As pesquisas inoculando células cultivadas com macerados de pernilongos estavam dando frutos que começavam a se publicar em revistas internacionais de reconhecido prestígio, com dados precisos e ilustrações de ótima qualidade. Uma tarde voltavam cansados de uma das viagens pela região do Dividive, quando Emígdio confessou a Natália que existia algo especial que ele sentia como muito importante na sua relação com ela. Disse-lhe que não deixava de ficar surpreso com sua capacidade de adaptação ao meio e, além disso, tentou lhe explicar como ele a via, idealizada. Explicou-lhe que para ele, ela era um fenômeno e como ela, no seu modo de ver, deveria ter sido uma famosa cientista ou uma santa, ou qualquer outra coisa grandiosa de ter querido, talvez se ela tivesse nascido em outra época... Afortunadamente para nós, disse-lhe, egoisticamente para mim, eu te capturei e com teus vinte e dois aninhos tão só, você já é uma peça vital nos nossos projetos de pesquisa. Você chegou como enviada do céu para

que nós pudéssemos demonstrar minhas teorias sobre o efeito intrauterino do vírus que provoca a peste louca nas bestas... Rapidamente Natália foi-se mimetizando entre algarobos e cactos, carrapichos, galhos de aguapés e nenúfares, trilhas e dunas. Ela se converteu numa vaqueana que conhecia palmo a palmo o terreno, capaz de se orientar no mais intrincado do mangue e mais do que uma socióloga começou a se transformar numa parasitologista experta em artrópodes. Emígdio insistia em que eram seus conhecimentos de sociologia os que a tinham compenetrado tão exageradamente bem com os ecossistemas e que logo iria-se transformar numa consumada patologista experimental. Nesse então, e era de se esperar, do carinho e do desempenho conjunto no trabalho rude do campo passaram às confidências. Nas noites, com a lua bruxuleando no mangue, como espelho de celofane, rodeados de cálidos charcos englobando, em emanações escuras e salobras, centos de insetos e bordeando o sussurro de animais selvagens, ele lhe falou das desditadas experiências da sua vida e da esperança depositada nos seus filhos, contou sobre seus amigos, do passado já quase esquecido, mas, sobretudo, do futuro e suas obsessões em torno da peste louca, dos mosquitos, do câncer, do vírus da raiva e dos morcegos. Natália, perdida a mirada por trás das sobranceias grossas, não permitiu que ele achasse no fundo de seus olhos nenhuma resposta; sua juventude o escutava e apenas parecia lhe dizer, adiante. Entre as rendas e filigranas da moita contra o céu lunar, ela também lhe confiou histórias estranhas sobre seu avô seu Sebastião. Aquelas eram curiosas aventuras vividas nas ruelas do velho porto da Guaira. Relatou a briga que seu Sebas pessoalmente empreendera contra a polícia de Estrada e seus homens, uma guerra a morte no tempo do perezjimenismo, cheia de mandados de busca e perseguições, uma luta que acabaria no ano cinquenta e oito e que depois ele, pela própria mão, recrudesceria nos anos sessenta. Uma mistura de romanescos eventos cheios de ação e transbordantes de sol, barcos, intontonas e fracassos, de esforços para mudar as injustiças do mundo, onde a coragem e o amor de seu Sebas

eram do mais pitoresco, pois ele passava de prófugo a herói e de perseguido a comandante de guerrilhas urbanas. Os relatos de Natália resumiam uma inconformidade ancestral contra a opressão de diferentes governos, onde no fim de todos os inverossímeis contos, aparecia ela, jovem, morena, a neta que relatava todas aquelas vivências de seu avô, através da figura de sua mãe, que as contava, de pé ante uma mesa acolchoada passando roupa eternamente. Assim, ela conheceu muito criança seu avô Sebastião, o incrível aventureiro, o intrépido justiceiro, seu Sebas, e em ocasiões a ela era lhe difícil associar o Martim Valente das histórias maternas com o velhinho de chapéu de palha e charuto, com sua garrafinha de aguardente, seu eterno sorriso e o olhar cheio de amor, sempre na cozinha onde sua mãe passava roupa por encomenda e sobretudo seu engomado uniforme branco, imaculado, para assistir sem falta à escola superando qualquer contingência. Cresceu sem saber por que levava ela esse sentimento contestador que a mantinha em eterna confrontação, na escola, na secundária, lendo e fazendo jornais e murais para expressar suas ideias e a opinião de seus colegas. Assim ingressou na universidade, em sociologia, era uma estudante muito jovem, mas logo destacaria entre os melhores. Formou-se *cum laude*, um desses galardões apreciados por muitos, mas, no seu caso, ela o ostentava sem nenhuma jactância. Não poderia ser o caso para quem vinha de baixo. Quiçá por isso, ou talvez pela sua sede de aprender e seu espírito indômito, estava vivendo algo que nunca sonhou e além disso muito afastado de seu teatro de operações. Tinha assumido com entusiasmo aquele estranho trabalho em outras terras, no ocidente do país, com outras gentes. Emígdio pediu-lhe um dia para visitar sua mãe, queria conhecê-la, e juntos viajaram de Maracaibo até Maiquetia. Sem subir até a capital, foram diretamente do aeroporto ao porto da Guaira. Um táxi deixou-os além da casa da Companhia Guipuzcoana, perto da igreja. Ascenderam caminhando pelas ruas estreitas e íngremes cheias de lixo, moscas, cachorros, negrinhos barrigudos e odores azedos. Perto da casa já estavam rodeados de um bando de

meninas com os cabelos encarapinhados, cheios de tiras de papel e rapazinhos de cabeças encrespadas ou com uma lanugem suarenta. Entre eles, os cachorros e uma barulheira de gritos interrompida por música de salsa estridente, que emergia através das janelas das casas, foram ascendendo a pé. No final da rua Palma Sola, perto do morro, estava a casinha da mãe de Natália. Da porta se divisava o mar brilhando contra os prédios do porto e ao infinito o horizonte se perdia numa névoa rosada. A mãe e as irmãs da jovem socióloga saíram a recebê-los. Todas eram alegres, faceiras, cheias de cor e de risadas, com esse tom característico da fala do lugar. Assim passaram o dia rindo às gargalhadas, entre gracejos e cerveja gelada, com os golpes da brisa fresca que no pátio traseiro trazia a música contínua da salsa caribenha. A música debulhada em anil inundava toda a vizinhança.

O doutor Ferrer tinha tomado uma decisão, que considerou fundamental para sua vida futura. Natália, uns quantos anos mais nova que ele, já pressentia que os destinos dos dois estavam se entrelaçando. Para ambos foi um acordo tácito sobre a base de uma mútua atração, carinho, admiração e respeito. Decidiram se casar antes de ir embora do país por um tempo. Já era fato sua aceitação para permanecer em Santiago de Cuba por vários meses para um treinamento prático sobre entomologia na luta contra a dengue. Emígdio pensou utilizar os conhecimentos sobre o estudo experimental dos insetos e a virologia para aplicá-los no projeto de examinar o vírus encefalítico causador da peste louca das bestas na Guajira venezuelana. Dessa época cheia de entusiasmo e de esforços para desenvolver a pesquisa num país transbordante de recursos e com a ilusão de levar para à frente seus projetos de investigação, Emígdio e Natália cumpriram seu treinamento em Santiago de Cuba. Estas linhas que seguem foram escritas por Emígdio, durante aqueles dias...

“En un beso la vida, frente ao mar, tropical, uma linha verde e uma linha azul. Ave Maria, cavalheiro! Ven sitiera por favor, ea,

bongoceiro! *Ven conmigo a mi bohío*. Escuta aquí meu sangue, tu sabe que eu vou fazê? Uma carretilha pra pipa d'água. *Al son del tiple y el guiro*, vamos gozá com o som dos tambores, vamocainapandega. *Te entregué mi alma herida*, esse bongô que tu escutas é música santiagueira, mas de onde são? Cana doce, ai de onde são? Os coqueiros balançando e o *son tropical*. Brilha a areia, o sol é rutilante e os compositores vão embora. *Son* na praia, *son* soneando e se escuta o *montuno*, ao longe só brumas, um portal havaneiro e o *malecón* infinito, com sua ondulação, a ressaca, algas enredadas entre as pedras gastas pelo beijo do mar. A espuma efervescente faz borbulhas por baixo da calçada, tudo é azul, é índigo, anil sonoro, há ouro em pó nas margens, e eles, de onde são? *Son de la loma*? Mar Caribe, verde esmeralda, *son de Santiago*? Céu de rosa velho, açúcar cande, morena clara, negra do meu amor! *La besé con loca pasión*. *Vamo* que sorte a tua! Tu quermaisrum? Sentes a brisa? Teu riso, vês as gaivotas no céu? Rompe a onda e se pulveriza, ao longe se divisa o Morro, o farol, penachos de palmeiras, a Cabana, o porto, barcos entrando, ai amor! Quanto sabor! É o *danzón*, *canta en elllano*, os senhores foram embora há anos, coisa mais grande! *En tus brazos la muerte*, um forrobodó, *son* de tambores, contigo eu vou de rumba, de onde serão? Um pingadinho? Na Cuba livre? *Contigo me voy muchacha*, escuta o *tambô*. Quer um *mojito*? Porraaa! Tua pele morena, garota vem pracá, cumbá cumbá, o *son* quente, um daiquiri? *Yo los quiero conocer*, me dá *sabó*, pina colada, vamo! Escuta aquí miasanta, vamo bailá? Escuta o *sinsonte*, é seu trinar, ai, menina faceira, a música é fascinante, polpa de coco, de mandioca-mansa? Vem pracá, rapaz! Istoe fimdemundo! Tam tam vudu, manga mague, vamo na rumba, flor de canela, tu queres um cafezinho? *Besándome en la boca me dijiste*, bate o *tambô*, escuta, pra manhá já era! Negra tu é um pudim! Tom tom macú, me diz que sim, merecumbé, pata cumbá, inté amor! Estica os couros, entendeu? *Sólo la muerte podrá alejarnos*, esse bolero, abacaxi praiano, mexe a cintura, requebra os quadris, eternamente sim, minha companheira, com tua gostosura, negra sestrosa, que mal pensa és miafilha! É pra guarachá, é o calor! Como te amo, tás na beira

e és de açúcar, vem a onda, sopra a brisa, toca o bongô, negrinha linda, bate o tambô, rum e água quina, óleo e coco, negra diz que sim, com o boierinho, pra que bailes, me dá um gûisquinho, pra gozá, salsa da boa. Como cê é! Mosaico da Billo, chacoalha o rum, essa *matancera*, ai tu, brilhando na tua pele, cheio de sabor, dança apertadinho, canta Felipe, mexe assim assim, pedaço da minha alma, Baila Piñero, assim, *me sentenció el destino*, teu riso me deslumbrou, teu porte me esmagou, assim assim, teu aroma mescangalhou, chafurdeinoteuhálito, coisa gostosa, a onda me adormeceu, senti que estavas perto, nos teus olhos me embriaguei. Sai a lua, dormes a sesta, cantam os galhos, claros do dia, sorris dormida, sal na tua pele, eu te sussurro ao ouvido, o mar cheira a ti, coco rum e mel, escuta-me, é iodo e amendoim, deixa eu te dizer e *fue tan hondo el beso que me diste*, arrebenta a onda, ai, amor me leva contigo, suave, fresco, mais e mais, diz o que pensas, nãome diz nada, diz o que quer, brilha, queima, ardê, incensário, *que tu cariño me encadenó*, sussurras teu hálito, sol do meio dia, bananas geladas, limonada, mar e céu, chuva de luzeiros e tu, liga o aparelho, fecha as persianas, essa musiquinha, através das palmas, suspiras tu dormes tranquila, *pero que culpa tengo yo de amarte tanto?* Tu, morna e morena, a lua de prata, *se volverán a unir tu amor y el mío*, ai, minha linda, sempre sob o sol tropical, voltaras a ser minha, eternamente, eu serei de ti e me darás *en un beso la vida...*”

Foi na volta à terra do sol amada, no meio daquele idílico romance entre Natália e Emígdio, quando as coisas começariam a se complicar. Embora os meses por vir seriam prolíficos em trabalhos de pesquisa, a partir do reinício dos estudos experimentais sobre a peste louca e do estabelecimento palmo a palmo da topografia do terreno, igualmente começou a se fazer evidente que fios intrincados enredavam cada vez mais os lugares de trabalho e os interesses do Instituto com obscuros planos de quem estavam dentro do aparato de poder.

De penitência o teto, larâm larâm larim, de penitência terás que me dar um queijinho, que reparta o queijinho? Sai, esse pecado já está castigado, me dê seu perdão. Sim. E então quê? Toma teu tomate! Queijinhos ou beijinhos? Não preferes uns bolinhos? Sim? Me morde aqui! Queijinhos de coco, porra! Beijinhos? Coco, sequilho, queijadinha, quindim, dindim! Não cara, queijo de bola, na mão, o que é isso irmão? Queijo e mão? Compadre, queijo, mas do bom! Porque disso é que vamos viver! Não só de pão vive o homem, de agora em diante, ou é de antes de AD, bolas! Não, já verás Copei, AD o mesmo é, cê não sabe que o povo votou por um Presidente para mudar as coisas, tinha um excesso de grana, talvez por isso, quiçá só por isso, a gente quis, não queijo, quis eleger, um Presidente para os pobres! Agora e sempre, como o azeite? Com o queijo, vamoemfrente. Mas, cara, é um vaqueiro, vai menoscabar os pobres, vai acabar com eles, tá entendendo? E se te comportas bem? Te darão um quinhão também. Queijo e quinhão, boa dupla, pode ser que não rime, que não seja comestível, mas é uma boa combinação, se não me diz, reinação! Trocam os governos, um jato de petróleo continua entrando no país e segue a mesma mamata! Com firmeza, com coragem ou com a bola melada. Como se progride nesta nação! Verdade que a gente gosta do quinhão e do queijo? Já ninguém se assusta, aporrinhação! A consigna parece ser clara. Quanto disso será minha seara?

CAPÍTULO VI

*Maquiavel ensinou há uns quatro séculos
que nem mesmo das virtudes deve ter muito
um governante se elas o fazem se perder.*

MANUEL CABALLERO, *A Venezuela do Século XX*



A maçã se passeia da sala à cozinha, setenta e sete é ano de maçãs, a cifra expressa nosso sabor, é que somos porreta! Venha e veja, é que estamos na glória, considere o assunto: “Venezuela vive o melhor momento da sua história”. Não se corta com a faca, trincha-se com o garfo. Os numerinhos, meu amor! São muito simples, bebemos de um só gole nesse ano trinta milhões de litros de escocês, e garanto que não te engano! Segura essa, tomamos no ano setecentos milhões de litros de cerveja e pensarão que marcamos um *homerun* quando te conte que ingerimos vinte milhões de litros de bom rum. Transcorrerá a história, desfrutaremos à beça, muitos alimentarão sua identidade nos Mayamis, outros ficarão a ver navios, são a maioria numérica. Eita, mundão! Quem mal anda mal acaba. Não conseguiu conhecer Disneyworld e ficou pendurado na dureza. Tu foi a Fontainblue? Chegaste a Mayami, de milagre! Bebes rum ou cana anisada? Faz um tempo que tu só quer andar de güiskinho. Mas se olhar bem, agora bebemos menta verde, com ela ninguém perde. Verde periquito, o pozinho mesmo cheirando sempre é verdoso, periquito com asa curta é o que mais esperneia! De verde verde limão? Não vi coisa mais feia! E o teu motor-home? Limão francês. Com soda o rum? Se tu quer. Não conheceu Bocaratón? E Fort Lauderdale? E o Jayalida? São Luís o Rei era francês, esse que aqui está não é da *high*, mas é o Rei, que vida! Maçã vermelha, laranja doce, parça querido, me dá um abraço, limão partido, com faca ou garfo? Vixe, cristão tu é gozador! Um Kyrie eleison, com um safari de segunda mão, duas maçãs por um pêni. Dadeland? Um safari de juta? Sim, baratas estão, me dá duas, brilhosas maçãs, alinhadas. Alienadas? E deixá-las brilhando com um pano, handkerchif perfumado. Um bom lustro? Shine. Vere dignum et justum est. E no Omni não se vê? Te recebem com flores, é tudo uma grande cascata, os provérbios populares conquistaram Miraflores. As maçãs, senhores, agora se preparam assadas, cobertas de açúcar

mascavo e do nada, subitamente ou seja de repente, partilham-se Chokitos. Com o país hipotecado e toda essa história, vai se passar um bom tempo, dirão, ai, lamento! Mas vai nos chover a grana, tu não te preocupa é um dilúvio calculado, nem podes imaginar, o cara já tinha afirmado, eu acabo com os pobres. Meu Deus! E onde tu deixas os cabras aqueles? Vestidos que nem frappé de coco? Tu só me diz mentiras! Não te faça de doido. Os adecos? Sim, pede a Deus para que não te peguem descuidado, porque perde o rebolado! Tá me entendendo agora? E tanto pirralho lombriguento? Cheios de melecas, os bichinhos fanhosos, de beijos estufados, menininhos esfomeados, nem pro arrozefeição do dia, nem pra uma penquinha de banananica? Arre! Estou exagerando? Tu anda todo inflado, mas com o cu na mão, e de festa em festa, tu acha que eu sou um nefário! Agora só usa cachemira. É justo e necessário. Você se lembra de Caldera? O cara não era brincadeira, agora encontramos o São Luís, no camping, acabará com os pobres. Me passa uma raspadinha. Será de fome porque já para comer não há cobres, estão na pior, matando cachorro a grito! Estão famulentos, levanta a pata e come câimbra. Empanturra-os de pão, as fogueiras, queijo e pão, de São Roque e de São João, queijo e pão, alfenim, picareta e pá, são de Riqui, piquenique, queijo e pão. Porra, mas para mim não há! Me dão patavina! Jesus te assista! E eu? De repente, quem sabe, talvez se é cursista ou lassalista. Cellista? Cê compõe? Opus 45. Compões ou de ouro em pó a pões? Eita! Cê e que é do Opus dei? Me dá bola quicklyzinho, do opus day ou do opus night? Opusnain? O nain é nove, mas ninguém se move. Vamos ver se fazem a divisão! É uma dinheirama a que ingressa, nossa bonança pudesse ser eterna, cresce, floresce e a cada dia se agiganta. Como a dívida externa. Aporrinhação! Cataplasma de mostarda, contradição. Parches porosos, a tradição. Sinapismos de linhaça, tu é um ocioso... Erva-moura? A traição. Andas de cachemira, já te disse, é importante, erva-santa, temquexistir algum remédio. Deusinho, ele está é muito tufado! Convencê-lo de algo, poorra, é mais difícil do que matar jacaré a beliscão, que droga! E entenda cidadão, estão besuntando vaselina na esférica.

Escutai, atendei companheiros copeyanos, é culpa deles, são filhos do inferno, a culpa meus queridos irmãos é do governo anterior, sempre é assim, e isso reconforta-nos tanto! Perante vocês estão os desaforos, perfeitamente o temos demonstrado, roubaram até os pregos da cruz, nem com genciana curam suas tungas, são os mesmos, os sicários, os doze do patíbulo, fizeram uma pernície no erário nacional, apóstolos do passado período, agora são milionários, encheram-se num piscar de olhos. Lembrais de Nitroven e também do Tablazo? Que direis de Porcomercadeo e de Mersifrica? E que dizer do Instituto Nacional de Obras Sanitárias INOS? E estamos nos inteirando de que sobrevivemos num lamaçal, um banhado só. Sem a graça do pampa, companheiro! Uma raça de bodes, tantos predadores, são muito espertos. Se acheque meu amigo, voando com Viasa, veja o que se passa, aceita um cafezinho? E então? Beba um tiquinho, não quer um refrigerante? É que este Presidente e seus ditos populares é hilário! Amigável e caipira, bonachão e por demais gordinho... Sou jornalista, querido plumitivo! O país vai deslanchar, eu posso jurar, vamos nessa... Religioso, o cara é boa gente, ele sobretudo é bem consequente, tem um ajuntamento de amigos e além disso é mais jovem que a figurinha da nota de vinte. Quer outra empadinha? É que são meus irmãos os amigos do estado Lara e os de Portuguesa. Como não os alimentar? Impulsionarei as artes, sempre fui amigo dos padrecos. Para mim, com minha arte me basta e tenho suficiente, isto está uma loucura. Bom, e não esqueças da cultura. Ah! Certamente, nisso ele dará um bom empurrãozinho. Não liguês para esse negócio, dá para eles uma alternativa, o que melhor funcionará será o esporte, construir estádios e canchas esportivas, seguramente depois vai se deixar às moscas todo esse troço, o abandono, tu sabe, mas não te importe, nem te preocupa, o importante será que não existirá a juventude ociosa, olha percebe vê, pegaram a grana no IND! Acho que é melhor você calar a boca. E o indulto? Onde fica? E não por roubo nem por drogas, por assassinato! Mas, é que vocês têm que me entender, não é qualquer coisa ser parça de La Salle. São velhos bugios, sem antigos rancores! Eita dores! E o endividamento? É que assim nos deixou o outro

governo, efigies do Averno! E o atraso de nossos camponeses? Certamente, compadre, estão mais atrasados que bagos de porco! Eu me garanto. Isso foi de espanto. Ficamos que nem bode desmamado. O povo tá esfaimado. Onde tem lama se não choveu? Agora é que há grana pra comprar mais trecos. Com fumaça, meu compadre, não se cozinha o milho. Lhe parece cumpa que a coisa tá ruim? Cágado nem jabuti sobem num pau. Isto é um desespero, como nos deixaram! Tranquilo meu compadre, tamos cheio da grana, mas pedir fiado é o mais bacana, pedir dinheiro a rodo, existem as reservas, peçamos emprestado, me passa uma conserva e me perdoe o léxico, entenda companheiro que convém ter uma ilusão vivente, por ser da terra serei popular sempre, seja o senhor inteligente! O negócio é preservar a imagem sem repartir os cobres, o povo vai apreciar minha lorota, serei o rei dos pobres. A dívida externa já é impagável, meu senhor Presidente. Amigo, não seja tão impertinente, Deus proverá, atenda por favor essa velhinha, tadinha, passe-me o senhor a bola, olá, vamos lhe dar logo logo um chute, os flocos é o mais gostoso do Chokito, o senhor a tem em ponto de bala, Presidente. A tenho sim e veja como é disparar a bola até a rede. O senhor parece moedinha de dez. De ouro quer dizer colega jornalista! Lembra que não é ouro tudo que brilha e quem espera sempre alcança e não conte com o ovo dentro da galinha, com estatura, estou juntinho da rede, no barquinho congelado encerrarão o trouxa e assunto terminado, ao fim e ao cabo, por seu partido foi condenado. Lance sua última bola Presidente. É a bola untada a que o senhor tem? Perdão, essa da que o povo fala? A vontade, colega, Godói, o que eu trago no bolso é nada menos que o olho-de-boi. Xô!

O auditório repleto silenciou um instante e Crisanto agarrado ao pódio olhou inquisitivo, perfurando com suas pupilas de fogo colegas e estudantes por igual. Suspirou um par de segundos e continuou: “Muitos são os que vivem de modo diferente do que falam, são os demagogos, são os farsantes”.

...Choveu copiosamente até se alagarem as ruas, as valas, os lixões e os pátios traseiros das casas, então quando o dia começou a despontar de

novo tudo era como um açude imenso e apareceu como uma bola de fogo incandescente o sol e sua luz foi se filtrando entre os galhos trêmulos dos jatobás...

— “O fogo e a violência temperaram nosso espírito de luta e como a ave Fênix renascemos das cinzas. Nosso Instituto, com o apoio de tantos colaboradores, de uma equipe humana incomparável, levantou o voo para firmamentos de verdades eternas”

...Chegou o meio-dia com um sopor de umidade densa e fervente e foi-se espraiando a tarde de laranjas passadas, anegando-se no sol dos veados. Assim, aproximando-se a noite guajira com aquele calor sufocante, chegaram os borrachudos.

— Dessa tribuna, quando já minha idade ultrapassa o meio século, posso olhar os inimigos das Instituições serenamente, posso falar de eles sem ter ódio ou sentir rancor, mas, entendam, sobretudo vocês os mais novos, compreendam que existem brigas que devem se dar mesmo quando se percam, não sempre se pode ganhar, mas luta-se e deve-se entender que enquanto mais árdua é a luta, mais meritório é o triunfo. A passividade perante a injustiça e o abuso é mais vergonhosa do que a derrota.”

...Cheias de água as nascentes dos rios carregaram os leitos com despojos como se os pântanos arrotassem todos seus pensamentos turvos e apesar do sol e do fervilhante clima, a chuva não cessou de trazer em ondas milhares de mosquitos. Só quando começaram a morrer os burros, os guajiros se olharam entre si preocupados, demonstrando certa inquietação, mas já nesse momento nós sabíamos o que nos esperava...

— “E é que a Universidade pode seguir se chamando de Universidade? Encurralada como está, em vez de crescer com a crise se transformou em casa de beneficência, é uma Instituição maniatada porque depende do governo de turno e está mediada porque não pode selecionar seu pessoal nem eliminar os incapazes, nem enfrentar os delinquentes que se infiltram sob seu teto. Assim, meus senhores, não se pode assinalar rumos,

nem cumprir os objetivos que lhe correspondem à nossa Alma Mater. Nossa Universidade se encontra descarrilada e alienada.”

...Chegava com a epizootia a onda epidêmica, era incontrollável, espécie de colchão de pernilongos insaciáveis que se assanhavam com a gente. Lentamente descia o nível das águas. Para além de Paraguaiipoa e de Sinamaica, entre os brejos e os mangues corriam chapinhando os ratos do mato, enquanto miríades de mosquitos se enchiam de sangue. A ponto de rebentar e a sol pleno, os burros mortos iam se macerando entre a água, florescendo em moscas e vermes. Espantando mariposas, afugentando os pernilongos ou deixando-se picar por eles, as crianças guajiras brincavam suando sua fome febril...

— “Nós abraçamos com fervor os problemas do povo e temos demonstrado que a Universidade é, tem de ser sempre, a vanguarda na defesa da Saúde Pública.”

...Enchendo de cadáveres de burros e mulas, a peste louca das bestas ia progressivamente dizimando os animais da península Guajira. Casos de encefalite em humanos foram um a um detectados e considerados clinicamente irrefutáveis. Centenas de guajiros doentes com febre e cefaleia começaram a chegar aos postos de saúde...

— “Dá pena pensar que Zúlia produz as três quartas partes do dinheiro que dá vida ao país, mas, quando precisamos de dinheiro para os nossos hospitais, para os nossos postos de saúde, para os nossos Institutos de pesquisa, quando estamos dizendo aos gritos que há epidemias que dizimam o povo que padece de fome e sede, então a gente tem que ir para Caracas pedir porque é ali onde estão concentrados o dinheiro e o poder.”

...Enchendo o salão de reuniões no oitavo andar do Ministério da Saúde, na Torre Sul do Centro Simon Bolívar, estereótipo da Venezuela dos anos cinquenta, lembranças arquitetônicas remanescentes da ditadura de Pérez Jiménez, ali estavam todos os hierarcas da Saúde. Os sanitaristas, enquistados seres, verdadeiros sanitários aninhando suas pupas e casulos, exército de coleópteros com cérebros folgadoamente funcionando entre suas

anteminhas, reuniram-se ao redor da mesa e começando a reunião, como era de praxe, um momento depois se retirou o Ministro da Saúde.

— “Não valeu muito insistir que depois da epizootia viriam com as febres as alucinações e a angústia e o riso e o pranto fazendo crise em cada doente. Não acreditaram em nós. Alarmistas! Assim foi como nos chamaram os expertos... Não é justo que isso aconteça e não pode ser possível suportar isso. Seria suficiente com a metade do que produz Zúlia, e que isso ficasse aqui entre nós, bastaria isso para sairmos dessa humilhante situação em que nos tem o centralismo, o inaceitável paradoxo de ser ricos e estar vivendo na miséria. ”

...Cheguei a Paraguaipoa e os encontrei com febre, batendo dente, guajiros amontados no chão, sofrendo, a um lado suas sacolas ainda empoeiradas, guajiras com suas amplas capas brancas e pretas, ardendo em febre, com suas capas rosa e branco, bochechas de escarlate intenso, entre os tecidos com grandes flores de um laranja violento e a mirada enchida de dor e o pranto lamentoso dos piás. Estoico é o meu irmão guajiro, de granito, frente a tanta desgraça...

O paraninfo da universidade se estremeceu com os aplausos entusiastas do público. “Por que tanta miséria? Por que esse sofrimento de nossos indígenas guajiros? Gotas salobras de suor e pranto lavando os rostos de olhares tristes. Então, senti como se fossem meus. Senti como se eu mesmo fosse índio. ”

Os aplausos ressoaram pelos quatro cantos e se escutaram vivas e consignas e exclamações e vozes esperanças que enchiam todos os âmbitos da Universidade. A campanha para reitor de Crisanto Navarro quase culminava e viam-se boas perspectivas para seu triunfo. Sua mensagem era zuliana, era universitária, era a de um cientista, um pesquisador, um médico com sensibilidade social que prometia pôr a Universidade num lugar diferente, com um rumo distinto, olhando para o futuro.

A maçã passeava da sala à cozinha, não se corta com a faca, trincha-se com o garfo...

Quando aconteceram as eleições resultou o esperado, segundo seus detratores, o mais fatível segundo seus inimigos políticos, para muitos o incrível, para outros era o lógico mesmo que lamentável. Com uma coalizão de partidos, o ganhador resultou seu um político perdido, desses que executam precisamente o que se lhes ordena do cerne do partido, isto é, entre os candidatos se impôs o mais bandido e assunto terminado, finito, concluído. Crisanto já não será reitor, talvez em algum amanhã, isso ele disse a seus amigos, para disfarçar sua decepção, seguramente... Passeava sua maçã pela sala e a cozinha, não a cortes, meu filho, não a cortes com a faca, trinchá-la com o garfo...

De ano sabático decidiu ir-se embora Crisanto o pesquisador, e o Instituto continuou seu trabalho com o novo diretor. Os ratos acasalados pariram novas crias, algumas com cuidados e dedicação sobreviviam, então se fez uma descoberta, o vírus não é letal, eureka, o encontrei! Assim gritaram ao mesmo tempo Emígdio e Natália entusiasmados. Todos aqueles resultados descreveram-se perante o mundo, na França, na Califórnia e em Bethesda ficaram admirados, atônitos! No país, possivelmente, só Rangel, o velho Torrealba, Pifano e Witremundo tinham descrito coisas de uma importância tamanha para a nossa Medicina Tropical. De Europa, Crisanto, satisfeito, observava nas publicações o sucesso alcançado pelo seu grupo, galardão merecido, à final, depois de tantas investigações... O Instituto foi subvencionado por organismos internacionais. Como muitos o prognosticaram, o apoio econômico do governo central foi imediatamente retirado, as razões as indagou o novo diretor. São naturais, disseram na capital, ele insistiu, e nada responderam, então, foi publicado em todos os jornais... “É uma vergonha nacional, isso não pode ser”. Automaticamente publicou o El Universal um assunto tenebroso, segundo o qual cogitava-se a desincorporação do doutor Ferrer da Universidade de Ocidente, por suspeitas de manejos dolosos. Emígdio pressentia um plano perverso e misterioso. Em silêncio crescia a inveja e a

ambição, algo grave se fraguava. Quando nasceram os primeiros fetos de suas cobaías, e apresentaram malformações, preparou-se o trabalho para expô-lo nos Estados Unidos. O lugar para realizar a comunicação foi a cidade de Atlanta, num evento internacional que promovia o famoso laboratório de pesquisas CDCA. Assim, os resultados dos estudos realizados na região mais ocidental venezuelana sobre a peste louca intrauterina foram comunicados em inglês aos gringos, na primeira ocasião...

O deputado Lucídio Soto escutava seu interlocutor frente a um copo de whisky com gelo. Para ele eram familiares os ruídos dos carros, o monóxido, o aroma do tetro etileno de chumbo da gasolina, a fumaça dos ônibus com seu perfume de diesel, mas, sobretudo, os rostos e as vozes dos poetas, artistas, empresários, advogados, juízes e divas, escritores, jornalistas e lindas mulheres. No local se encontravam um acadêmico, três professores, um italiano mafioso, dois locutores, uma estrela da televisão e todos os habitantes habitués daquele triângulo bermúdicico na avenida Francisco Solano, entre os restaurantes Franco's, Vecchio Mulino e Camilo's. Lucídio aprendera a conhecer os modos gestuais de todos eles quando o barulho sufocava as palavras e ficavam os movimentos, as miradas e os sorrisos. Ele era agora outro dos assíduos visitantes da República do Leste e na onda de renovação cultural que parecia se gestar na capital como um maremoto, in crescendo, sem influxos luares, assim ele se sentia chapinando entre as ondas que os envolviam e os arrastavam à beira do balcão, escutando, opinando, conversando, obtendo informação atualizada e vital para seu trabalho como político e deixando-se levar pela maré alta da literatura, a música, a pintura, a escultura e até a acupuntura! Ele mesmo se considerava um indivíduo de número e era muita a história pátria e os quiproquós do país nacional que tinha captado, ruminado e digerido frente a seu copo de whisky on the rocks. Contudo, não se podia conceder todo o crédito à República do Leste, ele também tinha feito a sua parte.

E como tinha feito!! Foi nutrindo suas inquietações intelectuais com inúmeras novidades e, de um modo muito especial, sua paixão pela escritura parecia se alimentar com as ideias que lhe chegavam com os comentários dos confrades amantes da massa, o vinho, o antepasto e as cassatas. Cada vez gostava mais de aspirar os perfumes caros, conhecer as jovens patricinhas, algumas delas suculentas, viviam se exibindo ante os refletores que esquentavam os monitores quadrados e outras liberais ou liberadas, de mente mais ampla e mais exíguas carnes, sem aureolas de Caron, mas enfeitadas com um palavrório questionador ou cheias de curiosidade inocentona sobre o mais imediato passado. Entre o buquê do conhaque, do anis El Mono ou de um sambuca crepitando em azul seus grãos de café, talvez um cointreau seco em produtiva conversa, e já fazia um tempo que ele fumava cachimbo, envolvendo encontros, confidências, revelações, negócios e arranjos de política em essência de fumaça achocolatada, de maneira, modo e forma tal que suas evocações mais íntimas e muitos conchavos ficavam impregnados de cacau, aspirado pela boca, deixando de lado a cigarreira, expirando pelas fossas nasais, com o mais distinto refinamento. Lucídio soube tardiamente dos jogos verbais de Sárdio e foi capaz de entretecer insólitas teorias, algumas delas requintadas, sobre o suposto papel de muitos dos distinguidos visitantes da República do Leste no devir histórico da nação e muito especialmente no devaneio histórico que fundia o passado com as histórias presentes de alguns deles. Essas impressões eram fruto de variadas opiniões e de seu conhecimento pessoal, sobretudo para encontrar as fontes para a criação artístico-literária de sua pena numas quantas personagens republicanas. Ele unia e amalgamava detalhes e observações, algumas de incalculável valor, como captar a essência do alvorecer inicial nos relato de vários amigos sobre a aspiração do pó de letras atomizado no recinto da antiga livraria de Salvador, ou o vaivém das vesículas e bolhas de criatividade submersas com as ideias e aflorando flutuantes, pletóricas de palavras, de tantos intelectuais, inquilinos da costela gótica, dentro do monstro,

digeridos e regurgitados e expulsos agora, vivendo fora, no exterior do ventre do imenso cetáceo com teto. Lucídio captava cada vez com melhor sintonia todos os detalhes, sub-registros, acontecimentos, separados ou em sequência, com os sentidos totalmente abertos, absorvendo os informes sucessivamente, oferecidos um atrás do outro pelo seu interlocutor, que insistia em assinalar que o acontecido era apenas um signo de singular sorte, ele supunha que seus sagrados e seráficos seres republicanos eram tão só simples sujeitos submetidos, como num sonho, desde que sucumbiram no submundo surrealista dos anos sessenta, eles, afirmava seu interlocutor, supeditaram sua sobrevivência a simbióticas sociedades, suspensos, num sentido figurado, numa saga de viés soviético enriquecido durante sangrentas sublevações subversivas, simulando ser o suporte dos sublimes interesses da pátria. Agora, disse-lhe então, vês suas sombras sentadas nessas cadeiras, chupando canha e choramingando suas lembranças? Seus subconscientes são umas felizes férias festivas, por que tantos efes? Sim, fezes! No fundo, eles eram a versão intelectualizada de suas lutas juvenis. Mas seu desempenho foi próprio, seu roteiro original, sei leitmotiv autêntico, e, no entanto, ele habitou sob o mesmo céu de seus amigos de agora! Alguns dos que outrora se amparavam no ventre do cetáceo não conheceram nem apalparam a realidade do país como ele, com aquela paixão... Ele emborcava com pressa seu whisky e pensou no Jonas, existia um não sei quê no fundo do assunto todo que o fazia ultrapassável, palatável? Algo que o fazia encorajar. Deputado reputado, um par de contos publicados, metido no cultural, não havia saída, mas ele se sentia mais puro, mais genuíno, seria talvez por esse transfundo de seus ideais? Prístinos, de revolucionário autêntico, ou, quiçá por ser tão regionalista? Impossível! Dizia para si mesmo, não! Era uma questão da evolução, da dialética. Ele vinha por dentro do cercado da história pátria, cruzando a penúltima curva, quanta importância se dava agora caminhando de braços dados com sua mulher no hipódromo da Rinconada e quantos bons dados recebia. A

última curva? Não a última, nem que a vaca tussa! A reta final! E ele vinha irrompendo por fora, atrás, fustigando seu corcel indômito, embora muitos o olhassem bisbilhoteiros, pela sua cor seria? Bah! Por estes lados isso não era transcendental! Talvez por ser zuliano, isso sim. Talvez pelo estrangeiro, a final, a República de Zúlia e a República do Leste eram mundos à parte, era uma aproximação de culturas o que ele estava promovendo, quiçá um estreito abraço entre concachaceiros, se se quer ver a parte inculta do assunto. Mas era um rolo de polo a polo, concachaebríos? Ou de dose em dose? A verdade era que, por vários detalhes, ele sabia que alguns o consideravam forasteiro. Inteletualoide de merda! Espetaram-lhe na sua própria cara um de seus colegas, deputado de esquerda, ou melhor dito, deputado converso. Que expressão! Só por um súbito palpite seu, só por uma instantânea vacilação, frente a um suculento arranjo milionário, um desses golpes de sorte frente a uns milhozinhos, um atávico tremor somado a seus dotes de neoculto e lhe propiciaram de presente aquele comentário escatológico, simplesmente por não terminar de desenvolver sua ousadia. Não se comportou como um político tarimbado. Essa foi uma pequena falha, mas, quanta cancha tinha agora! Sentia-se comandando o pelotão. Mandou brasa. Esperem para ver, vou desfrutar à beça, parecia dizer a eles, e os via de relance, de soslaio, umas quantas, muitas vezes, e isso é porque eles não pressentem o que é ser um goleador, me dá na veneta agora tirar uma onda, porque ainda é que eles nem sabem o que está por vir para este país, esse monte de cabeçadabagre, se acham a última bolacha do pacote, mas quando as coisas sigam evoluindo do jeito que vão ficaram a ver navios e então em dois tempos os verei chegar, urgidos de ajuda, um conselho? *Acordate de este amigo que ha de jugarse el pellejo...* Lucídio se escutava ouvindo seu amigo e olhando depois para a concorrência. Orlando o cumprimentou com um gesto da mão livre, a outra segurava o copo, nesse momento voltou para olhar Adriano conversando com Merlin e André Guide. Lucídio observou por enésima vez como o interrompíam Baudelaire e Rimbaud, eles

sempre secundados por Henry Miller, corado e tatibitando um espanhol com o dublinense Buck Mulligan, faziam lhe objeções ilógicas, requebros verbais, interrupções etílicas a tudo quanto expressava Adriano, e não contentes com isso, e apesar de sua condição de convidados, desfaziam-se em caretas que pareciam dirigir a Miguel e a Rubén, que conversavam com Elisa e André Breton, com Maria Teresa e Cagliostro, tentando assimilar os contos loucos do orate Maupassant eternamente na sua nota biriteira infinitesimal.. Eles tentavam beber o mais placidamente possível, sorvendo as palavras suavemente, oferecidas pela fluidez poética incontida de Omar Khayyan. Lucídio também o escutava desde o balcão, tinha adquirido uma destreza especial nisso de prestar atenção a dois ou três conversas ao mesmo tempo e assimilar o mais conveniente, exercício que a sua representação do povo tinha lhe proporcionado para lhe facilitar suas tarefas, como essa de chacoalhar seu velho Parr no copo com gelo e ouvir poesia, enquanto seu interlocutor o pegava da mão e o levava para a zona vermelha dos comentários niilistas, sobre os defensores das posturas atuais nos radicais de outrora, os irreverentes contertúlios em vias agora de se passar ao inimigo, ou à calçada de enfrente? Pelo menos, da barreira de sombra, ver os touros de outro ângulo, sem elidir a veracidade dos processos históricos, sem interpretar a irreversibilidade dos fatos realizados, só enfocando com uma objetiva mais prístina, com mais pupila, centralizando a atenção no jato de oportunidades que se estava produzindo, e onde até os meios estavam abrindo de meio a meio suas comportas. O deputado Lucídio Soto bebia seu drinque, convencido de que ele tinha sido mais afortunado que a maioria, foi-me melhor do que a quase todos eles. Pensou novamente que com tudo e a história pátria o que se avizinhava para o país era uma baita burundanga, na realidade, existia de fora uma pressão econômica do caralho! Afortunadamente, ele sentia-se sobrevoando os circundantes, como quem diz, os que viviam das circunstâncias, de fato não era o velho Parr que o elevava por cima de circunlóquios e fofocagem, também não era o dinheiro a rodo que lhe entrava

pelos seus labores de político honesto, mas não trouxa, que não é o mesmo nem se escreve igual, deixa-se constância! Ele com sua capacidade e inteligência, pronto para cumprir suas funções, mas, isso sim, pondo-se um preço em cada jogada, assim era, o que se vai fazer? Do balcão via Carlos, o marinheiro, o índio Ovalles, Juan, Salvador, Edmundo e Francisco. Lucídio considerou então que era um verdadeiro saco pensar como o mundo girava, dava voltas e voltas. Assim, ele retrocedeu e se viu caçando baratas para lá e para cá, em calças curtas e alpercatas, pegando borboletas amarelas e vermelhas sob um sol que derretia cascalhos, e olhando o galho cheio de louva-deus. Estava talvez por um momento no terreno dos cactos, ele, soltando pipa. Os papagaios se elevavam bem, feitos com a linha da sua vó Mamaña. Não queria pensar na bacíaesmaltada para não se ver na frente da sua mãe jovem, Domitila, ele nu em pelo e ela com a cabaça e a água fresca, correndo atrás dele, molhando-o. Lucídio elidiu essas lembranças e sem saber como nem por que regressou a sua primeira calça comprida, quando o zíper emperrou e a grande mijada que deu... Sim, o mundo dava voltas e voltas e eles sem se decidir, eram uns tolos, sem se resolver e os que ficaram no Morrodoscornos? E nos Filuos? E em Sabaneta e as Veritas? E os que deixaram a melena no MercadodosBuchones? Os que agora estão no das Pulgas, quantos como eles se deram mal? Lá longe. Mas agora ele estava em outra situação, os verdadeiros venezuelanos, os próprios, os que faziam a fantástica história nacional, eram nada mais e nada menos que os de sempre, os do Centro do país, o umbigo da Venezuela, roubavam até o gás, e por isso eram porretas, sigam o exemplo, até o hino nacional dizia! Eles sim, os do embigo, mesmo que se achassem eles, se não ficasse bilontra a corrente o levaria, sim, todos no devir dos anos terminarão como ele, metidos a espertos, venezuelanos crioulos, sabidos, aspirando a ser que nem ele, eles, todos eles, o país inteiro, os jovens, as crianças, terão que aprender, todos se amarrarão numa aspiração democrática, triunfadores querem ser todos, porra, uns a médio prazo, outros em cómodas prestações, mas chegar, assim, como

ele, que não andava - andou?- de galho em galho, de pau em pau? Eu Tarzan, tu Yein, lembra? Assim, tudo chega no seu devido tempo e ele tinha arribado, finalmente, depois, um acordo e um se acomodar, mas não podia ficar esperando! A sorte bate na tua porta! Mas você tem que dar um empurrãozinho, uma mãozinha, a oportunidade da tua vida, a ocasião é careca, como cantora sueca. Assim, se faziam de doidas, as suecas? Perante seus olhares, do balcão, Marguerite Gautier com seu peito de tísica e a Fata Morgana, com seu do quase de teutônica, a britânica peituda excalibúrica mais misteriosa do que as loiras dos filmes de Bergman, elas ensimesmadas numa conversa soterrada com Pico, o da Mirandola e mirando-a também estava Fabricius de Aguapendente, e onde você deixa Ludovico? A todos observava Lucídio da sua cadeira, como papagaio no pau, eles murmurando temas funambulescos, como era de se esperar, já que todos estavam bem entretidos, escutando no afrancesado acento que o fazia tão peculiar, pra isso servia, as histórias sobre a peste e os apestados narradas por Gustavinho Flaubert. O whisky tinha se volatizado. Não, certamente, mais dois por favor, disse-lhe seu interlocutor ao barman e Lucídio olhou a cascata ambarina do líquido escocês. Então, ele pensou novamente no seu colega parlamentar e no epíteto de Inteletualoide. O que pensariam dele, na realidade, Manuel Alfredo e Vicente e Cuto e Maria Fernanda? Como o viam? Em que plano o teriam? Perguntava-se se o considerariam mesmo um escritor ou seria um político simplório, alguns o olhavam de soslaio, era como perceber na sua nuca, como agulhões, os olhos deles, furando-o, alguns entrefechados, no pescoço e ele escutando a música que tocava distante. Ele tentou afastar essa desagradável sensação e olhou o rosto rubicundo de Leopold e os peitos exuberantes de Molly, percebeu o riso estrepitoso de Daniel Santos frente à piada de Vargas Vila e sentiu-se um pouco fora de lugar. Falso? Talvez questionado... Então pensou... Bom, e que me importa! Eu, pelo menos, sou um profissional e tenho bastante experiência, sou um comunicador social, escrevo e sou, bom, sou também deputado, eleito nos comícios de um partido e tenho feito um

bom trabalho, e vou me formar advogado. Depois de dois mandatos, meus contatos no partido que faz a oposição principal me garantirão um terceiro período, por isso eu, porra, eu não sou um filhodamãe, não acho que vão me dar um prêmio como escritor, nem me deixarão à frente de uma revista cultural, mas sim aspiro a um recesso, um descansinho a cambio do meu apoio como político, que tal Bélgica? Embaixador ou um troço assim, delegado cultural, a descansar e deixar a máquina do partido engraxada, suave e sem problemas porque não há gerações emergentes. Lucídio sorriu lembrando a música mexicana, como era? *Pero sigo siendo el rey...* Voltar era verde e o rei era branco! Com reflexos alaranjados e listras roxas! Do seu lugar no balcão viu como ficava em pé Alfonsina Storni, seguramente ia ao banheiro de damas, vai embora? A acompanhou Soledad e ficaram sós Santa Teresa com Diderot e Olguita Guillot com Champanion, escutando Nietzsche empenhado em lhes explicar no seu prussiano espanhol toda uma baboseira louca sobre a impotência e a incapacidade dos povos para se entender frente à banalidade da vida mesma. Lucídio observou divertido como Heródoto Morin tomava notas numa cadernetinha. Sem dúvida, serão dados para a história, pensou o deputado olhando para o lugar onde Orlando e Ludovico se enfrascavam numa amena tertúlia degustando em pequenos sorvos seus respectivos drinques. Olhou seu copo e o encontrou sem líquido novamente e com um gesto chamou a atenção do barman. Seu interlocutor, finalmente, guardava silêncio.

Obalcão do Franco's estava atestado. Discutia-se acaloradamente a atualidade política. Lucídio já se havia acomodado e seu confidente estava lhe oferecendo a tão esperada informação. Tinha decido investigar o assunto antes de se reunir com seus amigos da Guarda Nacional, para cumprir com o pedido que fizera a doutora Yolanda Valbuena. Fazia muito tempo que não a via, e claro! Ela parecia ser muito amiga do senhor Gorziglia, por isso, ele aceitou averiguar tudo sobre o imbróglie, mas, por

outro lado, era impossível que um sujeito conhecido por tanta gente desaparecesse assim, da noite para o dia. Explicaram-lhe em detalhe como os funcionários da Polícia Técnica realizaram um mandado de busca e apreensão nas habitações do hotel Tamanaco e como seus escritórios tinham sido totalmente vasculhados aparentemente sem sucesso. Gorziglia tinha sumido. Quase um ano antes, ele lera na imprensa que o cidadão argentino-venezuelano Domingo Gorziglia tinha sido acusado do delito de extorsão. A denúncia feita pela própria polícia através do comissário Altimari foi consignada pela Interpol. Lucídio conhecia bem muitas das histórias sobre Manuel Gerardo Altimari, o inspetor policial se involucrara em delitos de extorsão e tinha sido acusado de tráfico de influências e de abuso de autoridade desde o começo dos anos setenta. Apesar de estar bem acobertado, protegido e amparado pelos governos de turno, o experto policial, que bem tinha-se livrado de tantos enfrentamentos com delinquentes e de muitas denúncias de cidadãos com a coragem de o enfrentar, não conseguira abafar os boatos repetidos por um canal de televisão e por um columnista do jornal La Esfera sobre o caso Gorziglia, e as pessoas comentaram naquele momento que quem acoassavam o policial, um par de diretivos do jornal e da televisora, também estavam sendo extorquidos por somas milionárias pelo próprio Altimari. Parecia existir uma chantagem no fundo, mas a perda de uns quantos milhões levava àquele par ou trio de empresários à audácia de enfrentá-lo pela televisão. Também tinha sido evidente para muita gente a forma como tudo terminou. Abruptamente cessou a pressão sobre os juizes que conheciam o caso, e é quase certo que uma boa quantia no meio precedeu o silêncio. Trocado por guita, dindim, bufufa, tutu? Vai saber. O assunto é que se encerrou o capítulo. Agora com outro governo, sob a égide de um partido diferente, Altimari seguia ativo e se impunha, mandava brasa! Isso diziam e era compreensível que associassem seu nome ao desaparecimento de Gorziglia. Com todos esses detalhes e antecedentes. Lucídio ficou informado sobre alguns dos negócios de Altimari com gente que

movimentava milhões ao longo de toda a fronteira colombo-venezuelana. Essas eram coisas que se comentavam, mas agora o deputado Lucídio tinha dados precisos, seus informantes garantiam que Altimari seguiu à frente da sua companhia de vigilância e de proteção privada, a que, evidentemente, era a cortina de fumaça para um organismo para-policial. Relatavam-lhe que industriais e comerciantes poderosos dos estados fronteiros contratavam os serviços “dos felinos”, de Manuel Gerardo para resolver problemas de qualquer envergadura. Com um lenço que simulava a pele de um leopardo atado no pescoço, tinham dado a eles o apelido de “os felinos”, e mais pareciam combatentes do exército antiguerrilha, treinados para missões no Vietnã, do que agentes de segurança. Seus serviços eram efetivos e não tão caros como subornar juizes. Tudo dependia da oferta e da demanda, ou do melhor lance, e era evidente que para pagar vários colombianos que poderiam fugir pela mata dando o cano, sempre seria um risco menor contratar os felinos. Isso falavam todos. Lucídio, mexendo na situação do argentino Gorziglia, começou a saber de muitas coisas que ignorava sobre as lucrativas atividades no seu longínquo estado limítrofe com o “irmão país”. A situação da Divisão Organizada para a Delinquência era um exemplo de organização efetiva, onde se botava preço a qualquer um e se cumpria sem delongas. O deputado soube então da existência de uma mafiosa delinquência e de uma delinquência marginal, de outra que era policial, de uma delinquência narcopolítica e de uma muito peculiar chamada de fronteiriço militar, a dos corpos de inteligência conectados com o DEA, a CIA e até a Interpol e sempre ao amparo de um bem conhecido senhor Ministro de impoluto colarinho e floreada gravata. Apesar dessas novidades, o informante de Lucídio teve a precaução de deixar grande quantidade de fios soltos, era claro que não lhe convinha nesse jogo mostrar muitas cartas desde o começo. Negócios sobre droga, lavagem de dólares, comércio de gado, importação de bens e, sobretudo, os planos para o desenvolvimento de várias regiões estratégicas no Ocidente, tão incríveis, que

necessariamente despertaram o interesse de Lucídio. Pareciam tão irreais essas informações, que, sem esperar muito tempo, decidiu conversar com uns de seus amigos militares da Guarda Nacional. Para seu assombro, confirmaram mais coisas das que ele mesmo sabia. De Maicao e por todo o norte de Santander, até além do sul de São Carlos do Rio Negro, com ponto álgidos em Cúcuta, no Arauca e particularmente na região do Guasare, parecia existir toda uma convergência de interesses, boa parte dos quais estava em mãos dos militares, mas outra controlada por um verdadeiro exército paramilitar, cujos chefes eram civis e suas conexões estavam enraizadas em gentes com um poder econômico vastíssimo e nas engrenagens do governo. Lucídio mal conseguiu entender muito bem a relação da doutora Valbuena e o senhor Gorziglia, já que lhe parecia curioso que uma simples amizade de Yolanda com um filho do desaparecido pudesse ser suficiente para engendrar tão marcado interesse da doutora pelo argentino perdido. Quando duas semanas depois, o deputado Soto e a doutora Valbuena jantaram no Vecchio Mulino sua surpresa foi maior quando escutou da própria Yolanda, Diretora da Secretária de Assuntos Internacionais do Ministério da Saúde, pedir-lhe num rogo, quase uma súplica, para esquecer todo o assunto do senhor argentino. Informaram-lhe que tinha voltado para Buenos Aires. Isso disse a Lucídio, mas o deputado não era bobo e escutando à doutora, enquanto assentia com ar de inocência, pensava no pouco convincente que eram seus argumentos. Não ficou quieto. Ele continuou insistindo, dizendo para Yolanda algumas das coisas que tinha averiguado sobre Domingo Gorziglia. É melhor que esqueça esse assunto, disse-lhe ela cortante. Já tratei disso e tudo está esclarecido. Depois que conversei com Karlhans, sei que o mais conveniente é deixar isso desse tamanho. Foi então quando o deputado Lucídio Soto escutou pela primeira vez mencionar o nome do doutor Mengiles. Karlhans. Disse quase com veneração Yolanda. Perante sua curiosidade por saber quem era a personagem, ela o descreveu como um cientista de fama internacional. Era seu amigo pessoal e supunha-se que estava

fazendo um trabalho de pesquisa de grande interesse para o país. As conexões entre Mengiles e o doutor Gilberto Falcon no seu escritório dependente do governo de Washington também foram comentadas com entusiasmo pela doutora Valbuena. Despedindo-se do deputado Soto, ela o elogiou sem rubor, chamando-o meu querido companheiro zuliano, apreciando tê-lo conhecido na juventude e se desfez em felicitações para o político, negrinho branqueado com novo pedigree, pela sua incrível carreira de sucessos na Câmara de Deputados e nos negócios. Ela prometeu convidá-lo a jantar para que conhecesse melhor o professor Mengiles, já que estava certa de que ambos poderiam encontrar pontos de convergência para futuras atividades políticas, sociais e até econômicas. Por que não? Lucídio ficou um tempo tagarelando pela República, no balcão do Franco's, conversou com uns amigos jornalistas sobre o doutor Karlhans Mengiles, quase tudo que escutou, curiosamente, relacionavam-se com sua distante terrinha. Como é que eu não sabia nada disso? Perguntava o próprio Lucídio e repetia para si mesmo que era absurdo ser ele um deputado pelo seu estado natal e desconhecer tantas questões que tinham que ver com sua região, suas gentes e até com estratégia militar fronteiriça. Pensou isso e corou lembrando seu papel de liderança na Comissão de Defesa da Câmara Baixa. Que curioso! Como a gente pode perder os contatos quando se vive enfiado de cabeça no trânsito de Caracas! Caramba! Era muito tarde já quando chegou a sua recentemente inaugurada mansão na Lagunita Country Club. Não conversou sobre essas coisas tão inéditas com sua mulher Griselda, que o estava esperando acordada segundo seu costume. Essa madrugada, ele lhe pediu que fosse deitar e se fechou na sua biblioteca. Pegou um gravador e esteve um par de horas alimentando seu processador de dados com novas ideias...

Quando o doutor Crisanto Navarro regressou do seu ano sabático na Europa, encontrou no seu querido Instituto um ambiente de cordialidade e de trabalho como nunca antes

tinha visto. A mão de Emígdio Ferrer na direção do Instituto de Patologia Tropical provocara mudanças no pessoal em todos os níveis e existia um entusiasmo contagiante. Os projetos dos pesquisadores davam seus frutos. Incrementara-se a produção de trabalhos científicos e o pessoal cordializava socialmente até extremos de uma familiaridade contagiante. Os resultados sobre o efeito intrauterino da peste louca experimental em cobaias tinham sido apresentados em um par de reuniões nacionais e na Convenção Mundial de Microbiologia em Paris. O êxito tinha sido rotundo. Como uma só equipe, todos pesquisavam, emocionados com os triunfos alcançados.

No mesmo dia da chegada do doutor Crisanto Navarro na sua cidade natal, de volta de Europa, esperava-lhe um telegrama de convite para assistir ao Instituto Gorgas no Panamá para ditar uma conferência sobre a fauna culicidiana em Venezuela e sobre o papel desses vetores em diversas doenças. Nesses dias, por mera coincidência, também chegou até ele um convite da Universidade Autônoma da Nicarágua, solicitando ajuda e assessoramento para consolidar as Cátedras de Microbiologia e Parasitologia em Leon e Manágua, a propósito de um plano de pesquisa com fundos de uma instituição sueca. O doutor Crisanto Navarro deixou Emígdio Ferrer encarregado da direção do Instituto e tranquilamente viajou até o Panamá, e dali via São José da Costa Rica voou até Manágua. Não valeram de muito os protestos e advertências de uns quantos de seus conterrâneos colegas e amigos por ter a ousadia de visitar um país em guerra. Uma loucura que Emígdio sentiu não poder compartilhar com seu amigo o professor Navarro. Do ar, descendo entre crateras de vulcões, transformados em lagos e sobre o imenso planalto de água do lago Nicarágua, Crisanto pressentiu sem saber que ia se afeiçoar à gente daquela nação tão golpeada pelo destino. Não podia imaginar na realidade quanto ia aprender a querer aquele país em tão curto tempo.

Por essa época, foi apresentado pelo Instituto de Patologia Tropical ante as autoridades do Ministério da Saúde um projeto de estudo que tinha recebido elogiosos comentários de parte da Academia de Medicina do Zúlia. Propunha um enfoque multidisciplinar para examinar o problema da peste louca das bestas em todo o território do noroeste da planície de Maracaibo. O propósito da investigação era conseguir a integração de neurologistas, psicólogos, médicos, pessoal do trabalho social, antropólogos e ecologistas, para examinar, através de provas psicométricas, serológicas, virológicas, eletroencefalográficas e de uma séria enquete epidemiológica, toda a população das áreas endemo-epidêmicas afetadas pela peste louca. Apoiados em dados de colegas colombianos de áreas atacadas pelo vírus da peste louca no Vale do Cauca, eles esperavam demonstrar danos cerebrais em muitos indivíduos aparentemente sadios e que teriam sido provocados pelo efeito intrauterino do vírus nas suas mães. Os resultados aspiravam a arrecadar cifras estatisticamente significativas. O Ministério recebeu o documento e, como se fosse um mecanismo de causa-efeito, poucos dias depois se desatou uma verdadeira campanha pela imprensa, inicialmente nos jornas da capital, depois nos diários marabinos, sugerindo que se estava considerando à população proposta para a avaliação como uns tarados indígenas guajiros e que estes estavam sendo tratados como indefesas cobaias de laboratório. Contra os ambiciosos projetos do grupo de pesquisadores, surgiram defensores das comunidades indígenas nunca antes conhecidos. Talvez a mais espetacular das notícias foi a do diário Panorama, reproduzindo uma nota da UPI, na qual se destacava o interesse do Ministério da Saúde em esclarecer algumas denúncias que tinham transcendido internacionalmente sobre experimentação em humanos por parte de certos pesquisadores do Instituto de Patologia Tropical da Universidade de Ocidente. “Provocam experimentalmente malformações intrauterinas em indígenas da Guajira, para estudar o vírus da peste louca”. Esse era o título de uma nota jornalística. A Assembleia Legislativa do

Zúlia foi a primeira em propor uma investigação profunda do assunto e chegaram a propor ao governador uma averiguação policial, para a qual chamaram os órgãos de segurança do estado. Era inquestionável que aquele grupo de cientistas, com ideias genocidas, estavam semeando a intranquilidade da população nas zonas de Carrasquero, Guasare, Sinamaica, Cotufi, Paraguaipoa, Concepcion e por aí ia. Aquilo circulava até em notícias internacionais! De não pôr fim à situação, sua maléfica influência se estenderia até Paraguachon e Castilletes e quem sabe se até Maicao, e de ser assim, como poder evitar um provável conflito fronteiriço? Que barbaridade! E pensar que tudo se devia à atuação irresponsável de grupos anárquicos dentro da Universidade. Essa gente, com suas ideias socializantes e suas pesquisas genocidas, poderiam ameaçar a estabilidade territorial e criar conflitos com o vizinho país. Esse foi um tema debatido pela Câmara de Comércio do Estado. Inicialmente o assunto não passaria de alterações nas relações comerciais, contudo, mais para a frente, como evitar um problema de ordem política? A conexão entre a viagem a Nicarágua do professor Navarro, diretor do Instituto de Patologia Tropicã, e os fatos sobre os que se especulava correu como regueiro de pólvora. Publicou-se informação internacional sobre as populações de índios misquitos da costa atlântica da Nicarágua, assinalando que também eles estavam padecendo por causa de estudos experimentais, cujos gestores estavam em Cuba e além, na remota Rússia. Subitamente, um noticiário televisivo começou a veicular no país as mais insólitas notícias sobre atividades de corte nazi, supostamente adiantadas por um Instituto Universitário de corte fascistóide, que, dizia-se, estava empenhado em investigar a peste louca das bestas.

Logo foi um fato aceito por todos, era a opinião pública e esse peso que lhe outorga o convencimento geral quando uma verdade é impossível de se demonstrar, mas, muito certa, exata e precisa. O senhor Gorziglia tinha desaparecido. Ninguém duvidava

de que o fato era outra façanha de Manuel Gerardo Altimari, e, no entanto, um ano inteiro transcorreu em assinalamentos incessantes da parte acusadora. Sabemos quem são os culpáveis, diziam, mas, como prová-lo? Ninguém podia demonstrar onde estava o argentino. Muitos diziam que o tinham “apagado”. Também não houve ninguém que depusesse contra os felinos de Manuel Gerardo. Ninguém os vira, mas todos diziam que eles o tinham levado do seu quarto do hotel Tamanaco em Caracas, e houve quem o encontrara em Barquisimeto e depois disseram que o viram em Zúlia, mas, ninguém falava. Algumas declarações de certas fontes apontavam o fato de Domingo Gorziglia, argentino-venezuelano, ser um chantagista que supostamente tinha saído do país pelo aeroporto La Carlota. E quem sabe se não foi pelo próprio aeroporto de Maiquetia? Ninguém parecia saber a verdade. Quando Lucídio vasculhou nos detalhes desse assunto, encontrou-se atando fios que uniam Gorziglia a certos negócios de terras em Carrasquero e com empresários de algumas corporações interessadas no desenvolvimento da região do Guasare. O último que conseguiu descobrir foi a conexão do desaparecido com dois fazendeiros, importantes latifundiários do Zúlia, com extensas propriedades, cujos hectares perdiam-se nos limites fronteiriços, possivelmente serranias semeadas de amapolas e de maconha, montanhas virgens entre as duas nações, onde operavam, no dizer de muita gente, os comandos felinos de Altimari e grupos avantajados de poderosos militares. Transcorreram muitos meses, e o assunto estava decaindo como notícia, quando apareceu o cadáver de Domingos Gorziglia num dos chamados “poços da morte”. Deu trabalho aos antropólogos, mas com a ajuda de um dentista reconheceram o homem. Na periferia de Maracaibo, entre La Paz y Concepcion, existiam profundos poços guardando esqueletos e despojos humanos, era um verdadeiro cemitério particular dos corpos policiais e parapoliciais do estado. Quando aconteceu a escandalosa descoberta, vários deputados fizeram do fato uma bandeira política. Alguns rasgaram suas vestiduras em público, um gesto que, em teoria, levaria a um saneamento dos corpos policia da

região. Compreendeu-se então por que tantos desaparecidos em mãos da polícia e dos chamados corpos de segurança nunca foram entregues a seus aflitos familiares. Muitas dessas ossadas eram produto dos esquadrões da morte, que durante vários anos vinham fazendo profilaxia social, ajustiçando a tiros, a tórios e troianos, no estado limítrofe com o “irmão país”. De Gorziglia se disse que era seguramente uma vítima do ramo zuliano dos felinos de Altimari, mas não aconteceu nada. Os poços se fecharam, jogou-se terra em cima deles, muitos foram cobertos de pedras e areia para ocultar cadáveres baleados que poderiam provocar graves conflitos no sistema político e judicial do país. Lucídio enojado, também fechou esse capítulo e soube pela imprensa que Altimari, através de seus advogados, tinha demonstrado estar em Miami nos dias do sequestro de Gorziglia, voltando ao país no avião particular do Ministro de Comércio e além disso com um conhecido advogado muito conectado com o Poder Judicial. O caso foi clausurado. Nesses dias, Lucídio recebeu uma ligação que lhe fez lembrar o cadáver do argentino desaparecido. A doutora Valbuena convidava-o a uma janta no hotel Ávila, oferecida pela União Pan-americana de Damas, com o fim de arrecadar fundos para a campanha de planejamento familiar do Ministério da Saúde. É a oportunidade ideal para que conheça Karlhans, disse Yolanda a Lucídio. Estou certa de que vão te interessar muito algumas coisas que ele pode te informar do Zúlia e seus planos de desenvolvimento. O deputado Soto prometeu assistir pontualmente.

Ela o olhou sorridente e lhe disse. Parece de Guaco você... Crisanto, por sua vez, riu pensando que lhe dizer guaquenho era quase que chamá-lo de andino e não faltava razão a Flor, porque às vezes parecia tonto de tão ignorante que era. Aceitou então que de onde estava nunca poderia saber a verdade. Como poderia ele saber como andavam as coisas na Nicarágua? Ele vivia tranquilo no seu país, estava voltando de um ano sabático na Europa, sua paixão era a pesquisa científica e seu mundo era

a Universidade. Ele vivia enfiado de cabeça em teorias e programas sobre entomologia experimental e buscando coincidências entre suas inquietações científicas, as necessidades sociais e o desenvolvimento da sua região e sua gente. Como poderia saber? Ele nunca acreditou nessa espécie de guerra de Rambos e metralhadoras que relatavam alguns jornais e que distorcia a televisão segundo a vontade de cada canal. Nunca acreditou que pudesse ser coisa real e verdadeira. Ele chegara em Nicarágua coincidindo com uma das ofensivas dos “contra”, com todo o apoio logístico dos Estados Unidos e agora estava conhecendo os homens e mulheres simples daquela nação centro-americana agoniada por uma guerra cruenta que aniquilava seus cidadãos mais jovens e desestabilizava o país inteiro dizimando seu escasso orçamento. A pobreza era extrema. Visitou hospitais, nem os civis nem os de campanha estavam bem dotados. Havia fome e necessidades, embora maior parecia ser a vontade e a decisão dos nicas empenhados naquela luta titânica, sempre sonhando com a gigantesca figura do pequeno e esmirrado Sandino. Crisanto olhava Flor. Ela sempre estava sorrindo, com seus frágeis ossos metidos num uniforme verde oliva, sem que isso tirasse seu ar feminino. Flor, com seu cabelo preto solto, agitando-se com o vento, e sua fala incessante. Nesse preciso momento, um solavanco os obrigou a assegurar a barra do caminhão e seu delgado corpo, quase de adolescente, aproximou-se dele para lhe dizer. Segura firme profe Crisanto. Quase caio, respondeu ele e no instante sentiu rugir o motor em primeira e logo o câmbio num trepidar de engrenagens metálicas e com o sacolejo sentiu um golpe na parte traseira. Enquanto isso, Crisanto ia olhando os lados do caminho, onde havia uma fileira de homens e mulheres caminhando, carregados com pertences de suas casas, entre burricos carregados de cacarejos, velhos, mulheres e crianças fugiam de uma aldeia destruída pelo fogo, depois de um ataque aéreo. Todos marchavam numa longa fileira, cobertos de pó e era impressionante a quantidade de crianças que levavam no colo. Crisanto os olhou até que desapareceram numa curva daquela via que não era mais do que

uma trilha de areia e pedras cinzas. Então ele pensou ofuscado... São estes os contendores dos ianques? Esta sim que é realmente uma guerra, mas, diacho! É de uma desigualdade pasmosa. De novo um grupo de esfarrapados indígenas marchava em fila, portando, estes sim, armas, mas um armamento tão rudimentar que Crisanto acho as curtas escopetas parecidas aos “chopos”, armas caseiras que ele conheceu quando criança nas montanhas de Betijoque. Então, lhe pergunto a Flor, em meio àquele incessante sacolejar da parte traseira do caminhão carregado de soldados e de gente do povo, qual era a dotação de armas do exército sandinista, porque a ele pareciam-lhe precárias. Flor lhe explicou algumas coisas sobre a procedência daquelas armas, mas os pulos do caminhão no meio da nuvem de poeira que os envolvia lhes impedia falar coerentemente. Crisanto lhe comentou. Como você vê, linda, eu não sei nada de nada, mas não é por ser de Guaco, e sim por maracucho. Maracucho, você diz? De novo o caminhão engatava primeira para ascender uma subida pedregosa. Sim, garota, eu moro numa cidade com esse nome, Maracaibo, não sei se te lembra algo. Me lembra, disse ela, algo como aventuras e piratas, creio que alguma vez devo ter lido algo. Flor entornava seus olhos de gazela agitando a cabecinha. Ele respondeu. Sim, talvez foi o Corsário Negro. Maracaibo é uma cidade grande, sempre esteve assediada por piratas, é a segunda cidade da Venezuela e tem um lago com palmeiras e palafitas que deram o nome ao país, mas, nós, nós achamos maracuchos e somos muito regionalistas, além do mais usamos o vos, como vocês. Flor olhava-o sorrindo com seus olhos rasgados de amêndoas torradas, as mãozinhas agarradas à barra do caminhão e seu sorriso o interrogava permanentemente. Crisanto se aproximou mais dela para lhe dizer quase ao ouvido. Sabes que nunca pensei em conhecer uma comandante guerrilheira como você? Acho você uma linda nica e só por te conhecer já valeu a pena vir a tua pátria. Disse a ela galante tentando enfatizar seu acento vernáculo. Flor riu jogando a cabeça para atrás. Ai, meu Deus! O que tu falas? *Maracuchio*? Eu comandante guerrilheira! Não havia oportunidade para muitos

comentários, pois pulavam como loucos na parte traseira do caminhão. Nesse instante subiam por uma ladeira pedregosa, dentro de uma nuvem que os envolvia pouco a pouco numa camada de argila, transformando-os em estátuas de grés. Por fim se detiveram num promontório de pedras e quando se dissipou todo aquele nevoeiro de poeira esbranquiçada, Crisanto pôde divisar a mole fumegante do vulcão Masaya na distância e frente a ele uma cratera imensa, rodeada de vegetação em cujo fundo existia uma lagoa de cor azul índigo. Suas águas estavam irisadas pela brisa vespertina. Este lago é um dos muitos que temos em Nicarágua, disse-lhe Flor assinalando a cratera, se formou num vulcão apagado, está assim, dormido há séculos, um vulcão que dorme, como dormíamos muitos de nós antes do triunfo da revolução. Crisanto gentilmente lhe ofereceu a mão para ajudá-la a descer do caminhão. O comandante Hugo com Vigarny e vários soldados se dirigiram para umas tendas de campanha onde um contingente de homens de uniforme verde oliva tinha acampado. Flor e Crisanto encaminharam-se para a beira do lago. Iam por uma praia cheia de pedras e sombreada por árvores retorcidas de galhos muito baixos, que os obrigavam a se agachar, até que chegaram numa zona com areia cinza, muito pedregosa e sem vegetação onde a água chegava ritmicamente, lavando as pedras brancas, cinzas e rosadas. Na mesma margem da grande lagoa azul, Flor, que não tinha parado de falar desde que o caminhão se detivera ao lado do acampamento, explicava-lhe a Crisanto coisas novas para ele sobre o abastecimento, a localização do destacamento, qual era a sua posição pessoal no regimento e Crisanto escutava embarbascado, fingindo prestar atenção a todos seus assinalamentos. Na realidade, o professor Navarro ia repassando cuidadosamente as expressões da juvenzinha, sua boca, seu morno hálito, suas orelhas pequenas, os ossos do rosto, os gestos das suas mãos, seu sorriso permanente, escutava o timbre sonoro da sua voz, seu doce sotaque, contando-lhe as vivências da sua infância, sua admiração e adoração pelo seu pai, ele tinha lhe inculcado sólidos ideais pátrios, o sandinismo como norte,

meta, religião e vida, frente à opressão do imperialismo que sempre pesou sobre seu país e o desejo de livrar-se das cadeias dos ditadores de turno, impostos pelos interesses das companhias bananeiras. Vulcões, o canal, Walker, os Somoza e Sandino, sempre Sandino. Depois ela lhe falou pausadamente, relatando coisas da sua meninice e adolescência em Granada, agora vivia no meio da guerra desatada pela subversão. Contou-lhe como viveu o terremoto e lhe deu detalhes sobre as ações guerrilheiras nas selvas de Zelaya norte. Estava muito orgulhosa de seu papel nas campanhas de alfabetização. Mas, recentemente, tudo era a guerra e a morte golpeando, levando embora amigos queridos, familiares. Falou sobre seus estudos de medicina em Granada e Manágua, a deserção de muitos conhecidos, o serviço médico na guerra e seu treinamento na costa atlântica. A Crisanto parecia-lhe incrível que aquela frágil mulher-menina tivesse sido capaz de se lançar de um helicóptero em paraquedas para descer numa zona de combate. A pátria o exigia e era simples para uma jovem médico que só aspirava a ver Nicarágua livre. Pátria ou morte, era a consigna. A lua é vermelha em Porto Culebras, ela falava entornando os olhos rasgados como amêndoas e Crisanto pensou nessa lua sangrenta que ela lhe descrevia. A lua vermelha de Porto Culebras no país da bandeira vermelha e preta, essa era a mesma lua de prata que bruxuleava nas palafitas de Santa Rosa e de Sinamaica, a plácida lua de seu lago gentil, a lua de Maracaibo, *la fúlgida luna del mes de enero* da pacífica Venezuela, a pequena Venezia do Lago de Udon Pérez e de Yépez. Mas Flor insistia em que era vermelha como o sangue quando aparecia em Porto Culebras e aí, perante as águas tranquilas do lago vulcânico, lhe relatou o massacre vivido por aquele povoado da costa atlântica, foram simplesmente coisas da guerra, quando a contrarrevolução estava avançando com todo o apoio do governo dos Estados Unidos. A CIA! Ela fingiu estar morta entre os cadáveres da população civil assassinada. Se ela tivesse se mexido, delatando sua presença, teria sido capturada, e se tivessem sabido que ela era a doutora, talvez ainda estivesse servindo aos “contra”, prisioneira. Os

contra me deram por morta e escapei depois para a praia e pelo mar. Aqui estou, pode me ver. Depois do triunfo, a vida tem sido dura. Nossa geração, nós, somos muito jovens, como nicas digo, sempre temos o terremoto como ponto de referência, mas com a guerra até isso já perdemos, a guerra tem sido tão longa, tão agonizante. Difícil a situação, como dizia um amigo australiano que combateu conosco na Quinta Região, difícil sim, mas aqui estamos muitos e seguiremos, sim, aqui em pé seguiremos até o fim. Eu desde mocinha sempre lutei pela minha pátria. Meu pai me ensinou desde pequena a querer o meu país. O velho, sabe, é um homem que sabe muito sobre nossa história, ele foi professor durante anos, sabe, em Granada e em Leon todos o conhecem e respeitam muito... Hugo e o tenente Vigarny se aproximaram até eles, levavam atravessadas no peito as balas de mauser como se fossem réstias de alhos. O comandante do grupo guerrilheiro Heitor Arguello aproximou-se do grupo para cumprimentar o professor Crisanto Navarro. Queremos muito a Venezuela, segredou. Vocês têm ajudado muito a nossa revolução. Hugo sugeriu a conveniência de regressar o quanto antes a Manágua. Temos que entrar em Masaya antes de que seja noite. *Ideay?* Crisanto perguntou com uma naturalidade tal que fez rir a Flor. Com essa linguagem campanuda você parece pueta, *maracuchio!* Então Heitor disse a Flor. Veja que o professor não perde o seu humor apesar da guerra! Crisanto, sorridente, respondeu. Isso, os maracuchos chamamos de mangação. Ainda rindo, Flor disse-lhe. Olha, profe, daqui vamos para Masaya e aí vamos tomar essas cervejas que você anda pedindo e vamos comer galo pinto e antes de você perceber estaremos de volta em Manágua. Crisanto sorridente disse. Menina, com muito prazer! Vamos nessa!

No mês de maio, Crisanto exercia de novo como Diretor do Instituto de Patologia Tropical e Emígdio e Natália tinham se transformado nos motores do projeto de pesquisa multidisciplinar que pretendia consolidar os achados

descritos experimentalmente em cobaias através do estudo da população nas áreas endêmicas da peste louca. Os estudos experimentais em cobaias sobre o efeito intrauterino do vírus da peste louca tinham gerado grande comoção, contudo, ela foi mais estarrecedora em âmbito internacional que no nacional. A UPI e a AP espalharam suas notícias, mas curiosamente a trepidação no país se produziu como consequência da intensa campanha adversa desatada através dos meios de comunicação de massas, em particular de certos grupos da imprensa, dirigida contra o Instituto de Patologia Tropical. Ainda depois dos esclarecimentos e da apresentação de informes nas Academias de Medicina do país, certos setores interessados insistiram no tema dos experimentos humanos e para muitos era evidente que se queria dar uma conotação política ao assunto. O professor doutor Crisanto Navarro prometeu averiguar quem podia estar por trás de tão torvos manejos e jurou que de encontrá-lo levaria as coisas até as últimas consequências. No fundo, ele já estava de novo em campanha para a Reitoria da sua Universidade. Em trinta de maio de 1982, o professor Crisanto Navarro encontrava-se metido no jogo da política. Sua candidatura começava de novo a fraguar. Muitos pensaram que a campanha desatada contra os trabalhos do Instituto estava destinada a frear suas aspirações, já que por causa da sua língua, dadas as cruas verdade que dizia Crisanto, sem nenhum constrangimento, era uma ameaça para muitos dos chamados perpetuadores do sistema.

Quando chegou o mês de junho, tinha-se investido um tempo precioso, mas talvez demasiado longo, no trabalho de campo. Essa impressão se apoiava num fato negativo, não ter conseguido detectar, apesar de todos os esforços, qual era o verdadeiro reservatório do vírus da peste louca. A coordenação do trabalho dos grupos interdisciplinares resultou uma gestão complexa, embora funcionasse eficientemente graças às habilidades pessoais de Natália. Seu marido, obrigado a dedicar muitas horas do dia aos assuntos administrativos durante o ano sabático do professor Crisanto, reduziu seu ritmo de

publicações. Isso preocupava o doutor Ferrer, que sentia que não estava cumprindo com a atividade científica de uma forma adequada. Felizmente, Emígdio contava com sua jovem, ativa e inteligente mulher, que praticamente pegou as rédeas do projeto de pesquisa sobre a peste louca, ajudando-o pessoalmente e, em especial, com o pesado trabalho de campo. A população infantil nas áreas endêmicas da peste louca já estava recenseada e as entrevistas para as enquetes epidemiológicas se podiam efetuar graças à colaboração dos trabalhadores sociais e dos professores nas concentrações escolares onde se aproveitava o censo para tomar amostras de sangue das crianças e assim fazer seu estudo serológico. As provas psicométricas foram de grande importância. Os habitantes dos casarios e rancharias de toda a gigantesca comarca estavam classificados por idade, sexo e nível socioeconômico e cada um se localizava em quadrados, espécie de gigantesco mosaico que dividia o terreno palmo a palmo, de modo que em quilômetros quadrados se estava conhecendo a pluviosidade, o número de insetos, os charcos, os mangues, as mudanças nos meses de cada ano do pH da água, da porcentagem de pernilongos, dos animais selvagens, das crianças nômades, os Yupkas, os Baris, os Paraujanos, os migratórios, os sadios, os doentes, os falecidos, as aves, os equinos, os ventos, a temperatura e pressão atmosférica. Trabalhava-se freneticamente, sem dar ouvidos aos comentários malsãos.

O jantar no hotel Ávila da capital foi muito elegante, nele se encontraram o doutor Karlhans Mengiles e o deputado Lucídio Soto. A conversação que tiveram não foi trivial e, embora o deputado nem suspeitasse, ela marcaria uma divisa na sua vida e na história da peste louca estudada pelo Instituto de Patologia Tropical. Tampouco antevia o deputado que essa reunião lhe abria as portas do conhecimento sobre negociações milionárias e planos de desenvolvimento insuspeitados na região do Guasare e da Guajira. Teria sido inverossímil cogitar que nesses projetos se envolveriam seus dois velhos amigos, Crisanto Navarro e Emígdio Ferrer. O deputado conversou com o

assessor médico do Ministério da Saúde e logo estavam tocando o tema dos experimentos em grupos humanos e as acusações que pesavam sobre o Instituto. Mengiles estava por dentro de tudo quanto se tinha publicado na imprensa. Lucídio expressou seu contentamento pela maneira como se deu a defesa das ideias de seus dois amigos pesquisadores expostas e mantidas perante a Academia de Medicina. Ele, apesar de sua condição de deputado regional, não tinha se envolvido, preferindo assistir de longe, contudo, não sentia constrangimento algum em dizer o feliz que se sentia pela reivindicação total de seus dois amigos, em relação às invenções sobre trabalhos experimentais com os guajiros. Ainda existia uma parcela da imprensa que parecia não acreditar neles, ou continuava numa linha sensacionalista sua tônica acusatória, segundo argumentavam eles, em defesa dos indígenas. Esses panfletários, comentava Lucídio Soto, insistem em que o grupo de pesquisadores da universidade são genocidas! Mengiles escutava Lucídio e suas densas sobranceiras se mexiam e a testa criava rugas e pregas que se contraíam, enquanto sua dentadura postiça permanecia com um simpático sorriso, espécie de rictos sardônico. Interrompeu Lucídio para lhe dizer...

— Meu amigo, *querrido* deputado, o *senhorg* sabe que onde há fumaça há fogo como dizem *porg* aqui vocês mesmos, não é *vergdade*? Como disse? Perguntou Lucídio surpreso.

— Eu *lidigo* para não acreditar em tudo que se *escrigve* nem tudo que se diz, querido deputado. No Ministério eu tenho sabido muitas coisas *intigresantes*. *Olhia* o *senhorg* deputado, eu sim *conheça* a zona do Guasare a Paraguaípoa, a conhecemos bem e sei que esses médicos estão fazendo um trabalho *intigresante*, muito *sistemático*, muito importante para eles, mas muito *piriegoso*. São vermelhos, muito *incindidos*, *intende*? Eles incentivam a organização das comunidades. Pode ter um efeito *desestabilizadorg* *pagra* o sistema.

Mengiles continuou falando com suas inflexões carregadas de reminiscências nibelúngicas, mas cada vez com mais suavidade,

espetando suas pupilas azuis nos olhos do deputado, que estava atônito e silente. Mengiles ia revelando que a informação de tudo o que acontecia nas nossas regiões fronteiriças estava na ordem do dia no seu escritório do Ministério e de como ele tinha clareza, sabia tudo, não existiam segredos, conhecia tudo sobre os latifundiários nas terras do Guasare e Carrasquero, tudo sobre pequenos proprietários, sabia coisas relativas às “novas tribos”, conhecia os planos de Rockefeller no Amazonas, tinha toda a informação sobre as idas e vindas dos grupos guerrilheiros da FLN nas fronteiras, sabia de sequestros e de mobilizações militares e tudo parecia existir dentro da sua cabeça como informação codificada.. O deputado não teve nenhuma dúvida de que falava com um experto e que indubitavelmente era parte importante de uma organização internacional. Ele a denominava de Corporação da Saúde Pública das Américas e sua sede, dizia ele mesmo, estava em Washington. Yolanda serviu mais vinho, Mengiles era um gourmet fino, muito refinado. Yolanda comentou que no jantar tudo estava divino. Lucídio meditava se podia ser possível que ele estivesse enganado em algo tão elementar. Yolanda conversou novamente sobre o assunto dos experimentos com os índios, seguramente eram desatinos de seu ex-marido, que botaram para dirigir por longo tempo um Instituto de pesquisa e os destinos de muita gente sem ter isso que chamam de poder de comando. Seu casamento com uma negrinha era o exemplo absoluto de ter perdido totalmente o tino. Lucídio mentalmente pensava, o que será de mim? Devo estar enlouquecendo e cantarolava para si, *yo soy un negrito fino, fino, fino, pero muy fino*. Mengiles de novo tomou a palavra.

— Por isso, meu deputado Soto, o convido a que voemos no meu avião sobre a área do Tulé. Do ar o *senhorg veγρά*, estimado deputado, como o desenvolvimento dessa região está cuidadosamente planejado, como temos aí grandes expectativas, mas a curto prazo. Vou lhe *mostragr* por onde irá a rede ferroviária para levar o coque aos portos do lago. Temos, isto é, há todo um investimento previsto *pagra* esse *setogr* e está suspenso no

momento *porque* o dinheiro tivemos que retirá-lo agora para concentrá-lo *fogra* do país. Eu lhe explicarei essa operação no detalhe quando voemos. O que acha a semana que vem? Depois falaremos e acho que o *senhorg* como zuliano que é vai se integrar ao nosso consórcio financeiro. *Pagra* nós o *senhorg* é valioso, poderia ajudar muito, sua posição, já sabe. O *senhorg* poderá entender *despois* o que pode representar *pagra* nós *incorporá-lo* como sócio em toda esta operação. O *senhorg* poderá *enterderg* com muita mais clareza qualquer influência que pudesse ser negativa *pagra* nossos projetos, trazida por governos marxistas de outros países. Estes são planos de desenvolvimento, de capital nosso, de companhias sérias e o *senhorg* *comprrendergá* como nossos projetos frearão se se estimula na região do Guasare a subversão. Essa é uma área muito importante, onde deve florescer a indústria e o *comercio*, lamentavelmente a situação atual é má porque está cheia de índios e de camponeses, dessa gente que serve para que o comunismo funcione, que são como um cultivo e é porque vivem quase como bestas selvagens, incivilizados, em más condições, sem higiene, pobres, malnutridos, como animalzinhos, então *qualquerg* um pode dirigi-los mal, instrui-los, criando influências negativas. O *senhorg* vai entender quando formos no lugar, já *vegrá!*

O jantar tinha sido copioso, não poderia ser chamado de opíparo, mas foi suculento e muito bem escanceado. No momento de cumprimentá-lo, ele captou a escura profundidade de seu olhar por detrás dos densos cílios, sob suas grossas sobrancelhas e esse gesto, beicinho de menina malcriada, reviveu nele o passado, apesar dos anos. Agora ele estava na primeira posição, situação privilegiada, tinha chegado ao alto da sua carreira política, tinha ficado grisalho e engordado progressivamente, mas mesmo com a parcimônia de sua circunspecta imagem, esse olhar lhe trouxera afastadas lembranças perdidas no tempo. Aquela noite em Istambul. Foi durante um desses eventos da democracia europeia, nos Clubes Internacionais. De Belgrado passaram a Bucareste e depois aos Dardanelos e ver o Bósforo

com a lua aparecendo e atrás centenas de torres, de minaretes e cúpulas, envoltos todos na bruma do entardecer. Pensar então no mesmíssimo Constantino e na sua professora de Direito Romano foi uma só coisa, era uma das suas quedas, no próprio Bizâncio, sonhar com o direito, lei das doze tabelas, estar em Istambul, na mesma Constantinopla, uma urbe coalhada de milênios de história e se extasiar com a cúpula da catedral imensa, digerindo o que chegava até sua mente, Pandectas e Digesto, sim, e sempre Justiniano com seu manto malva, e sua professora de direito. Poderia se envolver com ela? Era a mesmíssima toga purpurina! Talvez fosse, acima de todas as coisas que vinham como ondas de lembranças, a viagem e o evento e os contatos para sua futura projeção, os velhos amigos de sua promoção, veladas culturais, a infância em Barquisimeto, as embaixadas, os arranjos da chancelaria e até um par de tours babacas, essa vez os tinha feito, sim, tudo aquilo se mexendo, oscilando com esse vai-e-vem dela e seu olhar por trás dos cílios densos e as sobrancelhas pretas e espessas. Oscilava toda ela, seus largos quadris se moviam suavemente, serpenteando, escamas prateadas reluzentes, brilhavam suas pupilas com reflexos de fogo, ela fazia soar suas castanholas de metal, as tocava muito baixo, agora soando brilhantes, com suas mãos, com os dedos, tilintando, a música era lânguida, encantada, era uma música sonhada, das mil e uma noites. Scherezade? Era turca? Com pinta de mourisca, seria árabe? Ou talvez maometana? Talvez egípcia? Ela ia e vinha, regressava, era como um mar com ondas, agitado, com gaivotas e espuma, era seu ventre, envolta numa espécie de celofane, com lantejoulas? -, que a rodeava a envolvia, iridescente, nas suas coxas como verdadeira boneca, odalisca, irreal, colubrejando, serpenteando, sua cabecinha e seus olhos, que agora o olhavam fixamente e ele via-os, de frente, eram profundos, de um verde denso, jade, magenta, formosos e detrás do véu que cobria seu rosto, ele adivinhou um sorriso pícaro, um aceno cúmplice? A música adensava os ondulantes véus, formas opalescentes, fagulhas na pedraria com o vai-e-vem, e na penumbra ele a olhou extasiado e naqueles momentos sentiu-

se o Califa de Bagdá, Simbad o marujo, Harum al Raschid, Solimão o Magnífico, Blackaman com seu turbante vermelho e a pedra brilhante na testa tal e como chegou no mesmíssimo Barquisimeto da sua mocidade, era... Caramba! Era estar dentro de um quadro de Eugene Delacroix. Era uma sensação tão esquisita, fazia já tantos anos, porque agora elas eram já lembranças passadas, quase ariscas. De verdade que era para se enfezar, sentiu-se alcachinado, para que pensar agora em saraivadas? O ladrão de Bagdá! Sabú, um Tamakum moderno, Ali Babá? Vade retro! Onde estava se imaginando então? E os quarenta ladrões? É que por acaso ele estava representando o papel de um sultão da Arábia Saudita venezuelana? Estava azaranzado, caralho! E os preços do cru flutuando, caindo, decrescendo! Tá saindo o roto pelo rasgado! A manga cumprida, manga-larga, cavalo, camelo, estreitar a manga, o olho da agulha, o que virá depois? Uma pedra de moinho atada ao pescoço? Sai de mim! Tranquilo e sem nervos, falou atônito para si mesmo.

Há uma escuridão total na Mesa de Guanipa, ao sul do estado Anzoátegui. Começa a se escutar um barulho no céu, emudecem os grilos e o ruído vai se transformando num fragor de motores. São aviões que descem e se aproximam voando muito baixo. Os pirilampos já não brilham entre os brejos, vibra o céu. São Canberras e Broncos, aeroplanos das Forças Aéreas do país. O grupo de rapazes acordou sobressaltado, o rugido dos aviões se aproximava. Eles eram uns sessenta jovens reunidos pela iniciativa da chamada “Frente Américo Silva”, uma ala da agrupação política clandestina “Bandeira Vermelha”. Tinham acudido à cita do ruço Rincon Cabrera, que, junto a seis máximos líderes guerrilheiros, nem cogitaram, porque nunca ninguém presentiu, que seriam vítimas de uma emboscada. Meninos secundaristas e universitários, jovens entusiastas, bisonhos alguns, outros mais experientes, não pensaram escutando o ruído dos aviões que mais de quatrocentos efetivos camuflados vinham se deslocando de Cantaura. Chegaram em caminhões e

estavam criando um cerco arredor deles, uma espécie de pinça que se estreitava entre as fazendas Santa Ana, Los Changos e Mare Mare. Os rudes homens do corpo de caçadores, preparados para a luta guerrilheira, estavam apoiados pelo exército e os corpos da polícia política do governo. Do céu, os aviões começaram a descer rapidamente. Os guerrilheiros possuíam apetrechos e armamento muito precários, na realidade, o governo tinha afirmado que nessa área do estado Anzoátegui a guerrilha estava extinta. O ruço os convocara e um judas os tinha vendido. Remberto com a informação pagou os doze denários e foi até o Ministério da Defesa. As curtas asas dos broncos destacavam por trás das fagulhas das metralhadoras. O céu era de um rosa pálido e no alto tinha um tom turquesa muito intenso. Os Canberras desceram cuspidando fogo. O cerco vinha-se fechando e logo começaram a se escutar as detonações dos FAL e as rajadas das AR 15. A polícia política e os caçadores rastreavam a zona se concentrando. Os aviões começaram a lançar foguetes e bombas. Os rapazes corriam desesperados. Um grupo deles se refugiou num barranco e se dispôs a fazer frente às tropas de caçadores que já se viam chegar se estreitando. Mais de cinco horas demorou a fuzilaria, as baixas do governo seriam um capitão do exército e um experto em explosivos da polícia política. Mortes por imprudência na operação tática. As baixas dos guerrilheiros foram totais, não houve sobreviventes. Num massacre não se faz prisioneiros, o lema é morte. Sempre será esse, morte! O Ministério da Defesa afirmou que os guerrilheiros liquidados vinham de dar vários golpes em Santa Maria de Ipire e em outras localidades do Oriente. O ministro explicou que o massacre de Cantaura foi uma ação exemplar para evitar que continuassem as ações guerrilheiras no oriente do país. O ministro declarou pela televisão que a zona do combate era uma área totalmente despovoada. Nenhum cidadão comum correu perigo durante esse massacre com foguetes missilísticos e bombas incendiárias. Na sua alocação ao país o Ministro do Interior afirmou rotundamente. “A guerrilha em Venezuela não teve nem terá futuro porque foi derrotada ontem, é derrotada

hoje e será derrotada amanhã”. O governo depois de massacrar todos os rapazes ordenou rastrear e limpar a área. Numa furiosa arremetida do exército, polícia política e outros órgãos de segurança chegaram a se produzir mais de trezentas ações de busca e apreensão na zona. Apenas em nove de outubro puderam os familiares dos jovens reclamar seus mortos. Até essa data os cadáveres permaneceram insepultos e se falava de enterrá-los numa fossa comum. Aves de rapina giravam no céu azul e sem nuvens do estado Anzoátegui. Em terra, os cadáveres dos jovens começavam a se decompor. Concidadãos, isso é o que aconteceu. Um relato que exemplifica como e por que um massacre pode acontecer num regime democrático, mesmo quando dirigido por um presidente bonachão e cristão.

Não me corte com a faca, na sala de jantar, as maçãs passeavam, nestes tempos de amor, as maçãs escasseavam! Eram tempos de dor? Trincha-me com ardor, é que eu adoro esse odor, as maçãs importadas são brilhantes, vermelho intenso, são de um encarnado radiante, são purpúreas, são maçãs escarlata, não é um vermelho rosa velho, é intenso carmesim, e ainda por cima estão baratas, por acaso querem orchata? Não me diga que não experimentou! Nossas pequenas maçãzinhas do campo, cheirosas maçãzinhas de um amarelorosa, nestes tempos é muito bom tudo que é importado, as de Tom Yons? Maçãzinhas dessas verdes? Elas nunca coram tanto, numa moringa se põem e nem vos digo com o quê, com caninha branca, que prazer! Degustareis a melhor birita. As maçãs passeavam, são tão belas, importadas! Cheirosas, aproveitem todo o dia. Os bons meninos de La Salle e de Carora, esses sim que sabem de economia! Pastas, verdadeiros fólhos, diz que lutando para nos salvar do descalabro, tiram seus portfólios, sobem os juros bancários, e vai se embora o dinheiro! Mesmo que flua incontrolável o petróleo, com esse jato inesgotável, as coisas que se contam são horrorosas! Dizem que as panelinhas estão pressionando, solicitando subsídios, a dívida externa cresce e o país já parece

se dirigir ao suicídio. O petróleo saindo do subsolo, os dólares vão entrando, venha e veja-os sair! Serão os pobres, de acordo com o previsto, quem vão pagar os pratos rotos, estarão na pindaíba, sem queijo nem pão, perecerão. Os ricos, do país que os tem alimentado, tiram os seus caudais. O governo? Bem, obrigado. Da nação começam a escapar os caudais de reais, e por milhões! São milhares de milhões, astronômicas quantidades de notas, e como um foguete vai-se depauperando a nação, parece tudo uma absurda conspiração, quem não pode nem opinar é a imensa maioria, os pobres e os que vivem em crítica agonia, o governo estimula a sangria, impávido! Impertérrito... O Presidente e seus Ministros observam a diabrura e dizem, é uma porcaria! Segue entrando o dinheiro, os interesses do Estado, dos encostados? Indefetivelmente colapsa, para sempre, aplasta-se nossa economia, o que se vai fazer! Sentem-se maniatados, estão comprometidos? A demanda pelos produtos cresce, todo signo de investimento desaparece, é uma peste, assunto lamentável é esse. É o caos econômico e é o cômico, ou mais bem trágico, é quase abominável, observar a atitude do governo e a dos banqueiros em contubérnio, os ricos dizem fazendo gestos, já não há quem resista isto! Filho, iremos para Miami! Tudo parece ser produto do cérebro de uns economistas, serão por acaso os piores inimigos da nação? A gente pensa, não podem ser tão bestas! Isso dizem, seguramente são alguns gênios lasallistas, e o condutor, que é mais teimoso que uma mula? Ele renega dizendo que sim existe uma bússola, que tudo é uma conspiração, mal que não tem cura, é uma peste vinda do Arcano. A Banca? É de se reconhecer, é internacional, e sempre sobram traidores por dinheiro, é isso meu chapa! A desordem é tal que nem se sabe quanto devemos lá fora, o Presidente, dia a dia, adoece pouco a pouco com um vírus, mais sério do que o agente de Norwalk, que dá origem às mais graves e espantosas diarreias, o senhor Presidente padece de surdez, escuta os conselhos dos seus Ministros que mais parecem sócios de Mefisto, pior do que se vivesse flutuando como um balão lá na estratosfera, ele não se excede na bebida, mas por um mondongo dá a vida. Por um

lado entra e do mesmo jeito sai, no país o dinheiro, me refiro. O cara está que nem aqueles macaquinhos, não enxerga, nem ouve, nem diz nada, a coisa tá bem feia, fica passo a passo, como se viu Colombo no mesmíssimo mar dos sargaços e não é a Santa Maria, nem a Nina, a Pinta parece com o pintassilgo, é do amarelo amarelo limão, com a folha no bico e que horror, já não resta nem uma flor! A economia sustentada por um triste fio, um barbante, uma cordinha, leva o país diretamente via satélite à ruína, que ironia! Não nos salvávamos nem por um triz! Dado que o aparelho produtor é sumamente ineficaz, “porramente inoperante”, como me disse um mano que de economia tão somente é estudante, parece-nos, meu senhor Presidente, que um sistema alternante de pão e circo, isto é, muito sport e bom queijo para repartir, pode ser suficiente, sempre e quando sigamos aí grudados, solicitando, negociando e pedindo emprestado, isso é o que modernamente denominam economia de mercado. Uns jogos florais, repartamos, entretanto, os caudais de milho africano. Não há problema mano. Ninguém entende por que diacho o Presidente, com sua magna presença, seu bigode, papada e satisfeita expressão de chouriço, sofre do mal da condescendência. Esses defeitos muito humanos, que talvez para alguns o exoneram, são os comuns nos presidentes, não é exclusividade desta presidência, imagina! Todos sabem, nada o que fazer, paciência!

O pão era de pobres, a *arepa* é nobre, há uma boda que deve ser suspensa porque os noivos na dureza estão, não têm queijo nem têm pão, estão que nem São João, na mesma indigência, indigestos não estão, armados de paciência, convidaram o Ministro Machado, esse da Inteligência. O grilo o chapéu botou, capote verdoso e meias de verdes listras, contratado foi de primeiro violinista. Foi solucionado o problema musical, os músicos, que situação! São estudantes do grupo cultural mais talentoso da tribo Pemon. Com galhinhos de laranjeira, os dois noivos ardentes, resultam ser precisamente a pulga e o piolho,

querem casar e não podem por falta de dindim. Vão lhes dar os cobres, vão lhes dar *arepas*, vão lhes dar o pão e farão raqui riqui e riqui riqui farão. Mas, então, há pão? Onde Joaquim tem alfenim, onde Riqui beberique e riqui riqui riqui ram. Se você não dorme menino inocente, vou te dar mere mere com pão quente. Mamãe lua, me dá pão com queijo. Não dou não, porque está rijo. Mamãe lua, me dá pão com manteiga, nino! Não seja tão chato... A pulga e o piolho querem se casar, e que maravilha, a todos convidam pro ato nupcial, já não é pelo pão que agora já temos, falta é quem dance, onde o acharemos? À uma hora sai a lua, às duas bate o relógio, vão se casar a agulha (assim lhe dizem à pulga por zoiúda) e o grãozinho de arroz (assim lhe dizem ao piolho por penetra sempre teve fama de arroz de festa). À uma a noiva com o noivo às três, na cauda caudinha do pianinho marquês, com a música dançam e girando se vêm, de bochecha colada, de dançar não pararam, até que são as dez. Já não é pelo baile do piano marquês, com todas suas pernas pulou o cem-pés. Agora é por quem cante, onde o acharemos? Assim disseram os noivos parando de dançar, respondeu a rã do bananal, meu crocró eu canto, canto sem parar, o croac as rãs não podem calar. A lua aparece, a noite viste de cal e coral, o caruncho se esconde no milharal, com a trombinha faz riquirram. Tremulando no outeiro, o brilho lunar, ilumina os noivos que brindam com vinho. Do sítio mais próximo, não há quem não veio, um inconveniente freia os presentes, não obstante a dita de noivos e parentes, não encontram padrinho que seja adequado. Num coche às três os noivos chegaram, brilhando nos banhados, os pirilampos enchidos estalam iluminando os noivos e amigos. À pulga amorosa diz o piolho querido, me dá tua luzinha, flor de coral incendiado, vamos nos retirar noivo querido, me abraça com tuas asas e fecha os postigos. Vês? Os vagalumes tão lindos já estão alumando, já quase são as três, o cavalinho da chuva desce girando, vem no seu coche feito com uma noz, chega puxando? A festa está no seu apogeu, há muito queijo e vinho, mas que coisa chata! Não aparece o padrinho. Do matagal, sai o gambá, veio perfumar o régio convite. Mexe

a formiguinha a sopa no tacho, é canjadegalinha, com os tragos quem sabe se a coisa se anima, na cozinha? Remexe o caldeiro a preciosa formiguinha e vem o Rato Tilico de maneira discreta, ou fortuita! E propõe um assunto muito delicado, e diz que o negócio já o havia pensado. Prendam a gata, que eu serei o padrinho. A pulga e o piolho se beijam felizes, terão um padrinho com bens de raiz e um bom sobrenome, é noivo da formiga, e não há mais o que dizer! Ela muito prestativa saiu um momentinho, foi consolar à menina pequena, que ficou a chiar já que seu dedo mindinho caiu no dedal, e o mui bandido dentro ficou dormido e roncando já está. Por isso a menina começou a chorar. Acabou-se a sopa da formiguinha. Os noivos fugiram pela porta de trás. Os convidados ficaram de porre... Embededou-se o padrinho! Chegaram silenciosos ronronando os gatunos, quando todos dormiam por efeito do vinho, entrou a gata gorda, vinha secundada por malvados felinos, ronronou sorridente e zás-traz manducou o padrinho.

CAPITULO VII

... Levava-lhe caramelos de Baltimore e revistas com figurinhas de mulheres nuas para tentar convencê-lo a dar-lhe as águas territoriais por conta dos serviços descomunais da dívida externa e ele deixava-o falar, aparentava ouvir menos ou mais do que podia ouvir na realidade, segundo suas conveniências se defendia da sua lábia escutando o coro da passarinha pintada paradinha no verde limão...

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ, *O Outono do Patriarca*



Cucurrucucú pombinha, uma obscura sexta feira de fevereiro, o signo monetário foi desvalorizado, então o país se encontrava hipotecado, encontra-se, né? Mais bem, está, anda perdido, desorientado? Ido, hip, hipotecado você diz? Hip, hipócritas, puxa-sacos, hipódromo, me encanta, por isso, hip, adoro, é minha oportunidade, sou como um pai, sou um amor, sou como tu, sim, piadista gozador, sorrisinho melífluo, vistoso, faces de bambino, sou como um bebê, foda! Bebedor, hip, empedernido, não, tanto não, obstinado? Não, melhor digamos, zombeteiro, mas, isso sim, apaixonado, ai gostosi! Bebê feliz e de família branca, pomba, que bebe unida, à branca pomba de gentil penugem, permanece unida, à banca? Sou hip, sou como um monge, sou Ye monk on the rocks, sério, mas festeiro, chocarreiro? Epa! Sem motocicleta, correndo pelos salões de Miraflores, de sunga, o Esculapinho enternecedor? Refiro-me ao Ministério, o Ministro do Senhor? Ele organiza o assunto, você cala a boca e ponto, ficas te fazendo de defunto, toda esta porra, esta pauleira começou a se ver naquele 23 de janeiro... Ele ganhou a cadeira, por acaso é trapaceiro? O partido o apresentava como a panaceia, o cara discursava nos comícios entre uma e outra bebedeira, para remate de males o contendor era demasiado formal, o que vai se fazer, o povo sempre atrás de meia moeda preferiu um presidente que quisesse farrear, ele, mal não ia passar! Pombinha branca, topetinho azul...

Uma camada de laca úmida brilhava sobre o asfalto. Tinha chovido e o subsolo respirava ansioso pelos bueiros com tênues assobios. Rajadas e jatos de um hálito cinzento e denso emergia pelas gretas e poros das ruelas, flutuava e ascendia se encrespando sobre as calçadas. O sol era opaco e não parecia que fossem as três e quarenta e cinco minutos da tarde. Robby mastigava cuidadosamente seu cheeseburger, sentado, de

costas à rua, diagonal à porta, de frente ao balcão, em Ham & Eggs, a cafetaria da esquina na rua 42 com a Quinta Avenida. Alçou por um momento a vista, e contemplou nos espelhos frente a ele seu rosto pálido e com olheiras. Murmurou então, Goddammit! E em silêncio continuou ruminando seu hambúrguer. Vestia um capote preto já esverdeado, camisa de listras azuis muito finas, gravata preta de seda e uma calça de flanela cinza. Frente a ele, com um boné amarelo, Raymond ia e vinha atendendo os fregueses. O corpulento moreno uniformado de branco, olhava de soslaio para Robby, dizendo para si. Agora vem para Ham & Eggs apenas um par de vezes na semana e se perde de vista a qualquer momento, passa meses inteiros sem aparecer, agora escassamente se detém um pouco, talvez umas horas, sorvendo um sundae ou comendo seu consabido cheeseburger, depois vai embora e passam-se dias, não é como antes, quanto tempo faz? Um par de anos talvez? ... A época em que Robert frequentava a esquina 42, com todo aquele grupo de conhecidos, os gays da Quinta, ou era de Madison Avenue? Nesse então aparecia com gente muito metida com o crack e em vícios piores, possivelmente delinquentes, uns tipos que, francamente! Destoavam da sua aparência distinguida, seu aspecto de antes, de carinha bem! Seus amigos eram a maioria gente do Village seguramente, mas ele nunca se via desarrumado, a pesar de andar misturado com adictos, alguns muito agressivos, quase todos bichas e meninas dodivanas. Anos revoando entre a 42 e a 40. Como mudara! Naqueles dias, Raymond também era mais novo, mas Robert agora era outro. Raymond nunca esqueceria como o conhecera, ele tinha lhe perguntado, quando soube que era médico. Are you some kind of nut, doc? Era que o médico destoava dos seus variados compinchas, quiçá pela sua idade, porque evidentemente ele era mais velho que seus amigos, por sua indumentária talvez? Como saber? Mas a sua educação se evidenciava no tratamento, ou seria aquele acento indecifrável do seu inglês de corte clássico? Raymond olhava-o agora de viés, lembrando como era antes, quando contrastava com o desalinhado aspecto de alguns de seus conhecidos. Vendo-o

agora, pensou... Segue sendo um mistério, o mesmo enigma de anos atrás... Quando soube que Robby era médico logo se convenceu de que simplesmente estava pirado. Depois quando o mesmo Robby lhe confessou que além de médico era psiquiatra, Raymond o confirmou. He is a nut shrink. Mais de quatro anos trabalhando no Ham & Eggs e ainda o doutor vinha sugar seu sundae de morangos. Em várias oportunidades, Ray achou que deixaria de vê-lo, algumas ausências se tornaram muito longas, tanto que faziam temer por ele e o jovem moreno o imaginava engolido pelo inferno da grande cidade. De repente, reaparecia. Esses seres estranhos sempre desaparecem assim, logo, mas, olha o Robby doc! Aí estava, querendo parecer ainda elegante, mas muito acabado, fisicamente consumido embora mastigasse lentamente seu cheeseburger e sorvesse seu strawberry milkshake pausadamente. Era a droga, quase com toda certeza, a heroína acabava com a saúde de qualquer um. Os ecossistemas da cidade tinham-se modificado com os anos. Na 41, o comércio da carne fora substituído pela heroína e o crack. Agora quase não revoavam as prostitutas e os homossexuais, todos pareciam estar em outra coisa, de mais intensidade... O hamburger? Raymond escutou a resposta. A cheeseburger with a lots of onion and bacon. How about a Coke? Sure, is ok! Raymond continuou revirando a imagem de Robby, tinha-se deteriorado exageradamente nos últimos meses... Pensava nisso enquanto o olhava de soslaio através do espelho e automaticamente colocava um rutilante cherry num pontudo sorvete de baunilha. Pode ser outra vítima da Aids, isso é possível. Pensou nisso e virando-se se aproximou do doutor sorrindo. Hi Robby Doc! Roberto Cuello levantou a vista do prato e esboçou um sorriso. Hello Ray! Raymond ia fazer um comentário quando uma voz estridente gritou do extremo oposto do balcão. May I have some french fries pleeease! Raymond assentiu com a cabeça dizendo. Yeeesss maam, e se afastou do doutor Cuello. Robertinho pensou então no fato disparatado de vir do Bronx até a altura da Quinta e a 42 para comer um hambúrguer, conscientizou novamente que isso não era lógico. Mas, por acaso a razão tinha

algo a ver com suas andanças? Tão só a ilusão de reviver aquela época do Village quando partilhou tantos meses com Chuck e todo um ano com o frágil Birdy. Tantas evocações justificavam essa viagem em subway. Uma estupidez talvez, sem dúvida um risco desnecessário. Risco? Já nem isso existia mais. Como mudam as coisas, agora não importava muito deixar um pouco o apartamento, sua vida de lobo solitário naquele covil cada dia mais nojento, em pleno Bronx, e vir até Ham & Eggs... Que coisas tem o destino! Agora estava vivendo apenas a um par de quarteirões do elevador e do apartamento onde vivera com Paulina na sua primeira vida, quando Nova Iorque o recebeu na sua juventude... Agora, ali vegetava, suportando Mrs. Klinder, a velha caseira polonesa que lhe alugava o apartamento. Tinha conseguido sustentar e manter um acordo, um pacto com ela, o aceitava por ser médico e não se metia na sua vida, embora mês a mês ia subindo o aluguel. Se acreditava forçar sua saída estava enganada, a velha bruxa. Felizmente, a velha harpia polonesa não xeretava... Em alguma oportunidade ele teria que fazer uma faxina... Mas cada dia estava mais cansado, tinha perdido tantas libras no seu último padecimento, um par de meses atrás, a maldita criptosporidiose por pouco o manda para o outro mundo, sentado no seu inodoro, teve que suspender seu trabalho no hospital por quase uma semana, hell! Dias inteiros no watercloset até perder a conta de suas evacuações, já depois de ir mais de cinquenta vezes não ficava outra coisa senão se hidratar bebendo chá e usar as folhas para se aplicar emplastos que mitigassem a ardência de sua carne esfacelada. Aprendera a tolerar sua doença sem se culpar a si mesmo. Tinha-a adquirido no goze pleno de suas faculdades. O psiquiatra da Universidade de Yeshiva distinguia-se entre seus amigos por ser, segundo ele, um ex diplomático. Na realidade, foi afastado do cargo de adido ou assessor científico cultural da Embaixada do seu país em Washington em fins de 1983, e poucas pessoas conheceram o constrangedor caso pelo falatório que suscitou. Daquela história sofreu sobretudo a reputação do doutor Gilberto Falcon que também foi envolvido nos fatos, mas devido a sua condição de

diplomático muito conhecido, foi transferido dos Estados Unidos para Genebra. Graças a sua posição de funcionário de confiança da Organização Mundial da Saúde foi realocado na Suíça com um cargo de superior hierarquia. Felizmente, as andanças diplomáticas de Robertinho não interromperam sua dedicação e zelo profissional. Nesse então se vinculou ao American Board of Physchiatrics. Quando se instalou em Nova Iorque e conseguiu seu cargo no Montefiori Hospital já fazia um par de anos da dissolução do seu vínculo matrimonial com Paulina. Robby estava consciente de que tinha adquirido a peste desde o começo mesmo de sua doença. Era a peste das loucas, como a denominara um compatriota seu no início dos anos oitenta. Robby sabia que as descargas de esperma alheio na sua corrente circulatória encurtavam sua vida e esse convencimento tinha freado parcialmente seus desejos de reviver épocas promíscuas de amorosos excessos. Talvez por isso, buscava com afã os lugares onde transcorreram tantos dias felizes anos atrás, outras épocas de paz, amor e divertimento e ele as revivia frequentemente com a ajuda de psicofármacos ou transladando-se no subway até o Village, ou até a rua 42 e Quinta, ocasionalmente se fechando no seu pestilento apartamento no Bronx, mas, tinha-se isolado do seu mundo. Em outras ocasiões menos frequentes, reunia-se com alguns párias, mas isso tinha deixado de lhe interessar, apesar das suas necessidades biológicas, já quase não frequentava seus amigos do Village, já quase não departia com todos aqueles que foram sua vida até quase dois anos antes, os habitantes cinza do submundo obscuro da noite, a quem em ocasiões agora tinha vontade de assassinar lhes gritando, loucas, loucas pestilentas! Eles sempre foram os amigos amantíssimos da música e da fumaça no amanhecer, da arte e da poesia, das seringas, da saliva e do sexo partilhado e de toda aquela loucura das drogas, os travestis e os amores impossíveis, na busca do prazer na dor. No geral, não lhe agradava se misturar com eles assim que se soube doente da peste, já que acreditava que os seres em condições similares à sua, juntos se procuravam para sossegar as penas e

quase sempre a consequência final era potencializar seu desespero ou cair em profundas depressões que chegavam à beira da morte. Uma voz acerada o tirou do seu enlevo. What's in your mind? Era Andy Trash que lhe falava envolvendo-o no seu hálito de rato morto por intoxicação etílica. Roberto o olhou e segurando uma das suas bochechas sorriu, perguntando-lhe. Are you loaded? O encontro com Trash era sempre um prelúdio de ação, era a certeza de um bom momento high. Com sua cambada de punks, Andy era uma boa chance de se fazer com um pouco de crack, uma minúcia apenas, o necessário para ficar em boa onda, o indispensável para mitigar um pouco a dor de seu agoniado coração. Olhou para a porta e estremeceu. O torso preto, brilhante e oleoso de Gibson Davies parecia querer explodir na sua pequena camiseta. O jovem de cor o mirava da entrada da cafeteria e lhe mostrou sua branca dentadura. Com a cabeça rapada e um brinco na orelha, o corpulento preto fez um gesto com a cabeça e o pescoço chamando-o. Robby observou os braços nervudos de Gibson, parecia um deus de ébano, reluzente, com pulseiras de couro. A mirada de Robby focou nas suas mãos, apertava um cinto largo e preto, depois olhou suas pernas entreabertas enfiadas numa calça jeans desbotada e de novo voltou às mãos quando se deslizaram pela entreperna, acariciando-o... Shiiiiit, murmurou Roberto, agitado e sem tirar a vista foi incorporando-se do seu assento. Deixou umas notas no balcão e sem olhar Raymond não demorou para ir atrás de Gibson e de Andy, quem de costas a ele já saíam do café para se situar na esquina da 42 e a Quinta, onde o asfalto parecia laqueado com a chuva recente.

Desbica, mano! Tão apaixonado, sim? Não atire nele, senhor caçador, este é o cerol do meu coração. O cerol e o coração? Puxa puxa, puxa, puxa estica, puxa o estirante, estica o fio, puxa a corda, solta linha, a pipa cabeceará a teu desejo, pombinha a teu dispor, vai, solta, afrouxa. Melhor diz-lhe assim, solta fio, vai, fica afrouxando. Vá Eufrosina, é melhor que tu vai até onde

Beto, tu mesma sim, claro que é se tu quer! É praquete encargue de fritar, ou frigar-me como tu quiser, sim, uma ovas de liza, me entende? Se quiser, pode usar o fogãozinho de gás, ou se não o braseiro, pega uns gravetos, bota querosene e tu sabe com os legumes pode-nos fazer uma corvina desfiada, se não encontra corvina, não importa, nos pode preparar um carapau com banana da terra e queijo, com um abacatinho tu sabe e nem liga pro pessoal, olha que é um monte de metidos, te despreocupa, já sabe, tu nos serve os pratos bem cheios, com a toalhinha de mesa, aquela que tu tem, que nem cortinadebanheiro, nos arruma a comida e ficamos prontos pra comodar esses troncos embaixo da figueira, e não te esqueça das cervejinhas, lembra que tem de ser Regional e estar que nem miolo e' foca, olha que o chefe enche a cara pra valer e por cima basculha, tu me entende, né?...

O doutor Ferrer evocava os episódios vividos nos últimos meses e seus pensamentos fluíam sumamente dispersos, quase sem sentido, mas ele não se preocupava por organizá-los ou classificá-los. Tudo aquilo era precisamente na época quando localizaram um foco de raiva bovina numa fazenda nas imediações de O Labirinto. O Conselho Técnico do Instituto de Patologia Tropical tinha recebido a denúncia e enviou ao lugar um competente grupo de pesquisadores. Foram até lá para tomar amostras de pele e tecidos nos lugares onde os vampiros tinham deixado suas marcas em algumas vacas doentes. Chegaram a sacrificar alguns bezeros que começavam a manifestar signos de parálise. Quando o médico veterinário Luís Enrique Pirela levou as amostras, Emígdio começou a se sentir interessado na investigação daquele problema. O vírus da raiva estava presente nos tecidos e o doutor Pirela estava seguro da positividade da raiva porque tinha utilizado anticorpos específicos marcados com imunoflorescência. Encontraram o vírus nos nervos e nos músculos perto das mordidas dos morcegos e foi então quando decidiram utilizar o microscópio

eletrônico para detectar as partículas do vírus rábico no corpo mesmo dos vampiros. Luís Enrique, Natália e Emígdio desenharam experimentos para apreciar a patogenia da infecção nos vampiros, utilizando anticorpos monoclonais contra diversas cepas de vírus rábico. Emígdio pensou que seria fácil demonstrar nesses animais, mamíferos alados, o mecanismo de penetração, incubação e saída do vírus da raiva. Eles são os reservatórios, falava para Natália com entusiasmo. É que ninguém mostrou os vírus nesses animais! O fogo da ansiedade começou a queimá-los e logo souberam através de uma exaustiva investigação bibliográfica que não se conhecia quase nada sobre esses fenômenos. A febril rotina da peste louca pareceu amainar por um momento, fazendo uma espécie de parêntese nas pesquisas do grupo, para assimilar a obsessiva ideia de localizar nos nervos, nas glândulas salivares e na gordura dos vampiros, o mortífero vírus da raiva. Boa parte do tempo foi dedicada a entrar de novo no mato e voltar a se encontrar entre pastagens e jatobás nos arredores de O Labirinto para depois se dirigir ao setor do Cotufi e pelo rio Socuy até a região do Guasare. A modalidade agora era mais perigosa, teriam que trabalhar à noite. Por onde existissem poteiros ameaçados pelos vampiros e evidência de raiva paralítica bovina, ali chegavam eles, estendendo suas redes, na escuridão da noite iam esticando suas malhas como nevoeiro para capturar os quirópteros, explorando troncos ocos, buscando covas nas formações rochosas, remexendo nos pequenos bosques, penetrando na serra, lutando por encontrar gretas ou cavernas no terreno irregular e quando chegava a tarde, todos se encontravam olhando o céu, espreitando no entardecer os signos que, no voo das aves noturnas e no rumo dos morcegos, assinalavam as suas prováveis madrigueiras. Palmo a palmo foram estudando a zona, mapearam os focos enzoóticos, contrataram Yoleida Romero e Nelson Casadiego, um casal de biólogos expertos em taxonomia de morcegos e foram pegando amostras e triangulando os mapas até se encontrar insensivelmente no outro lado do desespero. Sem pretendê-lo estavam de novo desandando as paragens do

Passo do Diabo, examinadas no detalhe quando buscavam infrutuosamente os reservatórios da peste louca. Organizaram-se em equipes e grupos de trabalho para poder sistematicamente instalar as malhas em estacas de madeira flexíveis e nas madrugadas, atendendo às fases da lua, rodeavam as covas e os poteiros com aquelas malhas transparentes que simulavam uma neblina arqueira e que haveriam de se coalhar de vampiros. Natalia e Rosandra aprenderam o difícil trabalho com auxílio de Yoleida. Na proximidade dos poteiros atacados pelos vampiros, separavam, sob a luz da lua, os morcegos e os vampiros das redes. Yoleida era experta, capaz de arrancar e classificar, rotulando-os na pata direita com um anel de metal para depois enjaulá-los, mais de setenta vampiros numa só jornada. No começo confundiram os *Demodus rotundus* com outras espécies e até com os morcegos frutívoros e insetívoros, eles caíam nas redes instintivamente, assim como as corujas e outros pássaros noturnos que em ocasiões se enredavam nas malhas. Tudo aquilo em penumbras, era uma árdua tarefa para os pesquisadores não habituados a esse trabalho. Logo foram capazes de pegar pelas asas os grandes vampiros, alguns de mais de um metro de comprimento com as asas estendidas, muitas fêmeas prenhes, outros machos ferozes, alguns de pelagem platinada, a maioria brilhando como o azeviche. Olhando na escuridão os seus captores, mostravam suas afiadas presas e os pesquisadores aprenderam a se proteger de suas dentadas ferozes, e na negrura da noite souberam como reconhecer os ruídos dos insetos, dos roedores e de mamíferos maiores, mas sobretudo afinaram a atenção para detectar o chocalhar das serpentes e o suspiro da terra quando é removida pelo serpentear das cobras. Emígdio nunca poderia esquecer que foi numa dessas esperas matutinas quando os pesquisadores do Instituto esbarraram pela primeira vez com um grupo de “felinos” armados até os dentes. Natália tirava os morcegos das malhas em companhia de Yoleida e Luís Enrique quando um refletor os ofuscou sem lhes permitir enxergar outra coisa mais do que um halo de luz incandescente. O somido das armas longas engatilhando fez seus corações

gelarem de pavor. Nelson e Rosandra entraram no círculo e foram jogados em terra de um empurrão. O único homem visível era um gigante armado com uma metralhadora e portando pesadas botas militares e uma boina de lado. Seu rosto frente ao refletor não era muito evidente. Sua voz emitiu ordens, não sugestões nem recomendações. Não meter o nariz em cem quilômetros à redonda, especialmente à noite, ou iriam pagar muito caro. Estavam se salvando por pouco, disse-lhes, mas não haverá uma próxima oportunidade. A partir do momento que Emígdio soube do encontro, conversou com Crisanto e levaram o problema a uma reunião do Conselho Técnico. As coisas começaram então a se ensombrecer. Os pelotões de “felinos” vestidos de camuflagem obedeciam a ordens superiores e supostamente custodiavam propriedades nos arredores das minas de carvão do Guasare. Crisanto logo foi informado de que o encontro com os “felinos” era um sinal premonitório do perigosa que era aquela região para o pessoal do Instituto. A decisão de paralisar a pesquisa sobre a raiva paralítica não se fez esperar. Mas o estupor chegaria ao seu clímax pouco depois quando Crisanto e Emígdio conheceram a relação direta entre os “felinos” de Altamari perambulando pelo Passo do Diabo e a Secretaria de Planejamento e Controle da Natalidade do Ministério da Saúde. Os detalhes sobre essa associação e dados muito confidenciais foram obtidos pelo doutor Navarro, graças aos seus contatos com a Organização Mundial da Saúde. A raiva que dera origem à pesquisa era o que parecia se apossar de todos quando foi se fazendo luz, através de uma investigação sigilosa adiantada pelo doutor Navarro para conhecer qual era o verdadeiro responsável das andanças dos ‘felinos’ na região do Guasare e dos arredores das minas do Passo do Diabo. Pouco tempo demoraram em saber. Tudo parecia assinalar o doutor Karlhans Mengiles. A raiva misturava-se com o assombro e cada vez pareciam se paralisar mais e mais as ações, como se os pesquisadores fossem bezerros mordidos por vampiros no lombo e girassem em círculos concêntricos que se detinham ao redor da figura daquele misterioso indivíduo. Parecia-lhe

insólito ao doutor Navarro que fosse um médico enviado ao país como assessor internacional, numa Secretaria do Ministério da Saúde, quem aparecesse por trás de todos aqueles inconvenientes. Emígdio Ferrer não quis esperar por mais informações, as coisas ficavam dia a dia mais evidentes. Ao redor do Passo do Diabo e na serra que ascendia das minas do Guasare ou nas terras planas de O Labirinto, o Chachiri, o rio Socuy e mais para o norte ainda, existia uma complexa mistura de interesses que assinalavam grandes negócios de contrabando fronteiriço e lavagem de dólares, por outra parte, todos sabiam dos cultivos de hectares de maconha, amapolas e demais ervas nas montanhas da serra. O doutor Ferrer prometeu a si mesmo falar pessoalmente com o doutor Karlhans Mengiles. Logo fez a proposta formalmente numa reunião do Conselho Técnico do Instituto de Patologia Tropical. Mesmo sendo a proposta disparatada, a ideia foi aprovada.

Fica em pé o deputado e diz: Um ponto de pomba, perdão, um ponto de ordem, pombatares, esquiusmi, parlamentares, peço uma pombinha, perdão, peço a palavra. Branca pomba de gentil plumagem... Perdão, heim... Senhores, eu já não sou o negro congo que bailava no manguezal, ou era no palmeiral? Não mais na dureza, agora sou um negro fino, finório, refinado como o açúcar. Célia em Miami? Açúcaaarr, ela é mais bem mascavada, branca é a pomba e a cocabranca? Me dá cocaleca me dá cocaleca que a maré tá seca. Blanca já começara a controlar o país, a cocacola? Isso é um símbolo, símbolo é a pomba branca! Meu! A coca ou a xota? Arre! Pra tu ver isso! De cima. Controle vertical. O bebê feito sopinha e os estamentos mais rudimentares e os melhor consolidados da nossa sociedade engatinhando num vindes e vamos todos, prostrados aos seus pés, bem pela Nina! Santa Maria! Olha só a Pinta que tem o deputado, é um negrinho refinado. E diz: agora sou um negro fino, que ingressou na sociedade, aha! É verdade? Sim sinhô! Porraaa parça, as voltas que dá o mundo, que nem roast beef no

caldeirão, que nem maminha assada! Meia volta e partirei com o sol? Volta de carneiro, cabriolas? Volta de riquim, riqui, riqui, riqui, ram E diz: Deixo constância queridos deputados que eu sou de uma geração que deu seus primeiros passos políticos incendiando pneus e jogando pedras. De muito cedo passei a ser dos que queimamos o peito aguentando chumbo. Eu lutei no mato e na cidade, quando queríamos criar uma sociedade mais justa. Isso é passado, mas deve constar em algum lado, nós com o nosso esforço contribuimos e conseguimos que este país seja o que é, o que agora desfrutamos, um exemplo de democracia para o mundo. Recolham os cacos! E de novo diz o negrinho: Quando os tanques soviéticos entraram em Praga eu estava preso no meu país, quando choviam bombas sobre Viet Nã e o povo vivia sob terra na Indochina, aqui nos desenterravam e nos enterravam, aqui por pouco não nos jogavam Napalm e o agente laranja. O agente? O policial laranja doce, fardado limão francês? Picado não, partido. Do povo? Ao limão, refiro-me. Pelo povo! Com um largo sorriso te vejo, parece que a barca saiu, a de ouro que haverá de nos levar? Saiu uma lancha, Nova Esparta? Ternura, suavidade, curruccuuucú, já disse o grande guru, naqueles tempos do CAP, “não há razões para não roubar” e do tranco morreu Betancourt. O que se pode esperar? Branca pomba de gentil plumagem, nada mais perigoso do que um vergalhão musgoso? Um velhote morboso! É o enrabichamento da idade madura, isso me lembra o romance de Kundera, o doce encanto, o embeijamento, a gamação, a paixonite, por acaso toda rapidinha é branco pó? Omo lavando e eu descansando. Seus brancos lençóis, pombinha tu vais voando, topetinho azul, o céu é um retalho de tule e o lençol se perde no infinito. Quando ao amor lhe dão cobertor, em lençóis de seda, ela envolta se enreda, pomba me entenda, de notas é que vai forrado, por que está velho e cansado? Branca de gentil plumagem, lençóis de brancura impecável, assim ficam, se há cobres ninguém fica, embasbacado? Cobres e cobertores e lençóis e muitos dólares, qualquer coisa lava esse pó com seus grãos azulzinhos, de topetinho levantado, de anil puríssimo, basta experimentá-lo,

aliás já dá com aspirá-lo... E diz o coquimbo deputado: meus modos mudaram de maneira radical e quando falo já não digo pobrema por problema. Contudo, estimados colegas pombianos parlamentares, however, como dizem nos estates, eu tenho amadurecido com o processo democrático. Era um visionário da Cuba de Castro, fui visitá-la agora e me sinto como um forjador de minha pátria, eu soube decantar nosso passado e vislumbro o devir histórico que nos aguarda. Agora sei que existem outras verdades, são realidades verídicas, já não sou um negro molambento dançando no manguezal. Queoquê? Como? Tu não esqueça que te divertia à beça embaixo do pé de embira ou da figueira aquela e nem me fala quando andava com o compadre Genívero, quando os marulhos soavam, o fresquinho morno do lago e o canto do corrução enjaulado e os periquitos nos pés de amendoeira, e não me diz que já não te alembra das geladinhas e de como tu apreciava o viradinho de peixe, encostado no pau a pique, entre as moitas de maria-sem-vergonha, as safadinhas brancas e roxinhas, pertinho do pé de caju... Responde então um tanto cismado o senhor deputado: é que, cara, vocês têm que entender, o país mudou, ai parça, se há grana não há rolo, não é, meu chapa? Tá resolvido, não é. Tu sabe, ou seja, repartamos. Quem parte e reparte fica sempre com a melhor parte e tá claríssimo, branco está esse bolo! Enquanto mais leite deites mais branco fica, basta uma só pomba, branca de gentil plumagem, agora, sai de mim, chega pra lá que aqui tudo se pode e quem bem entende melhores dividendos manduca, mandioca se quiseres, como me disse um amigo do Beto e da Ana Luiza ou do fodido Mestre. Papo Habemus!

Memorando preparado para a reunião do Conselho Técnico do Instituto de Patologia Tropical, de 3 de maio de 1986, pelo doutor Emígdio Ferrer, sobre a entrevista em Caracas com o doutor Mengiles. A reunião devia se efetuar a segunda feira no oitavo piso do edifício Torre Sul no Centro Simão Bolívar. O doutor Mengiles não estava na hora marcada. Deixou seu cartão

num envelope fechado. No tal cartão, com carimbo em relevo da IPHWO, propunha de punho e letra uma entrevista no hotel Ávila, na terça feira às 7:30 p.m., na habitação 102. No dia seguinte, terça, Karlhans Mengiles me impressionou como um alemão troglodítico, possivelmente culto, sem dúvida nazi. Fala inglês e espanhol com um sotaque muito gutural. Ofereceu-me whisky Chivas e cigarros turcos, assegurou que teve de viajar na segunda e garantiu que no seu quarto do hotel teríamos mais privacidade. Depois de uma breve exposição sobre a importância de sua posição no Ministério, ele me pediu que lhe expusesse as razões de minha visita. Passei imediatamente a lhe informar que vinha me entrevistar pessoalmente com ele porque foi isso o que me sugeriram alguns de seus conhecidos. Tinha visitado a Secretaria de Controle e Planejamento da Natalidade do Ministério da Saúde e aceitei ir ao Hotel Ávila como ele propus no seu bilhete porque nossa instituição se encontra numa situação bastante delicada. Quando relatei o acoso que sofria o pessoal que estuda a raiva parálitica, Mengiles me informou que era o governo do estado que dirigia esses operativos dos “felinos”, conjuntamente com a Guarda Nacional e com alguns corpos de segurança encarregados de resguardar as fronteiras. Ele insistiu em que sua Secretaria tinha apenas um papel de assessoria e ele tinha uma densa informação de todas as atividades pelos seus conhecimentos de logística, muito importantes para os planos fronteiriços sobre esterilização e implantação de dispositivos para o controle da natalidade. Isso me disse com o maior descaramento, ele é um simples assessor, mas sem dúvida com muito peso e com grandes conexões num projeto transnacional. Ato seguido, Mengiles quis me oferecer uma detalhada exposição sobre as atividades da sua repartição. Explicou sua conexão internacional e sua ligação com um organismo nos Estados Unidos, que eu presumo seja a CIA, mas que ele localiza na IPHWO, ou, o que é o mesmo, as máximas autoridades da saúde no mundo. Eu não acredito nisso. Estendeu-se nos planos de esterilização, vasectomia e dispositivos intrauterinos, especialmente desenhados para

proteger do desamparo os habitantes das áreas depauperadas nas regiões de fronteira. Falou sobre como esses planos foram impulsionados em outros países do Terceiro Mundo e como são operações de rotina que têm todo o apoio dos organismos internacionais que ele mesmo diz representar. Perante a minha insistência, terminou por colocar que a proposta do nosso instituto solicitando colaboração no problema da peste louca poderia ser aceita desde que permitíssemos a supervisão e o controle por parte de sua Secretaria de Controle da Natalidade. Passaríamos a ser parte de um plano com o apoio dos corpos militares e do governo central, que ele mesmo controla e supervisa, apoiado no aparato policial e de segurança do estado. Eu não posso acreditar que o nosso exército se preste para que este louco fique esterilizando massivamente nossa gente do campo, mas tudo parece estar já programado e como este governo lhe permite aos seus correligionários e testas de ferro fazer qualquer desmando, a possibilidade de que o nazi não estivesse blefando não é descabida. Não sei como tem prosperado no nosso país as ideias genocidas deste canalha, nem mesmo sei como conseguiu ter tanto poder. No momento da entrevista não fiz nenhum comentário frente a Mengiles. Quando o homem se referiu à proibição do nosso pessoal se imiscuir na região vizinha do Guasare, em especial entre O Labirinto e Carrasquero, suas colocações foram drásticas. Os “homens do governo”, essa foi a infeliz denominação dada por Mengiles às quadrilhas dos “felinos”, que armados até os dentes aterrorizam à região, os homens do governo, disse-me, são os defensores da lei e da ordem e protegem os interesses da nação nas fronteiras. Vindo de um “funcionário” estrangeiro enquistado numa dependência ministerial essa colocação me resultava grotesca. Lembrei nesse momento que alguém tinha me contado que as dependências de inteligência do país estavam cheias de estrangeiros, muitos deles criminosos internacionais, mercenários na nossa nação petroleira. Isto parece ser um fenômeno que se incrementa a partir da triste operação abjeta da derrubada do avião cubano. Não há nenhuma dúvida de que o Instituto de Patologia Tropical

está na mira dos “homens do governo”. O consideram uma instituição desestabilizadora do sistema. Esta pecha vem sendo usada por este governo infame contra todo aquele que denuncia suas corruptelas. Há umas semanas assim denominaram os estudantes que protestavam em Mérida. As conexões com Cuba e Nicarágua que vários pesquisadores do Instituto temos tido vêm sendo observadas com muito receio há tempo. Mengiles tinha em seu poder as datas de entrada e saída do país de muita gente relacionada com o Instituto de Patologia Tropical e com o maior descaramento as mencionou para mim. Essas viagens supostamente têm a ver com subversão e não com pesquisa. O projeto reitor do diretor do Instituto, doutor Navarro, tem sido avaliado minuciosamente pelos “agentes de inteligência” do governo e “se sabe” está destinado a promover uma ordem social diferente que não se adapta ao sistema democrático que vive o país. Várias fontes do aparelho investigativo do governo em conexão com o despacho de Mengiles insistem no perigo que para as comunidades indígenas e rurais da região do Guasare representam quem queremos usar os indígenas como cobaias. A imprensa e a TV não nos defenderão e até dentro da universidade há bastiões para atacar todas as gestões encaminhadas para conseguir resultados nos trabalhos de pesquisa do Instituto. Foi o que me disse! Falou com a certeza de quem tem a faca e o queijo, como qualquer valentão apadrinhado. Aqui concluía o relatório, complementado pelo comentário pessoal do doutor Emígdio Ferrer. “Infelizmente, não me pude controlar, perdi a paciência, insultei a Mengiles e me retirei furioso”.

Nem tão discursando o negrinho deputado conversa agora um pouco argumentando: Emígdio Ferrer, eu não sei se é possível, mas me faz a caridade, tenta me compreender, adotar uma nova postura, ter uma visão renovada do assunto, esta é uma nova Venezuela, te convence de que tudo está à venda, não podemos continuar pensando nos anos sessenta. Já Cuba não é o paraíso de Ernesto Cardenal, ainda gosto de escutar Silvio, mas o

doutrinação, a incapacidade para dissentir, o racionamento, esse estilo espartanostalinista da pérola do Caribe não atrai mais ninguém. A resignação? Essa será a via, será o desiderato que vai nos restar, e olha que eu já andei por tudo, pela necessidade de coisas materiais, por toda uma vida de ideais e lutas infrutuosas, mas, porra!, se a contrapartida é uma carência total de uma cultura universal, não estou de acordo. Vocês são tão doidos que ainda insistem em lhe fazer propaganda dentro de uma nação ianquizada, tudo bem, eu aceito que são anos de bloqueio comercial, isso todos nós sabemos, mas entende que estar só atidos a um setor do mundo é morrer de ignorância, perecer de incomunicação, e isso nesta época de satélites artificiais é brutal, além de absurdo! Tudo bem, eu aceito que talvez isso seja melhor que perecer de fome numa favela do Rio ou num gueto nova-iorquino, ou definhar num morro de Caracas, mas há uma coisa que me incomoda, isso que me faz renegar dos tiranos e da opressão, de esquerdas e direitas, gostaria que essa gente sem dúvida oprimida pudesse desfrutar do que é nosso, proteção, paz, a democracia cheia de oportunidades, nosso sistema! Até que qualquer um possa, com cabeça e garra, conectar-se e ficar rico. Essa é a vantagem da nossa democracia e é nisso onde precisamente está a graça. Eu me pergunto se tu mantendo essas posturas anacrônicas não estás é mangando de mim!

Branca pomba, faz favô, pombinha. Vá e diz pro Manê que não seja tão molenga, que venha, que não diga como disse aquele, se não vou embora me matam, que se escafeda praqui e deixe o boteco, que nos acompanhe, mas vai e avisa ele com tempo não vá ficar de corpo mole, olha que com a cachaça fica abilolado num instantinho, se não quiser não me acredita, mas é assim mesmo! Olha que o outro dia estava onde o Carmelo, e Manê andava com um chapa, tu sabe, cruzando as pernas, e vou te contar como lhe passou a truaca, num segundinho, ficamos num deus nos acuda, peste! Imagina que deu um treco na Chinca, só vendo, caiu estrebuchando, meu! E o folgadoo do chapa aquele,

que é que devia se aprontificar, não deu nem bola! Eu disse, eita vá! Que molenga, e ele nem aí, patavina! Como se não fosse com ele, deve ser que está acostumado, cristo! Yolanda e Crispula esbaforiram pegá ela... Bom, a pomba não, tu sabe... Cogito ergo sum, assim tá funcionando o país! Não me saia do trilho que a joça não é assim com tu acredita, isso de penso logo existo, bom, com isso tu tá praláde culto, o quê? O cogito era um gozador? Presta atenção, isso já passou de moda, agora tu tem que dizer... Porra, até penso! Quer dizer, tou vivo pra caralho! Aproveita então tua oportunidade, depois te preocupa com os detalhes de se existo ou não existo, o existencialismo é como chamavam aquele troço? ...

Olha deputado, sinto te dizer, mas você está totalmente enganado. No início tuas ideias sobre Cuba ou Nicarágua e os Estados Unidos são interessantes, não são as minhas e antes não eram as tuas e digo isso porque te conheço, e por isso nem deveria aceitar o que você está dizendo, mas eu respeito, de repente vai que tuas ideias são as da maioria dos venezuelanos, ao fim e ao cabo, mais da metade do país nasceu e está crescendo neste sistema, o tutili mundachi, qual o quê, é uma gozação populachenta embora politicamente seja a porra mais ineficiente do mundo, ou pelo menos uma das piores, olha pra onde vamos! Imagina a estupidez deste novo governo obstinado em pagar até o último centavo da grana que se roubaram e mandaram pro exterior eles mesmos, quem eles acham que vão enganar? Segue o saque. Isso que botam no saco da chamada dívida externa, é uma dívida sim, a deles e a de muitos dos que através dos bancos internacionais espremeram o tutano da nação e ainda continuam espremendo. Diz-me, parece que já não lembra de muitas coisas. Se já quase nem sai mais de Caracas! O mais grave é que nos estão embaucando e a imprensa e o rádio, a TV tem que pagar pedágio e se calam. Eles prostituem a justiça, a compram e pagam juízes para que só se faça a vontade dos corruptos que estão se regozijando no poder. Currucucú pomba. A podridão

está crescendo. Cucurrucucú não chores. A botija está cheia, falou o reizinho assim que se iniciou, com sua caradenãofuieu, assim repete nos ouvidos dos seus sujós, perdão, sócios, cucurrucucú reparte com todos os amigos. Branca pomba, e lhes entrega aos banqueiros o país inteiro, suas divisas e reservas e ainda por cima nos faz a todos pagar, sem distinção de classe ou condição social, idade, sexo, nanai nanai. E eles ficam morrendo de rir, nós seguiremos pecando até a eternidade. Como na música aquela, e que a gente aguante. Já o gordinho tinha dito previamente, apertem o cinto, especialmente meus súditos mais pobres, acabaram-se os cobres! Será para que não se espalhem os cadáveres? Espalhem não, esparramem! Esta joça está que se compara com a peste e não melhora nada o doente! Desvaloriza-se a moeda, mas esta macacada nos está levando pro caos e conseguirá sumir o país numa desesperante onda de desprestígio das instituições nunca antes vista. Ou sim? Acaso poderá algum ser cair mais fundo? Difícil de crer. Será a mesma chuva, e o mesmo louco louco afã? Será a peste do poder a que por acaso endoidece às pessoas? Mas, voltando ao conto, estimado deputadinho. Te anotaste mal, bichinho! Nesta volta estavas com o partido do povo, precisamente, e claro, lógico, te elegeste. Quem cala consente, deputado! Lembra do passado? Daquela focinheira de fubá? Agora nem mesmo isso. É queijo, e é a pastora e a branca pomba e a pombinha me deu um canário que cantava, um terreno que lindava, a casinha que desejava, as vaquinhas que ordenhava...

Então, cara, ele veio e me disse, mas lhe esfrega um sapo na barriga, e eu lhe disse, pooorra! Um sapo? Com leite de sapo! E ele muito fresco confirma, sim, disse, tu não vê que o leite é branco, mesmo de sapo? Isso me perguntava eu encucado, então, só murmurei baixinho, tá doído! Eu entendia que essa era sua preocupação, e ele estava acreditando que o troço ia sumir de uma tacada só e por isso eu pensei, merda, teremos que lhe esfregar com Bay Rum, ou com loção Marazul? Mas o parça não se contentou com

isso, assim que eu me botei pra pensar e propus rum de cobra, ou arnica, uns tragos de chirrinche? Um emplastro de copaíba no umbigo, com isso e a tacamahaca, novinha em folha! Então fiquei de queixo caído porque ele se aproximou e me explicou que quando lhe passasse todaquele troço lhe recomendássemos que se lavasse a pepeca nem mesmo com sabão de coco, mas com Neko, isso por um negócio de miasmas e outras explicações alquímicas muito difíceis de entender. Já pode imaginar todo aquele negócio! E com uma pata tremelique, pra onde vais correr? Eles são assim, cheios da prata como cascalho e não tivemos mais jeito, o que íamos fazer? Aceitamos! Não tínhamos o que fazer, então nós esperamos um tiquinho e assim que passou o rolo nos escafedemo pro boteco com Manuel Gerardo e Beto e o mascacuía, Mestre, Carmelo e até convidamos o Vinícius e eu fui junto porque, cara! O que tu acha que podia fazer eu? Ah, mas repara, não vai cair no sono, que é verdade todoesterolo que te conto mesmo que tu não vai me acreditar.

O dia 25 de maio, o doutor Crisanto Navarro decidiu localizar telefonicamente o deputado Lucidio Soto. Tinha conseguido seu número telefônico privado e depois de várias tentativas o encontrou na sua casa à uma da madrugada. Simplesmente, pediu-lhe um encontro para conversar sobre algo muito pessoal. Lucidio, surpreso, pois tinha perdido o contato com ele já havia vários anos, o citou para a quinta-feira da semana seguinte, no restaurante Camilo's, em Sábana Grande, ao meio-dia. O deputado o convidava a almoçar, Crisanto aceitou sem fazer nenhum comentário.

Sentado um ao lado do outro no tranquilo ambiente do Camilo's, Lucidio e Crisanto tinham feito já um preâmbulo de recordações antes de fazer o pedido. Com a chegada do aperitivo foi Crisanto quem decidiu colocar o assunto...

— Um dos assuntos que quero te comentar é o da Siderúrgica e do carvão do Guasare. Já você sabe que tenho sido um fanático dessa ideia durante anos. Ninguém pode negar que a intenção era boa, a de Corpozúlia como importante organismo que poderia nos ter descentralizado, mas sabemos que existiu apenas a intenção. Acredito que as tentativas foram sinceras, foi tratar desesperadamente de demonstrar que o projeto sidero carbonífero era possível e que poderia ter sido um fato. Mas não há pior surdo que o que não quer ouvir, além do que nada se podia fazer, pois o governo nunca esteve convencido da importância ou da necessidade de um complexo siderúrgico na nossa região e agora menos.

— Sim, é bem verdade, interrompeu Lucídio Soto. Não houve nunca decisão política nem um verdadeiro interesse por parte do Estado nesse assunto.

— Mas, não é o Estado, Lucídio! Retrucou o doutor Navarro. Foram os governos, sempre as negativas vinham dos sócios da região central. Bom, eu os chamo sócios, mas você sabe bem quem são. E mais, você é corresponsável junto ao resto dos parlamentares zulianos de tudo o que nos aconteceu. A possibilidade de conectar nossa produção de carvão ao desenvolvimento siderúrgico da Guayana era, e continua sendo, rentável e o uso do coque para o enclave da nossa siderúrgica é ainda possível, mas a influência à distância de certos grupos hegemônicos, pessoais e políticos, os correligionários que medram no governo central, desviaram os recursos para o sul e impuseram a centralização do carvão com o único fim de tirá-lo de nossas mãos. Você sabia disso, como os demais representantes da nossa região e você se calou, em vergonhoso conchavo.

— Mas, espere professor, suplicou Lucídio. Concretizou-se a criação de empresas mistas, não foi uma espoliação...

— As empresas mistas propostas são um engodo! Enfaticamente afirmou o doutor Navarro e continuou. Mas são um engodo

muito particular, é estrangeiro, tinha de ser assim. As empresas são de quem o governo e seus aliados decidiram. Nisso, desde o início, esteve metida a mão de Karlhans Mengiles. Disso estou sabendo agora. Antes não sabia como era a jogada! Eu vi como os sócios locais estavam muito bem selecionados, esse pessoal pagava e se dava o troco e quando se via um nome estranho podia-se apostar o que for que era um testa-de-ferro pagado pelos chefões do mero meio da metade do centro, da cima do pináculo, e você já sabe o que quero dizer com isso. No fundo, deputado Lucídio, são os mesmos que controlam o negócio do petróleo. A intenção parece ser fundir negro com negro, carvão-petróleo, tudo para afastar nossa região das possibilidades de desenvolvimento de uma indústria siderúrgica e sidero-carbonífera e, claro está, como os sócios regionais se prestaram a essa manobra! Iscariotes que sempre abundam com grana na mão e politicamente comprometidos, ficávamos a ver navios. Você conhece essa história e não pode se fazer de desentendido. Deram-lhes o carvão em bandeja de ouro e satisfeitos no seu desejo destruíram de um canetaço a única esperança de tirar do fosso a nossa produtiva milionária e paupérrima região. Perdendo o controle desse recurso, assim como nos aconteceu com o petróleo, voltamos a ser a praia de pescadores que ilusionado sonhou o Ilustre Americano, uma praia pútrida de um lago contaminado, com os resíduos da petroquímica, dos esgotos e das indústrias que acabaram com a vida do lago de nossos pais e de nossos avôs, um grande charco cheio de petróleo, mercúrio e excrementos. Pera um pouco meu deputado, deixa eu terminar, porque ainda restava um pedaço do bolo por repartir. A ferrovia! O desenvolvimento das indústrias que tirarão nossos recursos naturais para o exterior pelo lago e seus portos. Falta a espoliação do Golfo, os planos para se dividirem nossas águas territoriais, com navios carboníferos, montados em estaleiros estrangeiros, uma frota! Tudo foi previsto e aqui de novo encontramos o doutor Mengiles e seus sócios, com suas andanças pelas fronteiras. Apenas ficamos para exportar o mineral de Socuy e Carrasquero, só porque Colômbia o vai

transportar pela mesma via até Santa Cruz de Mara. Eu sei que você já sabe disso. E o que eu não termino de entender é como você, nosso deputado, pode ficar mais fresco do que uma alface, uma coca-cola, se abanando com tudo isso. Eu tenho me perguntado, eu tenho me dito, mas, como isso pode ser possível! E eu insisto, porra, isso deve lhe doer a Lucídio Soto! Causar-lhe tristeza? Dar-lhe um desespero? Eu não sei mais! Agora, você é do partido do povo, e você saiu do povo para nos representar e já vai para três períodos na Câmara. Será possível que você não saiba que os ativos da empresa Carvãozuliano SRL estão sendo trasladados, desde o ano passado, da nossa região para a capital? E a gente vê que por nenhuma razão, motivo, nem por equivocação, reclamam nossos representantes. Parlamentares! Será que continuamos sendo uns provincianos mais marginais que marginados, suburbanos, periféricos na grande Venezuela de antes, tabaréus e roceiros na pequena nação roída pelos ratos corruptos de hoje? O deputado não resistiu mais a saraivada e ripostou.

— Essas são palavras muito fortes, professor, entenda que esses são assuntos de macroeconomia que o senhor não conhece bem. Nessas coisas de grandes investimentos de dinheiros da nação, a indústria pesada e tudo o resto, o senhor sabe que é o Presidente e o governo que levam as rédeas. Isso sempre foi assim... O senhor pretende que a gente possa enfiar o nariz nessas coisas? O doutor Navarro o interrompeu de novo.

— Caramba Lucídio! Nem para atender a situação precária da ponte que é o único contato físico que temos com o resto do país desde a época de Pérez Jiménez, o governo tem se dignado atender as recomendações feitas pelo pessoal da nossa universidade! Nesse assunto da Siderúrgica nos falam de empresas mistas! Que mentira! E eu digo, onde andava você esses anos todos? Zero, zero, zero. Estamos ao deus dará, e você? Botando banca? Agora na branca banca. E não venha com histórias, você tem de saber quem está por trás de todo esse assunto. Desses últimos tempos, você tem de conhecer a pomba

e seus comissários e seus testa-de-ferro, tem que saber quem é Mengiles. Será que você vai esperar a que raspem o tacho? Que nos chupem o tutano? Você sabe que isso é pior do que uma conspiração antinacional. Que podemos perder o pouco que nos resta... Sim, nós, que até a identidade já temos perdido. Sim, já sei que você dirá que sou pessimista e exagerado. Você sabe o que está em jogo. Você deve saber o que é a soberania e está obrigado a conhecer em que direção se move o narcotráfico no mundo. Não é jogo, é fogo com o que estamos lidando, mas você, tá aí... Lucídio segurava o copo de whisky com a mão direita, crispada, e tinha uma expressão pétrea, seu rosto moreno se tornava por momentos violáceo ou verdoso. Indefinível era sua expressão, pálido o semblante, talvez de preocupação ou remorso, fúria? Fazendo um gesto como dizendo chega, respondeu a Crisanto.

— Eu sim sei do que o senhor me fala, professor. Mas eu, até faz muito pouco tempo desconhecia todo esse rolo das fronteiras, do Guasare e de Mengiles, e não fazia ideia da gravidade do assunto. É verdade, sim, conheço Karlhans de há pouco tempo e sei qual é o seu interesse. Penso que é fundamentalmente econômico e não sei até onde será mais bem uma mistura de poder e dinheiro. E digo mais, eu conheço seus vínculos com Manuel Gerando Altimari e não me estranharia que estivessem metidos em algo relacionado com o narcotráfico. A final, todos sabem que nos Montes de Oca estão as maiores plantações de maconha e de amapolas do país. Sei que eles estão metidos em negócios muito pesados na região do Paso do Diabo, até aí eu sei. Agora, também é verdade que tenho muitos amigos na Guarda Nacional e através de alguns deles fico sabendo aos poucos de muitas coisas, sobretudo nos últimos tempos. Coisas muito graves que talvez o senhor nem imagina que acontecem. Genocídios, tropelias, desaforos, uma série de irregularidades que formam uma onda que vai e vem entre nossas terras e as do vizinho país e tudo isso está controlado por alguns homens chave. Alguns desses homens estão posicionados dentro de nossas Forças Armadas, essa gente e nossas forças de

inteligência, assim chamadas porque são as mais espertas ou as mais aproveitadoras, algumas têm nexos muito estreitos com a presidência e seu entorno, essas forças são as primeiras em tomar conhecimento de onde estão os grandes carregamentos, são as que inventam as razões para fazer legais as espoliações e isso tudo. Eu juro, só agora é que eu soube. Faz muito pouco que soube a verdade sobre muitas coisas. Estou começando a me inteirar de que há muitos milhões e muito poder nisso tudo. Não saber isso foi uma grave falha minha. Eu o reconheço. Também sei que não é somente Karlhans, há muitos homens muito pesados metidos nisso, do Amazonas até Apure, em Táchira e em Zúlia. Senadores, generais, deputados, governadores de estado, politiquieiros e quem menos o senhor supõe, esvaziam um piano de cauda com orquestra e tudo, professor! Isto não é um assunto de lombriguinhas, há muita grana de por meio. Assim que não venha o senhor com suas preocupações românticas sobre a indústria e o desenvolvimento regional. O desenvolvimento está já funcionando, mas para beneficiar uns quantos espertos que se adiantaram na partilha. Isso não é de agorinha, tem muitos anos andando. Este é um país de espertos, professor! Não me impressiona com seus dados. Com esse copo de papelão não vai me cortar a cara! O professor Crisanto Navarro observou brevemente o seu redor antes de fixar de novo sua vista no deputado Soto, então passou a lhe comentar baixando o tom da voz.

— Lucídio, escuta, te falo de coração, a situação é muito séria, mas, quero te dizer algo. Eu estou a um par de meses de ganhar a Reitoria da Universidade, esta vez não vão me engrupir com pactos políticos, é a consciência de nossa região a que me apoia e será com o cheiro da panela podre que vou destampar como precisamente chegarei à reitoria. O país inteiro conhecerá esta conspiração internacional urdida por certos grupos de concidadãos mantidos pelos poderosos interesses dos que mamam no governo. Vão se rasgar as vestiduras, mas eu vou acusá-los, pode que o Fiscal seja um vagabundo e o Procurador

esteja maniatado e amordaçado, ainda que os juízes estejam comprados e a polícia infiltrada, mesmo que a justiça cega se burle de nós, eu alçarei minha voz dentro da universidade. Tenho no meu poder quase todas as provas e Mengiles é um dos cabecilhas de uma ponta do iceberg que é este negócio milionário. Ele vem fazendo o seu trabalho lentamente, durante anos, usando a infraestrutura do Estado, apoiado de fora e dentro do país. Mengiles usa suas influências internacionais e o poder dos homens de Altimari. Ele serve de ponte de poderosos interesses misturados com gente do governo, mas eu consegui localizar os grupos de testas-de-ferro que fazem o trabalho pelos chefes, eles são em sua maioria conhecidos, já sei quem são e tenho provas. Eles são os que servem de intermediários a muitos pseudopolíticos que estão enchendo os bolsos de há muito tempo, enquanto sugam a medula do país. Agora foi Lucídio quem olho em torno com o cenho franzido antes de dizer ao professor.

— É perigoso falar assim doutor Navarro. Sobretudo se é verdade como diz que Mengiles está conectado estreitamente com Altimari, o senhor corre perigo e até eu posso ficar envolvido. Aqui estamos num setor do que foi a República do Leste e as paredes ouvem. Eu sim sei do que fala e não acho que seja um jogo simples o que o senhor está planejando. Diga-me, suas provas, são definitivas? Têm a ver com o narcotráfico? Tem evidências da lavagem de dólares? Conhece os planos de Cerromazur para o desenvolvimento agroindustrial da região do Guasare? Sabe algo concreto sobre os hectares de maconha plantados na região de Perijá? Sabe sobre a regalia à nação vizinha de uma faixa imensa dos Montes de Oca? Está por dentro de quantos mortos há enterrados nos poços? O senhor quer jogar duro? Essa gente logo pega o senhor para passear e o esquece numa cisterna da Conceição. Me pergunto se saberá em que mato sem cachorro o senhor se está metendo, profe...

Por aquela época chegaram os *chimbangles*, os dançantes de São Vito e os que honram São Bento todos com esse borogodó de

dançar ao santo para afugentar a peste. Não era louca nem era de bestas, talvez por isso, a gente via-os descer do Cerro dos Schifres e do Novomundo, dos Altos de Jalisco, da Pomona, dos lados da Limpa, A Cova e As Prainhas e até do Empedrado, lá por Santa Lúcia. Vinham com a cantoria de “São Bento caiu, na porta maior, rompeu a cabeça, com um prato de arroz”. Arroz de leite, arroz com coco. Vinham sujos, cobertos de cinzas, com uma pinta de doidos! Vestidos com túnicas suplicando perdão, puxando os cabelos, espichando e repuxando a carapinha como se estivessem fora da casinha, lelé da cuca, amalucados. Vinham com cordas no pescoço, talingas e cordões no cangote, mais embostelados que pau de galinheiro. Com velas e relicários, se açoitando até tirar o couro, chibatadas neles mesmos e batendo nos outros. Queriam expiar as culpas achando que o mal era um castigo do céu, vinham batendo, a mim, me dá mais, mais! Com mais força! Cê quer mais? E zás e bumba, assim pelas ruas, largando a pelanca, levantando uma poeiradoida e aquele monte de cachorros grudados atrás. Vinham se esgoelando, cantando, perdoa a teu povo senhor, misericórdia, não fiques eternamente irado. Vinham num verdadeiro reboiço, esse que mantinha eternamente o barão Gilles no seu redor, Mengiles? Mesie Gilles, sim, o serviçal do Senhor. Os clérigos da colegiada, os diáconos, os coadjutores, os vicários, capelães e coroinhas correram, a pomba estava nas alturas. Vindes e vamos todos, ninguém parecia saber nada, todos prontos para proteger e defender do fogo as almas de seus fiéis, e Gilles como o Esculapinho! Eram uns barões santificados, as coisas do poder! Eles defendiam a pele de quem era próximo, eram como duzentos ferozes cavaleiros, os felizes, felinos? Com seus respectivos criados, pajens, lanceiros ultra marinhos e seus respectivos cacundeiros, perdão, digo, Escudeiros! Os doze do patíbulo eram fichinha! Ao anoitecer, o castelo de Champtocé banhava-se em sangue. É splast! Miraflores menstrual. Então foi que apareceram os flagelantes. Zás, tchibum e pow! Vinham num só cardume, entunicados, como uma onda epidérmica, eles eram, que loucura! Eram a mesma peste, um miasminha, pareciam

verdadeiros mamarrachos, alguns fantasiados de padre, outros de quepe, havia manetas, desconjuntados com sua corcunda às costas, anões, caolhos, vesgos, entrevados, escrofulosos, de gaiato entraram alguns leprosos, alguns sem nariz e outros manquitolas, varicosos, maricosos, moleques, ociosos e muitos morbosos. Eram os simuladores. Aí vem a praga, cantavam uns, gosta de dançar chiavam outros, vinham dançando no ritmo do que lhes tocavam, uns pareciam ser vítimas de uma bulinação ensandecida, estremeciam-se pulando, parecia ser pela comichão, com movimentos desesperados, exagerados, eram uma verdadeira turba de suplicantes se esgoelando para conseguir o perdão divino, algum iluso provavelmente sonhando com aceder à rolinha do Senhor, muitos religiosamente convencidos de que com a penitência conseguiriam algum subsídio, nem que fosse com a beneficência, ou do tacho sem fundo do hipódromo, ou nem que seja um apartamentinho no complexo João XXIII, que coragem! Era de se ver a cara desse ajuntamento de loucos, até cemmil, bom, como uns quinhentosmil mais ou menos, e iam de vila em vila, de casa em casa repetindo para todos, com ilusão, caralho! A rolinha vai nos tirar de baixo! E esse tambor! Dá-lhe e dá-lhe, os *chimbangles* ecoando, *culo'epuya*, *kukurbatas*, *minas* e até *bongôs*. E os chicotes? Não vai esquecer das varas, hastes, com agulhas, cascalhos, com alfinetes, até com nós os arrumavam e raquí ruaquí, com sementes de araticum, os mais suaves, cê tá entendendo? Dando-se uma sova, mano! E de vez em quando dava um faniquito em algum, era pelo sol, um piripaque, até uma insolação podia lhes dar a esses pobres cristãos, vinham embrulhados naquela onda de calor, mas eles pra frente com o andor e iam largando os nacos, as lascas, os pedaços, as postas, esmiuçados iam ficando. Vinham numa só lamentação, suplicando e pedindo perdão, queriam os cobres e pediam misericórdia, era muita a necessidade meu irmão! E, bom, davam mais função que o Odeon e vara e vara. Na realidade, se queixavam mais que caminhão de porcos, nem falar daquele perfume, puro bodum, cadeirão de troncho, braguilha de doído, era lógico porque, como iam tomar banho? Cê poderia imaginar

o cheirinho tropical, sem mudar os saiotes, durante semanas a fio, escutando ladainhas e sermões, naquele sufoco. Terminavam por chegar no lugar, arribavam à cidade de fogo, resplandecente, fulgurante a sultana do lago! Isso sim, baixo os pés de manga, de nêspas e de pitombas estavam os vendedores de raspadinha, chicha e orchata, os camelôs, tipos estranhos com cones na cabeça, com boinas de lado, com bonezinhos e lenços de cores, alguns levavam toucas, outros com bibicos e cartolas, vinha o das empadinhas, o vendedor de café, o fornecedor, o distribuidor, o vendedor de canudos, o sorveteiro, pelo calor, cê sabe, aquilo era uma barafunda, parecia vir dos quintos dos infernos, sem som nem tom. Tiveram que chegar os senhores banqueiros e tomar providências, compraremos a todos, disseram-se, gendarme necessário maifren, isso foi o que lhes propuseram e enquanto isso, faziam-lhe caretas aos gorrinhos, na realidade, ofereciam-lhes todo o dinheiro do mundo, Money para tranquilizá-los, dólares para as cúpulas, aquietados eles, a organizar a festa! A coisa mudou radicalmente. Timbais, tambores, reco reco, *furruco*, tambora e cuatro, como é? O reco reco, cê sabe, sestrosos, com bochincho, saracoteando e depois apareceram uns *vallenatos*, chegaram com seus ritmos de acordeão, sempre com a *cumbiamba*, montaram um verdadeiro forrobodó, como se tudo que estava acontecendo fosse uma pura mangação. Os doutores, os expertos, os pesquisadores, os que examinavam o humor colérico e o fleumático e o sanguíneo e o melancólico só diziam “parches”, há que pôr parches neles porque já estão sarrosos. Parches sim, e não vulcanizados, parches porosos, na barriga, nas costelas, de pau santo no umbigo ou de tacamahaca, mas parches. Alguns com mais interesse na mãe natura, cheiravam as brisas para interpretar o que lhes chegava das fosforescências do lago, juravam que com a pomba acasalada poderiam contar, com o Escola de parceiro, estava bem arranjada, mas, que nada, meufio! Vã ilusão, amor de longe, umdeusnosacuda, cairia até canivete em cima deles. Fumaça cor sapoti vinda do Tablazo e peixes com mais mercúrio do que um termômetro, isso era o que obtinham na cidade de fogo. Os galenos teriam

receitado sanguessugas, sangrias para a esbaldação, mas, pobre Hipócrates, foram-se pela via dos purgantes, um delicioso tamarindo sem sementes, óleo de ricino, um quilo de sulfato, se o lombrical era muito verminoso davam-lhes leite de figueira, assim andava esse povo, voltando às ervas aromáticas porque já nem com as chucas! Teias de aranha tinham obstruindo o trato gastrointestinal, e se viam um bojudio, sangria e cautério, não conheciam de tratamento cirúrgico para os bubões, puro emplastro quente, sinapismos, enxofre, vinagre, mel de abelhas, chifre de veado, pó de unicórnio, esse do corninho torneado me refiro, e também usavam pós antimônio desse que espanta diabinhos, os outros pozinhos, os brancos, de lavar e aspirar, penetravam à beça sem récipe médico. A medicina simplificada e a familiar, que nem a garrafa grande, estavam fora do pinico, e da prevenção nem falar. Nadica, que é o mesmo miasma. Por isso é que eu digo, prezado deputado, concachaebrio. O que mais queres?

— Até onde nos conduziu a investigação sobre a região do Labirinto? Mais perto da Conceição que do mesmo Carrasquero, aí onde estávamos metidos num brejo, quase mato sem cachorro? Estudando o problema da raiva paralítica enfrentamos o enigma da papilomatose nos bovinos e através dela caímos no VPH. Isso não é patrimônio histórico nem nada parecido, são as siglas para denominar o papiloma humano. O VPH é um vírus que se associa ao câncer do útero e este câncer é o que mata mais mulheres venezuelanas! Não sei se me entende, mas isto é um troço sério, não é embromação, eu te juro! O VPH é um vírus que se transmite pelo contato sexual e é primo irmão do vírus que causa as verrugas da pele, essas que chamam de pintas. Vai me acompanhando? O vírus se mete na pele e provoca tumores como pequenas couves-flores e esses se vêm nos órgãos genitais e se contagiam e os chamam condilomas. Veem-se nos genitais externos das mulheres, frequentemente quando estão grávidas, comumente si as mulheres são muito pobres. Entende? E você

estará pensando, e aonde quer chegar com essa história este cristão? E me dirá, eita! Mas criatura, primeiro foram as vacas raivosas do Labirinto e agora anda colhendo couves-florzinhas nas bucinhas! Isso é para que veja que a pesquisa é um troço interessante... Vou te contar de cabo a rabo para que não diga depois que ninguém tinha te dito. Resulta que enquanto mais pobre e mais esfomeada seja uma cidadã, enquanto mais nova tenha começado a ter marido, pelas circunstancias da vida ou se acaso a moça fica-nos promiscua, que porra, ne! Então é quando mais chance tem de ter as couves-florzinhas, ou, o que dá na mesma, de que o VPH ataque seus órgãos genitais. Eu me pergunto, se você sabe do que estou falando. Entende? Ou pode ser que o ataque do vírus seja porque baixem suas defesas, possivelmente pela fome, já sabe. Você estará pensando, bom, mas, e que pitos tocam neste auê as vacas e os touros do Labirinto? Que têm a ver nisso tudo os bovinos? Bom, percebe, presta atenção, o assunto é simples. O vírus do papiloma dos bovinos, com as siglas VPB, também produz couves-flores, mas nas tetas das vacas e na verga dos touros, nos seus olhos, na língua das vacas e na vulva das novilhas. Entende? Ou tá-se complicando esta joça? Esse vírus é tão contagioso que aos açougueiros pode-lhes crescer verrugas como couves-florzinhas nas mãos por andar manuseando a carne contaminada. Agora sim acredito que capta o troço. O troço esse é contagioso! Olha então! Por isso eu te contava tudo isso, porque nós fomos de fazenda em fazenda ver os bezerros paralíticos pela raiva e nos encontramos com o negócio das novilhas infetadas com um vírus importado, não sei se me entende, o vírus do papiloma bovino! De cair duro! Então foi quando soubemos de um monte de porcalhadas e sem-vergonhices que tinham feito uma penca de políticos e seus amigos, que transformaram o vírus num negócio redondo. Não só o deputado que deu um esporro no Ministro de Agricultura, para que lhe devolvesse toda a grana de um lote grande de vacas doentes que tinha importado, estava no negócio do gado papilomatoso, além dele havia muitos outros poderosos e até pé rapados, todos com apoio de cima

bem que se arranjaram, com um chique do deputado e o peso do partido ou da mão poderosa de cima, encheram-se de dólares e do ouro que brilha com o negócio das novilhas, infetadas e importadas. Agora revenderam-lhe ao Ministério, esse tal de MAPA, toda essa batelada de animais importados e doentes. Me entende? E ainda os que não venderam, os levaram aos mesmos matadouros, lotes e lotes de gado enfermo e os estão vendendo a preços bem polpudos, um negócio redondo, e os cidadãos, aos poucos, estamos, sabe o quê? Comendo isso tudo! Talvez um dos casos mais grotescos é o dos testas-de-ferro do marido de Dona Carmen Lola Urian, com o apoio do Presidente e seus asseclas têm desfrutado à beça comprando e vendendo com a sua grana ou com a do governo gado doente no cartel do que chamam de câmbios diferenciais. Este senhor e outros tantos do seu entorno, na cara de pau e sem rubor ou utilizando testas-de-ferro, ele e seus beneficiários, há muitos anos estão fazendo negócios que todo dia lhes rendem milhões porque são em dólares e se multiplicam no leite das vacas Holstein, ou na carne de suas novilhas cheias de couves-flores. As sãs e as doentes! Agora a gente chega e se pergunta, será possível! E o MAPA, ou o MOP, ou o MINTER? Não existirá um controle de tipo sanitário? Controle agropecuário? Não sei o quê para supervisionar essa bagunça, não existirá algo assim no país? Sim, e o pior de tudo é que sim existe, mas neste caso nem dão bola para o controle obrigatório. Entende? São machos e apoiados. Como toda essa merda que se refere à justiça nacional. A estação de quarentena de Paraguaná está sendo burlada diariamente por centenas de cabeça de gado que estão chegando à parte ocidental do país. O mesmo acontece com lotes de vacas que entram por Guanta, por Puerto Cabello, por Coro, por Barcelona, por Santa Bárbara e até pelo mesmíssimo porto da Guaira. Aqui para negociar gado com a maior tranquilidade tem que se ter o apoio da cúpula. Percebe? Cê sabe quem são os da cupulinha, essa espécie de pústula maligna do câmbio diferencial enquistada no RECADI. Basta ter um pouco de imaginação e facilidades para trapacear. Ademais, se se está conectado ou associado com um

gringo, bom, aí sim se fica no céu, bem arranjado na vida, pô! Assim nem mesmo vão te perguntar. E é que, percebe, não há controle sanitário, nem agropecuário, aqui não há nada! São uns espertos, ganham uma bolada de dólares, empréstimos milionários conseguem com um pistolão, e assim como introduzem o gado doente, metem suas máquinas e tratores, o que se possa imaginar, como arroz, sorgo, sem nenhum freio, sem travas nem controle. É o negócio de um grupúsculo em volta de certos Ministros e se nutre da própria cúpula do pombal cheio de flores. O que acontece? Que quando vem um grupo como o do nosso Instituto que vê essas coisas e as denuncia e se enfurece e assinala as irregularidades, não pelos negócios alfandegários, não pelo tráfico de divisas, nem pelos empréstimos agroindustriais nunca pagos, não, eu estou me referindo a uma coisa que é vox populi. Algo que se sabe pero ninguém diz, ou seja, eu estou falando do problema dos venezuelanos que sem saber estamos comendo carne de animais enfermos, de gado verrugoso, infetado com esse vírus contagioso. Entende? Os venezuelanos consumindo gado cancerígeno ou tumorigênico, comprado doente, revendido e vendido de novo nos matadouros. Não sei se está me acompanhando. O mesmo vírus que está associado ao câncer que se vê no colo do útero, a causa mais frequente de morte por câncer entre nossas mulheres. Que te parece essa? Quando detectamos essas coisas, quando as denunciemos e fomos perante as autoridades e o dissemos, sabe como nos denominaram? É que este governo é demais, meu irmão! Nos disseram subversivos, desestabilizadores, renegados, detratores do sistema. O que acha? Então a gente analisa as coisas e não cabe a mínima dúvida, estamos vivendo um dos quinquênios mais vergonhosos da nossa história pátria, a gente se mantém esperando uma nova decepção, deposição, a cada passo, e não é a gorjeta de sempre, é saber que existe um sem número de sem vergonhas vagabundos e o governo encobre seus horrores, lhes dá divisas, os enriquece até um grau estonteante para que continuem nessa sangria infame, quem diria! E a gente? Eu recebo os informes do meu pessoal, dos veterinários, dos

médicos, do peão de fazenda, todos sabem e te contam, as novilhas que estão vendendo para consumo dos concidadãos estas repletas de tumores, até por aqui de lesões virais, cheias de papilomas, full de pequenas couves-flores nos genitais, nos olhos, na boca e o nariz, é contagioso, caralho! Denunciamos e não aconteceu nada. Estes folgados agora as vendem novinhas, buscando as que estão menos deformadas, que não se notem tanto as couves-flores para que o MAPA as compre e assim não haverá problema algum, porque o MAPA é o governo! Novilhas ternas, tumorigênicas, esticando os cascos ao longo de todo o país, porque não se pense que isto é um negócio local, não, meu irmão! Em Lara, em Acarigua, em Barcelona, em Savana de Maturín se estão sacrificando com a velocidade de um raio para ocultar as couves-flores. Que isso parece um filme de Spielberg? Que George Lucas ficou pequeno? Pura imaginação? Não, meu fio! É um dos muitos sortilégios da corrupção. Onde estão os culpáveis? Como pode o governo permitir e dar facilidades para que seus amigos se enriqueçam repartindo aos venezuelanos a carne dos bovinos cheios de vírus cancerígeno? Cê tem que saber quem são eles! Cê sabe, claro que conhece todos os que estão nesta dança, ganham uns centavos que transformam em dólares e não estão nem aí para a saúde do povo. Eles são os que estão saqueando o país e já acabaram até com as reservas internacionais. Todo mundo sabe quem são, ninguém se atreve a denunciá-los, todos os políticos neste jogo parecem jacarés de um mesmo poço, por isso eu te digo deputado Soto, onde você estava? Que caralho você fez? Cê sabe por acaso que na tua condição o pecado é mais grave por tudo o que deixaste de fazer? Ou será que você também enriqueceu? Será por isso que anda de boca fechada? Será possivelmente tua desmedida ambição de poder? Você sabe da importância estratégica da planície de Maracaibo, foi a você que escolhemos como nosso deputado, assim que conhece muito bem como veio a acontecer tudo isso, como chegou toda a riqueza do país às mãos de esse grupinho que impudicamente se deleita no poder. Mas, eu sei que de há muitos anos, você até viaja com eles! Você é cumplice!

E sabe de tudo, sim, e eu apenas me pergunto, quando será que você vai se definir? Meu querido deputado! ...

Lucídio se revirou inquieto na cadeira, a mesa estava num canto e ainda não tinham ordenado nada. O copo do doutor Navarro já não tinha nem uma gota da limonada com amargo de Angostura e o whisky do deputado estava também no puro gelo. Olhando em redor, Lucídio fez um aceno ao garçom. Crisanto frente a ele o olhava com calma. Tinha ainda escassos fios brancos no seu cabelo liso, mas o bigode se estava tornando prateado e esse detalhe denunciava sua idade. Lucídio então refletiu. O que é a vida! Crisanto está convencido de que ganhará a candidatura da Reitoria da sua universidade, mas, com toda certeza, se continua contando a todo mundo essas histórias dos negócios sujos dos amigos e dos protegidos dos presidentes, vai-se dar mal! Sobretudo, corre perigo se continua com essas ideias loucas de desmascarar os envolvidos no projeto Guasare, se teima em assinalar a Mengiles e o Comissário Altinari, sua campanha à reitoria pode sofrer graves tropeços. Muito temo que incendeiem outra vez seu Instituto, num instante se esfumarão de novo suas possibilidades de ser Reitor. Por simples precaução, ele deveria se calar...

O deputado decidiu então adotar um tom mais conciliatório.

— Está bem, doutor Navarro, eu assumo minha culpa e aceito minha quota de responsabilidade, não posso defender a todos os parlamentares do bloco. Mas não todos somos iguais, os há piores do que eu. Embora as coisas que o senhor diz sejam muito certas, quando se veem daqui, do meu posto na Câmara Baixa, num cargo político, não são tão fáceis. O senhor tem que entender que há muita gente influente no meio e a gente se vê em ocasiões obrigado, se criam compromissos. Não se pode atuar como quando éramos jovens, impulsivos, tresloucados. Eu assumindo minha culpa, pecado de omissão, talvez, como o senhor diz, eu lhe digo ao senhor com toda sinceridade e muito seriamente, que vou apoiá-lo. Decidi isso por muitas razões. Eu

juro pela minha mãe morta, pelos meus filhos, o senhor não terá que batalhar sozinho, eu lhe ofereço minha ajuda. Eu posso, se o senhor quiser levar suas denúncias ao Congresso da República, eu posso conseguir que mandemos todos esses desgraçados aos tribunais, depois os juízes vão absolvê-los por quatro centavos e a mim, talvez, me expulsem do partido, eu sei, mas, vamos mandá-los presos! Sim, presos... Bom, talvez os liberem imediatamente, mas...

O doutor Navarro sorriu escutando o deputado Soto. Estava satisfeito com a sua resposta, talvez ele pecava de cético, mas de qualquer forma decidiu interrompê-lo fazendo gestos negativos com a cabeça.

— A coisa não é tão fácil, nem será tão simples como pensa. Não bastará com prender uns quantos, não! Com provas e mais provas, reunindo todas as evidências deste mundo, essa será uma luta muito difícil de vencer. Olha só! O inimigo é a corrupção judicial, com apoio policial e político. Querido deputado, Você não pode apenas se levantar e dizer lá na Câmara, eu demonstrarei a verdade. Não, que nada, há que estar preparado, estudar um plano de ação prevendo o pior e é muito fácil adivinhar o que acontecerá. Devemos proteger nossos segredos até termos a certeza de que possam ser divulgados e que chegarão ao público, ao povo. Lembra deputado que a nossa imprensa e televisão estão totalmente aliciadas. Se os anos sessenta se nutriram da esperança e os setenta se alimentaram com o esbanjamento, temos que nos convencer de que os oitenta são os anos da impunidade. Nosso país é o assento de uma monarquia absolutista na figura grotesca deste presidente. A debacle deste quinquênio maldito está conduzindo o país à perda das reservas morais e econômicas e pior do que isso, a uma grande desilusão, porque não surgem expectativas perante o poder onímodo do governo. Escassamente se veem alguns estudantes manifestando. Se até o ouro do país estão leiloando! É sombrio o panorama, a estas alturas, nem a metade dos habitantes tem a capacidade de cobrir suas necessidades básicas,

estamos sobrevivendo e os serviços públicos não funcionam e a assistência social é uma vergonha, com a desnutrição, a hepatite, o paludismo e até a AIDS fazendo estragos, a educação vive numa crise permanente e não há poder algum, divino ou humano, que influa no governo para que acometa a reforma do Estado, este se transformou no governo, e agora está constituído por uma cáfila de patifes com atitudes onipotentes, que nos olha aos cidadãos comuns com olímpico desprezo. Aqueles que não temos quotas de poder passamos a ser marginais. Eles, os donos do país, dão-se ao desfrute de falsear a verdade através dos médios, comprando-os e coagindo-os, elogiam a pombinha e ela expulsa locutores, amordaça a imprensa e a TV, e os médios não fazem mais do que dizer ao povo que tudo marcha às mil maravilhas. Alguns estudantes têm alçado a voz, certamente, por isso o governo fustiga as universidades. O reizinho com a sua pomba alimenta às plutocracias infetas que desejariam o apoio dos entes pensantes do país, eles desejariam ter escolas elitizadas e tecnocráticas domadas e servis para realizar seus projetos e terminar de afundar à nação num pântano.

Lucídio escutava o inflamado professor Navarro pensando que definitivamente não irão comer, porque o mínimo que poderia ganhar Crisanto era uma congestão. O pesquisador zuliano, aspirante à Reitoria da sua universidade então escutou o deputado quando ele lhe perguntou.

— Outra limonada com amargo de Angostura, professor?

Ele a pegou nos braços e ela acariciou seu rosto. Com um dedo percorreu seu nariz até que chegou a sua boca. Ele sentiu o calor das suas mãos. Ela apalpava suas orelhas e foi se adentrando nos seus cabelos, apoiando-se no seu ombro, encostando sua cabeça e daí levanto sua mirada. Ele olhou seus olhos muito grandes, suas pupilas dilatadas muito pretas e passou os braços ao redor da sua cintura. Então ela murmurou. Te amo tanto. Ele a estreitou carinhoso e lhe respondeu. Natica minha, te amo

Natália, te adoro Natasha e buscou seus lábios com avidez...
*Para darnos el más dulce de los besos, recordar de color son los cerezos, sin
hacer más comentarios*

Branca pomba. Quatromil milhões e meio de bolívares e o Ministério da Saúde não pode dizer à Procuradoria o que tinha sido deles, onde estavam, ou seja, quem tinha surrupiado essa rumadegrana! Se esfumaram, se volatilizaram, foram manducados! Ninguém respondeu. Mas, o minguido está no seu auge, nos hospitais e ambulatórios, medicina não há, gases? Algodão? Não há. Mercurocromo e gesso? Não há, e isso? Tampouco. Os centavos vão sumindo, alguns os levam para Nova Iorque, outros mais chiques vão para a Suíça, a caminho dos bancos do exterior, todo o dinheiro do país está escapando. Sinhá Carmela num pratinhodelatão deitou meu pouquinhodecurau, eu lembro porque tava pralambeosbeijo como se em vez de coco tivesse ralado ambrosia e eu consegui meu pauzinhodecana. Dona Luiza veio então e contou o conto de sinhá Carmela que mastigatabaco e não tem dentes. Eu me lembro bem dela com aquele pano na carapinha, ralando o coco, o leite pra muquecadecurvina, e na casca metendo a coisa para que o papo de anjo fique daquele jeito, e dona Luiza sem atentar para a pássara pintada, que paradinha no verde limão, baixava pro quintal e implicava com o mutum todo santodia, depois ficava sentada, tranquila, agachada, deitada, a pássara pintada embaixo do limoeiro. Lembro da figura gordona de Carmela escarranchada, chocando seria? Eu vou pra Majami diria agora, agachada estava, é muito fácil, vejam, mijozinho vai, isso nos disse! É assim como me lembro e nós ficamos pensando, como será isso de que foi ao mijolão? Da noite pro dia as coisas se transformaram. Se é pela dor de dentes, cê já sabe, em vez de passar iodofórmio ou iodex como na caxumba, agora cê vai pro Jiuston, só os que podem, como você, depois da sexta se dão esse luxo, bom, para alguma coisa serve ser político, ou banqueiro, ou fiadaputa, ou até gerente, sócio, quer dizer! Não? Cê quanto tirou quando o rolo aquele? Porque você tá o

tempo todo em Orlando, desfrutando com Mickey Mouse! Cê de inocente não tem um pingo e vem pra cima de mim com a perguntadeira! Sei lá o que é essa parada, cara! O Friday, o fritey dizia-me ele e eu pensando que era um trem relacionado com a frigideira, e eu diz que, cê tá falando da sexta esportiva? Ou do Friday aquele? Do governo passado? Qual é, bicho! Nós tiramos a grana pra chuchu, lembra, cê sabe que não somos otários, por isso estamos okay. Se é católico, pode ir pra Nova Iorque. Apesar da viadagem com esse negócio das loucas? A peste? Ogay! A receita diz madeira e pregos na quantidade suficiente, caixãozinho e pro degredo se você se decide. Mano pra essa *orbe* neuiorquina vão os artista ver *tiatro*, museus, exposições, é cultural, é, sei lá! Legal, vão as delegações, os chiques e uns quantos políticos que eram pédechinelos, mas você sabe, parça, são do rebanho dos novos ricaços venezuelanos, felizes amigos e familiares de Ali Babá. Entra no sugüey broder é superbacana! Mas carinha se determina que cê tá variando! É que na casa do partido me disseram que falara com ela, com a rolinha, que lhe tocasse o ponto à pomba do Escula, que pedisse uma consultadinha. Ahá! E eu não te disse pra te cuidar, pra não sair com partidos. É que o partido apoiou o reizinho, por aquilo da pombinha, sabe? Depois do furdução na universidade e nem te conto o de Mérida e até Maracaibo! O povo na rua, protestando, pela fome e as necessidades que estão passando e o governo mandando pau e gases lacrimogêneos e perdigotos pra todo mundo e chamando eles de ultrosos, narcoestudantes, desestabilizadores, conspiradores e outros brilhantes adjetivos qualificativos. Desses que cê sabe... Enquanto os sindicalistas, com o bafafá do povo esfomeado andavam percorrendo as ruas e disseram rapidamente, nós também queremos nos checar, branca pomba, fazer-se uma checadinha? Desejam um chequinho? Tá na cara, a eles mais do que a ninguém cabia esse direito. Há muitos que estão voando baixo, batendo asa, suspeitos, será que funcionam com um pozinho? E branco, a cor do partido, o da pombinha? Currucurrucú, pozinho branco? São baitolas, de gentil plumagem, parecem estar em algo da

narcolavagem, cucurrucú, bad milk! Mas, me diz, cê conhece algo mais branco do que o leite? Apesar disso tudo e do outro, apesar do borogodó que via se vir existia muita gente falastrona que só ficava o tempo todo dizendo. Caraio, a pássara pintada vai ficar na pior! E o senhor Monroe que não tenho certeza se era primo daquela loira, cê sabe, aquela da saia que o vento levantou, naquela comichão toda do sétimo selo apocalíptico, que era o mesmo ano quando todo mundo andava tocando lhe Raschmaninoff. Sergei é como você chamava? Olha e me diz o que lhe tocavam? Besta! Interpretando-o cara! Bom, cara, imagina que o senhor Monroe escreveu sua doutrina numa folha de parreira, que acho ele tirou da sua prima quando estava pousando para o almanaquinho aquele, superboa estava, ela, não se via ela mesma porque era míope, mas, o caso é que na propaganda que davam com o calendário, o horóscopo, a carta astral e essetremtodo, essa da letra miudinha que estava na parte de baixo, na inferior, do almanaquinho me refiro, viu? Com aquilo das pílulas do doutor Ross e o tricófero de Barry, aí num pedaço de pergaminho simulado dizia “América é para os americanos”, mas todos sabíamos que se referia aos ianques, e a gente lia aquela embromação e lógico que pensava em Monroe, porque ele ficava com aquela tapeação subliminal, macluhiana, o slogan, cê entende? Sempre, Marylin e as plantas! Não criatura, não dos pés, aquelas da te vê, na tela, sim? Bom, essas repartindo slogans, come, bebe, experimenta, usa e o primo da míope Marylin desfrutando à beça, do Alaska à Patagônia e parte da outra nas Bahamas, a ilha Cayman, ou era nas Malvistas? Nem sei mais. Como ficaria Simão Antônio e seu combo? O matter não importava, pra frente com o enterro. Estar na crista da onda, esse era o jeito, ou seja, o bussines, a pitança se você quer. O que é de cada quem. Por isso era aquilo da colher e a botija e a panela de ferro com sua raspadura, que vinham os pedaços com os restos do curau. Velhacos! Rasparam a panela até a borra, a bosta? Não cara, nem bosta nem bufufa, a saburra do curau, até isso levaram. Calcula você como seria a raspadeira. Cê sabe o que é bem fodido? Polir o ferro até deixar ele tinindo. É de lascar!

CAPITULO VIII

*Ajudava tamanha corrupção a decadência e abandono da reverenda autoridade da lei;
em parte porque muitos dos Ministros e Executores
da justiça jaziam enfermos ou tinham sucumbido por causa da peste*

BOCCACCIO, Decameron



Desatara-se uma violenta campanha pela imprensa faltando menos de um mês para as eleições da Reitoria. Nos jornais de Zúlia e nos da capital se assinalava o perigo da chegada do professor Crisanto Navarro à direção da máxima casa de estudos do ocidente do país. A imprensa e a TV não aceitaram as críticas que o professor fizera sobre os médios a propósito da passiva atitude deles perante a crítica situação do país e a bagunça do governo. Volta-se a falar nos experimentos em pobres indígenas feitos pelo Instituto de Patologia Tropical, especula-se sobre conexões com Cuba e com Nicarágua, fala-se de desestabilização, levantam-se vozes que assinalam o perigo da subversão. Crisanto não cala, agora declara sobre a CIA e supostas ligações com o narcotráfico. A imprensa expectante abriu uma fase de silêncio.

Quando Crisanto Navarro soube que uma Comissão do Ministério chegaria de manhã, nunca pensou que ela viria presidida por Karlhans Mengiles em pessoa. Estavam Natália e Emígdio na Direção no preciso instante quando a secretária apareceu pela porta para informar ao diretor que os visitantes do Ministério tinham chegado. Pela porta entreaberta, Emígdio pode ver a figura de Karlhans no fundo do corredor. Aproximavam-se caminhando. O homem vinha à frente enfiado num paletó azul marinho com listinhas brancas, vestia uma gravata preta e parecia desfrutar de um ar de superioridade inconfundível. Emígdio voltou ao escritório de Crisanto para lhe informar quem era sua visita. Natália e Emígdio saíram da sua sala quando Crisanto lhes pediu que o acompanhassem durante a reunião. A Comissão entrou. Depois das apresentações de praxe tomaram assento. Eram seis indivíduos, três deles estrangeiros, funcionários da OSM e da IPHWO, os demais eram gente ligada à Secretaria do doutor Mengiles. Karlhans ostentando

o perfeito sorriso da sua prótese, logo foi diretamente ao assunto. Autorizado formalmente pela OSM, mostrou para o doutor Navarro suas cartas credenciais e depois os documentos certificados nos quais se lhe informava a decisão oficial de suspender totalmente a ajuda econômica do estrangeiro para o Instituto de Patologia Tropical. Essa resolução adotada pelo Organismo Internacional era lamentável, já que desde o momento inicial da criação do Instituto, o aporte maior para os trabalhos de pesquisa provinha da Organização Mundial da Saúde e era esta Corporação precisamente a que respaldava quase todos os projetos de pesquisa em curso. Aquela decisão numa carta cheia de carimbos e de assinaturas vinha diretamente da Secretaria Central em Washington. O doutor Navarro estava estupefato. Os documentos eram autênticos, sem dúvida. Toda ajuda tinha sido cortada e era o doutor Mengiles precisamente quem tinha o “penoso dever” de informar sobre essa decisão ao cidadão diretor. A prestigiosa instituição universitária ficava desde esse momento num desamparo total para continuar seus trabalhos de pesquisa. Crisanto não permitiu que o pitoresco personagem terminara sua exposição. Não quis escutar as explicações que lhe colocava Mengiles para justificar a decisão da OSM, e muito menos quis aceitar nenhuma possível via para chegar a qualquer arranjo. Não vejo nenhuma possibilidade de um acordo conciliatório, disse, e um momento depois compreendeu que não suportaria nem mais um segundo a presença daquele emissário no recinto. Crisanto enfurecido só se conteve uns instantes para lhe deixar saber que tinha importantes cartas na marga. O desafiou, ameaçando com o denunciar em breve prazo e lhe lançou quase a gritos que o desnudaria perante a opinião pública. Emígdio acho que aquilo era uma bravata de um jogador inexperiente e era muito perigoso, mas Crisanto exaltado já não se deteria. Então o desafiou a revelar ante o Ministério e em público a verdade de seus projetos pessoais no Guasare e na Guajira. O acusou formalmente de atropelos e genocídios, de ser um agente da CIA e insinuou que já conhecia todas suas supostas conexões com o narcotráfico, sem esquecer

de mencionar o assunto da sua cumplicidade com os “felinos” de Altimari e o nome de vários dos testas-de-ferro das fazendas da região do Paso do Diabo. Emígdio escutando seu amigo estava convencido de que aquilo era um erro tático, ou possivelmente uma tremenda mancada. Como lhe acontecera a ele mesmo em Caracas, Crisanto tampouco pudera se conter ante a petulância de Mengiles, mas ele não tinha dado com a língua nos dentes... O doutor Navarro era demasiado explosivo, talvez precisava temperar-se mais, atuar como um político. Tinha descoberto suas cartas. Natália, mesmo com temor sentiu uma felicidade incrível vendo o rosto de Karlhans Mengiles se contraindo, mudando de cores até ficar quase como uma berinjela, no momento de sair da sala, expulso. Fora! Cambada de parasitas corruptos, gritou-lhes Crisanto Navarro. Então, eles saíram e ele olhou para seus colaboradores e amigos e lhes disse: Porra, meus amigos! Alea Jacta est. Emígdio levou as mãos à cabeça e apenas lhe perguntou. E agora corremos ou ficamos?

Sem olhar para trás, vou desesperadamente escorregando entre a lama e as crateras, rachaduras, buracos imensos produzidos pelo fogo do obus, descende do céu, me aferro, mas deslizo e escorrego até me ver caindo numa profunda vala e me digo que em tempos de guerra qualquer buraco é trincheira. Dali vejo se aproximar ameaçadora as garras férreas dos tanques de guerra, monstros de aço com seus chiados metálicos, chirriados crispantes, *sólo pido a Dios cuando yo muera...* aproximam-se cheios de rebites... *en vez de una oración sobre mi tumba...* o último de nós cai de bruços no buraco, ao longe retumbam canhões antiaéreos, é uma fossa e caíram de cabeça, os companheiros que o habitam, adeus meninos, jazem desventrados, eviscerados, cascatas de sangue fluem formando um pequeno lago, manancial vermelho, mata-pau. No pátio da casa procuro com afã a figueira e sua sombra protetora, cheiro a chuva que se aproxima, pequenos fios de água chegam até o charco num crescente, cheio de detritos, gostaria de escutar o coaxar dos sapos, ver as libélulas dançantes,

sentir gotas de chuva, não consigo. Só há despojos humanos, morrer é nascer, o nacionalismo egípcio, os tanques estalam, os canhões de longe. Que ridícula situação é esta! Envolvidos numa fumaceira pícrica que nos afoga empeçonhando o ar, morrendo de amor, fumaça cinza esverdeada, redemoinhos amostardados, se hei de morrer em Madri que me enterrem em Sevilha! Entre a névoa cinza vejo meus companheiros, vêm se aproximando, cada vez os vejo mais nitidamente, movimento-me uns milímetros, depois centímetros, não desgrudo da arma, nem doido! Sinto como respiro rapidamente, há um vazio, um silencio total, de segundos, momentaneamente. Eles vêm reptando entre o lodaçal, emergem da linha mais afastada, do limite dos arrozais, saltam respingando lama e sangue afundam nos poços de água turva, chapulham e não chegam. Vejo como se criam e se multiplicam os círculos concêntricos com qualquer faísca. Camilo está morrendo, viro e percebo esse odor crispante, penetrante odor, ainda estrebucha e se produz uma grande bolha iridescente, reflete seu rosto todo e cresce y cresce na sua boca até explodir em respingos sangrentos. Posso perceber o hálito metálico de sua estertorosa respiração e me ocorre que é pela metralha, pelos estilhaços da granada, terra sonhada por mim, húmus férricos, é o que resta de Camilo, plantação adentro, camará. Depois dos Camilos veio Ernesto e não terminam de me convencer com suas explicações. Penteados de perfil, todos eles. Sim, vem chiando, como doidas, viaturas policiais, históricas, ambulâncias queixosas, carros de bombeiros ardentes, canis raivosos, ululantes, alucinantes. Aproximam-se gemendo, se não fosse pelo peso das armas que carregam, legítimo stanless steel, dir-se-ia que são animais. São o inimigo e isso basta, bestas, são os contrários, os contra, rios me impedem de sair da minha guarida. Chegarei à meta? Revolucionários, rios de sangue, quantos planos se frustrarão? Ao meu lado vejo sua cabeça cheia de caracóis com coágulos de sangue preta, ressecada, é Nicolás? Ressaca espumante, Emígdio e Natália. Tudo se obscurece, talvez será Lucídio? Como o famoso Chacumbele, ele mesmo se matou, caiu sobre ela, granada, terra ensanguentada,

a fumaça e o cheiro e novamente as bocas de ferro vomitando chumbo derretido, é fogo que enegrece a madeira esburacada da grande porta, triunfo seguro, a reitoria, chumbo e chumbo, pêndulo, relógio, não marques as horas, os canhões vão se tornando brancos, empalidecem de tão vermelhos, brancos e querem me dizer vermelho para me exorcizar, baboseiras, não conseguirão, vermelho até se fazer incandescente e o trepidar constante, ininterrupto, interminável, até quando, chumbo e chumbo, dormir, morrer, descansar, *que digan que estoy dormido*, que murmurem, *si muero lejos de ti*, não me importa, digam o que disserem, os demais. Reiniciaram a cusparada, rratratratátá, desce o fogo dos obuses, *si tú mueres primero yo te prometo*, este não é o momento? *Con tinta sangre del corazón!* As luzes da vitrola flamejam frente a Emígdio que ri a gargalhadas, latejam espasmódicas, vermelha, verde, azul, acende amarela, desliga-se magenta, lateja vermelha, eu, cacete, *yo la quería más que a mi vida*, é ele que me conta, será que a perdeste para sempre?, você também. Ela vem daquele canto, por trás da curva elevada no caminho da minha adolescência, estudantes? Não me interessam esses retornos, por isso busco a morte? O sangue corre, desenhos de moiré violáceos, flui morna. Como era sua pele? Calorzinho, embaixo de seus longos cílios, sua mirada, não volta, frio, solitário, sem poder sentir nada, não há dor, insensível, esse aroma vem com ela, aproxima-se... Agora penso que é a avó, escuta-se o frufu do tecido de seu saião, envolto no seu perfume e na boca percebo o gosto da Emulsão de Scott, mamãe, vovó, vem o homem do bacalhau, um purgante delicioso você vai melhorar, deve ser de noite porque não enxergo nada. *Noche, muere junto conmigo...* Crisanto acordou sobressaltado, estava suando.

Ele espera ansioso a chamada telefônica. Está sentado, afundado, quase enterrado na sua poltrona cheirosa a couro. Ensimesmado no aroma das suas cavilações. Nessa hora da noite já seus pensamentos são sombrios. Aspirando o perfume de seu Martini

recém preparado, ele observa o reflexo da cúpula do abajur de chão e como se multiplica nos cortes do cristal entalhado na sua mão, com uma azeitona submersa, ele sabe prepará-lo, bem seco, submersa? Mergulhada, verde, em ocasiões punha uma casquinha de limão, solitária, oliva, como ela, Griselda? Verde oliváceo, no mato, azeitona se afogando? Verdes são as esmeraldas, ou as esperanças? Não pode evitar estar invadido por um estranho desassossego, prenhe de pressentimentos. Sorve lentamente e retém o líquido antes de tragá-lo. Não lhe chegam as lembranças, acaso vive uma confusão? Possivelmente, talvez tudo se deva à concentração de sua atenção. Então, ele desvia de novo a mirada para o telefone, é leve, moderno, de um tom creme, chamam de bege, não sou preto sou bege, isso costumava dizer em seus dias de juventude marabina, pura brincadeira, sob o sol, gozação, mangação constante, o aparelho é digital, ele estende o braço e o toca. Está convencido de que a vida do professor Crisanto Navarro dança na corda bamba, sente o perigo iminente. Tudo fora tão sequencial nos últimos dias, como um pesadelo, o fim se presente próximo.

O rubicundo filho de Esculápio, com seu sorriso estereotipado, disfarçado de Deus Baco, pela gordura, obtuso e concachaceiro de partido, ia na frente de uma rumba mitológica. Diz-me, tu sabias por acaso que Mercúrio... O que tem asinhas na cachola? Sim esse, mas não me interrompas. Não, é que ia te perguntar se era da família de Cromo. Besta! Vai cristão, deixa eu falar! Ahá! Bom, vê, imagina que Mercúrio era puxa saco de Zeuss... Zeuss é o mesmo Presidente Júpiter, verdade? Porra, cara, queres me sacanear o conto! Escuta. Mercúrio era como eu disse o alcoviteiro de Zeuss e andava onde Vulcano, botando uns curativos nos seus pneus, os dele não, os pneumáticos, ok, então, a que não sabes o que lhe aconteceu? Imagina que se encontrou com duas cobras que estavam brigando, e ele que andava sempre com uma varinha de condão, pegoulhes e deulhes um toquezinho e as separou. Separoulhes? Vê, cara, puta que

pariulhes!, como a fada madrinha. Sim, tão doce e fina, por isso é que a varinha com as cobrinhas é o símbolo de Mercúrio. Eita, diacho! Quem teria dito? Por isso usam o símbolo e o mercúrio nos hospitais! Bom, eu não sei sobre esse troço aí cara, pode ser verdade, mas percebe, eu te digo que por isso Mercúrio é o Deus da paz, quem tem a vara e separa. Como um árbitro? Pouco mais ou menos, daí certamente sai aquilo de com a vara que medes serás medido. Isso não tem nada a ver com o Rei Midas? Não, esse era outro Presidente. Esse também gostava de ouro, ora bolas! Pelotas de ouro? Já entendo, já, são as bolas, e me diz, os que medem, não são os juízes? Mas que coisa cara, tu és chato! Pentelho não, eu só estou perguntando para esclarecer essa joça! Está bem, percebe cristão, por acaso tu sabias que Mercúrio é o Deus dos médicos? Não? Ahá! Tá, te peguei no pulo! E me diz, sabias que Mercúrio também é o Deus dos comerciantes e dos ladrões? Dos ladrões? Sim senhor, paraquesaibas. Porra, isso sim é uma novidade! Isso parece uma interpretação mitológica dos fenômenos da história contemporânea. Sim, isso é quase como uma solução pelo alto e com asinhas nos pés de um problema daqui, de por baixo...

A mansão do deputado está em penumbras, escuta-se o canto agudo das rãs pálidas, frias, pegajosas, aderidas às folhas. Assobiam. Não é cucu nem croac. É um assobio sincronizado, sai das plantas ornamentais, embaixo das folhas, entre as pedras do jardim. Não é tão tarde ainda. Centenas de livros enchem as prateleiras. Alguns ele nem folhara. Repousam por trás dos cristais bisotados, forros de couro, livros em encadernação rústica, textos de consulta. Fecha os olhos e sorve outro trago do seu Martini. Tanqueray e Cinzano seco. Suspira. Uma olhada discreta no seu Casio e este desaparece de novo sob a manga do seu blazer azul marinho. O retinir é estridente, mas ele prefere deixá-lo tocar um par de vezes. Então tudo fica suspenso no espaço, retém a respiração e o silêncio o afoga quando levanta o gancho. É a voz da sua filha no telefone auxiliar do segundo

andar. É para mim, paizinho, diz-lhe Marisol. Está bem, já desligo, responde ele. Fica em pé para pensar que nas circunstâncias atuais pode ser que tenham o telefone interceptado, grampeado, seguramente o estão gravando. Nada é de se estranhar nesses tempos, tinha visto tanta rasteira nos últimos meses reafirmando, sem dúvida, a ilimitada capacidade do governo e seu aparato policial e parapolicial supersecreto, expertos nas patifarias mais inverossímeis. O doutor Lucídio Soto, deputado do Congresso Nacional, jornalista, político hábil, escritor de contos, recentemente advogado da República, saboreia seu Martini seco e considera seriamente a situação que os mantêm ao borde do despenhadeiro. O professor Crisanto passou da conta com sua denúncia. A claridade de suas ideias é pristina, mas sente que seu velho amigo está num mato sem cachorro, em um fica-e-vai complicado, ele tão somente espera a ligação confirmatória. Com toda suavidade levanta o gancho do telefone e escuta a voz de Marisol no momento mesmo quando ela conclui uma interjeição. Uma palavra nunca antes escutada em boca da sua filha. Agora é a amiga quem fala. Lucídio crê reconhecer a voz de Malu, a garota dos olhos azuis, a do Mustang dourado, a das calças apertadinhas... “Passamos super legal com Budy e Yenny, e saímos com os rapazes do Fogo Vermelho, aqueles da outra noite, em Nova Iorque, lembra? Foi superbacana, estava Oscarzinho, cê sabe, menina cê tem que lembrar, aquele gigante tesudo. É mesmo? Agora é Marisol quem fala, sua voz parece estranha ao telefone. Não me diga que você pegou ele? Ele é um tesão, mas, olha, quem me deixa bamba é o ruivo Donald, ele tá demais, não é? Sim Mari ele é super joia e tá bem gostoso, quer saber? Tá um docinho cara, ele é um amor, imagina que o outro dia saímos e a Sussy ficou com aquele lenga-lenga de sempre, dá pra crer que deu pra trás? Você sabe como ela é enrolada, aí começou, que se vão se inteirar, que se na minha casa, cê sabe, quase nos caga a parada. Mas menina, pasma, ontem vi o Julinho e fiquei chocada. Oh surprais! Me diz o que você fez com ele? Menina, você vai morrer de rir, mas você não sabe que eu e Júlio terminamos outra vez! É que, caraca!

Você imagina, brigando todos os dias. Horrível! Bom, acredita que ontem saí com Mike e bom, cê sabe, ele é legal, aliás, super legal! Bom, acredita que aconteceu o que aconteceu e foi, uau! Ele é, bom, era inevitável, é, menina, succulento. Imagina que primeiro conversamos pacas e agora sei como o Júlio é galinha, escuta essa, como se eu não soubesse do seu peguete com a Karina, o próprio Mike quis me contar a fofoca, que loucura, que porra ter de saber por ele mesmo, caralho! Você entende, amiga? Ele me disse e eu, porra, que merda, ou seja, grande cagada menina! Depois nos olhamos e, pronto, que mais podíamos pedir, rolaram uns pegas, o cara tá pra lá de bom, gostei mesmo, é bem atrevido e haja tesão. Você sabe que o taim todo eu fico de saco cheio em casa, ou seja, mais entediada que uma ostra, então agora aproveitamos qualquer momento, porque cê sabe que aqui é uma amolação com o coroa, sempre aquela caretice de ordem e respeito, sempre a mesma nota furada e bom, ainda bem que sempre anda no Congresso ou fazendo seus negócios raros, você imagina o que é ter que aguentar essa pentelhação? É de torrar a paciência, pô! Por isso eu fujo para a beach assim que posso e consigo ficar bem legal e ter um bronze incrível, puro sol, amigos pacas, bem maneiros como os windsurfistas da última vez, cê lembra? Hahaha, apesar das suas queridas pranchas, cê sabe, com você ou com a Jennifer sempre é legal e vai nessa, passamos ótimo, ou seja, com o fora que dei no Júlio, acho que com Mike estou agora super joia! ... Com um tremor de estremecimento, Lucídio, pai, xereta, bisbilhoteiro, curioso, atônito, coloca o fone no seu lugar e senta deprimindo seu espírito contra a almofada de couro de sua poltrona, afundando novamente no assento até quase querer desaparecer. Está sentindo uma combustão interna, uma onda de calor que arrebenta em suas orelhas e avermelha seu rosto como se tivesse sido esbofeteado. Leva uma mão ao peito, um potro disparado galopa, golpeando-lhe o tórax, inflamando-lhe o pescoço, martelando-lhe as têmporas, contrai suas mandíbulas até escutar o estalo de seus dentes e sem o desejar percebe como tudo fica turvo porque seus olhos estão enchendo-se de líquido

e já nem distingue o copo de cristal entalhado com a azeitona dentro. De um só golpe engole todo o seu conteúdo e com o dorso da mão limpa a boca e percebe um par de lágrimas, experimenta-as e comprova que são salobras ali na comissura de seus lábios. Pensa em Griselda. Nessa hora, ainda não voltou da reunião com suas amigas. Jogar canastra! Diz a si mesmo sem deixar de olhar o telefone. Um pequeno monstro vivo, mas silencioso, com seu rabo retorcido... Parecia rir dele. Viu-o incandescente, sentiu um sobressalto que o levava ao pânico. Seu coração ainda em disparada girava a última curva e as coisas dançaram na escuridão, em meio a um aturdimento nauseante, uma agonia de não saber o que fazer. Crisanto não ligara e no instante mesmo de largar o telefone percebeu o convencimento pleno de ser ele próprio um grande fracasso. Um raciocínio lógico gritava-lhe dentro da cabeça... Você não merece ser chamado de pai, nem papai, nem paizinho, Lucídio estúpido! Você vivera iludido, não sabe nem o que acontece na tua própria casa, preto, você é um imbecil! Sua filhinha de dezessete anos tinha lhe espetado a farpa fatal que complementaria seu estado de confusão até o total caos. Era que... Ele nunca pensou... Essa conversação! Que significava todo aquele palavreado? Ela em casa não falava assim! Ele nunca antes a escutara dizer essas coisas... Por acaso ela era um subproduto do meio ambiente? Qual? Mas... E o carinho? E esse não lhe faltar nada, e o amor entre ele e Griselda? ... O amor pela sua boneca... De plástico? Ele, era ele o coroa. Talvez tudo era uma consequência de ter-lhe dado demasiado? E a educação tão esmerada? As freiras, o status social que tinha atingido para todos, em benefício de todos. Ele, o comunicador social, desconectado? Mal comunicado? Ele, o deputado, descobrindo terríveis falhas, dificuldades nos seus foros mais íntimos, seu sangue! Detectar essas coisas horrendas, todas baseadas na incomunicação, na sua própria casa, com sua própria filha! A desconheço. Pensou nisso e se disse que não podia ser... . Ia-se aterrorizando mais e mais, questionando-se, voltando e perguntando-se, onde estava ele? Ela era apenas uma criança, sua maior ilusão... Onde estava

ele e sua mãe? Ela, sua menina, a menina dos seus olhos! Era acaso possível que tivesse sonhado tudo. É que era outra pessoa quem falava pelo telefone? Não, não, porra, não! Isso era uma burla do destino! É exagerado que me aconteça isso a mim, e neste preciso momento! Talvez deveria ter morrido na selva faz muitos anos, num enfrentamento armado... Acontecer-me agora isso a mim, esta porra, ao bem-sucedido deputado! Golpe baixo! Decepcionante. Morto e enterrado lá nos Humocaros, em São Luís, na terra, como Pia, com a selva ao redor, as raízes se enredando nos meus ossos e a noite cheia de estrelas lá no alto. Percebeu o deslizar de uma lágrima escorregando pela sua bochecha. Uma opressão ascendia dentro do seu peito e chegava até seu pescoço, sentia como lhe atezava a face e como imobilizava sua mandíbula e pensou então desconsoladoramente que seria uma vergonha morrer de um infarto na sua casa degustando um Martini. Poderia ter terminado seus dias com as botas postas ou naquele hospital de Acarigua. Morrer de hepatite ou de uma congestão, morrer lutando com um Fal nas mãos, no descampado, falecer, que ridículo, numa mansão cheio de resignação... Com o arfar da sua respiração ia sentindo uma imensa tristeza, uma profunda aflição embebida todo seu ser ... Brilhante e estrepitosa ecoou a campainha do telefone. Ele pegou o fone de imediato. Era Crisanto.

— Todos os documentos te chegarão numa mala no teu escritório do Congresso, tenho mais provas das que você imagina, parto muito cedo para Maracaibo, retorno pela Carlota, se localizo Emígdio partiremos juntos, se não o encontro, diz para ele que volte ao Instituto. Amanhã à tarde teremos o Conselho Técnico definitivo para planejar a estocada final, o último ato está em cena, depois já te será fácil desmascará-los e expô-los ao repúdio de todos no próprio Congresso Nacional. Obrigado pela tua ajuda, um abraço, amigo.

Um click abrupto cortou a comunicação.

Sonhar não custa nada, isso mesmo disse a Comissão. A de Educação? Sim. Atraso de décadas foi o ditame. Pero Zeuss fechou o informe, botou em cima sua roliça mão, quase pata de elefante e closed! Disse-lhes, fechado está e tchau. Vão-se pro caralho! E mandou que fecharam o bico. Os escolhidos disseram então. Ai, e o que o senhor fará com ele? O informe não estava escrito em folhas de parreira, era um rolo e fizeram-lhe fotocópias e as colocaram para uso em todos os relógios d'água dos colégios e as concentrações escolares do país nacional. Todos os estudantes na privada respectiva, assim lembrarão de Zeuss. Nisso andavam no Monte Olimpo, quando Mercúrio, como um Joazinho qualquer organizou a briga. As do cabelo brilhante foram para o ringue, como o Grão Lotário, o do coque vermelho, Basil Batann, o anão negro, como o mesmíssimo Dragão Chinês e se não é porque a substancia se esgota nas boticas e o próprio mentol não se encontrava nem para remédio, o demônio vermelho teria controlado o país. Se o projeto tivesse sido aprovado pelo elefântico Esculapinho, a nação inteira até o teria considerado outro dos seus desmandos, ou talvez os tivessem elevado aos altares, aos dois, Zeuss e Mercúrio, ou seja, Escula e a pombinha teriam ficado ranqueados ou pelo menos candidatados para o hall da fama, quem diria Luís? Mas, que nada! Com os preços subindo, sem linfa antipestosa e gente esfalecendo, falecendo de peste pulgosa, morrendo de paludismo e de quanta doença transmitem os mosquitos, como a febre amarela, a dengue e até a peste louca! Mas, sobretudo, metade do país perecendo esfomeada! Era evidente, não restavam dúvidas! Se quem dirige esta joça não se condói da miséria das gentes, então, que podeis esperar? Esculapinho olhando impávido os corpos doentes, os pirralhos lombriguentos de umbigo saliente, doentes com diarreia, com as patas no chão enquanto a bilharzia se mete neles, os enfermos renais sem equipamento para diálise, as mulheres pobres com seus úteros cancerosos, órfãos vão ficando seus filhinhos, os aidéticos? Lá ocultos e aumentando, educação? Não riam! Não tem volta, imagina que em alguns lugares se tomas um golezinho de água, te pega a hepatite! Mas,

ora bolas, para quem tem grana na Suíça e a alma em Miami não existe na sua mente outra coisa a não ser seu benefício pessoal, isso, de épocas imemoriais, dizem para a gente, aliás, sabe-se, é o destino, é algo evidente, manifesto, os pobres morrem de fome, é por isso, a vontade divina, tanto indigente, e nada se pode fazer, em todo o caso, estão aí para facilitar a caridade, podem lhes rezar um responso, se têm como pagar... A saúde é importante, mas, não pode ser para toda a gente, só se se tem mufufa e se é indigente, se queres te curar, prafora, óbvio, tens que sair, entendes? Sabes que em Houston te fazem um baypasseio e em Boston te deixam como novo pro meneio? Para Miami, vais? Uns spas que te deixam supimpa e até na Alemanha, onde lhe costuraram a Don Cipriano seu fistulário, qualquer um consegue realizar seus mais caros desejos. Assim somos os chefes, chapa, os presidentes, os caudilhos, os gerentes e os filhoputivos, isso já o aprenderam os escolhidos, até os sindicaleiros quando dão uma de dirigentes, todos os parasitas periféricos da riqueza e do poder. Assim, a pássara pintada, paradinha no limoeiro, fica demais! Bom, ela bica e bica e pica até acabar com a coscuvilhice... Picando ou pecando. Pica pica, mano! Como as sardinhas?

Abriu os olhos às dez da manhã. Soube porque o primeiro que viu foi a esfera do seu Casio de quartzo que era super preciso. Olhando ainda para o pulso, escutou o retinir da campainha do telefone, e entendeu que era esse o som que o tinha acordado. Estava envolto no perfume doce do gim, fluía pelos seus poros, e um par de segundos depois de voltar a escutar a campainha pensou em Crisanto Navarro. Então se incorporou na cama. Tinha dor de cabeça e sentia areia nos seus olhos, acumulando-se entre seus cílios. Tomei a garrafa de Tanqueray eu sozinho. Pensou, estremecendo-se com as náuseas. Nesse momento, Griselda abriu a porta. Sua mulher era muito bonita, assim lhe pareceu, mas nesse instante só pôde pensar vendo sua face pálida e demudada que algo grave tinha acontecido. Organizou as ideias na sua mente e automaticamente lembrou da conversação

de Marisol. Bastou uma só frase da sua mulher para deixá-lo em órbita. Estão buscando a aeronave porque não chegou a Maracaibo. Maldição! Foi o único que lhe ocorreu dizer e com a mirada lhe pediu detalhes a Griselda. Ligou Emígdio Ferrer do aeroporto da Chinita em Maracaibo, e disse que voltará a se comunicar contigo em meia hora, parecia muito preocupado, pediu para te avisar imediatamente. Ele moveu negativamente a cabeça, murmurando. Mas, diacho! Lucídio ficou olhando a sua mulher e disse-lhe. Não pode ser! Emígdio estava ontem em Caracas. Como vai ter ligado de Maracaibo? Há um erro. Não será que você está confundida? Griselda lhe responde com suavidade. Não, meu amor, ele chegou a Maracaibo no primeiro avião da manhã, foi por Avenza, ele não viajou no jatinho. Quem não aparece é o doutor Navarro. Entende, meu coração. Lucídio, durante uns segundos, tentou organizar sua cabeça e imediatamente disse a sua esposa. Liga para a agência Venetur e pede para me fazer uma reserva no próximo voo para Maracaibo. Vou para Maiquetia. Griselda! Você não sabe como pode ser grave este assunto! Mas, agora, não tenho tempo para te contar. Quero também que falemos sobre Marisol, é urgente, talvez na volta você possa lembrar para mim, por favor. Pede para o Rufo tirar o Toyota Corola e que o ligue. Comprarei a passagem no aeroporto. Vou levar o telefone sem fio, se o Emígdio ligar me passa a ligação pelo celular, toma nota de tudo que ele diga e me avisa. Diz para me esperar no Aeroclube de Maracaibo. Tudo isso dizia enquanto se despia e tirando a roupa das gavetas do guarda-roupa, ia pulando, jogando coisas no chão, escovando os dentes e ligando o chuveiro. Fez a barba às pressas e entrando no chuveiro de água morna, disse a sua mulher com uma raiva contida. Filhos da puta! Tão certos como estávamos e a merda toda como que vai descambar! Agora é que vão saber quem sou. Malditos! O jato de água não permitiu que Griselda entendesse a enxurrada de imprecações que seu marido lançava embaixo do chuveiro.

Quinta feira 15:30 hs.

O deputado Lucídio Soto, em companhia de seus amigos, o Coronel da Guarda Nacional Helímenas Cardozo e o doutor Emígdio Ferrer, visitam a torre de tráfico aéreo no Aeroporto da Chinita em Maracaibo. Dados consignados no registro dos controladores de voo: Aeronave YVX-Z2 Cessna procedente de La Carlota. Chegada 7:45 a.m. Saída 8:30 a.m. Destino San Cristóbal, Edo. Táchira, com rumo ao Aeroporto de San Antônio.

Averiguação pessoal do deputado Soto: A declaração do pessoal do Aeroclube, que supostamente receberam e abasteceram de combustível a Cessna YVX-Z2, não coincidia com os dados assentados na torre de controle. O pessoal dos hangares e do escritório “não lembrava” de ter visto a aeronave descrita essa manhã. Só aparecia reportada às 10:30 a.m. uma Piper S-400 do Sr. H. Valbuena, procedente de Vila do Rosário. A essa hora, já tinha se declarado em emergência à Cessna, o que levava a pensar que o doutor Navarro supostamente não teria descido em Maracaibo.

Quinta-feira 16:00 hs.

Juntou-se ao grupo o Major Juan Garcia Chacon. Ele era compincha do Coronel Cardozo, os dois muito amigos do deputado Lucídio Soto. O Major Garcia estava encarregado do Resguardo em Carrasquero e conhecia em detalhe todo o pessoal de inteligência militar. Era um experto em logística de grande prestígio dentro da Guarda Nacional. Ele aparecera recentemente na T.V dizendo que a Guarda não tinha que se conformar com cuidar das fronteiras, mas que devia estar ao serviço das comunidades, encarregando-se, por exemplo, das polícias estaduais, porque essas davam pena. Comentava-se que o Estado Maior tinha chamado o Comando à atenção por tais declarações.

Notas manuscritas do deputado Soto, depois do interrogatório do pessoal do Aeroclube. “Neste momento, às 4:15 p.m., acabo de

escutar o relato sobre os helicópteros. Eram dois ou três Bell 222 e estavam artilhados, mas não pertenciam nem à Guarda nem à Polícia. O Major Garcia logo os localizou como pertencentes aos corpos de segurança do Estado. Este é um dado muito importante na averiguação”.

Mais notas do deputado: “Estes são informes dispersos, todos negativos, recebidos pelo telefone dos Ministérios de Relações Interiores e da Justiça. A Secretaria Presidencial: silêncio absoluto... Os Bell despegaram de manhã sem destino conhecido. Acabamos de confirmar esse dado. A informação sobre a ajuda solicitada pela aeronave Cessna foi recebida em Santa Cruz de Mara e de lá a radiaram para nós. É fidedigna. Devo acrescentar algo: encontramos uma nota no Serviço de Comunicações informando que a aeronave tinha feito uma solicitação de pista no aeroporto de Carrasquero, aparentemente não se reportou depois e nunca chegou a aterrissar”.

Quinta-feira 17:00 hs.

Lucídio se armou de paciência, segurou Telefito Sanchez pelo braço e o levou para um lado. Porra, Telefito, cê tem que me ajudar. Disse isso com tamanho desespero que possivelmente foi então quando o próprio Telefito se decidiu a abrir o jogo sem mais rodeios O deputado Soto o conhecia bem, dos tempos do rádio, locutando em Ecos do Lago e nesse então Telefito não era o velho aposentado de agora, quase sem dentes, cheio de rugas e fios brancos. Naquele então, anos atrás, Telefito era um dandy. Era o Fito! Um ser relampejante, com as mulheres era fulminante e com a eletricidade um gênio. Era um raiol! Radiotécnico e eletricista. O capitão maravilha o chamava Lucídio, que tinha se apegado a ele naqueles dias da sua vida, quando ele estudava jornalismo na universidade e andava querendo aprender tudo que tivesse a ver com o rádio. Aquele meio lhe interessava, era seu primeiro trabalho sério e ele lutava por se impor como locutor. Ele era um estudante modelo e apesar de Telefito ser um farrista, que não quadrava com a seriedade

do jovem Lucídio, eram muitos os conhecimentos que tinham intercambiado mutuamente. Curiosamente, não se viam desde essa época remota no fim dos anos cinquenta. Agora, Telefito acompanhava Lucídio no assento traseiro de um automóvel e era necessário escutar o que tinha a dizer. Mas o homem estava taciturno e silencioso, mesmo quando, com as janelas fechadas e o ar condicionado, o carro proporcionava certa intimidade que deveria facilitar as confidências. Lucídio ia ao seu lado. Dirigia seu Malibu o doutor Emígdio Ferrer. Os três homens estavam tensos. Meia hora depois de rodar e rodar, entre a Canhada e Ancon de Iturre, até que enfim! Como o Don Rafael do folhetim radial, Telefito falou. Então, já decidido, Telésforo lhe comentou.

-Com uma só condição, com uma só e única condição. Não serei testemunha de ninguém. O que eu diga é só para vocês e fica entre nós, eu estou já muito velho para cair em besteiras. Eu tenho mulher e uma réstia de filhos pequenos ainda e tenho que responder por eles, não é mesmo? Bom... Eram as sete e pouco da manhã quando apareceram os felinos. Eu os vi da secretaria do Aero clube, olhei pela janela e vi como saltaram de um caminhão e de uma caminhonete pick-up, pareciam os “suats” da série de televisão. Eu os vi clarinho e com eles vinha o comissário Altimari. Todos estavam com roupa de batalha. Eu os conheço bem porque ele aparece a toda hora no Aero clube com um monte de gringos. Bom, e quem não o conhece? Eu não sei, mas o comissário Altimari voa muito para umas terras que tem no distrito de Mara, eu acho que é assim. Bem, estava-lhe dizendo que os felinos com Manuel Altimari se esparramaram por todo o Aero clube, estavam armados até os dentes. Uns entraram correndo, ou melhor dizendo, trotando, aos pulinhos como os caçadores de um batalhão, chegaram até o hangar onde estavam os dois helicópteros prontos e eu pensei que iriam em comissão nos Bell do SAI. Isso acreditei eu, mas não foi assim... Nesse instante a Cessna vinha entrando na pista e eram exatamente as 7:45 da manhã. Quando a aeronave chegou no hangar principal, eles caíram em cima. Altimari e uns dez homens armados com

metralhadoras rodearam a Cessna e saiu o piloto no cagaço com as mãos na cabeça, depois tiraram os três passageiros, um deles era o doutor Navarro. Ele é candidato a Reitor da universidade, eu o conheço bem, sim, era ele e eu pude vê-lo com toda clareza. Eu vi tudo e prestei atenção porque o doutor não queria entregar uma pasta que trazia na mão, era de couro e nesse rolo estavam quando entraram no hangar e não pude vê-los mais. Eu fiquei na secretaria, caladinho porque estava bastante assustado e me escondi. Logo, quando senti o raka-raka dos helicópteros voltei a olhar e me pareceu ver o professor, ia com Altimari rumo a um dos helicópteros, ele e um cara estrangeiro de cabelo ralo. Antes de subir pararam para falar por um momento, dava para ver que o carequinha não era daqui. Também entrou no helicóptero com eles. Entraram mais de quinze homens, dos felinos, bem armados eles... Ah, bom! Depois a Cessna com o piloto e cinco guardas felinos carregou combustível e também se foi. Saiu como as oito e meia. Eu sei que ninguém vai dizer nada. Eu digo para vocês, mas não digo em público nem cagando. Nem doido que fosse! Eu te conto isso Lucídio, deputado e tal, mas não tanto porque fomos amigos na época de Ecos do Lago, eu o faço mais porque tenho um filho na universidade, estudando medicina e ele me fala muito do professor Navarro, ele o admira, tá. Ele me diz que Navarro vai ser um ótimo reitor, e bom, me deu uma raiva muito grande quando vi como o levavam e como o trataram. Antes de o enfiar aos empurrões no helicóptero, o golpearam, já o tinham feito para tira-lhe sua pasta e o algemaram com as mãos nas costas. Assim subiu... Eu queria que escapasse dessa, para que os denuncie, para que o elejam o novo Reitor da Universidade. Meu filho estaria feliz. Agora, já não sei. Quem sabe?

Quinta-feira 17:30

A Guarda Nacional obteve de seu Serviço de Comunicações do Resguardo em Carrasquero a informação fidedigna sobre os helicópteros Bell 222. Estão alugados pelo inspetor Altimari.

Junto a isso, a mesma quinta-feira obteve-se também a informação radial do Resguardo da Guarda Nacional em Carrasquero, transcrita pelo deputado Soto da seguinte maneira: *A aeronave Cessna e o helicóptero Bell artilhado aterrissaram em Pueblo Abajo ao meio-dia. Isso foi confirmado pelo aeroporto local. Desconhece-se o rumo e paradeiro atual, já que decolaram um par de horas depois.*

No aeroporto de Pueblo Abajo se recebe a notificação da chegada, por avião ou helicóptero, do Major Chacon e do Coronel Cardozo, com um deputado e outras pessoas, que investigam o desaparecimento da aeronave Cessna, onde se acredita ia o candidato a reitor da Universidade de Occidente.

Quinta-feira 19:00

Recebe-se informação radial não confirmada sobre explosão nas montanhas. Um despacho de Carrasquero avisa sobre rumores e algumas notícias de boca de camponeses do lugar, sem precisar o local. Eles falam de uma explosão numa das serranias dos Montes de Oca. Acredita-se que a Cessna pode ter caído em algum lugar da Serra de Perijá.

Obscura e silenciosa, chega a noite. A espera é infinita e tormentosa para aqueles que a vivem no lugar. Como em rajadas, o pensamento de Lucidio voltava para sua filha Marisol. Sentia escutá-la de novo no telefone, ecoava sua vozinha dentro da sua cabeça. Que foda! Acontecer isso com Crisanto agora! Então ele olhou o doutor Ferrer, sentado entre seus amigos oficiais da Guarda Nacional. O médico falava pouco. O pesquisador da universidade, colega de ciência e de academia de Crisanto, seu velho amigo, estava pálido, triste e pesaroso. Brotaram-lhe olheiras num só dia. Pensou nisso e então Lucidio lembrou aquele dia, já fazia vários anos, quando o encontrou feito miséria num botequim na esquina do Guanábano. Parecia que num dia e ante

ele, Emígdio tinha se transformado num velho. Uma quinta feira interminável e maldita! Lucídio tentava não fazer mais conjecturas sobre o avião, melhor seria esperar. Então, voltou a olhar Emígdio. Não o vira comer e era evidente que estava muito preocupado. É óbvio, se disse. Sim, está desesperado, acho... Quando Telésforo descreveu o sequestro de Crisanto, então foi o momento quando Emígdio pareceu se derrubar, disfarçava, mas Lucídio o conhecia bem. Era como para perder toda esperança. O futuro Reitor! Pensar que tudo estava quase a ponto de bala! O pesquisador, o professor querido de seus discípulos, o amigo de ambos, o da fala incendiada. Agora... Desaparecido? Morto? Assim? Friamente. Antes de começar a briga? Agora, teria que se desistir? Não era possível. Bom, disse para si Lucídio, tentando resumir... Ele tinha muita mais cancha ou talvez casca, essa crosta dura que protege todos os de sua estirpe, bom para algo ele era um político! Deputado curtido, no fim das contas... Caralho! Mas, era um baque duro, era um golpe muito baixo. Pobre Crisanto! ...

Anotações feitas pelo deputado Lucídio Soto relativas à busca do professor Crisanto Navarro, na sexta-feira pelo território noroeste da planície de Maracaibo até Castilletes.

6:00 a.m. Saída em helicóptero para a região de Guasare. Sobrevoamos o curso do rio Limon, do Socuy ao norte de Puerto Abajo, rumo à Serrania dos Montes de Oca. Negativo. Sem evidências de acidente aéreo. Não tenho tempo nem vontade para fazer descrições relativas à região vista do ar.

8:30 a.m. Estamos sobrevoando a região do Paso do Diabo em helicóptero. O coronel Cardozo sugere rumar para o sítio *Bonança* e desceremos numa pista de aterrisagem que do ar se vê excelente.

10:00 a. m. O Serviço de Inteligência funcionou perfeitamente. Chepito Moreno proprietário do sítio é confidente do SIAF.

Os informes recolhidos assinalam o sítio El Carmelo. Sinto que estamos numa pista que pode ser de importância. Chepito aceita nossa proposta e nos acompanhará no helicóptero.

11:30 a. m. Estamos entre as montanhas da Serra de Perijá. Descemos no sítio El Carmelo, possui uma casa moderna com todas as comodidades. Pista para helicóptero e uma asfaltada para aviões. As cercas estão pintadas de branco e vermelho... Um colombiano e sua mulher são os únicos seres vivos do lugar. Seguimos em jipe para percorrer os potreiros. Escrevo na volta. Não se vê alma viva.

12:00 a.m. A fazenda está sozinha, mas o colombiano já amoleceu, com a persuasão dos expertos já está falando. O jeito não foi amistoso. A guarda tem seus métodos. Funcionam.

13:00, O Coronel Cardozo nos levou até o interior da casa e passamos a umas habitações com ar condicionado. O colombiano cantou direitinho. Foi num dos banheiros da casa e o Coronel nos informou sobre sua confissão. De há muitos meses, mas de quinze homens dos felinos com duas mulheres viviam no sítio. Altimari visitava a fazenda com frequência e tinha vindo a última vez o dia anterior (quinta), chegou num helicóptero e estiveram horas na fazenda. Depois todos os homens partiram de avião e helicóptero e por terra duas caminhonetes Wagoneer. Só ficaram o colombiano e sua mulher. Quando os guardas apertaram, o colombiano soltou o resto.

O Coronel Cardozo nos levou ao quarto. Havia um balde com papeis queimados e um cinto com as iniciais CN na fivela. Depois nos conduziu por um passadiço de material acartonado até um quarto sem janelas e esfriada por um aparelho de 26.000 BTUs. Vimos uma papeleira com mais papeis queimados, havia um monte de trapos sujos num canto. Uma mesinha com um rádio tipo minicomponente com várias fitas cassetes de salsa e merengues, estavam as Chicas do Can e Wilfrido Vargas... Havia manchas no piso. É sangue, informou o Coronel Cardozo. Já pegamos amostras, disse o Major Garcia. Cordas e arames

no chão de cimento polido, uma cama portátil de metal e um colchonete manchado. O Coronel o apontou e disse que detrás dele, colado à parede, encontraram um cinto do professor Navarro. A mulher do colombiano chorou o tempo todo e disse que ela não sabia de nada. No fim, quase às duas da tarde, o cara fraquejou e terminou de largar o conto. Levaram embora o professor, estava vivo, ainda, e pegaram o helicóptero.

16:00. Quando regressamos a Carrasquero, o rádio do Resguardo já tinha captado as notícias difundidas pelo Comando da Guarda em Maracaibo. Reportaram um roubo, possivelmente perpetrado por agentes do narcotráfico, que supostamente levaram um helicóptero Bell 222 pertencente à SAI e se presumia que voaram para a Colômbia. À última hora se receberam ordens de investigar a presença de um helicóptero com as características do aparelho roubado nas proximidades do Cotufi.

19:00. A localização do acidente é difícil de precisar, mas, tomamos uma determinação. Vamos nos deslocar para o lugar previsto amanhã sábado. Emígdio viajará comigo a Paraguaipoa e dali viremos rastreando por terra e ar até dar com eles. Todas nossas esperanças de encontrar Crisanto com vida estão se esgotando. Na realidade, estamos muito cansados e tentaremos dormir umas horas.

Notícia de imprensa aparecida no diário Panorama, de Maracaibo: “O doutor Crisanto Navarro, destacado professor universitário e candidato a Reitor da Universidade de Ocidente, Diretor do Instituto de Patologia Tropical, incansável lutador contra a corrupção administrativa dentro e fora da Universidade, cientista de renome internacional, assessor da OMS, colaborador da OPS, propulsor do desenvolvimento da região de Mara e da zona de localização das nossas jazidas carboníferas no Guasare, está desaparecido. O professor Navarro voltava ontem a Maracaibo numa aeronave Cessna, siglas

YVX-Z2, procedente de Caracas e a nave tem sido declarada em emergência. Formaram-se comissões da Guarda Nacional, Defesa Civil e do Aeroclube de Maracaibo para tentar localizar a aeronave perdida. Nossa redação tem recebido versões contraditórias em relação à chegada da Cessna ao aeroporto da Chinita, mas os nossos jornalistas puderam constatar que não foi registrada pela Torre de Controle de tráfego aéreo, pelo que se acredita que nunca chegou a esta cidade. Suspeita-se que a aeronave pôde ter se dirigido ao Distrito de Mara pois, em outra versão, aterrissou na pista de Pueblo Abajo. Esta versão também não foi confirmada. Até o momento de redigir esta notícia, a Cessna e o doutor Navarro não têm sido localizados, pelo que se teme um acidente e se suspeita nos meios policiais de um sequestro. Sugeriu-se nos meios do governo que possivelmente seu desaparecimento obedeça ao roubo de uma máquina por narcotraficantes. A comunidade científica de Zúlia, os familiares e numerosos amigos do candidato a Reitor, assim como toda a Universidade, encontram-se profundamente comovidos e cheios de preocupação pela incerta situação que se está vivendo nesta cidade em relação ao conhecido professor universitário”.

De Paraguaipoa, pelo norte, vinham bordeando a faixa de mar. Um momento depois, o helicóptero os deixou naquela praia infinita. As ondas cinza, orladas de espuma chegavam preguiçosas até a beira, e eram aspiradas, absorvidas, filtradas até desaparecer em segundos entre grãos tornassóis de areia, cobertos, uma e outra vez, pelo inexorável retorno do mar. Ao longe, perdia-se o anil na bruma caliza. Afastaram-se da praia. Tinha chegado já a tarde espessa e calorosa e a brisa passava fervente, lambendo as pedras. Ao se enfiar terra dentro, o calor ia se fazendo asfixiante e o ar arranhava os cactos com gosto salobro, como se quisesse acender em faíscas as moitas de palha ressecada, emergindo teimosas dentre as dunas. Os caminhões, um pouco além do casario, foram deixando muito atrás a praia, apagada entre nuvens de poeira e sacolejando entraram na mata. Depois de horas de pulos e chacoalhadas ao

fim se detiveram. O cachorro e os homens começaram a pisar a moita se insinuando por entre a intrincada ramagem. Grandes arfadas acompanhavam o animal farejando entre a cada vez mais densa vegetação. A umidade verde tinha conquistado os secos pastos da árida Guajira. Agora era espessa e multiplicava suas enredadeiras tentaculares convertendo o inferno caído de areia num verdadeiro enrosco de brotos ternos, semiocultos entre a folhagem de esmeraldas amarelentas, sob uma fofa capa mole e rastreira de névoa cinza. Logo a selva começou a sufocá-los com seu embruxo nebuloso. Avançavam passo a passo, o cachorro se detinha espreitando, farejando e segundos depois prosseguia perseguido pelos homens. No alto, o céu se fragmentava entre as folhas esfaqueadas pela luz. No solo, a folhagem úmida exsudava um cheiro azedo que ascendia lento e refulgente como o hálito da mesma terra. Súbitos lampejos de arco-íris seccionavam as lianas e se perdiam esbatendo-se entre os troncos lenhosos sob as imensas samambaias até desaparecer em recôncavos úmbrios de silêncio azul violáceo, azul turquesa, azul ignoto... O cachorro inquieto, ia de um lado ao outro levantando sua testa preta e brilhante. Detinha-se e continuava sua busca incansável. As pedras eram negros espelhos que vinham cobrindo-se de líquens e criando sombras contra o musgo brando até ficar semiocultas entre as ervas. Aplastados sob as botas dos homens, gemiam os cogumelos roliços, vermelhos, amarelos e cinza. Choravam gotas nacaradas os guarda-chuvas do diabo pisoteados. Os lagartos apareciam entre florzinhas malvas e cravinas roxas, violetas magenta e campânulas purpúreas, saíam para olhar o sol rebolando-se entre cinzas. Estremeceram os calangos e as gordas lagartixas ao sentir o intenso estridor do chiado das cigarras. Uma sinfonia crescia por cima da ramagem. O cachorro não prestou nenhuma atenção, ensimesmado como andava na sua farejante busca, nem considerou mesmo o barulho estremecido do dia que agonizava com seus últimos resplendores. Os homens e o animal finalmente detiveram sua marcha sinuosa. O rabo estava tenso, uma pata dianteira em alto, parecia uma silhueta presentindo o irremediável. Mariposas

cansadas regressavam revoando suavemente, descendo na morna umidade, pousando nas folhas sem acordar os pirilampos dormindo ainda. Para os homens era um pouco difícil respirar aquele ar denso. Libélulas cinza, orladas de azul elétrico e abelhões prateados zumbavam fixando sua posição no ar em relação ao astro rei. O sol dos veados já estava se infiltrando por entre os galhos, incendiando tudo. Laranjas empapando a bruma, suando suco espesso até criar uma névoa amostardada sufocante. Por cima das árvores centenárias sentia-se ulular o vento inflando a velame das nuvens longínquas e arremessando os cinzentos algodões da noite. Traços vermelhos iam sendo substituídos por estrias cor de rosa com manchas violáceas. Já nem se viam as próprias mãos, tão somente o brilho dos olhos escutando arfar o cachorro. Por fim latiu. Um estrondo horrível que provocou centenas de ecos multiplicados na escuridão. Foi então quando decidiram acampar, pois a negritude tinha caído em cima deles sem remédio. Para todos, aquela foi uma noite inquietante, prenhe de temores e pressentimentos. Ao acordar, a madrugada transpirava no matagal azul, mas outro era o aroma que chegava até ele. Tentou se orientar percebendo o hálito de gasolina, querosene, óleo de motor envolto num morno sopro de carniça e sangue fresco. Uma aragem chegava-lhe à nariz sem que pudesse saber de onde provinha. Estava acordando os homens quando escutou gemer o cachorro. Era um uivo surdo, uma queixa dolente, afastada, quase um murmúrio final. Aproximaram-se até o animal se orientando pelos seus uivos. A cabine de plexiglas brilhava ferida pelos primeiros raios do sol. O cachorro farejava entre a folhagem, grunhia e latia. Sem saber, tinham dormido a um tiro de pedra do lugar. Como um gurupés, náufrago entre o verdor da selva, uma das hélices do helicóptero destacava erguida brilhando com os primeiros tons da aurora...

Os espelhos da alta torre do edifício no Parque Central lançavam jatos de luz sobre o apartamento do undécimo andar. O Ávila brilhava com tons de intenso verdor, parches de jade e

malaquita apareciam nas suas ladeiras. O céu estava despejado. O despacho do chefe estava em total agitação. Depois que se soube do fatal desfecho do assunto, Altimari parecia um pandemônio, os agentes iam e vinham como formigas. Havia que agir rapidamente e sem comisseração. O chefe apagou seu cigarro no cinzeiro de ágata, aplastando o filtro sem clemência. Seus homens o olhavam silenciosos e atentos às suas ordens.

— O levam embora, o deixam sem papéis e o eliminam. Quero que depois lhe carreguem o morto a delinquentes comuns. Tudo se deve fazer em questão de duas horas e não se podem dar ao luxo de falhar. Já o homem regressou e o temos localizado, certo?

— Sim chefe. Podemos plantá-lo, isso será mais simples, mas, olhe que o operativo e despachar um par de gatunos pode ser complicado, teremos que simular um assalto.

— Não vem com complicação, não, o deputado não pode chegar vivo amanhã ao Congresso. Hoje mesmo há que liquidá-lo. Cumram com suas instruções.

— Olhe chefe, não pode acontecer a intervenção de outro corpo, isso é importante.

— Já a ordem foi dada. Nessa hora toda a avenida estará bloqueada, da CANTEVE até a Clínica Santiago de Leon. Atenção, à hora assinalada terão somente quinze minutos sem interferência para fazer o trabalho.

— Uma última chefe, e se o cara reagir? É um negro corpulento e sabemos que anda armado. Liquidamos o homem no lugar ou o levamos a dar uma voltinha?

— Se se alça o queimam, o deixam seco. Mas, sobretudo, o mais importante é que não percam os papeis, estão numa pasta que não solta. Eu quero tê-los hoje à tarde.

— De acordo chefe.

Os funcionários o viram descer de seu carro. Eles vinham seguindo-o. Desceram rapidamente de um Caprice dourado com teto de vinil e correram no seu encalço. Eram as duas e quarente minutos da tarde na esquina de Las Palmas e a avenida Libertador. Interceptaram Lucídio, mostrando suas placas de DPJT. Estavam fortemente armados. Foi cominado a os acompanhar, Lucídio Soto disse-lhes com grande calma que ele era deputado e que por tanto tinha imunidade parlamentar. Teve tempo de perguntar se eles tinham algum mandado de detenção, mas a dor do cano da submetradora afundando nas suas costelas fez ele calar. Caminha já ou te queimo fiadaputa! O deputado fez um gesto afirmativo com um gesto de resignada aceitação e se dobrou como se fosse entrar no assento traseiro do Caprice e instantaneamente, com toda a força do seu corpo, empurrou a porta golpeando um dos homens e desferindo um chute de experto carateca no rosto do outro que soltou a metralhadora Ingram. Ambos homens eram corpulentos como Lucídio, mas muito mais jovens. O terceiro homem se adiantou e foi para cima dele com uma nove milímetros em mãos. O grito do deputado, lançando um formidável chute que o golpeou entre as pernas, confundiu-se com o afogado gemido do funcionário que se dobrou até deixar a cabeça no chão. Num par de segundos, Lucídio estava do outro lado do carro, esbarrando com o motorista que descia portando uma submetradora nas mãos e que ficou sem equilíbrio com o soco que o deputado lhe propinou no nariz. Agachando-se, Lucídio correu entre os carros que freavam. Pôde escutar as buzinas, alguns gritos e antes de atingir a calçada oposta começou a escutar as rajadas enquanto via pipocar fragmentos de parede. Sem olhar para atrás cruzou a avenida Libertador até a ponte rodando pela calçada enquanto ouvia mais detonações. Até ele chegaram alguns agudos gritos de uma mulher e um chiado como de cantar pneus. Foi então quando notou que ainda abraçava seu portfólio preto com os documentos. Incorporando-se viu o Caprice, desaparecia via norte frente ao teatro Las Palmas. Compreendeu então que as ordens tinham sido dadas sem clemência alguma. É a guerra a morte, pensou...

O fatídico dia da morte do deputado Lucídio Soto, a escassas horas de ter sido encontrado sem signos vitais, na biblioteca da sua residência da Lagunita Country Club, a viúva do jornalista, escritor e deputado da República pelo partido de governo, decidiu chamar o Corpo Técnico da Polícia para fazer uma inspeção médico-forense e de ser necessária solicitar a autópsia de lei. Essa solicitação de autópsia foi produto das recomendações que telefonicamente desde Maracaibo lhe dera à viúva o doutor Emígdio Ferrer. Griselda aceitou as sugestões de Emígdio a quem não conhecia bem, mas de quem tinha as melhores referências por parte de seu defunto marido. Ele sempre o considerara um amigo dileto, brilhante pesquisador, médico zuliano e companheiro da sua infância. Depois da recente morte do doutor Navarro, seu marido lhe dera o telefone do doutor Emígdio Ferrer em Maracaibo e sem que ela compreendesse a gravidade do que acontecia, ele tinha lhe pedido. Se me acontece algo, chama-o. Ela não esquecerá. Na casa do deputado se fizeram presentes vários membros do corpo técnico da polícia científica do Estado e um patologista forense, que procederam ao levantamento do cadáver e seu traslado até a morgue para a autópsia médico-legal. O doutor Ferrer teve tempo de chegar por avião e conseguiu conversar com os patologistas forenses quando saíam da morgue policial nas Colinas de Bello Monte. Não existindo signos de violência externa, tomaram-se amostras de sangue e das cavidades, estômago e bexiga urinária, para o estudo de possíveis drogas, tóxicos, álcool e qualquer outra substância. No entanto, a impressão geral dos patologistas era que o deputado tinha falecido de causas naturais, possivelmente por uma parada cardíaca, sem mais evidências que escassas petéquias no pericárdio e a pleura, as quais sugeriam um episódio de hipóxia terminal. Não se observaram alterações em nenhum órgão que assinalassem algum processo morboso nem se viram signos de dano cerebral.

Emígdio voltou a Maracaibo depois do funeral do amigo. Hora após hora lhe era mais evidente que tinha que existir uma conexão direta entre o “acidente aéreo” de Crisanto, a presença

de Mengiles e os felinos na área onde localizaram o helicóptero e a morte de Lucídio. Ele estava sabendo do atentado que tinha sofrido na tarde do mesmo dia de sua morte. Ninguém parecia saber nada disso. Delinquência comum, tinham-lhe comentado, sem lhe dar importância... Um par de dias após a trágica data regressou à capital para falar mais detidamente com os patologistas ou os técnicos e toxicólogos da polícia. Procurou o doutor Daniel Vargas na Medicina Forense e o enviaram à Faculdade de Medicina da Universidade Central. Esperou fora da sala até que o professor concluísse uma aula sobre toxicologia ministrada a um grupo de estudantes de medicina do Instituto Anatomopatológico. O médico patologista se mostrou surpreso. Emígdio notou como sua atitude amável e profissional, quando o entrevistara o dia que tinha praticado a autópsia, modificara-se radicalmente. Pensou que suas respostas evasivas e hostis eram produto do incômodo do momento, seguramente como consequência de tê-lo contatado na universidade e não no âmbito da medicina forense, mas ele tinha-o feito de propósito já que queria pegá-lo de surpresa e sem espectadores. Na realidade, Emígdio pensou que dessa maneira seria mais fácil obter a verdade sem ambages. No entanto o desagrado do doutor Vargas foi notório e Emígdio conseguiu saber algumas coisas que não estavam dentro de seus cálculos. O patologista lhe falou de má vontade de uma substância tóxica que não tinha sido identificada ainda, presente no sangue do deputado e colocou a possibilidade de um acidente por automedicação, um suicídio ou um problema de drogadicção. Emígdio não pode resistir à tentação e lhe pediu uns minutos do seu tempo. O médico forense aceitou apesar da evidente incomodidade e então ele lhe explicou detidamente sua teoria sobre o possível assassinato do deputado. Falou das denúncias que ia apresentar Lucídio Soto ante o Congresso Nacional, do atentado na avenida Libertador e sobre o recente misterioso acidente do avião perdido com o doutor Navarro e sua morte num helicóptero, disse também sobre o sumiço da pasta do deputado Soto da biblioteca da sua casa com todas as provas e graves acusações que estava a ponto

de fazer, elas deixavam em evidência muita gente do governo. Olhando a mirada do seu colega, compreendeu Emígdio que tinha falado demais. O doutor Vargas sorria com uma mescla de lástima e incredulidade. O crime é algo que nem passou pelas nossas cabeças. Isso foi o único que lhe disse em tom muito categórico antes de fechar a porta de seu carro. Como se estivesse se dirigindo a um demente, o doutor Vargas lhe disse com um ar tristonho. Colega, o senhor está confundido e eu entendo, está muito golpeado pela morte de dois amigos. Agora vê tudo negro, mas isso vai passar, está entrando numa depressão! No estacionamento da universidade ficou Emígdio pensando de novo em que tinha enfiado os pés pelas mãos. Agora tenho que me cuidar mais, pensou...

A peste! Os olhos de Yolanda brilham de susto. Ele está num sanatório na Suíça? É impressionante! A peste de novo. Sim. Roberto morreu no Cooks County Hospital, não foi no Montefiore, nem no Yeshiva University Center, faleceu num hospital público e isso graças a seu “Social Security Card”. Uns meses antes, o velho Dom César tinha desabado. A notícia da praga e do falecimento do seu filho no Norte o liquidara. Enterraram-no no cemitério El Redondo, detrás do templo de São José. Quiseram fazer o velório na Sinagoga, mas houve problemas... Não se sabe bem, as pessoas dizem tantas coisas, parece que já nem judia é a velha Clara Rosa. Onde terá seu jazigo Gilberto? Aos diplomatas lhes pagam o traslado e os trazem embalsamados. Roberto foi incinerado em Nova Iorque. Clara Rosa solicitou suas cinzas, voltou feito pó. Os olhos de Yolanda brilham de lágrimas. Ela chora por todos eles.

Não tinham transcorrido nem vinte e quatro horas do momento em que disseram pela primeira vez para Emígdio que o deputado Soto poderia ter morrido por causas não naturais, quando no diário El Universal apareceu a primeira notícia sobre o suposto

suicídio de Lucídio. A informação era apresentada como o trabalho produto de dados filtrados pelo corpo científico da Polícia. O jornalista, um velho chileno experto em crônicas policiais, falava da detecção de uma sustância que se descrevia como “altamente letal” e a qual presumia-se tinha sido injetada pelo mesmo deputado numa dose mortal. Dizia a notícia que de todos era sabido que o parlamentar se automedicava por dores nas costas e nas pernas do tipo “ciática” e como essa medicação antiálgica podia ser a origem do “acidente” ou a causa do “suicídio”.

Emígdio começava a pensar que iria desenvolver uma crise paranoica. Tinha-se mudado do Hollyday Inn na madrugada desse dia. Sentia que o estavam vigiando e deu muitas voltas num táxi até terminar se alojando num pequeno hotel de Sábana Grande, onde se hospedou com nome e sobrenome falsos. De sua habitação ligou essa manhã para Griselda. A viúva lhe confirmou suas suspeitas. Lucídio não sabia se injetar, nunca se queixara de ciáticas nem de dores e a pasta definitivamente tinha desaparecido da casa. Griselda estava exasperada pelas falsidades da imprensa. Chorando perguntou a Emígdio muitas coisas, pedindo explicações que ele não podia lhe dar. De onde tiram todos esses disparates que aparecem nos jornais? Também lhe disse pela primeira vez que estava pensando ir embora do país. Sua casa estava vigiada e já a tinham vasculhado três vezes. Não sei que é o que procuram, disse-lhe. Além do mais, confiou-lhe, não sei se poderei continuar suportando esta incerteza, dizem tantas coisas que tenho vontade de pegar meus dois filhos e sair daqui. Griselda chorava inconsolável. Contou, entre soluços, como lhe explicaram que ela estava em perigo e disse-lhe que muitas coisas que ela tinha dito à imprensa sobre a possibilidade de que seu marido poderia ter sido vítima de inimigos que não queriam que revelasse certos fatos de corrupção, não as veria na imprensa, porque os jornalistas eram consequentes com o deputado defunto e não publicariam as

coisas que ela tinha dito. Ela se recusava a acreditar que toda aquela patranha era apenas para protegê-la... Alguns jornalistas, com outras ideias, a visitaram com muito medo na sua própria casa, mas ela já não acreditava em nada nem em ninguém.

Quando o doutor Ferrer falou com sua casa em Maracaibo, o fez de um telefone público. As notícias da sua terra nessa conversa com Natália o deixaram num mar de preocupações. Ordem de busca, era a expressão que ressoava nos seus ouvidos. Incrível era tudo aquilo que Natália lhe relatara. Na madrugada tinham penetrado no apartamento um grupo armado de supostos detetives e policiais, que se identificaram como membros do corpo da polícia científica e do Serviço de Inteligência Policial. Ordem de busca, disseram e segundo Natália deixaram o apartamento de pernas para o ar. Algo andavam buscando. Mexeram em todas as tuas coisas e tiraram todos teus livros, ficou tudo uma bagunça. Era impossível saber que coisas tinham levado. Emígdio começou a pensar seriamente em regressar de ônibus a Maracaibo.

A notícia apareceu em diversos jornais no dia seguinte. Vinha mais detalhada no El Nacional, onde se falava da auto injeção de uma dose fatal de um relaxante muscular para a ciática, e se assinalava que existia um efeito antagônico se misturado com o álcool que o deputado bebia, um efeito especial sobre o gin, tudo teria acontecido no seu despacho e o efeito curarizante da injeção lhe teria provocado um paro respiratório. Os médicos forenses insistiam em que a morte tinha se produzido por uma falha cardíaca. O veneno foi detectado por “cromatografia em capa fina”, dizia o jornal. Também relatava como o vidro e a seringa apareceram perto do cadáver. Falava-se de um fatal acidente com esses e outros detalhes que por primeira vez eram conhecidos pelo país.

Quando apareceu a aeronave Cessna nos Montes de Oca e se encontraram os cadáveres calcinados de quatro pessoas, ninguém pensou que os antropólogos e expertos da polícia, em um lapso tão curto de tempo, pudessem estar dizendo a verdade. Manuel Gerardo Altimari era uma lenda épica na polícia secreta como para vir a lhe jogar em cima restos cremados. Muito rapidamente as versões de que morava em Miami ou numa ilha do Caribe ou até numa mansão no Paraguai circularam para desmentir o informe técnico que confirmava sua morte na aeronave, a mesma que uma vez tinha trazido o professor Crisanto Navarro de Caracas a Zúlia e na qual tinha sumido. Como dato adicional, o pequeno avião estava repleto de cocaína.

Emígdio voltou a Maracaibo e foi morar com Natália numa pequena casinha, propriedade de seus irmãos, numa praia vizinha a Mojan, frente à ilha de Toas. Diversas pessoas, mensageiros do Instituto, levavam todos os dias da capital os jornais do dia anterior. Um par de dias depois, leu uma notícia que veio a dar coerência ao lamentável falecimento do deputado Soto. Vinha no El Nacional, no corpo D, em forma de um comunicado a duas colunas. Tinham se passado apenas duas semanas da morte de Lucídio. O comunicado estava assinado pela viúva que, segundo dizia o mesmo jornal, esse mesmo dia tinha saído do país com seus filhos. A viúva expunha perante a opinião pública sua versão sobre a trágica morte de seu marido. No comunicado de imprensa, Griselda começava assinalando: ... "Uma ciática e seringas inexistentes, além de uma história com uma substância que com gin se transformava em curare, era a truculência mais inverossímil do mundo". Dizia a viúva que sem nenhuma dúvida essa história tinha sido tramada por aqueles interessados em encobrir o assassinato de seu esposo. Griselda acusava de cúmplices aos meios de comunicação, e os desafiava a publicar seu comunicado, assinalava os médicos forenses por não ter explorado a possibilidade de morte por obstrução das vias superiores e de não entender que era fatível a posterior injeção

de qualquer substancia para complicar o caso. Griselda acusava à polícia porque não acreditava nos resultados de laboratório que dependiam daqueles que ela denominava de “as mesmas gentes do governo”. Questionava o procedimento e perguntava pelo motivo da polícia não ter divulgado o desaparecimento dos muito importantes documentos que estavam no próprio despacho do seu marido. A viúva do deputado Soto assinalava que tais papeis seriam apresentados no Congresso Nacional e comprometiam numerosos indivíduos conhecidos como “agentes do governo”. “Se Lucídio Soto tivesse vivido tão só quarenta e oito horas mais, este país não seria o mesmo”. Assim concluía o comunicado publicado somente pelo jornal El Nacional. Como é natural, provocou alguns comentários, que duraram alguns dias, até que o início da campanha interna dos partidos políticos para as eleições do ano oitenta e oito desviaram a atenção do público.

Com o lento devir das pesquisas sobre o desenvolvimento da peste louca intrauterina em ratos, Natália tinha orientado alguns estudantes de medicina interessados no campo da pesquisa. Tinha se entusiasmado com Freddy porque era estudioso, inteligente e bom conversador. Ela era sem dúvida um polo de atração para qualquer interessado na peste louca, ou que simplesmente a tivesse visto caminhar, sorrir ou dirigir com sucesso o pessoal que em diferentes níveis de competência laborava em projetos de pesquisa do doutor Ferrer. Talvez ela não percebeu no início o que estava acontecendo com o rapaz e pouco tempo depois já não podia acreditar que fosse apenas uma transitória fogaosa paixão de um jovem recém formado médico. Ele parecia ter planejado tudo conscientemente. Bastou morder a maçã, promessa de vida eterna e ambos ficaram embriagados pelo néctar. Ela tentava se justificar pensando que era algo passageiro, produto da juventude ou do desejo de encontrar algo oculto, terno por momentos, emocionante e intenso, diferente ao sossego e a paz de sua condição oposta. Mas, a vida

foi-se complicando pouco a pouco e entre tantos contratemplos, como relâmpagos começaram a faiscar os remorsos. No meio à intrincada maranha violácea da peste louca, vieram a se somar, uma após a outra, as mentiras piedosas e as situações ambíguas. Dor, lástima, carinho e temor, porque era óbvio que a peste os estava envolvendo a todos num turbilhão de morte. Ela foi espaçando seus silêncios. Ele era tão confiado e sua vida tinha-se preenchido de tantos contratemplos que nem percebeu nada. Quando as investigações oficiais insistiram que o professor Navarro tinha morrido num helicóptero repleto de cocaína e se associou esse fato a contatos com o narcotráfico e com “elementos da subversão”, tudo começou a se derrubar. Não parecia existir uma maneira efetiva de demonstrar a verdade. O Instituto de Pesquisa estava em vias de fechamento iminente. Emígdio decidiu escapar do país poucos dias depois da publicação do comunicado de imprensa da capital, onde Griselda assinalava os culpáveis sem nomeá-los. Com as cartas na mesa, ele era o próximo da lista. Sem os documentos de apoio, não podia fazer nada, estava acorrentado e seu sacrifício seria estéril. Disse isso a Natália e juntos planejaram a viagem, convencidos de que era sua única saída. No instante crítico ela decidiu ficar. Falarei com teus filhos, disse-lhe. No final da jornada, ela pode se refugiar nos braços de... Freddy. Emígdio foi embora da sua pátria, escorregou entre as garras de seus inimigos. Não puderam apanhá-lo.

Resumo de um artigo de imprensa publicado no corpo A do jornal Últimas Notícias, em fins de 1988, com o título de O imperialismo científico cultural da Organização Sanitária Mundial. “Fálasse da declaração de Alma Ata no Cazaquistão soviético, mas poucos se atrevem a mencionar como planeja o império da saúde suas estratégias contra a vida. Estudos sobre o controle da natalidade orientados para os países do Terceiro Mundo são cuidadosamente dirigidos em base aos interesses de poderosas estruturas econômicas e de poder que governam

as grandes nações industrializadas. Neste plano diabólico, a saúde e o bem-estar das comunidades passam a segundo plano e populações inteiras de Ásia, África, Centro e Sul América são dizimadas através de modificações de seus padrões culturais e de conduta, incentivando o consumismo, a promiscuidade em favor de uma suposta liberação da mulher, utilizando venenos mata fetos, pílulas abortivas e métodos que se têm inspirado nas ideias genocidas daqueles que aspiram a deter o crescimento populacional do chamado “Terceiro Mundo”. Muitos desses métodos, que obedecem a diretrizes da Organização da Saúde do Mundo, estão sendo aplicados de uma maneira incrível em países do Terceiro Mundo e são supervisionados através de Secretarias como a que funciona no nosso país há muitos anos, com o respaldo do governo. Essa secretaria no país está a cargo do doutor Karlhans Mengiles”. O artigo foi reproduzido uma semana depois pelo diário El Nacional, mas, contudo, passou aparentemente sem pena nem glória. Nem no Correio do Povo receberam-se comentários...

Um vapor de terra úmida o impregna tudo. Araticuns, marupás e até os abius da pracinha dormiam sob o chuvisco. Um pouco além, as amendoeiras lavadas mostravam fuligens avermelhadas entre as folhas verde terno, tremulando altas sob o sopro da chuva fina. As gotas foram pesando cada vez mais, desgarrando-se das nuvens. Arrastando-se quase, as uvas de praia retorciam-se sob o peso do aguaceiro. A chuva se precipitara antes de que ele decidisse voltar ao seu casebre e não tivera outro recurso do que se refugiar sob um beiral. No poente notava-se diluída uma faixa oleaginosa, cor caramelo, como a mirada da gringa... Os reflexos ambarinos sempre lhe remexiam a bÍlis e voltava inexoravelmente aos olhos sedutores de Paulina... É pela umidade, pensou e estremeando fechou os olhos. Sentindo as gotas do beiral respingando no seu rosto, os abriu de novo para ver como sua calça ia-se empapando com o espirrar untuoso dos charcos cinza. Escutava o retinir pipocando, agudo, assíncrono

e olhando ao longe imaginou como pulariam as gotas de chuva no telhado de zinco. O chuvisco aumentava lavando a praça. Foi então que lembrou os tempos da sua vida rural, em Casigua, com aquela pluviosidade inclemente das terras do sul do lago, a corrente encrespada do Grande Catatumbo, grandes troncos flutuando rio abaixo, uma igara carregada de bananas verdes... As gotas arrebentavam como pedras no telhado de lata corrugada e para não se molhar, ele se incrustava no vão da porta. Ninguém abria. Nem uma fresta. Se pelo menos tivesse podido se refugiar num saguão... Sua mirada perdeu-se embaçada muito longe e então suspirou. De novo percebia a presença de Natália. Como gostaria de poder amanhecer abraçado a ela, acostumara-se a escutar o rumor da chuva na madrugada, muitíssimas vezes, abraçados... Suspirou profundamente, querendo acreditar que ela voltaria e se extasiou admirando os fios de água que espiralados desciam do beiral. Jatinhos, disse para si e tentou sorrir. Tinha saudade de sua pele morena. Oh, Nata! Estou velho, sussitou, pensando nas suas doídas juntas e imaginou que seus ossos eram umas esponjas que absorviam e acumulavam a chuva, uma garoa gelada de séculos e séculos. A água lentamente tinha dissolvido a cor das coisas. Começava a soprar uma brisa gélida, quando ele saiu do seu refúgio. Emergiu entumecido e se dirigiu a sua casa, sentindo facadas de frio nas costelas. O rumor do vento criava chiados nos vidros quebrados das casas vazias. Quando entrou no jardinzinho dianteiro, apesar da chuvarada prolongada, percebeu o vapor dos nardos. Cheira a morto, resmungou para si, e depois, piscando os olhos, mirou por última vez a praça. Então, disse-se em voz baixa. Essa é a merda de chegar a velho.

...Falava a gente, tantas baboseasneiras, como ia se saber qual era a verdade da fofoca, depois de imaginá-lo embalsamado, como um faraó egípcio, como morto chique, diplomaticamente embalsamado, paf! A gente vem encontrá-lo sentado na sua poltrona! Como o senhor Dom Gato. Em cadeira de ouro.

Rádioso, fazendo-se cargo nada menos do que da Secretaria que controla a entrada e saída de toda uma dinheirama, quase nada! Os ingressos e egressos de todos os subsídios, e no seu próprio país! O jato mais caudaloso, com as partidas mais repartíveis! O Banco Mundial e seus bons ofícios para a ajuda das comunidades terceiro-mundistas. A mamata internacional, diz que de apoio à saúde pública, parasitose, desnutrição e isso tudo! Ele como se não houvesse quebrado um prato. Gilbertinho renascendo em água de rosas e com mais relações que um ureter e dizendo isso é impossível não lembrar que esse era um dos ditos de Emígdio, o desaparecido, o não mais marido, o não mais, tantas coisas! Tempo perdido. Lástima de homem, padre ausente, sempre foi um ausente... Mas o insólito era essa cor rosada e essa saúde que arrebetava por todos os poros do já um quase defunto Gilberto... Como a gente ia pensar que era verdade? Mas estava, sim, estava vivinho da silva naquele despacho do edifício Torre Leste do Parque Central e diz que só descia ao Museu para desfrutar da arte e dizia-se que morava numa mansão. Será possível! A gente que nem tola, sem saber! Meses nisso, ainda no Ministério, esperando saber do seu catafalco, catafálico? A gente nas suas secretarias e conhecendo todas as jogadas, tinha lhe perdido a pista e nada! ... Como iria alguém imaginar sua ressurreição? Quase o único que faltou foi que viera alguém e me contasse como Robertinho renascera também de suas cinzas, as que atesoura sua mãe... E o velho? O velho... Porra! Como estará de velho Emígdio? ... Como estarei eu? Sim! Gilberto, nem se emocionou ao me ver. A gente não é tão superbabapanacamezinha, a gente se dá por conta, se dá, sim, facilmente percebe essas coisas, a gente repara e bom, a gente... Porra sim! E eu digo, bom, Gilbert, Giles, Gilbertinho você sabe amorzinho, você que agora tá tão acomodado, você já sabe... A gente espera, sim, e se remoça, creminhos, besunta-se, nutre-se, absorve, chupa, mama, engorda e faz dieta. Não estou tão acabada. É que... Eu sei que aí está toda essa dinheirama, a que passa pelas suas mãos, o Banco Mundial! Imagina? É tão descomunal que... Eu penso que, tarde, mas certamente, vai me

tocar, tem que me tocar. Como dizia a cantora, esse dia chegará, sim, chegará e enquanto isso as pessoas falam, continuam falando besteiro, tolices, fala e fala, que continuem dizendo o que lhes der na telha!

Ele fechou os olhos e continuou a recapitular. Suas histórias confundiam-se-lhe com velhas histórias escutadas, fazia quantos anos? Brotando das edêntulas bocas das tristes e enrugadas velhas apergaminhadas e das cavernas dos habitantes daqueles desolados povoados. Seus relatos eram cotejáveis com documentos que ele ainda possuía. Dados, datas, notas, lugares e personagens. Durante a última semana tinha-se empenhado com um afã febril em armar de novo todo o quebra-cabeças. O lamentável, pensou, é que ninguém sabe onde começou todo esse conto. Como era aquilo de um povo sem história? Tradições? Traições... Fechou os olhos e se viu sobre uma mula, como se fosse um a mais do grupo. Espantou as moscas com o cabresto. Era quinta ou sexta-feira? Uma sexta-feira era. Frente ao aparelho que tinha caído fulminado do céu, ele o viu descer. Os felinos com Giles de Rais, chafurdando em sangue desciam, uns em rapel, outros reptando e dirigindo o grupo ia o homem das placas de marfim, ele sorriu-lhe do barraco no meio da selva. Que dia seria o primeiro de julho de 1833? Acariciou a coronha do seu machado, sentiu as rédeas de couro na sua destra pouco destra, rugosa, um passo e outro, a cincha friccionava sua perna, voltou a olhá-los, todos iam bem equipados, armados até os dentes. Até a coronha? Com suficiente mantimento, aproximaram-se das árvores, sob o acolchoado movediço e ondulante dos jatobás, a brisa refrescava, enfiaram-se homens e bestas no mato. Sem querer abrir os olhos, balançou-se na rede até sentir o leve sopro entrando deliciosamente no urdume. Folhinhas de jatobá, verdes, amarelas, infinitas, flutuando, no chão, secas, anãs, delgadas, com sua nervura individual, partidas, uma minúscula renda vegetal trêmula. Depois do Socuy, a aridez do terreno ia desaparecendo e a ramagem sombreava densa,

mais azul se se andava sob cedros e paineiras. Passaram entre frondosos araticuns, gigantescos mata-paus, copadas pitombas, nêspersas impregnadas de mel e leite. Diminuíam pouco a pouco os jatobás e já quase nem se escutava o tilintar das entronchadas bananeiras douradas carregadas de sementes, entre os milhares de folhinhas verde terno, pendendo sonoras. As negras cimitarras no ar ou estalando sob os cascos das bestas entre as sombras dos abius. Numa clareira, o sol os ofuscou. De um lado, grandes araticuns e marupás, no outro um pequeno bosque com arbustos que fechavam a passagem entre goiabeiras e ajurus e mais além uma selva infinita de mangas. Então foi que chegaram até eles, piando e batendo asas como uma nuvem de penas, centenas de pássaros buliçosos. Voavam vindos do bosque de mangas e o esvoaçar ou talvez os trinos agitavam o perfume adocicado das frutas. Cercados por aquela nuvem de aves emplumadas saíram dos ajurus e das goiabeiras, deixando atrás com o bulício o cheiro de goiabas que impregnava todas as terras planas. Estavam frente às imponentes montanhas violáceas da serrania. Ele ficou olhando os pequenos arbustos carregados de pegajosos e brilhantes sabugos. Frutinhas de morcegos, pensou. Esperam pelos ratos alados. Sorriu lembrando Yoleida e sua paixão pelos desenvolvidos quirópteros degradados a roedores alados por efeito da mangação sobre os reservatórios da raiva, os ratos selvagens reservatórios da peste louca, nunca encontrados, os da peste bubônica urbana foram ratos da Guaira combatidos por Rangel, ratos alados da raiva, esses imaginados pareciam-se com os vampiros. Não mais ratos, não mais vampiros chupa-sangue, nem morcegos come-frutas, que raiva! ... Tudo aquilo paralisado e perdido... Aparecerão rasantes, crepusculares e talvez então eles assinalariam a entrada da caverna infernal. Vertiginosos giros no entardecer sangrento. O fragor da terra os deteve. Olharam-se entre eles e desceram de suas cavalgaduras. Esperaram um pouco até escutar um novo rugido. O Passo do Diabo...

O documento original dizia... Dizia tantas coisas!

“Não acho aventurado assegurar que nessa parte do território do estado exista uma formação carbonífera que ocupa aproximadamente uma superfície de 300 quilômetros quadrados. Todos esses filões de carvão se mantêm em constante combustão... O primeiro... não despede fumaça nem chamas e seu estado de combustão se revela somente pela elevada temperatura que se sente aproximando-se do lugar... O segundo filão incendiado está sobre a barranca do rio Tulé, entre duas lajes de arenito, uma pequena greta de setenta centímetros por vinte na sua parte mais larga, a qual solta fumaça constantemente...”

O cachorro uivava, havia uma centena de ratos do mato dando-se um banquete com os cadáveres chamuscados... Sai churrasco para roedores, sai quentinho! Do promontório surgiu o clarão e cessou o uivo do cachorro. Os ratos longe de fugir jogaram-se em cima do animal. Ainda fumegava o mauser quando desceram “os felinos” e a sua frente vinha ele...

“Incendiado o terceiro filão desprende fumaça constantemente e com frequência lança chamas cujo resplendor costuma se ver em noites serenas...”

Sem luz de lua, calarás tuas penas, uma por uma? ... Desceu Giles e suas próteses dentárias de marfim extraído do cemitério de elefantes na caverna ao pé da escarpada murcha montanha, *mentes tuorum visita*, desceu passo a passo com seu mauser fumegando, um fio branco que desenhava filetes tênues. Os ratos estalavam mordiscando carne assada, passada, carbonizada, carne fresca de cachorro sangrento, uma das pás da hélice estava erguida e entre o chamusco fumegante, ele desceu, flutuando em incenso, passo a passo, vacilante, ia deixando ver sua reluzente dentadura postiça...

“Depois de um lapso de mais de quarenta anos, essa mina de carvão se encontra no mesmo estado de ativa combustão em que estava quando deu origem ao boato sobre a existência de um vulcão nessa parte do território”. No pé do escrito lia-se: “Wenceslau Briceño Méndez, 1876”

Cento e quarenta e tantos anos! Até quando sonhar com os olhos fechados? Teria que se esperar outro século para que as pessoas soubessem daquilo? Por que toda essa riqueza não podia ser de domínio público? Tudo era parte da mesma história. No início existiu o... O Início? E o final? Então lembrou da mirada terna nos grandes olhos de Natália e as lutas de Crisanto Navarro por fazer pesquisa científica. Oh, Natália! A peste louca, insana, alucinante... Ah, Nata! Quiçá terá que ser em meados do século XXI quando seus conterrâneos saibam de todas essas coisas, da verdade? Qual verdade? Aquela demencial ficção que ele acreditava sua verdade? Ou a verdura? A verdadeira verdade era a de cada qual, ou a de cada quem?

Havia cessado a brisa na quente madrugada de calma chicha e os mosquitos vinham dos pântanos buscando alimento, sangue morna as fêmeas, pólen de flores e mel de frutos os machos com seus palpos engalanados de pelos e de penas. Pensou em Ramos Sucre, em Blanco Fombona, em Bello e em Simon Rodriguez. Depois sua mente se deteve no Cabito, presidente sacripanta, aquele dos “sessenta” e os novos ideais. Era por acaso um Ulisses aquele diminuto andino que jamais pode retornar? Sem voltar a Ítaca... São Pedro Alexandrino e Simon Antônio, arranha-céus nova-iorquinos e José Maria doente e decepcionado, também estava José Antônio, tocando violino, um centauro ancião convertido em músico? Um *pulque* fervente na curva do caminho a Cuernavaca, um carro transformado em amassado de ferros para Andrés Eloy? O fantasma de Ulisses lhe estremeceu o corpo. Então, ele mesmo se viu sobre sua mula e não soube se era Lucídio ou se seu amigo era ele. Suas mãos eram fortes e morenas certamente, mas, a ele não correspondia desempenhar

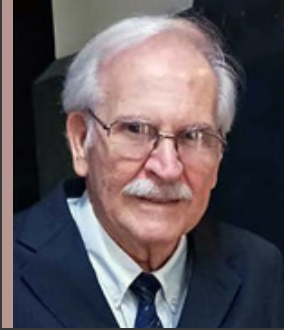
esse papel. Não é um jogo! Parecia como se Crisanto lhe falasse categorizando a situação. É um drama piegas! O Coquimbo com sua lábia e seus delírios de escritor possivelmente era o culpável daquele disparate. Seguramente ele escreveria sobre Penélope. Lucídio Soto, sim, ele lia Joyce! Que demônios podia saber ele mesmo sobre essas coisas se ele escassamente era apenas um médico, um pesquisador! Disse a si mesmo que nunca poderia se imaginar lendo Proust ou Ezra Pound. Sim, ele era diferente, ele tão somente conhecia apenas aquilo de “quando venha o homem das cadeiras pretas”, e isso porque o lera até aprender de cor quando menino, como ia-se pensar escrevendo agora? Não era esse seu papel! Capaz era sim de misturar Hegel com Rama ou o mestre Cabrujas com Bretch. Sentado, no seu silêncio obrigado, pobre carcomido de lembranças, agora, iria ficar reunindo troços desfeitos? Não. Esse não era ele! Seu papel era um desaguisado, era um absurdo. Que diabos ele fazia interpretando um exilado? Por acaso ele tinha sido um político? Um homem de partido? Um banqueiro ou um testa-de-ferro fazendo grandes negócios? Um desbocado metido a redentor? Nem mesmo isso, não possuía o que chamam de um verbo incendiado, nem era um lutador social como foi Crisanto. Não, não era ele! Caralho! Era mais do que ridícula essa obrigada situação que o mantinha no desterro, que o confrangia o tempo todo e o envolvia transmutando-o num Cipriano Castro de araque, sem ter nunca desfrutado nem dos seus poderes nem dos seus prazeres. Ele? Justo ele, que tinha se apropriado de *motu proprio* do papel de Rangel, dedicando sua vida à pesquisa, ele! Era absurdo se encontrar agora por obra e graça de sua curiosidade morbosa, ou da amizade talvez, nisso, nesse afastamento, nessa solidão. Num povoado costeiro, da terra de ninguém, onde não pudessem encontrá-lo... Escondido! Covarde situação! Por que não enfrentar a morte buscando a verdade de frente? Por que não ir trás da verdade e abraçá-la com gadanha, mortalha e tudo? Aquele cartaz que tinha Lucídio Soto no seu quarto quando jovem o expressava bem. “Morrer em pé ou viver de joelhos” Você é ou não é, dizia Marcos Vargas. Como tinha sido iluso! Meninice, juventude, anos sessenta,

uma década, três? Quantos anos? Que idade teria no ano dois mil? ... Cada um possui uma verdade diferente. Conveniências? Cabeceou e acreditou dormir. Falsidades?

Quando acordou de madrugada, pôde percebê-lo sem dificuldade. Aspirava-o e sentia-o debaixo da sua língua. Era almíscar. O frio vento do Norte trazia-lhe o aroma e Natália. Voltara, pensou, e vacilante levantou-se aproximando-se da janela. Os penachos das palmeiras azuis embalavam com suave e sussurrante vaivém. Ainda o tilintar de escassas estrelas agonizantes faiscava sobre o escaldado povoado costeiro. Cedo esteve lembrando dela enquanto degustava a noite perseguindo o périplo lunar. Agora sentia-se obrigado a acreditar no irreal do subtil aroma, tão incongruente como o vento fresco que o estremecia no amanhecer. Voltou à rede. Logo a luz se encarregaria de transformar tudo. Voltaria a ser então um a mais dos suarentos moradores daquele casario frente ao mar. Abrasado de sal, o povoado estava cercado de pântanos infinitos, de mangues imensos cobertos de pistias, bora, nenúfares e gramíneas que se perdiam ao longe. Suas margens salgadas estavam demarcadas por miríades de medusas nacaradas, brilhantes, como gigantescas pérolas. Anêmonas cor de rosa e águas-vivas, com estrias sangrentas diluíam seus gelatinosos limites no poente. As casas se deixaram envolver numa bruma fosforescente que se estendia além do mar até os confins do horizonte. Tão longe do seu lugar e pensou nela. Lembrou do cheiro adocicado do seu cabelo e o perfume cálido de suas axilas e acreditou senti-la ao alcance da sua mão, mas não se atreveu a abrir os olhos. Permaneceu na escura penumbra de suas recordações. Entretinha-se devaneando, por temor a ser incorporado à terrível e desoladora realidade. Quando sentiu o frio penetrando nos seus ossos decidiu se levantar e acender o lampião. Desfrutou então com as imagens da fumaça, desprendendo volutas do pavio e os eflúvios da infância que lhe trazia o querosene. Botou os óculos e suas mãos trementes

acariciaram as folhas de papel, então tomou assento frente ao volumoso manuscrito. O céu começava a impregnar os chumaços algodoados com um tinte rosa purpurino.

SOBRE O AUTOR



Nasci em Maracaibo, cidade do estado Zulia, Venezuela, em 1939, assim que, como se vê, estou agora a poucos meses de fazer 85 anos. Formado em medicina na Universidade do meu estado, viajei como bolsista aos Estados Unidos, para realizar uma pós-graduação em Anatomia Patológica, na Universidade de Wisconsin, com estadias na Pennsylvania e também na California, de 1964 a 1968. Casado em

1964, retorno a Maracaibo, já com três filhos, e de 1975 a 1979 trabalho fazendo pesquisa com o microscópio eletrônico. Já professor da Universidade do Zulia, em 1975, parto em licença sabática para Caracas, prosseguindo nas minhas pesquisas em Neuropatologia. Passo a ser parte do corpo de pesquisa do Instituto de Anatomia Patológica da Universidade Central (IAP) em 1976. Nessa altura já com 5 filhos, trabalhando em pesquisa com dedicação exclusiva, nos primeiros anos me ajudei economicamente pintando quadros a óleo com espátula, com boas vendas.... Divorciado, casei de novo com Saudy em 1977, com ela fui pai de dois filhos. Fui ascendido a professor titular e durante 12 anos fui diretor do IAP da Universidade Central, formando mais de 250 novos médicos anatomopatologistas e publicando mais de 100 trabalhos científicos em diferentes áreas da patologia. Em 1997, Saudy foi diagnosticada com câncer, doença que ela enfrentou duramente por 4 anos. Eu aceitei a aposentadoria da universidade em 1998 e viajamos pelo mundo, até que, finalmente, em março de 2001, ela nos deixou. Já aposentado, decido começar o exercício particular da profissão, fazendo diagnósticos por imunohistoquímica e em 2005 me traslado com meu laboratório de Patologia Molecular a Maracaibo, onde trabalhei fazendo exames diagnósticos para o país todo até 2018, quando fui diagnosticado com um melanoma na perna esquerda, que coincidiu com um acidente de ruptura do tendão rotuliano da perna direita. Já recuperado e diante das dificuldades dos pacientes para custear os estudos clínicos, dada a má situação econômica do país, decido deixar minha profissão, depender de meu salário de professor aposentado e me dedicar plenamente à escrita literária, que já vinha praticando

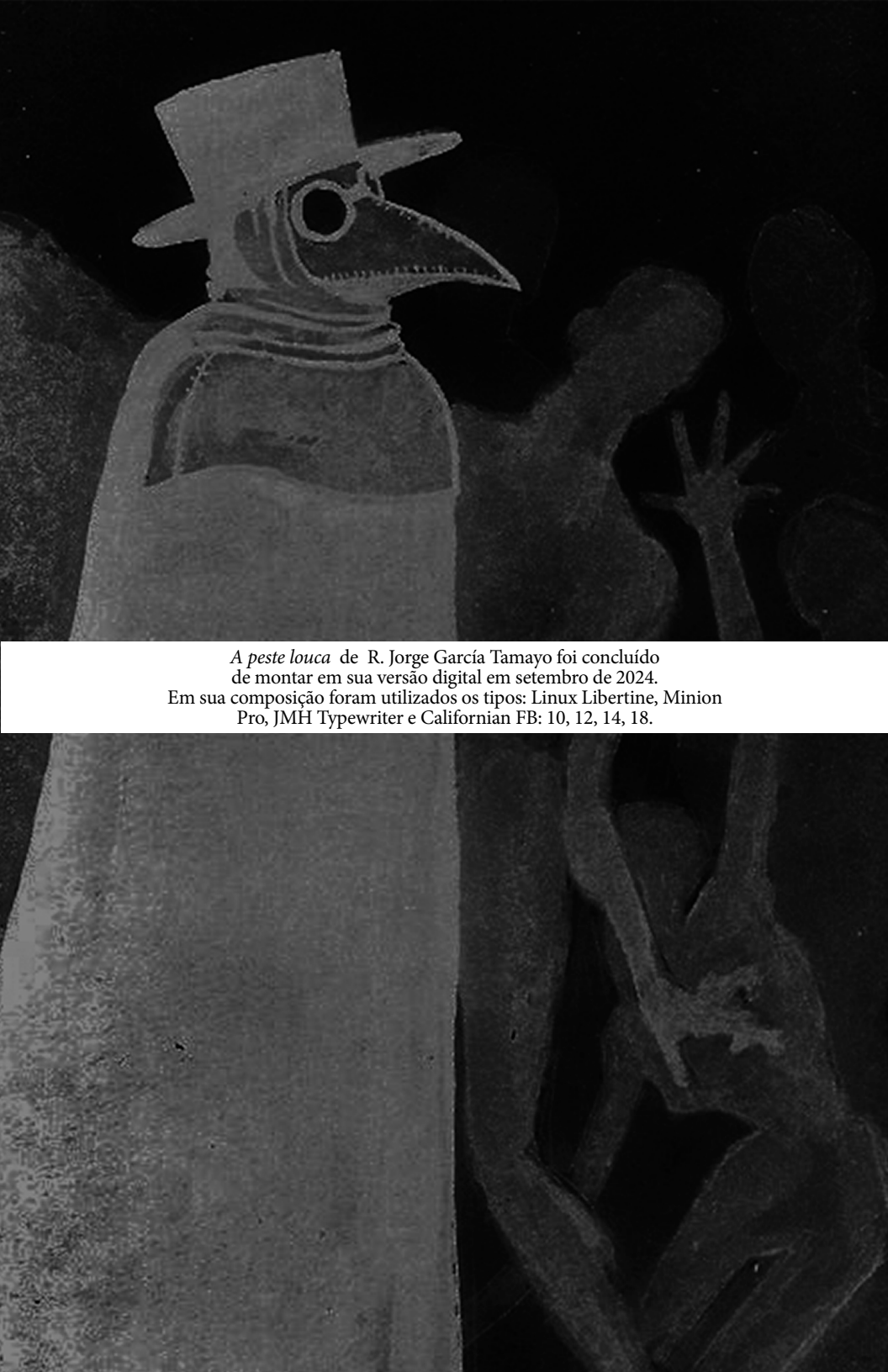
desde pelo menos os anos 90. É assim que em 1994 sai *Escribir en La Habana* (recentemente em tradução brasileira pela Vento Norte Cartonera), romance a que se seguem *La peste loca* (1997); *Para subir al cielo* (1998); *La Entropía Tropical* (2003); *El movedizo encaje de los uveros* (2004); *Ratones desnudos* (2012); *El año de la lepra* (2012); *Vesalio el anatomista* (2016); *El proyecto Opossum* (2024). Assim também dois livros de relatos, *Tríptico*, com 39 relatos ilustrados por 13 desenhos da minha autoria e *Doce relatos siniestros*. Por último, o livro gráfico *La historia del mundo en la Edad Media*, com desenhos e textos da minha autoria. Intentando difundir meus romances e escrevendo o Blog *lapesteloca*, casado agora com Júlia, seguimos aqui na diária luta neste país que agora é uma sombra do que foi há 30 anos atrás.

SOBRE A TRADUTORA



TERESA CABAÑAS atuou como professora de literatura em várias universidades brasileiras, estando hoje aposentada pela Universidade Federal de Santa Maria, onde lecionou por mais de vinte anos literatura hispano-americana. Autora de diversos artigos acadêmicos e também de dois livros sobre poesia brasileira, um dos quais finalista no Prêmio Jabuti, vem se dedicando nos últimos anos à tradução literária, sobretudo de

escritores pouco conhecidos, colaborando para sua publicação em revistas literárias e edições cartoneras alternativas. Para uma dessas, fez a tradução de *Escrever na Havana*, outro dos romances de Jorge García Tamayo.



A peste louca de R. Jorge García Tamayo foi concluído de montar em sua versão digital em setembro de 2024. Em sua composição foram utilizados os tipos: Linux Libertine, Minion Pro, JMH Typewriter e Californian FB: 10, 12, 14, 18.



2024



**COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES
2024**